

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL**

MICHELLE NASCIMENTO DA SILVA

**PERCEPÇÃO DE VALOR DOS USUÁRIOS SOBRE O TERRITÓRIO:
ESTUDO DE CASO NO BAIRRO CIDADE BAIXA EM PORTO ALEGRE – RS**

**PORTO ALEGRE
2014**

MICHELLE NASCIMENTO DA SILVA

**PERCEPÇÃO DE VALOR DOS USUÁRIOS SOBRE O TERRITÓRIO:
ESTUDO DE CASO NO BAIRRO CIDADE BAIXA EM PORTO ALEGRE – RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional, área de concentração: *Percepção e Análise do Espaço Urbano*.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Inês Gomes Miron

Co-orientadora: Profa. Dra. Eva Machado B. Samios

**PORTO ALEGRE
2014**

CIP - Catalogação na Publicação

Nascimento da Silva, Michelle

Percepção de valor dos usuários sobre o território:
estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto
Alegre - RS / Michelle Nascimento da Silva. -- 2014.
216 f.

Orientadora: Luciana Inês Gomes Miron.
Coorientadora: Eva Machado Barbosa Samios.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura,
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e
Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Território. 2. Planejamento Urbano. 3. Ambiente-
comportamento. 4. Percepção de valor. 5. Bairro
Cidade Baixa. I. Gomes Miron, Luciana Inês, orient.
II. Machado Barbosa Samios, Eva, coorient. III.
Título.

MICHELLE NASCIMENTO DA SILVA

PERCEPÇÃO DE VALOR DOS USUÁRIOS SOBRE O TERRITÓRIO: ESTUDO DE CASO NO BAIRRO CIDADE BAIXA EM PORTO ALEGRE – RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional, área de concentração: *Percepção e Análise do Espaço Urbano*.

Aprovada, Porto Alegre, 28 de novembro de 2014.

Profa. Dra. Luciane Inês Gomes Miron

Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) - UFRGS

Profa. Dra. Cornélia Ecker

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPAS) - UFRGS

Professor Dr. Éber Pires Marzulo

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) - UFRGS

Professor Dr. Paulo Edson Belo Reyes

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) - UFRGS

Profa. Dra. Daniela Marzola Fialho

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) - UFRGS

Percepção de valor dos usuários sobre o território:
estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que amam a Cidade Baixa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus e Meishu-Sama por iluminarem meu caminho durante esta caminhada.

A minha orientadora, Dra. Luciana Inês Gomes Miron, que, em sua profunda dedicação, orientou, apoiou, incentivou e proporcionou grandes oportunidades.

A minha co-orientadora, Dra. Eva Machado Samios, por compartilhar parte de sua imensa sabedoria.

Aos estatísticos do NAE, UFRGS, pela assessoria, colaboração e apoio. Em especial, às professoras Dra. Jandyra M^a Guimarães Fachel e Dra. Elsa C. Mundstock que, sempre, estiveram prontas a ajudar com eficiência e disposição.

Ao Professor Dr. Edar Añaña, UFPel, pela gentileza e auxílio com a ferramenta LimeSurvey.

A Deyvid Monteiro, Propur, e Liliane Santana, UAB – CAPES, pela valiosa assistência.

Aos Colegas do NORIE Juliana Britto, Cynthia Hentschke e Gennaro Anesi, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos bolsistas Diego Flâmia e Tana Klein, pelos dons artísticos.

Aos professores do Propur da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelos bons conselhos, instruções e esclarecimentos.

À coordenação da Pós-Graduação.

A minha querida amiga Denise, que muito me encorajou, aconselhou e apoiou em todas as horas, sempre com uma palavra de incentivo e esclarecimento.

Ao meu querido amigo César, por ser um exemplo a ser seguido.

Aos meus queridos pais, Lourdes (*in memoriam*) e Antonio, pelo amor incondicional.

A minha avó Luiza, por ser minha fonte de inspiração.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Propur e ao NORIE.

CIDADE BAIXA

“Amo na Cidade Baixa sua cara de gente conhecida, com quem já se bebeu cerveja ou se cumprimentou de vista. Era um bairro de praia, antes dos aterros. Mesmo afastado da areia, continua sendo: a Cidade Baixa é a praia noturna do porto-alegrense. É o bairro da boemia – a Lapa daqui -, um bairro que só aparece de noite. De dia, um outro bairro toma seu lugar, um bairro mais comportado, bom pra caminhar, legitimamente feito de quadras, com calçadas movimentadas e arquitetura afeita a pequenos imóveis. Há quem afirme: o edifício mais estreito do mundo fica na Cidade Baixa.

Pela boa localização (...), é local de morada ou passagem de estudantes, artistas, malucos bons e malucos maus. Também é o lugar das ideias alternativas, das propostas de uma cidade para os cidadãos e não apenas para os carros e os anúncios. A prova é a multifacetada oportunidade de mergulhar nos ateliês, nas casas de espetáculos e nos bares e mais bares. Dá para comer sem pressa. Dá pra comer com pressa. E dá apenas pra beber e conversar. Em todo o lugar, há onde deixar a bicicleta.

Se o passeio é a pé, a Travessa dos Venezianos apresenta seus predinhos tombados pelo município. São casas do início do século 20, de arquitetura marcadamente portuguesa, sobretudo as aberturas – portas e janelas típicas, quase se deitando na calçada. Calçada, aliás, original. Era na travessa que um grupo carnavalesco de Porto Alegre reunia seus foliões, dando o nome ao local. Foi o bloco dos Venezianos, vermelho e branco, que emprestou as cores da camiseta colorada.

Na Lima e Silva se come bem, se bebe melhor ainda. Nessa rua fica a Nova Olaria, com cafeterias, lojas, bares e a charmosa Livraria Bamboletas. Os cinemas do *Guion*, com a cara do bairro, apresentam filmes desintoxicados e uma loja-café toda singular.

Na República, a arte parece falar mais alto. É lá que fica o Ateliê da Cidade Baixa, que oferece coisas com cara e sotaque porto-alegrenses. Também nela fica o Teatro Túlio Piva, mais conhecido como Teatro de Câmara.

Na Rua João Alfredo, apresentam-se as luminárias antigas e também as fachadas que passam por uma crisma de cores vivas, que fazem festa. Nela, se localiza o Museu Joaquim Felizardo (museu histórico da cidade), no Solar Lopo Gonçalves (...).

Embora pareça um Santelmo argentino, a Cidade Baixa é tudo menos imitação. Pra mim, é fácil amar a originalidade do lugar, que se assume (ou foi assumido pelos porto-alegrenses) como um bairro pra fora, um bairro-abraço, bairro-sorriso, bairro-mesinha-nas-calçadas, bairro do tipo “e aí, como é que tá?”. A Cidade Baixa é uma resposta aos locais americanizados do Moinhos de Vento, onde alguns vão para ver Porches e Ferraris. A prova é que o nome surgiu pejorativo – o canto dos negros, dos imigrantes sem dinheiro, local de rituais dos excluídos (do samba, por exemplo; do Lupicínio, por exemplo) da cachaça e das ruas estreitas, estranguladas pelo brejo, que serviam para se esconder. Continua servindo, que bom.”

Altair Martins, 2013.

RESUMO

NASCIMENTO DA SILVA, Michelle. **Percepção de valor dos usuários sobre o território: estudo de caso no bairro cidade baixa em Porto Alegre – RS**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

Esta pesquisa buscou contribuir para o conhecimento sobre a percepção de valor do território no nível de bairro. Ao investigar a cidade como lugar de experiências, requer-se a apreciação de sua evolução ao longo do tempo e das histórias de seus bairros, tanto sob a ótica das características do espaço urbano, quanto das condições sociais e culturais da população que o habita. A cidade pode ser estudada em sua diversidade de usos e usuários, bem como dos conflitos e negociações de convivência decorrentes dessa pluralidade. O foco da pesquisa foi o conflito entre dois grupos de usuários, moradores e comerciantes, do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS, que resultou em esforços do poder público municipal para melhorar a convivência entre eles, posta a dificuldade em conciliar os interesses distintos que se sobrepunham. A intenção foi identificar e compreender as características dos dois grupos de usuários quanto à forma pela qual atribuem valor e significado ao bairro de que fazem uso. A partir disso, discute-se a percepção de valor dos dois grupos quando engajados no bairro Cidade Baixa. O objetivo foi identificar e compreender as relações entre a composição de valores pessoais e as percepções de valor de ambos os grupos de usuários em relação às características do bairro. Os conceitos utilizados provêm, principalmente, das áreas de ambiente-comportamento e marketing. A pesquisa valeu-se ainda do conceito de território e suas derivações. A investigação foi dividida em três grandes etapas, a primeira com o objetivo de compreender o contexto do bairro Cidade Baixa e de seus usuários, bem como efetuar a seleção dos grupos de usuários a serem analisados; na segunda etapa, foram coletados e analisados dados sobre percepção do bairro e valores pessoais dos dois grupos em estudo; na última etapa, foram coletados e analisados dados sobre percepção de valor dos grupos de usuários, aplicando os dados das etapas anteriores na discussão e análise. As principais contribuições da pesquisa são referentes a compreensão e comparação das percepções de valor de grupos de usuários em escala de bairro, a comparação de diferentes técnicas de análise e coleta de dados, bem como contribuições conceituais sobre o conceito de valor percebido no contexto do território: bairro.

Palavras-chave: território, planejamento urbano, ambiente-comportamento, percepção de valor, bairro Cidade Baixa.

ABSTRACT

NASCIMENTO DA SILVA, Michelle. **Perception of value of users about the territory: a study of case in the Cidade Baixa neighborhood in Porto Alegre/RS.** Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

This research aim was to contribute to the knowledge about the perception of value on the territory in the neighborhood level. When investigating the city as a place of experiences, it is required an appreciation of its evolution over time and stories of its neighborhoods' both from the urban environment point of view as in the social and cultural conditions of the population who lives on it. The city can be studied in its diversity of usages and users, as well as in the conflict and negotiations' coexistence resulting from this plurality. The research focuses was the conflict between two groups of users, residents and traders from the Cidade Baixa neighborhood in Porto Alegre – RS, which resulted in efforts from the municipal public power to improve the conviviality between them, due the difficulty of reconcile the distinct interests which overlap. The purpose was to indentify and comprehend the characteristics from the two users groups in the way which they assign value and meaning to neighborhood they make use from. Based on that, I discuss the perception of value from both groups when committed in the neighborhood Cidade Baixa. The goal was to identify and understand the relation between the composition of personal values and values from both groups of users in relation to the neighborhood's characteristics. The concept used originates especially from areas of environment – behavior and marketing. The research made use of the concept of territory and its derivations. The investigation was divided in three big stages, the first one had the purpose of understand the Cidade Baixa neighborhood's and users context, as well as perform the selection of the users groups to be analyzed; in the second stage, data about perception of neighborhood and individual values from both studied groups were collected and analyzed; in the last stage, data about value perception from the groups of users were collected and analyzed, applying the data from the previous stages in the discussion and analysis. The main research's contributions are related to the understanding and comparison of perception of value from the users groups in the neighborhood's scope, the comparison from different analysis techniques and collected data, as well as the conceptual contributions about the concept of perceived values in the territory context: the neighborhood.

Keywords: territory, urban planning, environment-behavior, perception of value, Cidade Baixa neighbourhood.

RÉSUMÉ

NASCIMENTO DA SILVA, Michelle. **La valeur perçue par les utilisateurs sur le territoire : une étude de cas au quartier Cidade Baixa, à Porto Alegre/RS**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre : UFRGS, 2014.

Quand nous nous penchons sur la ville en tant que lieu d'expérimentations, il faut saisir son évolution tout au long des années, l'histoire de ses quartiers en tenant compte les caractéristiques de l'espace urbain ainsi que les conditions sociales et culturelles de ses habitants. Il est possible d'étudier la ville dans la diversité de ses emplois et de ses utilisateurs, bien comme étudier les conflits et négociations qui sont à l'origine de cette pluralité. Le noyau de notre recherche a été le conflit entre deux groupes d'utilisateurs, des habitants et des commerçants, du quartier Cidade Baixa à Porto Alegre – RS. Telle situation a déployé des efforts de la municipalité pour améliorer la convivialité entre eux, car mettre en accord leurs intérêts, tout à fait différents, posait des problèmes. Notre idée a été d'identifier et de comprendre les caractéristiques de ces deux groupes en ce qui concernait la valeur et le signifié donnés au quartier. À partir de ces observations, nous avons discuté la valeur perçue par les deux groupes en tant que habitants du quartier Cidade Baixa. Dans cette étape, notre but était d'identifier et de comprendre les rapports entre l'ensemble de valeurs personnelles et les valeurs perçues par l'un et l'autre par rapport aux caractéristiques du quartier. Les concepts issus du marketing et de la psychologie environnementale ont été utilisés dans cette recherche, ainsi que celui du territoire et ses dérivations. La première étape de l'étude a permis de comprendre le contexte du quartier Cidade Baixa, ses utilisateurs et de sélectionner les groupes d'utilisateurs pour l'analyse. Dans la seconde, nous avons réuni et nous avons analysé des données sur la valeur perçue du quartier et sur des valeurs personnelles des deux groupes. En fin de compte, la dernière étape a réuni des données sur la valeur perçue par les groupes d'utilisateurs. Elle s'est penchée aussi sur l'analyse et la discussion des données des étapes antérieures. Nous croyons avoir contribué à la compréhension et à la comparaison des valeurs perçues par des groupes d'utilisateurs du quartier Cidade Baixa, aux différentes façons d'analyser et réunir des données et au concept de valeur perçue dans le cadre du territoire "quartier".

Mots-clés : territoire, planification urbaine, interactions humain-environnement, valeur perçue, quartier Cidade Baixa.

ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Representação do processo de pesquisa.....	24
Quadro 2 – Conceitos de valor percebido	56
Quadro 3 – Valores terminais e instrumentais.....	62
Quadro 4 – Tipos motivacionais de Schwartz.....	65
Quadro 5 – Representação detalhada do processo de pesquisa.....	68
Quadro 6 – Representação da Etapa A da pesquisa.....	70
Quadro 7 – Representação da Etapa B da pesquisa.....	74
Quadro 8 – Entrevistas realizadas na Etapa A.....	76
Quadro 9 – Operacionalização dos valores básicos no questionário	80
Quadro 10 – Representação da Etapa C da pesquisa	84
Quadro 11 – Entrevistas realizadas na Etapa C.....	85
Quadro 12 – Características questionadas na técnica laddering.....	87
Quadro 13 – Lista de códigos resumo.....	88
Quadro 14 – Exemplo de uma matriz de implicação	89
Quadro 15 – Definições gerais consideradas (atributos concretos).....	90
Quadro 16 – Definições gerais consideradas (atributos abstratos)	91
Quadro 17 – Definições gerais consideradas (consequências funcionais e psicossociais).....	92
Quadro 18 – Definições gerais consideradas (valores instrumentais).....	93
Quadro 19 – Definições gerais consideradas (valores instrumentais – qualidade de vida).....	93
Quadro 20 – Definições gerais consideradas (valores terminais).....	94
Quadro 21 – Relação do entrevistado com o bairro (histórico).....	108
Quadro 22 – Significados do bairro para o entrevistado.....	109
Quadro 23 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (comércio).....	110
Quadro 24 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (cultura).....	110
Quadro 25 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (segurança).....	111
Quadro 26 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (moradia).....	111
Quadro 27 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (trânsito).....	112
Quadro 28 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (transporte).....	112
Quadro 29 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (história).....	113
Quadro 30 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (turismo).....	113
Quadro 31 – Avaliação geral do bairro (pontos positivos).....	114
Quadro 32 – Avaliação geral do bairro (pontos negativos).....	115
Quadro 33 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (moradores).....	118
Quadro 34 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (comerciantes).....	119
Quadro 35 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (moradores).....	119
Quadro 36 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (comerciantes).....	120
Quadro 37 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (bem-estar).....	120
Quadro 38 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (bem-estar).....	121
Quadro 39 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (convivência).....	123

Quadro 40 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (acessibilidade).....	126
Quadro 41 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (aparência).....	128
Quadro 42 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (conforto ambiental).....	130
Quadro 43 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (segurança).....	132
Quadro 44 – Matriz de implicação do grupo de usuários (moradores) do bairro Cidade Baixa.....	145
Quadro 45 – Matriz de implicação do grupo de usuários (comerciantes) do bairro Cidade Baixa. ..	146
Quadro 46 – Síntese dos principais resultados da Etapa A.....	159
Quadro 47 – Síntese dos principais resultados da Etapa B.....	160
Quadro 48 – Síntese dos principais resultados da Etapa C.....	161
Quadro 49 – Cruzamento dos resultados do questionário com MHV sobre a percepção dos Moradores.....	163
Quadro 50 –Cruzamento dos resultados do questionário com MHV sobre a percepção dos Comerciantes.....	164
Quadro 51 – Objetivos da pesquisa e contribuições relacionadas.....	170
Figura 1 – Cidade Baixa – Porto Alegre.....	22
Figura 2 – Mapa ilustrativo do território que constituía a Cidade Baixa.....	34
Figura 3 – Bairros do Orçamento Participativo da Região Centro.....	40
Figura 4 – Projeto de Lei de 11 de 11/2013 de limite de bairros.....	41
Figura 5 – Marcos e logradouros do bairro Cidade Baixa.....	44
Figura 6 – Detalhes de marcos e logradouros do bairro Cidade Baixa.....	45
Figura 7 – Correntes de pesquisa em valor percebido.....	56
Figura 8 – Modelo da Hierarquia de Valor para o Cliente.....	58
Figura 9 – Estrutura conceitual ampliada do modelo da cadeia meios-fim.....	59
Figura 10 – Estrutura dos 10 tipos motivacionais.....	66
Figura 11 – Imagem do sistema LimeSurvey.....	75
Figura 12 – Níveis de polarização no bairro Cidade Baixa.....	102
Figura 13 – Perfil do grupo de usuários (morador).....	116
Figura 14 – Perfil do Grupo de usuários (comerciante).....	117
Figura 15 – Características do bairro – Componente 1.....	136
Figura 16 – Sistema de valores – Componente 1.....	140
Figura 17 – Sistema de valores – Componente 2.....	141
Figura 18 – Sistema de valores – Componente 3.....	142
Figura 19 – Mapa de Hierarquia de Valor (MHV) para grupo de usuários (moradores).....	154
Figura 20 – Mapa de Hierarquia de Valor (MHV) para grupo de usuários (comerciantes).....	156
Tabela 1 – Médias dos valores pessoais por grupo de usuário (moradores) e posição no Ranking.....	133
Tabela 2 – Médias dos valores pessoais por grupo de usuário (comerciantes) e posição no Ranking.....	133
Tabela 3 – Teste de Kaiser-Meyer-Olkin.....	134
Tabela 4 – Comunalidades.....	135
Tabela 5 – Variância Total Explicada.....	135
Tabela 6 – Matriz de componentes.....	136
Tabela 7 – Características do bairro – Componente 1.....	136
Tabela 8 – Grupo de usuário = morador e comerciante.....	137

Tabela 9 – Teste KMO	137
Tabela 10 – Comunalidades	138
Tabela 11 – Variância total explicada	138
Tabela 12 – Matriz componente	139
Tabela 13 – Matriz de rotação dos fatores	139
Tabela 14 – Sistema de valores – Componente 1	140
Tabela 15 – Sistema de valores – Componente 2	141
Tabela 16 – Sistema de valores – Componente 3	142
Tabela 17 – Análise de regressão.....	143
Tabela 18 – Coeficientes.....	143
Tabela 19 – Síntese dos resultados encontrados nas matrizes de implicação	152
Foto 1 – Casas noturnas do bairro fixaram cartazes de protesto nas portas	97
Foto 2 – Prefeito José Fortunati participa de reunião entre moradores e empresários do bairro Cidade Baixa com coordenação do Vereador Prof. Garcia Local: Igreja Sagrada Família.....	98
Foto 3 – Audiência pública lotou Salão Paroquial na Cidade Baixa	102

SIGLAS E ABREVIATURAS

ACCB – Associação dos Comerciantes da Cidade Baixa

ACMCB – Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa

AICs – Áreas de Interesse Cultural

AMA Sofia Veloso – Associação de Moradores e Amigos da rua Sofia Veloso

AMORE Cidade Baixa – Associação dos Moradores Rua da República

COMPAHC – Conselho Municipal do Patrimônio Histórico-Cultural

MHV – Mapa Hierárquico de Valor

ONGS – Organizações não governamentais

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

PQV – Portrait Questionnaire Value

RVS – Rokeach Value Survey

SMIC – Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio

SVS – Schwartz Value Survey

SUMÁRIO

SUMÁRIO	10
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 CONTEXTO	13
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.3 QUESTÃO DA PESQUISA.....	20
1.4 OBJETIVOS DE PESQUISA	20
1.5 DELIMITAÇÕES DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO E JUSTIFICATIVA	21
1.6 SÍNTESE DO MÉTODO DE PESQUISA.....	24
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	24
2 O TERRITÓRIO E A CIDADE BAIXA	25
2.1 O TERRITÓRIO.....	25
2.2 O BAIRRO CIDADE BAIXA: UM BAIRRO BOÊMIO EM PORTO ALEGRE	33
3 AMBIENTE-COMPORTAMENTO E PERCEPÇÃO DE VALOR	47
3.1 ESTUDOS NA ÁREA AMBIENTE-COMPORTAMENTO.....	47
3.2 ESTUDOS DE PERCEPÇÃO DE VALOR SOBRE O AMBIENTE CONSTRUÍDO	55
3.3 VALORES PESSOAIS	60
4 MÉTODO DA PESQUISA	67
4.1 ESTRATÉGIA DE PESQUISA.....	67
4.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA	68
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	95
5.1 RESULTADOS DA ETAPA A	95
5.2 RESULTADOS DA ETAPA B	108
5.3 RESULTADOS DA ETAPA C	144
5.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	158
6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	169

6.1	CONCLUSÕES.....	169
6.2	RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	171
	REFERÊNCIAS	172
	APÊNDICE A ORGANIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS EM JORNAIS E INTERNET REALIZADA NA ETAPA A.....	179
	APÊNDICE B TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ UTILIZADO NAS ETAPAS A E C	185
	APÊNDICE D CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA UTILIZADA NA ETAPA B.....	187
	APÊNDICE D QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA ETAPA B.....	188
	APÊNDICE E ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO NA ETAPA C.....	195
	APÊNDICE F: CONSTRUÇÃO DAS <i>LADDERINGS</i>.....	196
	APÊNDICE G PONTO DE CORTE/NÚMERO DE RELAÇÕES E CORRESPONDÊNCIA AO TOTAL (MORADORES)	202
	APÊNDICE H PONTO DE CORTE/NÚMERO DE RELAÇÕES E CORRESPONDÊNCIA AO TOTAL (COMERCIANTES)	203
	ANEXO A DECRETO MUNICIPAL 17.766/12.....	204
	ÍNDICE ANALÍTICO	205
	ÍNDICE ANTROPONÍMICO E DE REFERÊNCIAS	209
	ÍNDICE TOPONÍMICO.....	211

1 INTRODUÇÃO

A motivação inicial para o desenvolvimento da presente pesquisa foi a possibilidade de contribuir para o conhecimento na área de percepção de valor no território no nível de bairro. A natureza multidisciplinar dos estudos na área do urbanismo assinala a diversidade de perspectivas pelas quais é possível depreender a cidade. Perceber a cidade em seus âmbitos funcional e simbólico (HAESBAERT, 2005) é a maneira pela qual se podem identificar os espaços socialmente utilizados. Ao investigar a cidade como lugar de experiências, requer-se a apreciação de sua evolução ao longo do tempo, das histórias de seus bairros, tanto sob a ótica das características do espaço urbano, quanto das condições sociais e culturais da população que os habita. A cidade pode ser estudada em sua diversidade de usos e usuários, bem como dos conflitos e negociações de convivência decorrentes dessa pluralidade.

O foco desta pesquisa está delimitado pelo conflito entre grupos de usuários (moradores e comerciantes) do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre – RS, o qual resultou em esforços do poder público municipal de promover a melhor convivência entre eles (audiências públicas, grupo de trabalho, elaboração de um decreto), bem como na dificuldade em conciliar interesses distintos que se sobrepõem. Nesse sentido, identificar e compreender as semelhanças e diferenças entre esses dois grupos de usuários, no que se refere à forma pela qual atribuem valor e significado ao bairro que usam, se faz pertinente. A partir disso, procura-se discutir, nesta pesquisa, a percepção de valor de dois grupos de usuários: moradores e comerciantes engajados do bairro Cidade Baixa.

Este capítulo tem por objetivo apresentar a finalidade desta dissertação. São tratados o contexto no qual a pesquisa está inserida, o problema, a questão de pesquisa, o objetivo geral e específicos, bem como sua delimitação. Por fim, é apresentado o modo pelo qual este trabalho está estruturado.

1.1 CONTEXTO

Cada cidade contém marcas que lhe são características, assim como seus bairros, que são de vital importância para as cidades. Nesse plano, os bairros, com todas suas peculiaridades, contribuem na formação do comportamento da população, por intermédio das regras de conduta nos espaços públicos e privados. Por seu turno, a população usuária experimenta e transforma o espaço circundante, criando um ambiente humanizado pelo seu envolvimento direto, apropriando-se e atribuindo valor e significado às coisas que a cercam.

Para melhor compreender as cidades e seus bairros, são oferecidas duas importantes dimensões de análise que se referem às características concretas e às mais abstratas (simbólica, cultural, interação social). Nesse sentido, alguns autores, como Jane Jacobs, Amos Rapoport e Kelvin Lynch, desenvolveram estudos que buscam compreender as relações entre o ambiente construído (dimensões concretas) e as percepções e comportamento (dimensões abstratas).

Jane Jacobs (2011)¹, ao estudar o funcionamento de alguns bairros americanos, preconiza que a vitalidade de bairros da cidade depende da sobreposição e entrelaçamento de atividades e que a compreensão das cidades necessita lidar com combinações ou misturas de uso como fenômeno essencial. Essa autora destaca fatores e qualidades urbanas tais como: a variedade de funções e suas inter-relações, a importância de haver intensas atividades nos espaços públicos para maior segurança assim como para definir os padrões espaciais adotados. Para Jacobs, a “vida” era proveniente da diversidade e da multiplicidade de usos das cidades. Nessa perspectiva da diversidade que Jacobs enaltecia, deve-se compreender em seu aspecto mais abrangente: diversidade de classes sociais e culturais; diversidade e intensidade de usos; diversidade temporal. Entretanto, ao congregarem essa diversidade de usos e de públicos, as cidades, representadas por seus bairros, passam a enfrentar um obstáculo à convivência harmônica em seu território: a divergência entre os diferentes grupos de usuários. Assim, a coexistência de múltiplos usuários pode implicar em conflitos que dificultam ou favorecem a convivência entre os grupos de usuários e seus bairros. Ainda, Jacobs expõe que o bairro deve ser pensado como órgão com autogestão formal ou informal da coletividade, a própria população local se engaja nas questões de seu bairro e se empenha em torná-lo melhor por meio de ações coletivas ou individuais.

Por sua vez, Amos Rapoport (1978) apresentou contribuições importantes sobre essa questão ao estudar as relações entre o ambiente construído e a cultura ao investigar os aspectos humanos e antropológicos do espaço urbano. Outra colaboração relevante nessa área é de Kevin Lynch (2010), o qual aborda, de modo pioneiro, as experiências perceptivas individuais da população. Esse autor compreende a forma da cidade a partir da relação entre os valores e intuídos humanos com o local. Nesse sentido, Lynch (2007) define o conceito de boa forma como sendo a forma que ultrapassa sua superfície e o desenho, contemplando a inter-relação dos objetivos humanos com a forma da cidade e a organização temporal das coisas. Nessa teoria, a cidade adequada ao uso possui três qualidades urbanas: legibilidade, estrutura-significado e imageabilidade.

¹ Primeira edição em 1961.

Os constructos teóricos referentes à hierarquia de valor percebido de Woodruff (1997) e Gutman (1982), pesquisadores da área de *marketing*, também vêm sendo utilizados em estudos que buscam contribuir para o entendimento da relação entre o ambiente construído e seus usuários. Esses constructos buscam explicitar a relação entre os sistemas de significados pessoais dos indivíduos (opiniões, atitudes, crenças, valores) e seus comportamentos frente a atributos de elementos concretos como produtos e até mesmo o ambiente construído.

Segundo o antropólogo de Certeau (1998: 202), “espaço é um lugar praticado”. O espaço leva em consideração “vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável do tempo” (p. 201-202). A cidade é caracterizada por suas diversas formas de ocupação e permanência. De acordo com Eckert e Rocha (2005: 93):

Conscientemente ou não, através de suas práticas e representações, os habitantes, os cidadãos, retomam um ritmo cotidiano outro ao se apropriarem cotidianamente dos territórios dos grandes centros industriais do País. Em face das agitações temporais, eles reatualizam sua vida familiar e reconfiguram redes sociais diversas de pertencimento, atribuindo sentido as suas práticas urbanas.

Considerando a diversidade de formas de apropriação e de pertencimento da cidade, bem como de seus bairros, muitos têm sido os termos utilizados para referi-la, por exemplo: espaço urbano, tecido urbano, meio urbano, ambiente construído e território. Nessa dissertação, o conceito adotado é o de território.

Dentre os estudiosos que abordam o conceito de território, evidencia-se o geógrafo Rogério Haesbaert, o qual discorre sobre a abrangência do conceito território, afirmando que ele tem sido utilizado livremente sem se fazer menção apropriada sobre qual sentido de território está sendo referenciado. Haesbaert (2005) divide a definição de território em três vertentes básicas: política-jurídica, cultural-simbólica e econômica. A partir da análise dessas considerações, o autor entende o território como definido a partir de relações de poder mediadas pelo espaço: “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (Haesbaert, 2005: 79).

Nesse sentido, pode haver, segundo o autor, a ocorrência tanto de macro como de micro-territórios, que podem se configurar a partir de maior ou menor carga funcional e simbólica. Haesbaert afirma que o território, imerso em relações de dominação ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional”

à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2005: 95-96). Assim sendo, todo território é, em diferentes arranjos, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável na realização de “funções” e na produção de “significados”. Nessa pesquisa, as concepções sobre o conceito de território estão principalmente centradas no enfoque cultural-simbólico de Haesbaert.

Nesse contexto, o bairro é território, ele media a rua e a cidade com forma e tamanho, sendo fundamental para a relação do usuário com o ambiente construído. O bairro exhibe, antes de tudo, uma configuração física, uma porção urbana que se desenvolve conforme determinados eixos ou direções, em determinada dimensão. Mas, além disso, o bairro é unidade estrutural de natureza espaço-social que representa uma parcela de identidade cultural da cidade.

As diferentes representações que os usuários têm sobre o ambiente que os cerca implicam nas diferentes relações que podem estabelecer com esse ambiente. Nesse sentido, o antropólogo Ariel Gravano (2003), ao abordar a noção de bairro, enfatiza seus aspectos simbólicos, considerando as significações, práticas e discursos dos cidadãos sobre os problemas urbanos. Esse autor sugere explorar o bairro não apenas no âmbito funcional, mas como espaço simbólico (HAESBAERT, 2005), o qual adquire e constrói valores, e também como referencial de identidades sociais urbanas, o que é chamado por ele de “*barria*”.

No que se refere à importância da diversidade temporal para a vitalidade da cidade (Jacobs, 2011), mostra-se de grande valia estudar sua evolução urbana em diferentes temporalidades. Segundo Eckert e Rocha (2005), investigar as transformações no meio urbano ao longo do tempo é fundamental. Nesse caminho, Eckert e Rocha (2005: 94) afirmam que:

A cidade é, assim, restituída a sua função primeira: cenário da anamnese de sua comunidade, pois, em seus espaços, emergem as lembranças e signos das representações culturais de seus habitantes, onde o jogo das origens não tem fim e não se submete à ordem e à classificação dos signos.

Cada bairro é portador de suas características peculiares. Segundo o geógrafo urbano Bezerra (2005), o bairro adquire grande relevância na análise da cidade, uma vez que viabiliza o acesso aos acontecimentos sociais locais relacionados à reprodução social e, também, às transformações morfológicas das funções urbanas. Assim, uma vez que o bairro se compõe na limitação espacial do morar, da experiência e das diversas relações que o atravessam, ele se lança como “unidade territorial privilegiada” para a assimilação e a avaliação das percepções dos usuários sobre as questões urbanas.

Nesse sentido, o bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre – RS, é parcela do território urbano portadora de intensa diversidade de usos e usuários, bem como de população local que se sente responsável por seu bairro, logo, possuindo condições para ser considerado, nas palavras de Jacobs (2011) vivo e autogovernado. Como consequência disso, nesse bairro, encontram-se obstáculos a convivência harmônica contínua: de um lado, há os usuários moradores e, de outro, os usuários comerciantes da área de entretenimento e lazer noturno e, por consequência, os seus frequentadores.

A pesquisa investiga a relação entre os grupos de usuários (moradores e comerciantes) e sua fração do tecido territorial (o bairro). Para tanto, utiliza conhecimentos existentes na área de ambiente-comportamento, em abordagem perceptiva e cognitiva (por exemplo: LYNCH, 2010; RAPOPORT, 1978), a qual estuda a relação entre as características do ambiente construído; nesse caso, o bairro, como parcela de território, e o comportamento dos usuários. Complementarmente, serão considerados conceitos e abordagens dos estudos na área de percepção de valor no ambiente construído, os quais tem fundamentação teórica na área de *marketing* (GUTMAN, 1982; WOODRUFF, 1997; VELUDO-DE-OLIVEIRA e IKEDA, 2004; ZINAS, 2010).

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Apesar de haver inúmeros estudos da área ambiente-comportamento e considerando que os pesquisadores dessa área reconhecem que os valores afetam a percepção dos usuários, ainda são poucos os estudos que estabelecem claras relações entre os valores pessoais e a percepção dos usuários. A lacuna do conhecimento a ser transposta nesse trabalho está na necessidade de estudos que possibilitem a compreensão da percepção dos usuários sobre o ambiente construído (bairro, território); estudos que analisem não somente os padrões (características físicas, atributos) que geram benefícios para os usuários (percepções de satisfação, importância, preferência), mas que auxiliem no entendimento dos elementos que influenciam essa percepção de valor (hierarquia de valor percebido). Nesse sentido, os estudos sobre a percepção de valor se revelam importantes para a compreensão da relação existente entre o ambiente construído e o comportamento dos usuários. Mais especificamente, o que determinado grupo de usuários pensa que é bom ou mal para um território (bairro) comparado às concepções e expectativas de outros grupos de usuários.

O conceito de valores pessoais tem importante histórico na esfera da sociologia (THOMAS e ZNANIECKI, 2004), bem como da antropologia (KLUCKHOHN, 1968). A sociedade é constituída de valores e sua problemática está situada nos contextos cotidianos sobre as condutas dos indivíduos. Os

valores humanos são características pessoais, dotadas de componentes culturais, emocionais e comportamentais (BARROS, 1977) e podem influenciar o modo como vivem.

No campo da psicologia social,² alguns estudos possibilitaram importantes avanços na compreensão dos valores humanos. Nesse contexto, segundo Rokeach (1973), os valores pessoais se apresentam hierarquizados em ordem determinada entre si, segundo a importância que têm para cada ser humano. Nesse sentido, é complexo construir uma escala de valores objetiva, visto que, embora feita pelos juízos de valor, dependeria, em grande parte, da personalidade de cada indivíduo. Cada pessoa possui sua hierarquia de valores, seja consciente dela ou não. Na vida prática, há sempre certas coisas que nos interessam mais que outras. A hierarquia de valores pode variar de uma pessoa para outra, estando organizada em diferentes formas de prioridades, e está constituída sobre a base da atitude que adota a pessoa ante si e os demais (ROKEACH, 1979).

A partir dos estudos de Rokeach (1973), Schwartz (1992) aperfeiçoa e avança nas pesquisas sobre valores pessoais. Nesse sentido, Ros (2006) afirma que, apenas em meados dos anos de 1980 e 1990, criou-se uma teoria de valor apropriada às pesquisas de Schwartz. O escopo da obra de Schwartz foi localizar dimensões comuns entre valores pessoais e sociais, de forma a possibilitar a comparação entre sociedades e indivíduos. Para Schwartz, a noção de valor está impregnada daquilo que contém importância real na vida de alguém. Os valores são considerados por Schwartz como estruturas abstratas que abrangem crenças que o indivíduo possui sobre maneiras desejáveis de comportamento; sua origem se encontra nas necessidades básicas do homem e nas demandas sociais.

Pesquisadores da área de *marketing* têm investigado os conceitos de valor percebido e valores dos indivíduos com a finalidade de compreender o que gera mais valor na aquisição e consumo de produtos. Nesse sentido, Woodruff e Gardial oferecem aporte relevante na esfera dos estudos referentes à percepção de valor quando afirmam que valor para o cliente é “a percepção do consumidor sobre o que ele deseja que aconteça em uma específica situação de uso, com a ajuda de algum produto ou oferta de serviço, no sentido de alcançar alguma proposta ou meta” (WOODRUFF; GARDIAL, 1996: 54). Ainda, Woodruff e Gardial sugerem que os atributos pertencem à hierarquia de valor que une as características do produto às características psicológicas do consumidor.

Woodruff (1997) discute o conceito de valor para o cliente a partir da cadeia de meios-fim. A teoria de cadeia meios-fim sustenta que a maneira pela qual os consumidores se referem a produtos

² Área que estabelece uma ponte entre a Psicologia e as Ciências Sociais, tais como: Sociologia, Antropologia, Geografia, História e Ciência Política.

podem ser representados por um modelo hierárquico de três níveis interligados: os atributos do produto, consequências do uso do produto e valores pessoais (VELUDO-DE-OLIVEIRA; IKEDA, 2004; WO-ODRUFF; GARDIAL, 1996). A abordagem dessa teoria, proposta por Gutman (1982), é baseada no pressuposto de que os consumidores veem os produtos como meio para atingir objetivos importantes e explicam a escolha do produto ou serviço por ele facilitar o alcance dos estados finais da existência, por exemplo, liberdade ou prosperidade, que correspondem aos valores propostos por Rokeach (1973), ou ainda, hedonismo ou universalismo sugeridos por Schwartz (1992).

Para fins desta pesquisa, a denominação “consumidor” cederá lugar a “usuários”. No que diz respeito aos moradores e comerciantes do bairro Cidade Baixa, os quais também possuem suas estruturas de valores pessoais, torna-se pertinente identificar semelhanças e diferenças em seu rol de valores pessoais e, também, em sua hierarquia de valor percebido, nesse território, por esses dois grupos de usuários. Para tanto, infere-se que a percepção de valor dos moradores e comerciantes locais por seu bairro influencia sua vida social e comunitária, sendo importante para o estudo e análise da relação entre o ambiente construído e o comportamento de seus usuários.

Para Bonnemaïson (2002: 91), pesquisador da área de geografia cultural: “A correspondência entre o homem e o lugar, entre uma sociedade e seu território, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra”. Para esse autor, a ideia de cultura está no centro de seus estudos de forma indissociada do território. Desta forma, Bonnemaïson (2002: 107) afirma: “é pela existência de uma cultura que se cria um território e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço”.

A investigação conduzida neste trabalho segue dois enfoques que se complementam, tendo como objeto o bairro Cidade Baixa. O primeiro é constituído pelos usuários, representados na figura dos moradores e comerciantes locais, seus valores pessoais (ROKEACH, 1973; Schwartz, 1992) e suas percepções de valor sobre o bairro; o outro é o espaço urbano propriamente dito, abordado como território (HAESBAERT, 2005) e a forma pela qual o território dialoga com seus usuários (os moradores e comerciantes locais).

Neste contexto, a presente investigação se justifica uma vez que, apesar das inúmeras pesquisas existentes sobre o bairro (KOHLEK, 1997; MENEGOTTO, 2001; FONSECA, 2006; RECKZIEGEL, 2009), ainda existe importante lacuna no que se refere à percepção de valor de grupos de usuários locais, bem como a percepção, compreensão e sentido que eles atribuem à parcela do território urbano que é o bairro Cidade Baixa na cidade de Porto Alegre.

Procura-se entender a Cidade Baixa como símbolo de identidade social, a qual, segundo Gravano (2009), é construção tanto social como simbólica. Parte-se da premissa de que há apropriação (HASBAERT, 2004) desse local para seus moradores e comerciantes na construção de sua identidade, e isso acontece como resultado de suas práticas (CERTEAU, 1998) e memórias coletivas (HALBWACHS, 1990), valores pessoais (ROKEACH, 1973; SCHWARTZ, 1992) e percepção de valor (WOODRUFF, 1997; GUTMAN, 1982; SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ e INIESTA-BONILLO, 2007; ZINAS, 2010).

A importância deste trabalho está no esforço em examinar e apreender alguns aspectos que norteiam o tema e que ainda demandam novos estudos. Mais especificamente, situa-se na necessidade de compreender a percepção de valor dos usuários por seus desdobramentos, de como a percepção sobre as características mais concretas do bairro (território) é influenciada pelos valores pessoais. O potencial de contribuição da pesquisa está relacionado a estudos sobre bairros sob a ótica da percepção de valor no território por grupos de usuários. Espera-se que este trabalho auxilie no entendimento dos bairros das cidades, bem como da convivência entre diferentes grupos de usuários a partir dessa perspectiva.

1.3 QUESTÃO DA PESQUISA

Considerando o bairro Cidade Baixa como parcela do território urbano distinta, face sua diversidade temporal, sua intensidade e diversidade de usos e usuários, bem como dos conflitos e negociações de convivência existentes entre seus grupos de usuários, foi definida a seguinte questão geral de pesquisa:

- Como as semelhanças e diferenças entre os grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) se refletem em suas percepções de valor sobre o bairro?

O alcance de resposta para esta pergunta envolve as seguintes questões complementares:

- Quais as relações entre os valores pessoais e a percepção de valor dos grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) do bairro Cidade Baixa?
- Como a composição de valores pessoais se apresenta nos grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) do bairro Cidade Baixa?

1.4 OBJETIVOS DE PESQUISA

A partir da questão geral de pesquisa foi definido o objetivo geral da pesquisa:

- Identificar e compreender as relações entre a composição de valores pessoais e as percepções de valor de dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) em relação às características do bairro Cidade Baixa.

A partir do objetivo geral foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e compreender a percepção de valor de dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) em relação à percepção das características do bairro Cidade Baixa.
- Identificar e compreender as semelhanças e diferenças entre dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) do bairro Cidade Baixa no que se refere a composição de seus valores pessoais.

Com esses objetivos, procura-se identificar na estrutura de pensamento dos grupos de usuários dados definidores de seu comportamento no que diz respeito ao uso do território no nível de bairro, colaborando para melhor compreendê-los.

1.5 DELIMITAÇÕES DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO E JUSTIFICATIVA

1.5.1 Espacial

O lócus desta investigação é o bairro Cidade Baixa, o qual possui vida noturna e residencial, caracterizando-se por ser de uso misto, comportando moradores, comerciantes, frequentadores, supermercados, bares, casas noturnas, restaurantes diurnos e noturnos, *shopping*, bancos, cinema, teatro, escolas, creches, museu e atividades culturais (SILVA, 2013). É um bairro que fica próximo ao Centro Histórico da cidade, sendo considerado seu prolongamento (BARCELLOS, 2004), bem como servindo de bairro de conexão para outros bairros de Porto Alegre. O bairro, que inicialmente se configurava como área rural e de refúgio de escravos (PESAVENTO, 1999), hoje tem características urbanas, com diversas atividades comerciais, de lazer noturno e serviços. É considerado como um bairro boêmio (FONSECA, 2006), de localização estratégica (SOUZA, 2008a), que recebe frequentadores de outros bairros da cidade e também de fora de Porto Alegre, estado e país (SILVA, 2013).

de usos e de usuários. Por essas razões, o lugar foi escolhido para a realização deste estudo de caso sobre a percepção de valor de grupos de usuários no bairro. A compreensão desse enfoque possui potencial para contribuir nos estudos referentes aos bairros, que podem ser aplicados a seus usuários, os quais conferem importância e sentido ao local onde permanecem.

1.5.2 Público-alvo

A pesquisa tem como público-alvo dois grupos de usuários: moradores e comerciantes em situação de engajamento com as questões locais do bairro Cidade Baixa. Tal delimitação se fez necessária para possibilitar a investigação mais aprofundada sobre valores pessoais e valor percebido dos grupos de usuários. Ainda, entendeu-se que esses dois grupos de usuários viabilizariam uma amostra com maior homogeneidade, bem como para viabilizar o acesso aos respondentes. Outras instâncias participativas que pudessem influenciar o engajamento dos usuários tais como o orçamento participativo, por exemplo, não foram abordadas. As instâncias de participação e engajamento consideradas foram o Grupo de Trabalho Cidade Baixa e as associações de bairro face à delimitação dos grupos de usuários a serem investigados.

Cabe salientar que o fato de o público-alvo ter como condição “estar em situação de engajamento com o seu bairro” favorece a pesquisa, por estarem mais próximos à realidade do bairro. A pesquisa foi realizada a partir das associações de moradores e comerciantes do bairro Cidade Baixa. Ainda, por este bairro ser palco de conflitos e processos de negociações de convivência entre seus diferentes grupos de usuários. Tal situação pode ser observada face à necessidade da criação do primeiro Grupo de Trabalho (GT) de Porto Alegre voltado para discutir soluções para os problemas do bairro.

O GT Cidade Baixa, juntamente à comunidade local, readequou os horários de funcionamento de estabelecimentos comerciais noturnos criando o Decreto 17.766³, de 2 de maio de 2012, que estabelece o horário de funcionamento das atividades de bar, restaurante, café e lancheira no bairro Cidade Baixa. E ainda, desencadeou um fenômeno de engajamento dos dois grupos de usuários (moradores e comerciantes) com as questões de seu bairro. Esses grupos passaram, então, a buscar diversificadas soluções para melhorar o bairro e a convivência entre os diferentes usuários.

³ Após 90 dias, o Decreto 17.766/12 (de caráter experimental) cedeu lugar ao decreto 17.902/12 (caráter definitivo).

1.6 SÍNTESE DO MÉTODO DE PESQUISA

A pesquisa aplicada no desenvolvimento dessa dissertação é um estudo de caso realizado no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, junto a seus respectivos moradores e comerciantes. O estudo está composto de três etapas, as quais estão representadas no Quadro 1. Cada coluna corresponde a uma etapa de desenvolvimento do estudo de caso. O processo de desenvolvimento da pesquisa é representado no contexto do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS.

A Etapa A foi de natureza exploratório-descritiva com o objetivo de compreender o contexto do bairro Cidade Baixa e de seus usuários e selecionar os grupos de usuários a serem analisados. Na Etapa B, o foco de estudo passou a ser as percepções e os valores pessoais dos dois grupos de usuários (comerciantes e moradores engajados) do bairro Cidade Baixa. A Etapa C foi o aprofundamento das análises sobre as percepções de valor dos usuários sobre o bairro, bem como na discussão e análise dos dados gerados nas etapas A, B e C, bem como a devida confrontação desses resultados com a literatura.

A seguir, segue o quadro que representa o processo da pesquisa.

Etapa A	Etapa B	Etapa C
Fase exploratória descritiva com foco no Bairro.	Fase de análise das percepções e valores pessoais dos usuários do Bairro.	Aprofundamento da análise das percepções de valor dos usuários sobre o Bairro. Consolidação dos resultados.

Quadro 1 – Representação do processo de pesquisa

1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está estruturado em seis capítulos. O capítulo em tela contextualiza a situação sobre a qual nasceu a questão de pesquisa, identifica os elementos que justificam o desenvolvimento do trabalho, bem como apresenta seus objetivos (gerais e específicos) e síntese da metodologia utilizada na pesquisa empírica.

O Capítulo 2 destina-se ao referencial teórico referente a território e sobre a formação do bairro Cidade Baixa. O Capítulo 3 destina-se ao referencial teórico referente aos estudos na área de ambiente-comportamento, valores pessoais e percepção de valor. O Capítulo 4 apresenta a metodologia de pesquisa adotada no desenvolvimento do trabalho de investigação: é definida a estratégia de pesquisa, bem como são descritas as etapas realizadas, o teste do instrumento de coleta de dados, os procedimentos de tratamento e análise de dados preliminares. O Capítulo 5 apresenta as principais considerações sobre o andamento da pesquisa. O Capítulo 6 serviu de base para a seção de conclusões.

2 O TERRITÓRIO E A CIDADE BAIXA

Para contextualizar o espaço do bairro, é necessário se ater a referencial teórico que dê suporte à abordagem do bairro como território. Os conceitos considerados pertinentes para atender a este objetivo são: território, territorialidade, identidade e bairro. Ainda, considerando que o lócus da investigação é no bairro Cidade Baixa, cabe apresentar a formação do bairro.

2.1 O TERRITÓRIO

A expressão território deve ser lembrada como territórios que existem e são construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas, temporais e espaciais. Território é espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, quer seja entre Estados, entre movimentos sociais, pequenas comunidades, famílias ou trabalhadores, e que mantenha certa continuidade quanto às características dos recursos naturais, culturais, econômicos e sociais (SOUZA, 2008b).

Para o Rogério Haesbaert, é possível agrupar as várias concepções de território em três diferentes enfoques: político ou jurídico-político, cultural ou simbólico-cultural; econômica. Dessa forma, além do caráter do poder estatal, Haesbaert salientou o aspecto humano da identidade social, bem como os aspectos econômicos da relação capital-trabalho, todos esses presentes na constituição do território. Segundo Haesbaert (2005: 91), o território pode ser compreendido das seguintes formas:

Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa às relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, muitas vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado.

Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural; aquela que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo.

Mediante a prática do poder realizada por determinado grupo social, os territórios são constituídos socialmente. Podendo conter um caráter predominantemente econômico, por exemplo, os impulsionados pelas empresas; ou jurídico-político, como o representado pelos partidos políticos; ou, simbólico-culturais, como o território pertencente a remanescentes de quilombos. O território é reflexo, basicamente, de toda a produção advinda das relações entre as pessoas, bem como das relações que elas estabelecem com o espaço.

2.1.1 A territorialidade

O território é entendido em sentido mais subjetivo e afetivo, como espaço físico delimitado e apropriado por grupo específico, com características culturais também específicas, ligado às relações mais funcionais e culturais que molduram a territorialidade do grupo, determinando, assim, o valor de uso dos espaços como parte singular do espaço maior, ou mesmo de outro território.

A concepção de territorialidade está ligada a ordens de subjetivação em relação ao espaço, envolvendo condutas, representações e sentimentos de pertencimento expressos individual e coletivamente. De acordo com Roncayolo, a territorialidade é fenômeno cultural e multidimensional, fundamentalmente coletivo, contendo também características psicológicas, econômicas e geográficas. Reporta-se a formas de inserção nos espaços, caracterizando-os como regiões de apropriação. Em sua prática, “apropriação, poder e representações se combinam” (RONCAYOLO, 1990: 189). É possível constatar-se sentimentos de apego, duradouros a determinados lugares, ou ainda, apresentarem-se formas de organização social e simbólica que podem ser reproduzidas por seus atores ao mudarem de espaço.

Para Raffestin (1993), a territorialidade comporta aspectos inerentes ao território, seu conteúdo, sua materialidade e imaterialidade. A territorialidade consistiria na maneira pela qual o homem estabelece seu vínculo com o meio onde vive. Neste sentido, o território abarca a ordem de subjetividade coletiva que torna possível as ações territoriais de resistência para os grupos sociais em oposição as imposições realizadas por diferentes seguimentos econômico, político e sócio culturais.

A territorialização, para Haesbaert (2007), consiste em estabelecer intercessões espaciais capazes de propiciar eficazmente o poder sobre a reprodução como grupos sociais, devendo, no entanto, levar em consideração a multiplicidade geográfica, uma vez que tais intercessões são essencialmente reflexos de aspectos culturais e de identidade. A territorialidade, mesmo sendo objeto de poder, é também a intercessão simbólica que a as características distintas do território permitem.

Considerando os aspectos culturais e de identidade mencionados no parágrafo anterior, Souza (2008b: 84) traz outra contribuição importante ao que se refere à ocupação do território que, segundo o autor:

(...) é vista como algo gerador de raízes e identidade, ou seja, um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem).

O sentido de identidade no território referido estabelece elo com a territorialidade, visto que ela é compreendida, segundo Raffestim (1993), como algo de essência multidimensional e intrínseca à vida em sociedade e, por essa razão, contrai valor específico. Assim, a origem da concepção de identidade associa-se à discussão a respeito do território.

2.1.2 A identidade

De acordo com Hall (2006), a identidade pode ser concebida de três formas vinculadas às visões de sujeito ao longo da história. Primeiramente, é apresentada a identidade do Iluminismo, uma abordagem individualista de sujeito, prevalecendo a aptidão racional e de consciência. De tal modo, o sujeito é compreendido como detentor do núcleo interior que apareceu a partir de seu nascimento e se mantém contínua e idêntica durante todo seu processo evolutivo. A segunda concepção de identidade é a do sujeito sociológico, o qual se forma a partir da relação com a sociedade. O sujeito é individual e social simultaneamente. A terceira forma interpretativa de Hall (2006) sobre a identidade é a do sujeito pós-moderno, o qual deixa de ter uma identidade fixa, essencial ou permanente. Essa identidade passa a ser construída e modificada perenemente, sendo influenciada pelas maneiras como é representado ou interpretado nos e pelos diferentes sistemas culturais dos quais participa. Portanto, o sujeito pós-moderno se caracteriza pela inconstância e as identidades permanecem abertas.

A identidade, segundo Castells (2003), consiste em um dos elementos mais relevantes na composição do espaço. O espaço, assim, se revela como necessidade básica para que os grupos sociais tenham condições de desenvolver suas relações e consolidarem suas identidades. Nesta direção, a identidade, a partir dessas inferências, apresenta-se como modo de distinção do eu com o outro, elaborada ante atributos culturais peculiares, ou, além disso, embasada em uma gama de atributos culturais inter-relacionados.

Castells (2003) trata também sobre a inter-relação existente na formação das identidades, pois os indivíduos são cercados por diversas identidades e atributos culturais, ora um prevalecendo sobre o outro, o que resulta na geração de tensões e conflitos. Nesta direção, Castells compreende que toda identidade se constrói socialmente, e seus significados e símbolos são definidos através dos próprios atores que as constroem, isto é, no processo de construção de identidades são transmitidos elementos históricos, geográficos, biológicos, econômicos e institucionais dos mesmos indivíduos que realizam a construção. Esses processos são responsáveis por conferir forma e origem para a construção de identidades dinâmicas.

Segundo Stuart Hall, é a partir do confronto de poder motivado pelo processo relacional com o outro que as identidades estão, gradativamente, fragmentando-se. Neste sentido, Hall demonstra que as identidades modernas são estabelecidas historicamente e não biologicamente, uma vez que as identidades “costuram o sujeito à estrutura” (HALL, 2006: 11), razão pela qual ele infere que as identidades são sempre contextuais e acompanham as dinâmicas sociais. Sobre isso, o autor aponta:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, a medida em que os sistemas de significações e representações culturais se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006: 13)

Hall (2006) acredita que, na contemporaneidade, deveríamos falar em identificação e não em identidade, já que a identidade é algo formado ao longo do tempo, permeando processos inconscientes e conscientes, e não algo inato, que já está presente nos indivíduos desde o momento de sua gênese. Por isso, esse autor também vai justificar as análises espaciais e temporais para a compreensão das identidades. Uma das principais leituras que se deve fazer dos processos e construções identitárias é a que recobre a apreensão do espaço e do tempo dos grupos sociais nos contextos atuais. Em alguma medida, essa apreensão do espaço se aproxima da percepção do espaço urbano pelo usuário.

Haesbaert (1997) aponta que a identidade no pensamento moderno se estrutura a partir de pessoas e símbolos que circundam elementos aglutinadores, é o agrupamento do que é reconhecido enquanto semelhante ante da multiplicidade de sujeitos e objetos da atualidade. Haesbaert sublinha a importância de se considerar as bases materiais e territoriais nos processos de formação de identidades, além dos aspectos simbólicos. O conceito de identidade é tratado como condição que faz referência às coisas e às pessoas a partir das relações de semelhanças, igualdades e diferenças. Nessa perspectiva, as identidades agregariam uma rede de relacionamentos com o outro, com o externo, sendo também

dotadas de materialidade. Pode-se inferir que o território se define pela ideia de relação das pessoas com seus territórios (os entrevistados tinham dentre outras, a relação de engajamento). Ou ainda, de acordo com Raffestim (1993), o território se forma a partir do espaço. Trata-se da apropriação do espaço que poderá ser concreta ou abstrata (por exemplo, uma representação), visível ou invisível e é resultado de ação empreendida por diversos atores.

Ainda de acordo com o autor, as identidades sociais são compreendidas como identidades territoriais quando um dos elementos centrais para a construção das identidades passa pelo território. Segundo esse autor, as identidades têm seus signos no espaço simbólico, o qual é social e historicamente construído. De tal modo, o espaço consistiria em referência para a formação das identidades (HAESBAERT *et al.*, 2007). Em suas palavras, aponta que “a construção do imaginário de identidade envolve, portanto uma escolha entre múltiplos eventos e lugares no passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade” (2007: 37). Em vista disso, as identidades com seu caráter múltiplo são sempre concebidas em relação ao passado, ao tempo, e também em relação ao presente e ao espaço.

2.1.3 O bairro

Considerando a forte associação de características abstratas aos conceitos de território, territorialidade e identidade, e que esta pesquisa está associada à percepção de grupos de usuários sobre os atributos de seu território local, onde considera-se seu engajamento com o meio, bem como, o desenvolvimento de sua identidade, faz-se necessário explicar a configuração sociológica de um bairro. Segundo Gonçalves (1988), os bairros são mais valorizados quanto à intensidade da significação e quanto à qualidade de utilização e de apropriação simbólica, sempre que sejam especificados, quer por determinado tipo de população, quer por função particular, quer ainda pela conjunção destas duas características. O bairro caracteriza-se como sendo o lugar onde está presente predominantemente, embora não exclusivamente, uma população ou uma função particular.

Antônio Candido Mello Souza (1987: 57-65) afirma sobre o bairro o seguinte:

(...) além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o “sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico: – O que é bairro? – perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exprime numa frase o que se vem expondo aqui: – Bairro é uma naçãozinha. – Entenda-se: a porção

de terra a que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras.

Em seu trabalho sobre a memória de velhos moradores de São Paulo, Bosi (2009) constata que os caminhos percorridos pelos moradores do bairro, e seus marcos de orientação no espaço, estão eivados de significados. “O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos faz um sentido de identidade” (p. 147). Para a autora, esse espaço urbano é um “(...) lugar nosso, e um lugar nosso deve ter (...) fechamento e proximidade de elementos, deve ser mais denso que seu entorno e permitir a dialética da partida e do retorno” (p. 147).

A prática cultural pode ser compreendida como forma de expressão da territorialidade. Nesta direção, Mayol (1998) refere-se ao bairro como o lugar pelo qual o morador se apropria quando transgredir o âmbito privado residencial. O mesmo se dá, segundo ele, “mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público” (p. 42). Ainda, ao discutir sobre o bairro, Mayol enfatiza a prática cultural como decisiva para a identidade de grupo, bem como que o bairro é, para o usuário, parcela conhecida do espaço urbano na qual ele se sente reconhecido. A prática cultural é concebida por este autor como: “o sistema de valores subjacentes que estruturam as tomadas de atitudes fundamentais da vida cotidiana, que passam despercebidos à consciência dos sujeitos, mas são decisivos para sua identidade individual e de grupo” (MAYOL, 1998: 43).

Semelhante à visão simbólico-cultural de Haesbaert (2005) sobre o território, Ariel Gravano (2003), entende o bairro como espaço simbólico-ideológico que forma parte do imaginário urbano em três dimensões: a) componente da reprodução material da sociedade e espaço físico que faz parte da cidade; b) como identidade social atribuída pelos atores sociais; e c) como conjunto de valores condensados e compartilhados socialmente.

Sobre o conjunto de valores referidos no parágrafo anterior, Gravano (2003) o chama de simbolicidade de *lo barrial*. Para esse autor (p. 60 – 61), no conjunto de variáveis associadas à capacidade de *lo barrial* para ser representativo ou substituto de valores, devemos incluir, então, o que – para continuar com os neologismos – poderíamos chamar de simbolicidade de *lo barrial*. Os valores assim construídos pelos atores nessa situação têm no bairro sua referência socioespacial que se reflete na produção de sentido do imaginário urbano, com representações não apenas não coincidentes com as marcas físicas, mas mesmo contraditórias. Entre os mais recorrentes está a emergência como símbolo das bases populares, de coesão e integração. O bairro mesmo aparece como valor principal quando

serve de eixo de distinção acima dos outros signos atributivos. Essa transcendência simbólica de *lo barrial*, como valor em si mesmo compartilhado por distintos grupos sociais, poderia planejar a possibilidade de constituir-se em cultura, entendida como sistema de representações e práticas compartilhadas socialmente em torno de valores distintos; potencialidade a qual vamos chamar de culturicidade de *lo barrial*.

Com a definição preconizada por Gravano (2003), o bairro, como espaço de construção simbólica, presume a disputa de significados e significações, bem como a lide contínua pela imposição de sentidos. Essas visões sobre o conceito de bairro têm importante influência na consciência identitária e de localidade do morador de parcelas do tecido urbano predominantemente mais antigos. Associado ao conceito de bairro, o conceito de *lo barrial*, empregado pelo antropólogo Ariel Gravano (2009) em sua pesquisa etnográfica em alguns bairros de Buenos Aires, vem a contribuir nos estudos referentes aos bairros.

Segundo Gravano (2009), o entendimento de *lo barrial* considera a dimensão material, cujo referente se localiza no espaço físico da cidade, conhecido como bairro; bem como a dimensão simbólica, marcada por um grupo de valores morais comuns pelas pessoas ao longo de suas experiências acumuladas no espaço de moradia. Tais valores surgem no discurso dos moradores por meio de um conjunto de expressões e adjetivos que sugerem idealismo das relações sociais a serem estabelecidas e conservadas no bairro onde se aspira viver.

Gravano (2003) apresenta três variáveis que caracterizam a definição de *barrial*: a) identidade social: formada quando os atores sociais admitem identificar-se ou pertencer a diferentes bairros como meio de distinguir-se e suggestionar os comportamentos coletivos; b) segmentalidade: peculiaridade que possui os bairros de abarcar no seu interior campos com identidades heterogêneas, sem abandonar a relação de conexão dentro da própria unidade; c) tipicidade: imputação de classificações gerais, dicotômicas e de senso comum a respeito de algumas identidades *barriais*, constituindo relação direta entre a representação negativa ou positiva do bairro com a conduta de seus moradores.

Considerando que a dimensão simbólica do bairro é marcada por valores comuns entre as pessoas (GRAVANO, 2009), bem como pela prática cultural (MAYOL, 1998), é possível que, a partir da análise de conceitos de bairro, a relação com valores possa ser incrementada. Nesse sentido, pessoas que moram no mesmo bairro podem apresentar estrutura de valores pessoais em comum devido a compartilharem a mesma parcela do território urbano. Por sua vez, cada bairro contém características peculiares que o diferencia dos demais.

2.1.4 Considerações sobre o conceito de território e conceitos relacionados

A necessidade desafiadora de se conviver harmonicamente em território que comporta diversos grupos de usuários faz que sejam encontradas maneiras de se contornar os conflitos que possam existir entre as partes. A convivência é a ação de conviver com outras pessoas, estando associada à coexistência de grupos de pessoas em determinado espaço. A convivência pode ser harmoniosa ou conflituosa, variando conforme as semelhanças e diferenças sociais e culturais existentes entre as pessoas.

Podem existir diferentes tipos de convivência, de acordo com os tipos de contatos sociais estabelecidos. Em se tratando de convivência entre grupos na escala de bairro, o sociólogo Charles Horton Cooley, propõe os conceitos de grupos primários e secundários. Segundo esse autor, os grupos primários: a) são caracterizados por íntima cooperação e associação face a face; b) são primários sob vários aspectos, principalmente porque são fundamentais na formação da natureza social e nos ideais do indivíduo; c) apresentam certa fusão das individualidades no todo comum, de modo que o próprio ego individual se identifica, pelo menos para vários fins, com a vida e o propósito comuns ao grupo; d) sua totalidade pode ser apresentada como “nós”, expressão que envolve uma espécie de simpatia e identificação mútua para as quais o “nós” é a expressão natural (COOLEY⁴, 1909 *apud* LAKATOS, 1990. p. 120). Por sua vez, os grupos secundários possuem certas características que se apresentam como opostas às dos grupos primários: a) as relações geralmente são estabelecidas por contato indireto e, no caso de serem por contato direto, são passageiras e desprovidas de intimidade; as relações são ainda formais e impessoais; b) a consciência de “nós” é fraca, o tipo de contato é predominantemente secundário e categórico, a posição dos membros define-se em relação aos papéis que lhes cabem, sendo sua participação limitada à contribuição que prestam (COOLEY, 1909 *apud* LAKATOS, 1990. p. 120).

Observa-se que, na escala de bairro, coexistem diferentes grupos de pessoas (usuários) tanto na esfera primária quanto na secundária, o que pode gerar conflito entre os usuários. A presença de manifestações antagônicas entre estes grupos de interesses e valores temporariamente ou pontualmente incompatíveis quanto à apropriação ou a organização de elementos (características) materiais (concretos) ou simbólicos (abstratos) vinculados a seu território resulta em conflitos. Dessa forma, a convivência torna-se conceito importante a ser abordado na avaliação da percepção de usuários do território “bairro”.

⁴ COOLEY, Charles Horton. **Social Organization**: A Study of the Larger Mind. New York: Charles Scribner's Sons, 1909.

2.2 O BAIRRO CIDADE BAIXA: UM BAIRRO BOÊMIO EM PORTO ALEGRE

Neste capítulo, é feita breve apresentação da formação do bairro e da sua constituição como bairro boêmio com a finalidade de se compreender melhor as origens, ocupação e formas de uso do território compreendido pela Cidade Baixa. Também se apresenta a situação atual do bairro.

2.2.1 Formação do bairro Cidade Baixa

De acordo com Pesavento (1999), a cidade de Porto Alegre teve sua formação iniciada na segunda metade do século XVIII com o surgimento do primeiro povoado açoriano situado às margens do Guaíba. Em 1778, foram construídas fortificações ao redor da cidade como medida protetiva às ameaças castelhanas. Elas consistiam em “altas cercas de madeira circundadas por um fosso ou valo” (PE-SAVENTO, 1999. p. 33), e foram demolidas em 1845 ao fim da Revolução Farroupilha.

O setor “intramuros” era conhecido como Cidade Alta. Em contraposição a essa que era a “verdadeira cidade” (PESAVENTO, 1999: 33), na área “extramuros”, localizada ao longo do sul da colina da rua Duque de Caxias (FRANCO, 1998), surgiu e se desenvolveu a Cidade Baixa. Foi após a remoção das fortificações que se deu início à “conformação efetiva do bairro” (CLARO, 1997: 5) com o povoamento viabilizado a partir da Ponte de Pedra sobre o Arroio Dilúvio (FRANCO, 1998).

A circunscrição do território conhecido como Cidade Baixa possuiu diversas denominações anteriores: Arraial da Baronesa, Emboscadas, Areal da Baronesa e Ilhota. O Arraial da Baronesa remetia-se à ampla extensão de terras pertencentes à Baronesa do Gravataí, onde se situava sua chácara, bem como pequenas propriedades rurais à base de mão de obra escrava (CLARO, 1997). Sua mansão era onde atualmente está a Fundação Pão dos Pobres. Naquela época, Emboscadas foi a denominação do extenso perímetro constituído de mata densa pertencente ao Arraial da Baronesa, que abrigava os escravos que fugiam de seus senhores (SAPIEZINKAS, 2004).

Posteriormente, o bairro Cidade Baixa, passou a se chamar de Areal da Baronesa em alusão a areia vermelha do local. A Baronesa do Gravataí, após um incêndio, loteou e vendeu sua vasta propriedade de terras que, a partir de então, passou a ser ocupada por escravos alforriados e famílias de origem italiana (MENEGOTTO, 2001). Segundo Pesavento (1999: 12), “nenhum melhoramento urbano recebeu, e os terrenos baixos, no desembocadouro do riacho, alagadiços e expostos a frequentes enchentes, fizeram da área um reduto da mais extrema pobreza, com uma população majoritariamente

negra”. Após a abolição da escravidão em 1884, “os escravos libertos deram origem aos primeiros núcleos habitacionais, os quais formaram verdadeiros bairros negros, próximos às propriedades de origem” (CLARO, 1997).

Parte desse território também foi conhecida como Ilhota após intervenções realizadas, em 1905, no fluxo do “Riachinho” para aumentar sua vazão (passando a ser chamado de Arroio Dilúvio) que passava pela região. Neste sentido, a área de uma pequena ilha (Ilhota) se formou a partir destas modificações (ZAMBONI, 2009). Segundo Pesavento (1999: 12), “além de pedaço de terra isolado pelas águas, era também um espaço de isolamento social e exclusão”. O local se caracterizava por ser área com riscos de inundações, insalubre e ocupada por moradores bastante pobres.



Figura 2 – Mapa ilustrativo do território que constituía a Cidade Baixa

(SANTOS, 2010, contra capa)

Após a instalação da República Velha (1889-1930), a cidade de Porto Alegre e, extensivamente a Cidade Baixa, iniciou seu período desenvolvimentista de natureza positivista (PESAVENTO,

1999), no qual se deu ênfase ao fomento da indústria e da renovação urbana. Ao longo do desenvolvimento e expansão do centro da cidade, a Ilhota e Areal da Baronesa passaram por processo de favelização nas primeiras décadas do século XX (CLARO, 1997).

A partir da primeira metade do século XX, a população local aumentou sensivelmente em decorrência da supressão das poucas chácaras existentes e passam a compor o bairro indústrias, cinemas e a sede paroquial (Igreja Sagrada Família). O bairro passou por diversas intervenções urbanísticas, pois contava com localização estratégica e privilegiada. Com a expansão urbana, a Cidade Baixa servia de meio de conexão com os demais lugares da cidade, especialmente a Zona Sul, pelo caminho da Azenha (FRANCO, 1998). Naquele período, foi elaborado o Plano de Melhoramentos com a finalidade de ligar o centro aos bairros. Na implantação do Estado Novo (1937-1945), fizeram-se as maiores obras viárias em Porto Alegre.

A intervenção urbanística mais expressiva ocorreu na segunda metade do século XX. Tratou-se da implantação do Projeto Renascença, executado pelo poder público municipal de Porto Alegre entre 1975 e 1979 com a finalidade de melhorar a infraestrutura urbana (SOUZA, 2008a). Uma das ações mais impactantes do projeto foi a transposição da população favelada da região da Ilhota para o bairro Restinga para reurbanizá-la.

A partir de 1976, a Ilhota deixou de existir e grande parte de seus antigos ocupantes passaram a residir na Restinga. É possível verificar esta percepção pelos ex-moradores pelo trecho da resenha sobre a etnobiografia **O Mestre Borel: ancestralidade negra em Porto Alegre** escrita por Santiago Millan:

O Mestre Borel na Restinga anuncia que o espaço primário foi reformado, sendo desocupado física e parcialmente pelos negros e produzindo processos de migração intra-urbana rumo à periferia da cidade, a comunidade que migra se encontra em lugares diferentes da cidade mantendo relações aqui e lá, ampliando o espaço da identidade compartilhada (MILLAN, 2013).

Nos anos de 1980, a área oficial do bairro Cidade Baixa era contornada pelas perimetrais com corredores de ônibus que garantiam o deslocamento da população do centro para outros bairros (JARDIM, 1991). O bairro adquire novo formato e passa a acolher moradores de classe média.

A partir dos anos de 1990, surgem movimentos espontâneos de revitalização cultural. A decadência do bairro Bom Fim, que foi espaço de lazer noturno de Porto Alegre, na década de 1980, atraiu investimentos para a Cidade Baixa (JARDIM, 1991: 60).

O bairro Cidade Baixa, ao longo do tempo, foi permeado por diversos públicos, os quais se apropriavam deste espaço, também, como território boêmio. Nas palavras de Cornélia Eckert (2005: 5):

O bairro Cidade Baixa, evitado no início do século pela sua identificação com comunidades de descendência africana, mais tarde transferidas para a periferia, passou a abrigar edifícios residenciais para segmentos médios e uma importante vida noturna (bares e restaurantes).

No início da década de 1990, “surgem movimentos espontâneos de revitalização cultural no bairro” (FIGUEIREDO, 2008). Dados os diferenciais entre esse bairro e os demais da cidade de Porto Alegre, diversos estudos na área de Ciências Sociais elegeram o bairro Cidade Baixa para analisar seus diversos grupos sociais, bem como suas respectivas formas de ocupação do território.

Nesta direção, Silva (2013) mostra o bairro Cidade Baixa a partir de abordagem etnográfica, na qual evidencia formas da dinâmica do lugar, e como seus diversos atores exercem suas práticas no cotidiano, de modo a assinalarem contextos voltados aos sentidos de identidade e pertença que têm com bairro e à sociabilidade. Silva (2013) exhibe cenários urbanos e grupo de usuários apresentando o bairro como locus vivenciado a partir de um prisma que o diferencia no conjunto de sua urbe: a diversidade cultural. Podendo-se inferir, a partir disso, que o bairro Cidade Baixa é permeado por intensa diversidade de usos e usuários.

Vedana (2004) aponta em sua pesquisa etnográfica, voltada para as práticas cotidianas e formas de sociabilidade e performance de “fregueses e feirantes”, a existência de uma feira livre localizada no Largo Zumbi dos Palmares no bairro Cidade Baixa. Sapiezinskas (2004) ocupou-se de avaliar etnograficamente a percepção de moradores de 15 casas “em fita” situadas na Travessa dos Venezianos, tombadas pelo patrimônio histórico, em relação as políticas públicas de tombamento e preservação de bens imóveis históricos, bem como o impacto gerado em suas vidas cotidianas. Por sua vez, Marques (2006), elege outro grupo de moradores do bairro em sua etnografia, qual seja: os que se reconhecem enquanto remanescentes (quilombo) do Areal da Baronesa e vivem na Avenida Luiz Guaranha (que corresponde atualmente ao bairro Menino Deus).

Cogo (1999) e Figueiredo (2008) elegem como objeto de pesquisa o Centro Comercial Nova Olaria, espaço que congrega uma gama de diferentes tipos de frequentadores. Enquanto Cogo (1999) faz abordagem sociológica sobre a oferta e o consumo de lazer junto aos “grupos sociais mais favorecidos” que frequentam este espaço comercial; Figueiredo (2008) avalia etnograficamente a construção de

representações sociais, identificando os “bons frequentadores”, os “maus frequentadores” e os “frequentadores invisíveis, quais sejam: os grupos *cult* e homossexual (clientes, intelectuais, sofisticados, seguidores das normas de conduta); o jovem *gay* (não-clientes, estigmatizados, pobres, não seguem normas de conduta); e idosos (com visibilidade social imperceptível).

2.2.2 A constituição de um bairro boêmio

Germano (1999) e Frydberg (2007) tecem considerações sobre o universo boêmio antigo no bairro Cidade Baixa. Naqueles trabalhos, pode-se observar que o bairro inicia seu referencial boêmio bem antes das transformações urbanas realizadas no local. Germano (1999), ao abordar historicamente alguns aspectos da construção da identidade negra em Porto Alegre, pelo carnaval de rua nas décadas de 30 e 40, aponta a Cidade Baixa (Areal da Baronesa e Ilhota) como um dos principais lugares onde o carnaval consolidava a identidade negra, bem como espaço boêmio e de sociabilidades negras. Já Frydberg (2007) buscou capturar os significados das narrativas do cantor e compositor Lupicínio Rodrigues, nas quais foi possível descortinar os lugares que frequentou, sobretudo a Ilhota, onde nasceu e mantinha, com outros músicos da época, uma vida boêmia.

Fonseca (2006) retratada a ocupação do Cidade Baixa por estabelecimentos de entretenimento e lazer noturno em três períodos:

O primeiro estende-se da década de 40 ao final da década de 80, e corresponde aos primeiros bares. O segundo agrega a esses bares já existentes aqueles que surgiram na década de 90, enquanto o terceiro e último período acrescenta aos bares já existentes, aqueles que surgiram no ano 2000 até 2005. (FONSECA, 2006: 110).

Fonseca (2006) apresenta a evolução das atividades voltadas para a vida noturna no bairro, sendo que, entre às décadas de 40 e 80, foram pouco expressivas. Já a partir da década de 90 até os anos 2000, a quantidade se mostra superior, adquirindo maior fôlego entre os anos 2000 e 2005. Hoje contamos com 202 estabelecimentos voltados para o público boêmio, os quais fazem alusão à boemia do passado, porém possuem vertente mais comercial, a boêmia desempenhando papel de qualificador do bairro para fins de consumo na área de gastronomia e entretenimento noturno.

Segundo Figueiredo (2008), a tradição boêmia do bairro Cidade Baixa vem desde as primeiras décadas do século XX. O imaginário boêmio até a década de 1940, em Porto Alegre, desvela-se a partir da vida noturna existente na Ilhota. “A Ilhota era um bairro boêmio com muitos bares, muitos

músicos e seresteiros (FRIDBERG, 2007: 19). Neste cenário, surge o expoente da boemia local, Lupicínio Rodrigues:

A música fazia parte de sua vida (de Lupicínio) de forma quase que inata, uma vez que, sem esforço, o pequeno Lupi utilizava este código para se comunicar. (...) Esta facilidade de comunicação através da música fez com que Lupi se aproximasse dos boêmios e da boemia da região onde morava. Esta aptidão que o jovem Lupi apresentava para música foi logo identificada pelos músicos e boêmios da Ilhota, que fizeram dele cantor do grupo musical do bairro. A inclinação musical de Lupicínio Rodrigues se deu na noite entre notívagos e músicos de bares. (FRIDBERG, 2007: 19-20).

O trecho acima, ao mostrar como se deu o início da carreira de Lupicínio Rodrigues, demonstra também a existência de vida noturna pulsante na Cidade Baixa de antigamente. O Areal da Baronesa e Ilhota (atual Cidade Baixa) eram compreendidas como espaço boêmio e carnavalesco, bem como portadoras das sociabilidades da população negra (Germano, 1999). Entretanto, a vida noturna, boêmia era ambientada em contexto bastante distinto da existente atualmente, como é possível depreender a seguir:

Entramos, portanto, no passado do Areal e da Ilhota: suas ruas, seus casebres e cortiços, seus botecos, suas casas de batuque, suas rodas de samba, seus carnavais, seus blocos e cordões são inseparáveis do Riacho, também denominado Riachinho, que definia naquela época grande parte da fisionomia dos territórios. Os matagais, as árvores nativas e frutíferas, os arbustos, o aspecto praiano, a areia, a terra molhada, o coaxar dos sapos, as moscas, o barro nos dias de chuva, a poeira nos dias secos, o som das águas correndo até desembocarem no Guaíba, as pequenas embarcações, as pontes precariamente construídas que ligavam o Areal e a Ilhota ao resto da cidade eram vivências e cotidianamente experienciadas por seus moradores.

(...) Tanto o Areal da Baronesa quanto a Ilhota foram circundadas pelo Riachinho, que marcou significativamente o cotidiano desses espaços, tanto por suas frequentes inundações quanto pelas experiências vividas cotidianamente pela população que os habitou. O Riacho criou fronteiras físicas no interior da cidade, mas também simbólicas, associando os moradores de suas cercanias a uma população pobre, negra e marginalizada. Essa população compunha-se, em sua maioria, por biscateiros, empregadas domésticas, lavadeiras, cozinheiras, prostitutas, desempregados, operários, portuários, pequenos funcionários públicos, praças e graduados da Brigada Militar (GERMANO, 1999: 167-168).

Mesmo com o hiato temporal existente entre o surgimento de seu mito boêmio (até a década de 1940) e seu resgate (década de 1990), a história do bairro boêmio permaneceu ativa no imaginário do porto-alegrense. O ambiente boêmio da primeira metade do século XX, embalados pelo cotidiano de Lupicínio Rodrigues e tantos outros músicos da Ilhota é interrompido, cedendo lugar para o ambiente predominantemente residencial. Essa primeira fase boêmia deu-se predominantemente na Ilhota e mediações (Areal da Baronesa) e imersa em relações contraditórias, uma vez que era local boêmio e também às margens da cidade formal. Sobre a Ilhota, Souza (2008a: 41) diz:

A sua relação com a cidade formal era bastante contraditória. Por um lado, a Ilhota era identificada como um local tradicional de cultura popular através do samba e do carnaval (berço do compositor Lupicínio Rodrigues, por exemplo); por outro, era associada à marginalidade e ao crime. De qualquer forma, a Ilhota estava fora de lugar para a maioria de seus contemporâneos porto-alegrenses.

Após algumas décadas, por volta de 1990, o bairro volta a ser cenário da vida noturna em Porto Alegre. O bairro adquire maior superlatividade com a decadência da vida noturna existente no bairro Bom Fim, pois passa a receber também o público vindo de lá. O potencial histórico, bem como sua boa localização, fez do bairro área fértil para os empreendimentos voltados para o setor de gastronomia, lazer e entretenimento, especialmente o noturno. A reinauguração da vida noturna na Cidade Baixa se dá a partir da revitalização do bairro na década de 1990, atraindo diversos investimentos. O Cine Guion e o bar Opinião, segundo Mendonça (2004), foram os seus macro-atratores:

Tendo a presença do Guion (cinemas e bares) e do Opinião (casa de shows) como macro-atratores, ocorreu uma proliferação de bares alternativos e junto com estes de “pessoas alternativas”, que abandonaram um pouco a política para assistir a filmes cult, beber e filosofar”. (MENDONÇA, 2004, *apud* FONSECA, 2006: 62).

Jardim (1991) e Fonseca (2006), delimitam seus estudos ao universo boêmio recente do bairro Cidade Baixa. Jardim (1991) elabora uma etnografia que estuda o público masculino de classes populares a partir de sua ocupação junto aos bares do bairro. Segundo Jardim (1991: 2), “em um bairro ocupado por diferentes grupos sociais, esses homens se encontram auto-segregados”. Por sua vez, Fonseca (2006), em abordagem sociológica, procurou investigar as causas que provocavam a migração de frequentadores da vida noturna no bairro Moinhos de Vento para a Cidade Baixa, concluindo que a principal razão dessas migrações era a diversidade existente no bairro Cidade Baixa.

A Cidade Baixa, com forte concentração de bares e casa noturnas, caracteriza-se, atualmente, por ser uma das principais opções de entretenimento e lazer noturno para diversos grupos de

usuários na cidade de Porto Alegre – RS. Verifica-se a crescente articulação de símbolos e práticas culturais por intermédio de atividades comerciais voltadas para a vida noturna do bairro. Presente no imaginário das pessoas como bairro boêmio (JARDIM, 1999; GERMANO, 1999; MARQUES, 2006; FONSECA, 2006; FRIDBERG, 2007), o bairro congrega grande fluxo de público, qual seja: moradores, habitués e turistas. Nas palavras de Fonseca (2006: 15) podemos ilustrar algumas especificidades do bairro: “(...) uma área boêmia antiga, a Cidade Baixa, com importante presença no panorama cultural da cidade, frequentado por uma gama bastante diversa de ‘tipos culturais’, como estudantes universitários, artistas, intelectuais, profissionais liberais, etc.”

2.2.3 A Cidade Baixa atual

Considerado o prolongamento imediato do centro de Porto Alegre (BARCELLOS, 2004), compreendendo uma área total de 0,93 km², o bairro Cidade Baixa, segundo Claro (1997), está localizado na porção central do município de Porto Alegre. Os limites do bairro, definidos de acordo com a Lei 2022 de 7 de dezembro de 1959, e alterados pela Lei 4685 de 21 de dezembro de 1979 são os seguintes: Av. Praia de Belas até a Rua Barão do Gravataí; desta até seu encontro com a Av. Getúlio Vargas; por esta via, sentido sul-norte, até a Av. Venâncio Aires; desta até a Av. João Pessoa e por esta até a Av. Perimetral, até encontrar a convergência da Av. Borges de Medeiros com Av. Praia de Belas. Cabe ainda salientar que o bairro em tela faz divisa com seis bairros da Região Centro, são eles: Centro Histórico, Farroupilha, Santana, Azenha, Menino Deus e Praia de Belas.



Figura 3 – Bairros do Orçamento Participativo da Região Centro

OBSERVAPOA, em 19/08/2014.

Efetuada a caracterização geográfica do bairro e alicerçando-se nos dados oriundos do Censo Demográfico realizado pelo IBGE no ano de 2010, é possível observar que a Cidade Baixa concentra 1,31% da população residente no município de Porto Alegre, o que, em números absolutos, fica em torno de 18.450 habitantes, dos quais 7.934 são homens e 10.516 são mulheres.

O bairro Cidade Baixa é caracterizado por um encadeamento intrincado de usos e usuários. Ele é importante na formação da cidade de Porto Alegre, marcado pelos conflitos entre grupos de usuários (moradores e comerciantes) e por cíclicas polêmicas referentes aos horários de fechamento dos bares noturnos. Este contexto se aproxima da geração de tensões e conflitos abordada por Castells (2003), a qual seria motivada pela inter-relação entre indivíduos com diferentes identidades e atributos culturais.

A Cidade Baixa é espaço bastante conhecido por seus frequentadores, inclusive percebido como um bairro de lazer noturno (RECKZIEGEL, 2009). Segundo Fonseca (2006), a Cidade Baixa é um bairro antigo que ainda vem mantendo muitas de suas características iniciais. O bairro abriga e conserva, disseminados em importantes partes de sua extensão, exemplares significativos da sua formação (marcos históricos), tais como: Ponte de Pedra⁵ (Ponte dos Açores), a antiga mansão pertencente à Baronesa do Gravataí (Instituto Pão dos Pobres⁶), o também antigo Solar Lopo Gonçalves⁷ (Museu Joaquim Felizardo), Largo Zumbi dos Palmares⁸ (antigo Largo da EPATUR), o Núcleo Habitacional “Lupicínio Rodrigues”⁹ e a Travessa dos Venezianos¹⁰.

Na circunscrição deste bairro, existem oito Áreas de Interesse Cultural (AICs), de acordo com o Plano Diretor de Porto Alegre (PORTO ALEGRE, 2002), bem como diversos imóveis inclusos no Inventário do Patrimônio Cultural de Bens Imóveis do Bairro Cidade Baixa (parecer do COMPAHC 46/11 de 19/12/2011) que estão distribuídos ao longo de 25 logradouros¹¹. A evidência nos permite identificar

⁵ A Ponte de Pedra, também chamada de “Ponte dos Açores”, é um monumento histórico da cidade de Porto Alegre/RS.

⁶ O Instituto Pão dos Pobres é uma fundação benemerente dos irmãos lasallistas, instalada num prédio histórico do bairro Cidade Baixa na cidade de Porto Alegre/RS.

⁷ O Solar Lopo Gonçalves, construído entre 1845 e 1855, na antiga rua da Margem (atual rua João Alfredo), com arquitetura de influência luso-brasileira, é sede do Museu Joaquim José Felizardo, Museu Histórico da cidade de Porto Alegre.

⁸ O antigo Largo da EPATUR, recebeu o nome atual em alusão ao líder negro, conhecido pela sua destreza e astúcia na luta contra a escravidão, oficialmente em 2003. O local caracteriza-se por ser palco de manifestações culturais multiétnicas, com ênfase para as comunidades afros-descendentes e indígenas, além de organizações não-governamentais (ONGS).

⁹ Conjunto de casas populares construídas no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre/RS.

¹⁰ A Travessa dos Venezianos é uma ruela da cidade de Porto Alegre, entre as ruas Lopo Gonçalves e Joaquim Nabuco, onde existe uma série de dezessete casas populares, as quais datam do início do século XX, tombadas pelo município.

¹¹ Rua Alberto Torres, Travessa do Carmo, Travessa Comendador Batistas, Praça Cônego Marcelino, Rua Décio Martins Costa, Praça Garibaldi, João Alfredo, Avenida João Pessoa, Rua Joaquim Nabuco, Rua José do Patrocínio, Rua Leão XIII, Rua General Lima e Silva, Rua Lobo da Costa, Rua Lopo Gonçalves, Avenida Loreiro da Silva, Rua Luiz Afonso, Rua

esforços para a preservação histórica que possivelmente afetam a interação entre o bairro e seus usuários.

Outro aspecto relevante em relação à Cidade Baixa diz respeito a sua paisagem local, amplamente heterogênea em suas edificações e construções. Nas palavras de Kohler (1997: 344-345):

(...) antigas residências convivem com os prédios altos. Há predominância de construções no alinhamento, bem como grades de segurança nos jardins, entradas dos prédios e janelas, definindo claramente os domínios públicos e o privado. Os diferentes estilos construtivos utilizados desde o início do século estão representados no bairro, embora existam zonas de concentração de uma determinada tipologia. Em alguns pontos, mesmo a substituição das construções antigas, em terrenos de testada estreita, manteve uma das características do bairro: as casas de porta e janela.

A Cidade Baixa consegue congrega determinadas características simultaneamente dentro de seu espaço: a) é uma área destinada ao lazer noturno; b) é região antiga e de relevância histórica na formação de Porto Alegre; c) é lugar onde se verifica a coexistência de diversos usos e usuários; d) apresentam cíclicos processos de tensão ente usos e usuários e) é bairro que faz parte da região central da cidade.

Miguel Teixeira, Rua Olavo Bilac, Rua Otávio Correa, Travessa Pesqueiro, Avenida Praia de Belas, Rua da República, Rua Sarmiento Leite, Rua Sofia Veloso, Avenida Venâncio Aires, Travessa dos Venezianos. Todos os imóveis citados acima têm como classificação: Estruturação. Conforme artigo 10º da LC 601/2008 “as edificações inventariadas de Estruturação não podem ser destruídas, mutiladas ou demolidas, sendo dever do proprietário sua preservação e conservação.”



Figura 5 – Marcos e logradouros do bairro Cidade Baixa.



Figura 6 – Detalhes de marcos e logradouros do bairro Cidade Baixa.

Referências de fontes relativas às fotos da página anterior (Figuras 4 e 5):

1. Ponte de Pedra: <://www.abelezadetodasacoisas.com.br/2008/09/beleza-das-pontes-parte-iii.html>.
2. Largo Zumbi dos Palmares: <://portoimagem.wordpress.com/2012/08/13/38586/largo-zumbi-dos-palmares/>.
3. Pão dos Pobres: <://www.playgroundrs.com.br/voluntariado/fundacao-pao-dos-pobres.html>.
4. Bares da João Alfredo: <://www.portoalegreecohostel.com.br/porto_alegre.php>.
5. Teatro Túlio Piva: <://www.portoalegre.travel/site/conteudodetalhes.php?idConteudo=5178>.
6. Museu Joaquim Felizardo: <://antigualha.blogspot.com.br/2012/06/solar-lopo-goncalves.html>.
7. Entreato Pub: <://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/10/bares-da-cidade-baixa-em-porto-alegre-nao-devem-ter-horario-estendido-no-verao-4289015.html>.
8. Zaffari Lima e Silva: <://rrponline.com.br/site/cidade-baixa-zaffari-e-os-desafios-com-o-publico/>.
9. FADERGS: <://www.fadergs.edu.br/fadergs/processo-seletivo/simuladao-enem/conteudo/como-chegar-957.html>.
10. Nova Olaria: <://www.moomaa.arq.br/nova_olaria.htm>.
11. Studio Clio: <://leandroselister.com.br/loja/fotografias/igreja-sangue-derramado-sao-petersburgo/>.
12. Bar Opinião: <://pt.wikipedia.org/wiki/Opini%C3%A3o_(bar)>.
13. Travessa dos Venezianos: <s://www.flickr.com/photos/luizfilipevarella/sets/72157628013115567/>.
14. Igreja Sagrada Família: <://www.panoramio.com/photo/46145949>.
15. Núcleo Habitacional “Lupicínio Rodrigues” : <http://www://mosaicodobrasil.tripod.com/id165.html>.
16. Praça Garibaldi: <://wp.clicrbs.com.br/sosmonumento/2012/01/07/voce-sabia/?topo=13,1,1,,13>.
17. Hospital Porto Alegre: <://redepampa.com.br/novo/jornalosalmostra.php?id=26913>.
18. UFRGS: <://vestibular.mundoEducação.com/universidades/universidade-federal-rio-grande-sulufrgs.htm>.

3 AMBIENTE-COMPORTAMENTO E PERCEPÇÃO DE VALOR

Este capítulo aborda estudos sobre percepção na área ambiente-comportamento, utilizando-se de fundamentação teórica da área. Para tanto, inicia-se pelo conceito de percepção, segundo as contribuições de Kevin Lynch (2010) e Amos Rapoport (1978). Após, trata-se sobre os estudos de percepção de valor sobre o ambiente construído com o conceito de percepção de valor para o usuário, valendo-se especialmente dos constructos da área de *marketing*. Nesse intuito, versa-se também sobre seus conceitos relacionados: cadeias meios-fim, hierarquia de valor para o cliente e valores pessoais.

3.1 ESTUDOS NA ÁREA AMBIENTE-COMPORTAMENTO

A área de estudos ambiente-comportamento possui caráter multidisciplinar, a qual mantém interfaces com diferentes ciências, ora representada pela Arquitetura e Geografia; ora pela Antropologia, Sociologia, Ciência Políticas, bem como Psicologia e Psiquiatria. Segundo Reis (2006), essa área tem por objetivo pesquisar as relações existentes entre as características físicas e espaciais do ambiente construído e o comportamento dos usuários. Neste sentido, Reis e Lay (2006) esclarecem que, para tanto, essa área de estudos adota a abordagem perceptiva e cognitiva, bem como, utiliza-se dos métodos oriundos das Ciências Sociais para analisar e avaliar a qualidade destes ambientes.

O conceito de percepção vem sendo centrado em duas abordagens principais. A primeira concebe seu conceito associando a relação entre o espaço e o usuário, unicamente, por intermédio do sistema sensorial (REIS; LAY, 2006). A segunda, inversamente, compreende o conceito de percepção como integralidade do processo interativo entre o usuário e o ambiente construído, incorporando estágios vinculados aos estímulos sensoriais humanos. A percepção é processo de compreensão de estímulos que varia de acordo com o indivíduo. Tais estímulos são percebidos, processados, interpretados e julgados alternando a mente do observador e provocando sensações (REIS, 2006). Tratando-se, pois, de um objeto subjetivo. A última forma de abordagem infere que aquilo que é percebido pelo indivíduo, suas experiências antecedentes, seus valores e motivações exercem influência em seu comportamento e atitudes junto ao ambiente físico (LANG, 1987).

A definição de percepção é compreendida como experiência unicamente sensorial, ou ainda, como uma experiência cunhada pelo acúmulo de informações e valores que o indivíduo tem sobre ambiente. Na última concepção, a percepção está associada à relação entre o espaço e o usuário, através do sistema sensorial e dos demais fatores vinculados tais como memória, personalidade, cultura e

tipo de transmissão. Portanto, de acordo com a segunda abordagem interpretativa, a percepção pode ser compreendida como a visão holística do processo de interação entre usuário e espaço, confundindo-se com o conceito de cognição (LANG, 1987; REIS e LAY, 2006).

Por seu turno, o processo de cognição ambiental está relacionado ao “aprendizado e à memória, através do armazenamento, organização, reconstrução e chamamento de imagens dos atributos ambientais que não estão disponíveis no ambiente físico em um primeiro momento” (REIS e LAY, 2006: 23). É complementar à percepção, quando esta é tratada como exclusivamente sensorial. É pela cognição que as sensações adquirem valores e significados, envolvendo o reconhecimento, a memória e o pensamento, e gerando expectativas sobre o ambiente, que se traduzem em atitudes e comportamentos dos usuários (LANG, 1987; REIS e LAY, 2006).

Considerando que esta investigação está associada aos estudos na área de percepção de valor por grupos de usuários, a segunda abordagem teórica sobre percepção foi adotada, pois é compreendida como totalidade do processo de interação do usuário com seu ambiente, entendendo-se que os valores e significados são alcançados devido ao processo cognitivo. Ainda, utilizou-se a denominação de percepção ambiental acolhida pelos autores Kevin Lynch (2010) e Amos Rapoport (1978).

3.1.1 Contribuições de Kevin Lynch para a percepção ambiental

A importante contribuição de Kevin Lynch se deu a partir de pesquisas empíricas sobre como os indivíduos observam, percebem e transitam na paisagem urbana. Lynch (2010) estudou o modo pelo qual as pessoas percebem e organizam informações aleatórias quando trafegam pelo espaço urbano. Usando três cidades como exemplo (Boston, Jersey e Los Angeles), Lynch observou que as pessoas geralmente entendem a cidade a seu redor de maneira consistente e previsível, formando mapas mentais com cinco elementos principais: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos, os quais correspondem às características concretas encontradas no território. Assim, os cinco elementos de Lynch (2010) representam uma síntese de atributos concretos que podem ser observados no território.

Na esfera da percepção ambiental, Lynch (2010) é referência relevante nas pesquisas ambiente-comportamento. Para ele, a imagem é formada pelo conjunto de sensações experimentadas ao observar e viver em determinado ambiente e, desta forma, as imagens do meio ambiente resultam da relação entre o observador e seu meio. Porém, o sentido atribuído ao que se percebe pode variar entre os diversos observadores e essas diferenças dependem de suas características individuais e dos conhecimentos, aprendizagens e preferências que são de natureza social e cultural.

Em suma, Lynch entende que a imagem é produto de sensações imediatas e da memória de experiências anteriores, sua utilização fornece importante auxílio na interpretação de informações e na orientação de ações. Assim, propõe-se analisar a estrutura dessa imagem e dirige seu esforço de síntese para identificar os elementos que constituem a estrutura da imagem da cidade¹². Por outro lado, Lynch aponta a necessidade de pesquisas futuras que deem conta do teor simbólico (características simbólicas) das representações do espaço, segundo ele: “Um mundo físico aparentemente desordenado pode organizar-se mediante a invenção de um diagrama simbólico que explique as relações das características principais de uma maneira que estimule o desenvolvimento da imagem” (LYNCH, 2010: 107-108).

Da mesma forma, Rapoport (1978) aponta importantes contribuições para a compreensão das características abstratas ao voltar-se para estudos de natureza simbólico-cultural.

3.1.2 Contribuições de Amos Rapoport para a percepção ambiental

Amos Rapoport é um dos fundadores do campo de estudos de ambiente-comportamento, seu trabalho concentrou-se principalmente sobre o papel de variáveis culturais, volta-se às características abstratas existentes no território. Rapoport inclui a influência da cognição e dos aspectos da forma urbana ao processo de percepção ambiental, abarcando três áreas: a) cognitiva, perceber, conhecer, pensar; b) afetiva; sensações, sentimentos, emoções; c) conotativa: inclui a ação sobre o meio ambiente como resposta às duas áreas anteriores (RAPOPORT, 1978: 42).

Rapoport (1978) estabelece relação entre estrutura social e hierarquia simbólica do espaço. Na inclusão da dimensão psicoambiental e social na visão da cultura, Rapoport analisa e verifica que, por meio de percepções e relações culturais, enclaves homogêneos podem ser observados em várias cidades refletindo culturas diferenciadas. Pois, para esse autor:

“A imagem que as pessoas têm de si mesmas, sua auto-imagem, baseia-se em um sentido de própria competência e influi na imagem que têm de seu meio ambiente, de sua interação com ele e de sua avaliação. Tudo isso se refere à implicação no meio, ao papel das imagens na interação homem-meio, às atividades e à conduta, e à função simbólica de meio físico ao estabelecer a identidade de grupo e a percepção e cognição ambientais do meio urbano.” (RAPOPORT, 1978: 326).

¹² Para Lynch (2010), encontram-se cinco elementos constitutivos da imagem da cidade – as vias, os nós, os elementos marcantes, os bairros e os limites.

Entendendo o espaço como construção social, consideramos que o conjunto de significados associados ao espaço simbólico urbano é oriundo da interação entre os grupos ou comunidades que se encontram envolvidos e o próprio espaço; no entanto, ele é produto sempre inacabado, na medida em que estes significados evoluem enquanto vai evoluindo o grupo associado à categoria urbana que o espaço simbólico representa. A dimensão social e a dimensão temporal têm, neste sentido, papel fundamental na determinação do valor simbólico associado a determinado lugar. No primeiro caso, a composição, a estrutura e as dinâmicas sociais implícitas do grupo podem determinar a atribuição de significados sociais ao espaço (Rapoport, 1978). A interação entre os grupos pode ser melhor compreendida pelos valores pessoais.

3.1.3 Identificação de características em escala de bairro passíveis de avaliação a partir da área ambiente-comportamento

A percepção das características e atributos contidos no território em escala de bairro pelos diferentes grupos de usuários que dele se apropriem e utilizem pode revelar seu grau de satisfação. Ainda, esta percepção pode guiar sobre a maneira que o ambiente construído consegue acolher às necessidades dos usuários (LANG, 1987).

3.1.3.1 Acessibilidade

A apropriação e uso dos bairros acontecem na medida em que a acessibilidade se faz possível para os usuários. Segundo Lynch (2010) a equidade de acesso a diferentes componentes e atividades do espaço público é importante indicador de apropriação e uso. A acessibilidade é diretamente proporcional à diversidade de usos e usuários (JACOBS, 2011). Logo, a acessibilidade exerce influência no modo pelo qual o território é apropriado e usado. A melhora da acessibilidade do bairro implica na supressão de barreiras físicas e simbólicas que possam inviabilizar o acesso de diferentes grupos de usuários.

Os atributos que constituem a acessibilidade podem auxiliar ou enterrar o uso e a apropriação de determinado bairro, influenciando a maneira pela qual os ambientes são percebidos e interpretados pelos usuários. Por essa razão, é oportuno delimitar que a acessibilidade pode ser classificada como física, visual e simbólica e, dessa forma, é abordada nesta pesquisa.

A acessibilidade física ao bairro é o elemento que assinala a maneira como ele pode ser utilizado, visto que é por intermédio do contato prévio que se pensa na forma de apropriação daquela

parcela do território. Para ser acessível fisicamente, o espaço não deve apenas estar livre de barreiras físicas, mas suas entradas devem estar bem conectadas, interligadas com padrões de circulação existentes (WHYTE, 1988: 57). Ainda em relação à acessibilidade física, segundo Whyte, a localização é elemento essencial para um atrativo de qualquer natureza que faça parte da malha urbana. Por sua vez, Lang (1994) entende que os usuários tendem a procurar lugares com boa localização, segurança, bem como dotados de patamares adequados de interesses e de privacidade. Via de regra, a acessibilidade física comporta elementos como sinalização, vias de acesso, disponibilização de transporte e *layout* adequado ao uso público do espaço projetado (CARR *et al.*, 2007).

A acessibilidade visual está ligada à possibilidade de visualização de determinados espaços por parte dos usuários. A frequência de uso tende a ser maior nos espaços onde a visibilidade seja superior (bairro Cidade Baixa é plano, enxergam-se as quadras). Entretanto, a acessibilidade visual se relaciona ao problema de segurança, podendo promover situações de insegurança aos usuários, podendo acarretar o desuso do espaço público. O sentimento de segurança que os usuários têm com o espaço interfere, portanto, na tomada de decisão para uso do espaço como todo (CARR *et al.*, 2007). A importância da visibilidade está em fazer que as pessoas se sintam livres para ingressar em determinado espaço, implicando em que os potenciais grupos de usuários consigam ver de fora, com facilidade, para que percebam que é um espaço público onde podem entrar em segurança. Porém, a visibilidade muito grande também pode ser elemento negativo quando esta não atende às necessidades de privacidade de alguns usuários.

Em relação à acessibilidade simbólica, sabe-se que ela está ligada à noção de pertencimento ao espaço, aludindo à representação que os espaços adquiram a partir de intervenções relacionadas às possibilidades de acesso e uso. A acessibilidade simbólica é verificada na medida em que sejam identificados sinais, marcos ou representações espaciais que indiquem se determinado indivíduo ou grupo de pessoas seja bem-vindo ao espaço. O acesso simbólico envolve a presença de sinais que podem ser compostos por pessoas ou elementos de desenho, dando indicações ou sugestões de quem é desejado ou indesejado no espaço público. Em suma, os três tipos de acessibilidade espacial – física, visual e simbólica – interagem entre si, fortalecendo a imagem do espaço, indicando de maneira clara quem pode entrar no espaço, bem como quais as atividades estão disponíveis a seus usuários e, ainda, quem desenvolve seu controle de uso (CARR *et al.*, 2007).

3.1.3.2 Aparência

O espaço, considerando também o território em escala de bairro, é compreendido em dois aspectos: formal e simbólico. Segundo Kaplan (1983), o primeiro remete-se à esfera estrutural da paisagem urbana e o segundo associa-se a suas instâncias de familiaridade e historicidade, ambos exercendo influência nos juízos estéticos dos usuários. Nesta pesquisa, são consideradas essas abordagens para fins de apreciação da aparência.

3.1.3.2.1 Aspecto formal

A aparência agrega-se ao processo de elaboração da imagem do lugar, bem como sinaliza a existência de elementos na paisagem que a tornam detentora de atenção inevitável (LYNCH, 2010). Componentes como tamanho das ruas, vegetação e continuidade das edificações compõem a aparência dos espaços (KAPLAN *et al.*, 1998).

Quando adequados, os elementos iluminação, manutenção e imagem do lugar, bem como do aspecto de segurança do entorno são fundamentais para a avaliação dos usuários, colaborando para a elaboração da aparência considerada positiva (KAPLAN *et al.*, 1998). Ambientes públicos abertos que melhor equilibram estes fatores, tendo maior agradabilidade, inclinam-se a atrair mais usuários e por período maior (LYNCH, 2010).

Segundo Lay, o grau de imageabilidade do lugar¹³, bem como a atratividade da paisagem, afetam o modo de perceber o lugar no âmbito da aparência. Nesse sentido, a manutenção do espaço é fator importante para a sua avaliação. Bairros bem cuidados, por exemplo, tendem a produzir usuários mais satisfeitos, sendo considerados mais belos e seguros por estarem mais conservados e limpos e, conseqüentemente, promovendo o orgulho de pertencer ao bairro e indicar menores índices de vandalismo. Assim, a boa manutenção do espaço público contribui para que determinado lugar esteja cercado de prestígio e apropriação (LANG, 1994; LAY, 1992).

Para que o bairro tenha aparência considerada positiva, tanto sua boa manutenção quanto sua adequação na forma de dispor os elementos no território são responsáveis por destacá-lo positivamente. Segundo Carr, esse tipo de procura por melhoramentos do espaço público é uma das mais importantes metas a serem alcançadas conjuntamente na área de planejamento urbano, pois uma das conseqüências disso é a avaliação positiva dos respectivos usuários em relação à gestão urbana (CARR

¹³ Medido pelo grau de espacialidade e pelo grau de clareza da estrutura de um ambiente.

et al., 2007). Assim, é pertinente a apreciação da estrutura formal existente na circunscrição do bairro Cidade Baixa, pois, proporcionalmente e extensivamente, pode-se avaliar o tipo de gestão no bairro como positiva ou negativa.

3.1.3.2.2 *Aspecto simbólico*

O aspecto simbólico é tão relevante quanto o aspecto formal, pois enquanto um aborda a esfera estrutural, o outro abarca os processos cognitivos que as pessoas tecem em relação aos espaços que utilizam ou observam. Os usuários, para Lynch, igualmente criam ligações com as formas urbanas alicerçadas em situações vividas anteriormente, abrangido pela esfera da memória, a qual pode ser individual ou coletiva (HALBWACHS, 1990). A intensidade de uso, bem como a decisão de se apropriar, sofre influência dos elos simbólicos existentes entre os usuários e os espaços (LYNCH, 2010).

Conforme a literatura a percepção dos espaços a partir da cognição acontece por distintas razões, por exemplo: vivências pessoais de sociabilidade acontecidas no espaço, circunstâncias experimentadas durante vida familiar do indivíduo, associações históricas. Segundo Lang (1994), oferecer um ambiente público que contenha um conjunto de elementos físicos que consiga atender diversos usuários passa pela dificuldade de conseguir generalizar a aceitabilidade de todos eles (LANG, 1974). Quando o ambiente consegue atender as demandas de diversos grupos de usuários, verifica-se, por extensão, sua qualidade estética (LYNCH, 2010).

Neste âmbito, avaliar a legibilidade dos ambientes sob a perspectiva dos usuários é importante. Determinado espaço precisa conter determinado elemento que seja memorável, que tenha o potencial de facilitar a orientação espacial e, assim, elevar a legibilidade (KAPLAN *et al.*, 1998). Nas palavras de Lynch (2010), esses elementos são chamados de marcos, os quais são um dos mais importantes pontos de referências espacial. É possível entender que a legibilidade pelos marcos se faz presente quando torna o ambiente mais compreensível. Em síntese, a cidade legível para Lynch (2010) seria a urbe cujos bairros, ou monumentos, ou vias de circulação, são facilmente identificados e bem integrados em esquema global de organização e configuração.

3.1.3.3 *Conforto ambiental*

O conforto ambiental em âmbito físico e psicológico adequados é necessidade das pessoas nos espaços onde estão inseridas (e.g. CARR *et al.*, 2007). Essa adequação consiste, segundo Lynch (2010), no grau de adaptação que os espaços ou elementos têm em relação às demandas dos usuários. Ainda, Lynch (2010) sublinha a importância de se considerar os aspectos culturais concomitantemente à

análise da condição de conforto ambiental do espaço sob a perspectiva dos seus usuários, uma vez que avaliações desta natureza dependem tanto de fatores físicos quanto simbólicos. Mesmo apresentando graus de subjetividade distintos para cada usuário, o conforto ambiental está vinculado a componentes básicos que são levados em consideração quando da apropriação do espaço: mobiliário, ambientação e dimensões adequadas aos usos do espaço, conforto térmico, limpeza e segurança. Tais elementos precisam estar dispostos de maneira que faça com que os usuários sintam-se confortáveis em todo o espaço à disposição (JACOBS, 2011).

No ambiente urbano e, da mesma forma, no bairro, o conforto ambiental está associado à infraestrutura, que precisa favorecer as práticas dos usuários. A existência de áreas verdes (arborização), de limpeza urbana, de locais para atividades diversas e de áreas de comércio e serviços são consideradas nessa pesquisa.

3.1.3.4 Segurança

Os bairros urbanos que apresentam pouca apropriação e uso em suas calçadas tendem à insegurança. A falta de segurança exerce influência direta na percepção de usuários. A calçada que funciona é obstáculo ao crime, porém, se as ruas não são seguras, serão evitadas. As pessoas prudentes e tolerantes, então, demonstram bom senso de evitar ruas onde possam ser assaltadas (JACOBS, 2011: 30-31). A insegurança está relacionada à percepção da desordem física e social do ambiente, estando cada vez mais ligada a elementos de orientação de trânsito e criminalidade.

Por isso, bairros que tenham sua localização geográfica associada à má orientação do tráfego de automóveis ou a condições precárias de segurança quanto à ocorrência de crimes tendem a ter pouco uso, podendo resultar em vandalismo, rejeição e esvaziamento (JACOBS, 2011). Outro fator que tem papel importante na percepção de segurança de determinado ambiente é seu *layout*, pois ele favorece a acessibilidade dos usuários, pois o medo de percorrer determinada rua pode estar associado a motivações sociais, bem como à forma espacial.

Segundo Whyte (1988), a percepção pelo usuário de segurança no ambiente tende a aumentar seu uso, colaborando no aumento das relações de sociabilidade. Jacobs (2011) estabelece que, quanto mais as calçadas forem movimentadas à noite e de dia por diferentes populações no caminho para o trabalho, casa ou lazer, tanto maior é o que a autora denomina de “sistema de vigilância cidadã”, elemento que promove o sentimento e o estabelecimento da segurança nas ruas.

No que tange à manutenção da segurança nos bairros, sabe-se que o efetivo policial é atribuição do Poder Público. Porém, segundo Jacobs (2011), a manutenção da segurança não é feita apenas pela instância policial, mas também “pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamentos espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados” (JACOBS, 2011: 32). Assim, estes fatores favorecem a percepção de segurança dos usuários, refletindo na quantidade de pessoas nas ruas.

3.2 ESTUDOS DE PERCEPÇÃO DE VALOR SOBRE O AMBIENTE CONSTRUÍDO

O entendimento das necessidades e expectativas de diferentes grupos de usuários que sobrepõem seus usos no território em nível de bairro, representa importante ponto de partida para encontrar oportunidades de melhoria e, assim, contribuir para a geração de valor e o incremento da qualidade do ambiente construído. Posto que existam pesquisas que investiguem a percepção de valor dos usuários sobre o ambiente construído, especialmente em empreendimentos habitacionais de interesse social (MIRON, 2008, GRANJA *et al.*, 2009; BONATTO, 2010; BRITO *et al.*, 2012), esse conceito ainda é pouco explorado, especialmente em escala de bairro (DE PAOLI, 2013). Tais pesquisas utilizam conceitos similares aos da área ambiente comportamento para a definição das características do ambiente construído, contudo, utilizam abordagens que buscam aprofundar a relação entre a percepção sobre essas características mais concretas com os componentes simbólicos e abstratos que influenciam essas percepções. A maior parte desses estudos buscou dar sustentação à compreensão da percepção de valor por usuários do ambiente construído a partir da adoção de referenciais teóricos oriundos de outras áreas, sobretudo da área de *marketing* (WOODRUFF *et al.*, 1993; WOODRUFF e GARDIAL, 1996; WOODRUFF, 1997).

3.2.1 Valor percebido pelo cliente (usuário) na área de *Marketing*

Apesar da diversidade de conceitos sobre valor percebido, Woodruff (1997) observa que os principais conceitos existentes convergem nos seguintes aspectos: a) vinculam a percepção (de valor) ao uso do produto ou serviço, b) estabelecem como foco a percepção do cliente final (usuário) e c) compreendem a ideia de permuta de benefícios por custos (sacrifícios). O Quadro 2 elenca os principais conceitos de valor percebido na literatura.

Autores	Conceitos de valor percebido
Kotler (1997)	Valor atribuído pelos clientes ao produto ou serviço, baseado na relação entre os benefícios que este trará, segundo a ótica do consumidor, e os custos percebidos para a sua aquisição, comparativamente à concorrência.
Zeithaml (1988)	Avaliação total do consumidor sobre a utilidade de um produto, baseada em percepções do que é recebido (benefícios) e do que é dado (sacrifícios).
Woodruff e Gardial (1996)	Percepção do cliente sobre as preferências e as avaliações dos atributos do produto, do desempenho desses atributos e das consequências originadas pelo uso, a fim de atingir uma meta ou objetivo.
Holbrook (2006)	Extrínseco, que reflete o aspecto utilitarista ou instrumental de algo como um meio para um fim específico, ou intrínseco, que representa a perspectiva emocional do consumo.
Sánchez-Fernández e Iniesta-Bonillo (2007)	É multidimensional. Implica interação entre o cliente e o produto; o valor é relativo devido a sua natureza comparativa, pessoal e situacional, o valor é preferencial, perceptivo e cognitivo afetivo.

Quadro 2 – Conceitos de valor percebido

Na área de *marketing*, para Veludo-de-Oliveira e Ikeda (2005: 4-42), ao estudar o comportamento de seus públicos-alvos, procura-se compreender as relações existentes entre seus valores pessoais e as formas como valorizam os produtos. Nesse sentido, o valor para o cliente é um constructo importante face à subjetividade com que é estabelecido. Essencialmente, os clientes valorizam o reconhecimento de seus valores pessoais em sua relação de uso do produto (WOODRUFF e GARDIAL, 1996).

Sánchez-Fernández e Iniesta-Bonillo (2007) assinalam que existem duas principais abordagens na literatura sobre os conceitos de valor percebido: a que concebe o valor percebido de maneira unidimensional e a que concebe o valor percebido de maneira multidimensional. Essas abordagens, bem como suas respectivas linhas de pesquisa, são apresentadas na Figura 7.

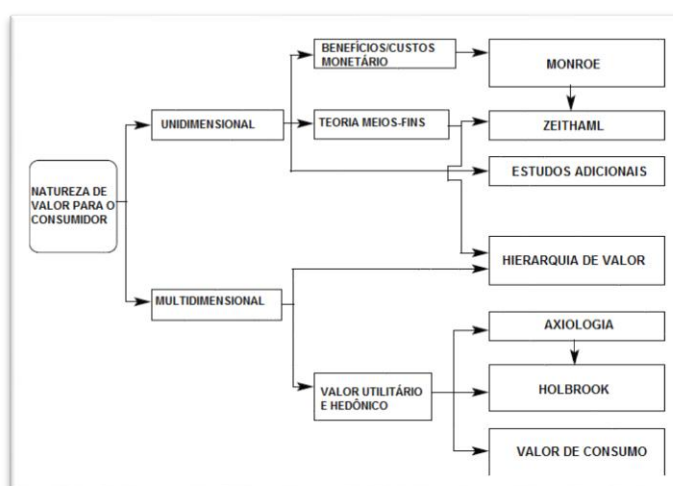


Figura 7 – Correntes de pesquisa em valor percebido

SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ e INIESTA-BONILLO, 2007.

Para Sánchez-Fernández e Iniesta-Bonillo (2007), o valor percebido na esfera unidimensional é concebido principalmente sob ótica utilitarista, por intermédio de variáveis simples, fundamentalmente concernentes a benefícios e custos (sacrifícios). Nessa linha de pesquisa, Sánchez-Fernández e Iniesta-Bonillo inserem os conceitos de Monroe (1990) e Zeithaml (1988). Por sua vez, na esfera multidimensional, essas autoras esclarecem que o valor percebido surge como consequência de diferentes atributos ou dimensões que interagem entre si com base em um fenômeno complexo. Nesse contexto, estão contidos os conceitos de hierarquia de valor elaborados por Woodruff e Gardial (1996), bem como os que retratam o valor utilitário e hedônico, evidenciando-se Holbrook (2006) com seus estudos sobre tipologias de valor (SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ; INIESTA-BONILLO, 2007).

3.2.1.1 Cadeias meios-fim e hierarquia de valor para o cliente (usuário)

Woodruff e Gardial (1996) apresentam o conceito de valor do cliente como a hierarquia que estabelece relação entre as características mais concretas dos produtos e as mais abstratas da percepção do cliente. A hierarquia tem em sua base os atributos, as características físicas do produto, reportando-se ao fator mais concreto da cadeia. Intermediariamente, situam-se as consequências, que são interpretações subjetivas dos resultados e experiências, positivas ou negativas, do produto em uso. Por fim, no topo da hierarquia, estão localizados os objetivos que equivalem ao patamar de maior abstração, os quais têm sido associados aos valores pessoais dos clientes. Tanto as consequências quanto os objetivos ajudam a compreender quais são os atributos mais relevantes para o cliente e, por esta razão, auxiliam a compreender a motivação do cliente ao desejar estes atributos.

A definição de Woodruff (1997) está ancorada em estrutura conceitual provida por um modelo do tipo meios-fim. O modelo de cadeia de meios-fim desenvolvido pela Gutman (1982) sustenta a suposição de que os valores são fatores dominantes no padrão de compra do consumidor. Gutman (1982: 60) elaborou essa teoria com a finalidade de proporcionar um modelo que conseguisse interligar os valores dos consumidores a seus comportamentos, procurando esclarecer a maneira pela qual se processa a escolha de um produto auxilia na obtenção de estados finais desejados, por intermédio da sequência atributos, consequências e valores (A-C-V). Nesse sentido, Gutman considerou os seguintes pressupostos: a) as escolhas sofrem influência direta dos valores pessoais (crenças e cognições que conduzem os estados finais desejados); b) as pessoas tendem a agrupar em classe diversos produtos que são tidos como possíveis meios de satisfazer suas necessidades e valores; c) toda ação é geradora de consequência; e d) toda consequência individual é vinculada com ações individuais pelo consumidor.

O modelo de cadeia meios-fim criado por Gutman consegue explicar a importância dos atributos do produto para sua funcionalidade e, ainda, compreender seus significados na vida do consumidor.

O referido modelo contribui com um arcabouço teórico que interliga os valores dos clientes a suas preferências por atributos (características concretas dos produtos), o que auxilia na compreensão do comportamento dos consumidores (clientes finais, usuários). Na hierarquia de valor, evidenciam-se as consequências em uso relevantes ou irrelevantes para o cliente, bem como os valores que guiam a escolha aquisição e uso de determinado produto.

A seguir, é apresentado o modelo de hierarquia de valor para o cliente sugerido por Woodruff (1997), o qual estabelece para cada nível (da hierarquia) um nível de satisfação a ser atingido pelo cliente (usuário). Woodruff sugere que o valor percebido é antecedente da satisfação. Os clientes formam a percepção de valor que afeta sua probabilidade de compra ou preferência e depois comparam com suas expectativas se o produto os satisfaz. Quando a pesquisa se aprofunda no estudo da percepção de valor, pode aprofundar a compreensão sobre a formação da satisfação no uso de produtos e também do ambiente construído.

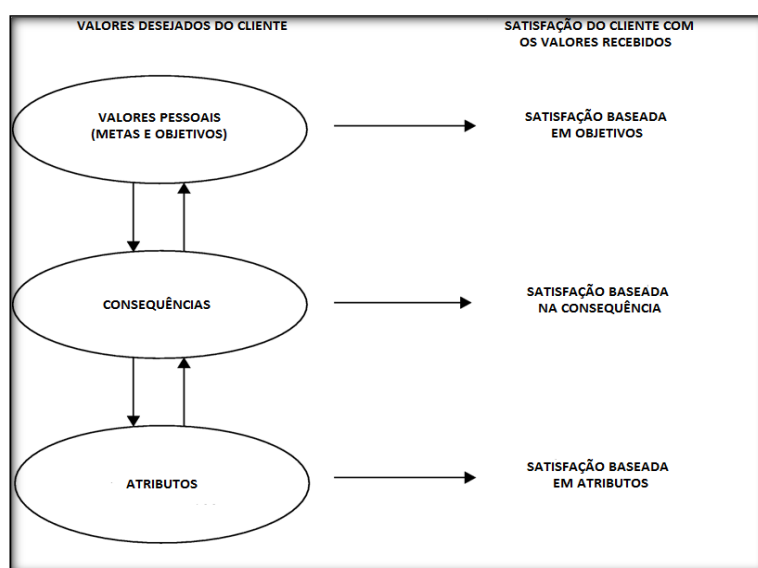


Figura 8 – Modelo da Hierarquia de Valor para o Cliente

WOODRUFF,1997.

Zinas (*et al.* 2010) estratificam a hierarquia de valor, ampliando os constructos de referentes aos atributos, consequências e valores. Essas modificações ampliam níveis da cadeia meios-fim: os atributos são sub-divididos em concretos e abstratos; as consequências em funcionais e psicológicas; e

os valores pessoais em instrumentais e o terminais. A estrutura conceitual ampliada do modelo da cadeia meios-fim é ilustrada na Figura 9 a seguir.

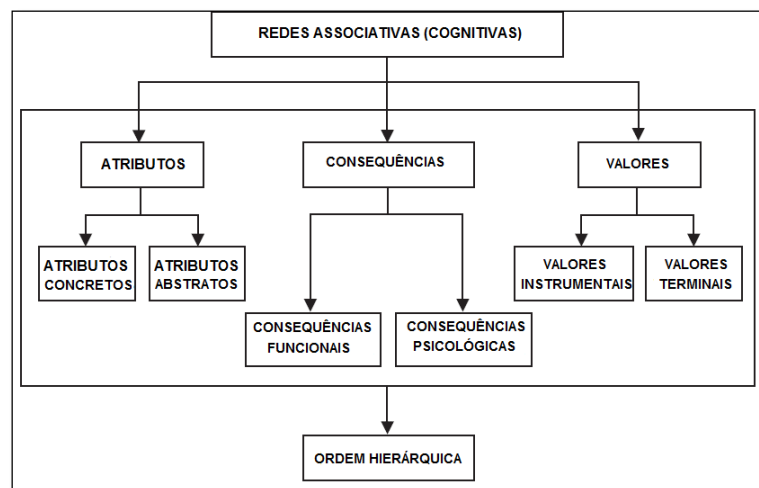


Figura 9 – Estrutura conceitual ampliada do modelo da cadeia meios-fim

ZINAS. 2010.

Para Zinas, os atributos, que estão no nível mais concreto da cadeia, podem ser concretos e abstratos. Segundo esse autor (ZINAS, 2010): a) os atributos concretos são as características físicas perceptíveis do produto e os atributos abstratos são os significados percebidos pelo consumidor; b) as consequências, que estão no nível intermediário da cadeia, dividem-se em duas categorias: funcionais e abstratas; c) as consequências funcionais referem-se a benefícios práticos, enquanto consequências psicossociais são sentimentos ou considerações sociais; d) os valores, que estão no nível mais abstrato na cadeia, podem ser terminais ou instrumentais, sendo que os valores terminais representam os estados finais de existência e os valores instrumentais são formas de comportamento que levam a valores terminais.

Segundo Gutman um método largamente aplicado a fim de construir as cadeias meios-fim é a técnica *laddering*. Nessa técnica, os consumidores (usuários) traduzem os atributos do produto em consequências deles decorrentes e as consequências são, por sua vez, traduzidas em orientação de valores pessoais (GUTMAN, 1982). Com a técnica *laddering* é possível apontar a trama de significados do consumidor (usuário). Os constructos atributos, consequências e valores estão diretamente ligados e formam a hierarquia na qual sua ligação tem por efeito uma *ladder* que permite compreender o nível mais concreto (atributos) até o nível de maior abstração (consequências e valores), captando os *insights* do

indivíduo e possibilitando o mapeamento da hierarquia de valor – MHV (VELUDO-DE-OLIVEIRA e IKEDA, 2004).

3.2.2 Considerações sobre os estudos de percepção de valor

A partir do que foi exposto neste capítulo, é possível considerar que algumas contribuições de Kevin Lynch, presentes na literatura pertinente a área ambiente comportamento, são expressas em cinco elementos principais¹⁴; e que tais elementos representam atributos concretos do território. Já as contribuições de Amos Rapoport apontam a dimensão social e a dimensão temporal como determinantes do valor simbólico associado a determinado lugar.

Dentre as características passíveis de avaliação identificadas pela área ambiente-comportamento, se comparadas com o modelo da cadeia meios-fins, parecem estar mais relacionadas aos níveis de atributos e consequências. Nesse sentido, no referencial teórico da área de *marketing*, é possível identificar, especialmente pela cadeia meios-fins, abordagens que auxiliam na explicitação de relações mais claras entre atributos, consequências e valores. A partir disso, faz-se importante aprofundar o entendimento sobre os valores pessoais, seus desdobramentos em valores instrumentais e terminais, bem como sobre suas influências nas percepções dos indivíduos.

3.3 VALORES PESSOAIS

O conceito de valores possui seu histórico na esfera da sociologia (THOMAS e ZNANIECKI, 2004), bem como da antropologia (KLUCKHOHN, 1968). A sociedade é constituída de valores e sua problemática está situada nos contextos cotidianos sobre as condutas dos indivíduos. Os valores humanos são características pessoais, dotadas de componentes culturais, emocionais e comportamentais (BARROS, 1977) e podem influenciar o modo como vivem.

Thomas e Znaniecki (2004), ao desenvolverem um importante estudo sobre os camponeses polacos, conceberam o conceito de valores com sendo os “dados com conteúdo empírico e significado, acessíveis aos membros de um grupo”. Por sua vez, o antropólogo Kluckhohn escreveu um relevante trabalho sobre a Teoria da Ação Social, trazendo uma análise aprimorada do construto, no qual os valores são concepções, explícitas ou implícitas a respeito do desejável (KLUCKHOHN, 1968).

¹⁴ Caminhos, limites, bairros, nós e marcos.

Rokeach (1973) e Schwartz (2006), pesquisadores de Psicologia Social, são os representantes mais recentes na elaboração de teorias sobre valores. Enquanto ao primeiro coube o crédito de dar impulso ao estudo de valores (ROHAN, 2000), ao segundo dá-se o reconhecimento de ter desenvolvido uma teoria de valores quase universais, verificada por meio de estudos transculturais em mais de 70 países de cinco continentes.

Segundo Rokeach (1973), os valores são crenças, o que é corroborado pela visão de Schwartz (2006) de que os valores são comumente vistos na literatura como crenças. Contudo, esses autores defendem algumas distinções, enquanto Rokeach (1973) afirma que valores são crenças duradouras, Schwartz (2006) sustenta que valores consistem em metas desejáveis e transitacionais. Assim, para Schwartz, as crenças não possuem apenas componentes afetivos e comportamentais. Considerando a importância desses dois autores para o estado da arte do conceito de valores pessoais faz-se necessário detalhar as contribuições específicas de cada um deles.

3.3.1 Contribuições de Rokeach

Ao desenvolver seus estudos sobre os valores, Milton Rokeach (1973: 3) defende que, para ser cientificamente fértil, qualquer concepção sobre a natureza dos valores humanos tem que ser intuitiva e, ao mesmo tempo, passível de ser definida operacionalmente, propondo cinco pressupostos para formular sua definição: a) o número total de valores que a pessoa possui é relativamente pequeno; b) todos os homens em todos os lugares possuem os mesmos valores em diferentes graus; c) os valores são organizados em sistemas; d) os antecedentes dos valores humanos podem ser encontrados na cultura, na sociedade e suas instituições e na personalidade; e) as consequências dos valores humanos serão manifestas em, virtualmente, todos os fenômenos que os cientistas sociais podem considerar que vale a pena investigar e compreender.

Com esse entendimento, Rokeach (1973: 5) expõe sua concepção: “Um valor é uma crença duradoura de que um modo específico de conduta ou estado final de existência é pessoal ou socialmente preferível a um modo oposto ou alternativo de conduta ou estado final de existência.” Rokeach utiliza o termo crença na sua definição de valores e delinea três tipos de crença: a) existenciais ou descritivas, qualificadas como verdadeiras ou falsas, b) avaliativas, nas quais o objeto da crença pode ser julgado como bom ou mau e, c) prescritivas ou proscritivas, em relação ao desejável ou indesejável, associando os valores a esse último tipo.

Esse autor considera que as crenças que compõem os valores são representações cognitivas que resultam das solicitações às quais os indivíduos estão sujeitos: as demandas institucionais e sociais do seu grupo e as suas necessidades individuais. Uma vez transformadas cognitivamente em valores, essas demandas podem ser explicadas como individual e socialmente preferíveis. Ainda, Rokeach (1973) expõe que as compreensões acerca do desejável dizem respeito a um tipo peculiar de preferência. Elas se manifestam em relação a modos de comportamento, estados finais opostos e a diferentes valores.

3.3.1.1 Valores terminais e instrumentais de Rokeach

Rokeach (1973) efetua a mensuração de valores instrumentais (meios) e terminais (fins). Para Rokeach, essa diferenciação entre valores instrumentais e terminais é relevante nas tentativas de mensuração de valores, pois deve ser considerada a existência de um relacionamento funcional entre valores terminais e instrumentais.

Valores terminais	Valores instrumentais
01• Uma vida próspera (confortável).	01• Ambicioso (trabalha duro, tem aspirações).
02• Uma vida excitante (estimulante, ativa).	02• Mente aberta (cabeça aberta).
03• Um mundo de paz (livre de conflitos).	03• Capaz (competente, eficaz).
04• Igualdade (fraternidade, oportunidades iguais para todos).	04• Alegre (animado, contente).
05• Liberdade (independência e livre escolha).	05• Limpo (arrumado, organizado).
06• Felicidade (contentamento).	06• Corajoso (defendendo suas crenças).
07• Segurança nacional (proteção contra ataques).	07• Generoso (disposto a perdoar os outros).
08• Prazer (uma vida agradável).	08• Prestativo (trabalha para o bem estar dos outros).
09• Salvação (vida eterna).	09• Honesto (sincero, confiável).
10• Reconhecimento social (respeito e admiração).	10• Imaginativo (ousado, criativo).
11• Amizade verdadeira (companheirismo).	11• Independente (autossuficiente).
12• Sabedoria (entendimento maduro da vida).	12• Intelectual (inteligente, reflexivo).
13• Um mundo belo (beleza da natureza e das artes).	13• Lógico (consistente, racional).
14• Segurança familiar (cuidar dos entes amados).	14• Amoroso (afetuoso, terno).
15• Amor maduro (intimidade sexual e espiritual).	15• Obediente (ciente dos deveres, respeitoso).
16• Respeito próprio (autoestima).	16• Polido (cortês, com boas maneiras).
17• Senso de realização (contribuição duradoura).	17• Responsável (confiável).
18• Harmonia interna (liberdade de conflitos internos).	18• Autocontrolado (contido, disciplinado).

Quadro 3 – Valores terminais e instrumentais

ROKEACH, 1973.

Em síntese, segundo Rokeach (1981), os valores instrumentais são os modos preferidos de conduta social ou comportamentos para atingir os objetivos pessoais; e os valores terminais, por sua vez, consistem nos estados finais preferidos de ser e estar. A distinção entre os valores pessoais é importante, uma vez que é utilizada na estratificação da hierarquia de valor. Neste sentido, Zinas (*et al.* 2010: 06), afirmam que, em situação de escolha, vários valores serão ativados no sistema de valores da

pessoa e que, em geral, pode-se concluir que os valores definem a pessoa na totalidade de seu comportamento, atitudes, metas e orientação geral da vida. Assim, para Zinas, todas as escolhas realizadas pela pessoa transitam ou oscilam na esfera dos valores pessoais.

3.3.2 Contribuições de Schwartz

Schwartz (2006) compartilha com Rokeach (1973) o entendimento de que os valores representam necessidades intrínsecas às pessoas. Ao realizar uma revisão da literatura para a elaboração de sua teoria, esse autor identificou cinco características da definição conceitual de valores que aparecem de forma consistente:

Um valor é: (a) uma crença; (b) que pertence a fins desejáveis ou a formas de comportamento; (c) que transcende as situações específicas; (d) que guia a seleção ou avaliação de comportamentos, pessoas e acontecimentos; e (e) que se organiza por sua importância relativa a outros valores para formar um sistema de prioridades de valores. (SCHWARTZ, 2006: 56)

Segundo Schwartz (2005), valores são crenças intrinsecamente conectadas à emoção; reportam-se a finalidades abstratas, almejavéis; norteiam na escolha ou na avaliação de condutas, pessoas e acontecimentos e constituem um sistema hierárquico de prioridades axiológicas. A hierarquia desse sistema é fundamentada na maior ou na menor importância que os valores possuem na vida dos indivíduos: o que contém mais, menos ou nenhum valor (ROKEACH, 1973; TAMAYO, 2007). Tamayo (2007) declara que a organização hierárquica de valores implica presumir que os indivíduos não são simples observadores do que ocorre ao redor de seu universo físico e social: dele participam, tomam partido e nele se envolvem.

Schwartz (2006) reconhece que as cinco características que conceituam valores, elencadas anteriormente, definem os aspectos formais que distinguem os valores de distintos conceitos correlatos, tal como “atitudes” que, diferentemente dos valores, referem-se a todo objeto ou situação.

Todavia, afirma que tais traços nada dizem a respeito do conteúdo substancial, nem sobre a estrutura das relações entre os diferentes tipos de valor (SCHWARTZ, 2006: 56), propondo-se a elucidar essas questões, definindo valores como “metas desejáveis e transituacionais que variam em importância, servem como princípios na vida de uma pessoa ou de outra entidade social” (SCHWARTZ, 2006: 57-58). O conteúdo ou meta motivacional, nesse sentido, foi tomado como o princípio que definirá os

tipos de valores que estariam presentes em todos os seres humanos, dando origem à teoria de valores básicos, a ser detalhada mais adiante.

Alicerçado nos constructos teóricos de Milton Rokeach, Schwartz (1992) fundamenta primeiramente sua teoria. As semelhanças entre os enfoques de Rokeach e Schwartz não são casuais (Schwartz, 1994). Apresentando algumas modificações, a teoria de Schwartz abraça o conceito de valores utilizado por Rokeach (1973) e emprega em sua metodologia como embasamento para a mensuração dos valores, originada em grande parte dos valores de seu primeiro instrumento de medida (**Schwartz Value Survey**) daqueles adotados no **Rokeach Value Survey** e adotando a diferenciação entre valores terminais e instrumentais. Schwartz (1992) dá continuidade aos estudos sobre valor a partir da teoria de Rokeach, nos quais constrói sua teoria de tipos motivacionais, fornecendo um conjunto integrado sobre o conteúdo dos valores e especificando a estrutura dinâmica das relações entre eles.

3.3.2.1 Tipos motivacionais de valores de Schwartz

Na teoria de Schwartz, uma de suas premissas mais relevantes é o da tipologia dos diferentes conteúdos dos valores, baseada nas metas motivacionais implícitas. Schwartz (1994) entende que os grupos e indivíduos transformam as necessidades inerentes à existência humana e as expressam na linguagem de valores específicos, por meio dos quais podem então se comunicar com a finalidade de adaptarem-se à realidade do contexto social.

O modelo mais conhecido e com maior evidência empírica reúne dez tipos motivacionais (Schwartz, 1992), sendo o que se toma como referência principal nesta pesquisa. Schwartz afirma que é possível classificar potencialmente todos os itens contidos em listas de valores oriundos de diferentes culturas em um desses dez tipos motivacionais.

Os tipos motivacionais de Schwartz (1992) propõem uma síntese das contribuições de Milton Rokeach (1973), valores terminais e instrumentais, em modelo que estabelece os valores como objetivos gerais que visam à satisfação de necessidades humanas básicas, organizando-se em dez tipos motivacionais que definem todo o sistema de valores humano.

Schwartz (2005: 21) sugere “uma teoria unificadora para o campo da motivação humana, uma maneira de organizar as diferentes necessidades, motivos e objetivos propostos em outras teorias”. Nesse sentido, Schwartz (1992) afirma que o papel central dos valores no sistema cognitivo humano provém de três tipos de necessidades humanas: as necessidades do indivíduo como um sistema biológico; as exigências estabelecidas pela interação social coordenada; e as demandas decorrentes dos

grupos de funcionamento e de sobrevivência. O conteúdo dos valores faz referência à adequação da representação dos tipos motivacionais por meio dos indicadores ou valores específicos, admitindo a existência de dez tipos motivacionais universais identificados por Schwartz (1994). Tais valores estão descritos no Quadro 4 abaixo, juntamente da definição e seus valores específicos representativos.

Tipo motivacional	Definição	Exemplos de valores
01•Autodeterminação	01•Independência de pensamento e de ação.	01•Criatividade; curiosidade; liberdade.
02•Estimulação	02•Novidade e desafio na vida.	02•Ousadia; vida variada; vida excitante.
03•Hedonismo	03•Prazer individual associado aos sentidos.	03•Prazer; apreciar a vida.
04•Realização	04•Êxito pessoal.	04•Bem sucedido; capaz; ambicioso.
05•Poder	05•Status social, domínio e controle.	05•Poder social; autoridade; riqueza.
06•Segurança	06•Harmonia e estabilidade da sociedade, das relações e de si mesmo.	06•Segurança nacional; ordem social; limpo.
07•Conformidade	07•Contenção de ações e impulsos.	07•Bons modos; obediente; honra os pais e os mais velhos.
08•Tradição	08•Respeito, compromisso e aceitação dos costumes.	08•Humilde; devoto.
09•Benevolência	09•Preservar e fortalecer o bem-estar das pessoas que estão próximas.	09•Prestativo; honesto; não rancoroso.
10•Universalismo	10•Compreensão e proteção do bem-estar social e preservação da natureza.	10•Tolerância; justiça social; igualdade; proteção do meio ambiente.

Quadro 4 – Tipos motivacionais de Schwartz

SCHWARTZ, 1994.

A teoria de Schwartz, além de identificar os dez tipos motivacionais, procura esclarecer a estrutura dinâmica de relações entre estes tipos de valores que permita relacionar os valores com diferentes variáveis de modo integrado. Segundo Schwartz (2006), a chave para identificar a estrutura das relações entre os valores é considerar que as ações empenhadas para concretizar cada tipo de valor contêm consequências psicológicas, práticas e sociais, que podem conflitar ou serem compatíveis com a efetivação de outros tipos de valores. Ainda conforme Schwartz, avaliar os conflitos e compatibilidades possíveis de ocorrer quando as pessoas procuram realizar dois ou mais valores de forma simultânea, pode fornecer evidências sobre as prioridades valorativas do indivíduo. Por exemplo, envolver-se em comportamentos que evidenciem valores de realização pode induzir a conflito com a procura dos valores de benevolência: buscar sucesso pessoal pode interromper as ações orientadas para melhorar o bem-estar daqueles que precisam de nossa ajuda.

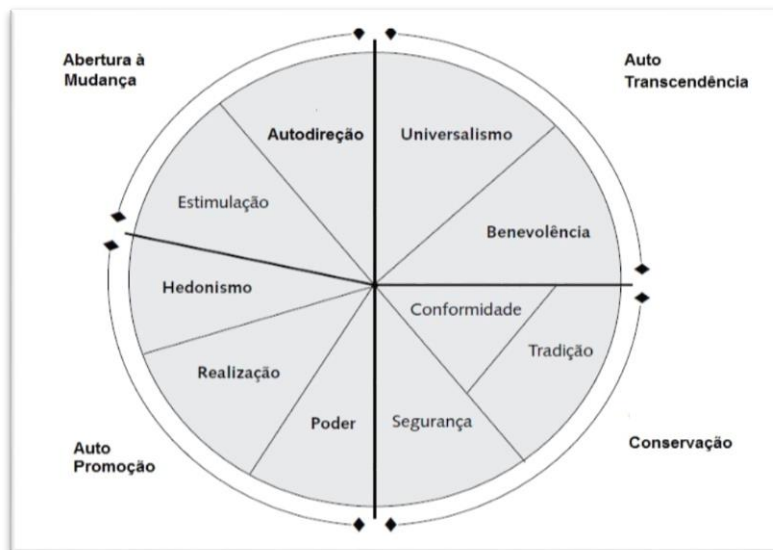


Figura 10 – Estrutura dos 10 tipos motivacionais.

SCHWARTZ, 1992.

Nessa pesquisa, foram adotados os valores instrumentais e terminais de Rokeach (1973), bem como os tipos motivacionais de Schwartz (1992). Considerando que a composição dos valores pessoais varia entre as pessoas, pode-se inferir que diferentes grupos de usuários, ao possuírem interesses distintos, tendem a apresentar seus valores pessoais de maneira diferente. Portanto, faz-se necessário que se consiga estabelecer uma convivência equilibrada entre as partes.

4 MÉTODO DA PESQUISA

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para se alcançar os objetivos propostos. Para tanto, será demonstrado o tipo de pesquisa desenvolvida, bem como as técnicas de coleta de dados, a população alvo e a forma de tratamento de dados.

4.1 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

A estratégia de pesquisa adotada neste trabalho foi o estudo de caso, de cunho descritivo-exploratório, junto a dois grupos de usuários do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre: moradores e comerciantes engajados em suas questões locais. O estudo de caso é pertinente quando (YIN, 2010): o tipo de questão de pesquisa é da forma “como” e “por quê?”; quando o controle que o investigador tem sobre os eventos é muito reduzido; ou, quando o foco temporal está em fenômenos contemporâneos dentro do contexto da vida real.

De acordo com Fidel (1992), o estudo de caso é uma modalidade específica de pesquisa de campo. Estudos dessa natureza consistem em investigações de fenômenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do investigador. Para Yin, o objetivo do estudo de caso é explorar, descrever ou explicar. Yin acrescenta que, devido às dificuldades no isolamento do fenômeno estudado do contexto em que ocorre, é normalmente necessário usar “múltiplas fontes de evidência e triangular os diferentes dados recolhidos” (YIN, 2010: 13). As pesquisas de campo podem ser dos seguintes tipos (MARCONI; LAKATOS, 2011): quantitativas-descritivas¹⁵, exploratórias¹⁶ e experimentais¹⁷.

A seleção dos dois grupos de usuários foi definida a partir dos conflitos originários pelos diferentes usos de moradores e comerciantes no bairro Cidade Baixa. Marco importante desses conflitos foi o processo de formulação do Decreto 17.766, de 02/05/12, que estabelece horário de funcionamento das atividades de bar, restaurante, café e lancheria no bairro Cidade Baixa. O teor do decreto foi discutido nas reuniões do Grupo de Trabalho Cidade Baixa, formado para estudar e buscar soluções para os impasses existentes em relação à vida noturna do bairro, isto é, discutir a regulamentação das atividades

¹⁵ Investigação empírica, com o objetivo de conferir hipóteses, delineamento de problema, análise de fato, avaliação de programa e isolamento de variáveis principais (MARCONI; LAKATOS, 2011).

¹⁶ Tem como finalidade aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre o assunto estudado.

¹⁷ Tem como objetivo testar hipótese tipo causa-efeito. Esse tipo de estudo utiliza projetos experimentais que incluem os seguintes fatores: grupo de controle, seleção da amostra probabilística e manipulação de variáveis independentes com o objetivo de controlar ao máximo os fatores pertinentes (MARCONI; LAKATOS, 2011).

noturnas no bairro. Posteriormente, em audiência pública realizada na Igreja Sagrada Família, o conteúdo do decreto foi aprovado para ser experimentado¹⁸ por 90 dias. A partir desse episódio, houve o aumento da visibilidade de moradores e comerciantes engajados nas questões do bairro Cidade Baixa. Considerando a diversidade que compõe a população do bairro, a seleção dos dois grupos de usuários teve como finalidade a definição de uma amostra mais homogênea, bem como maior facilidade de acesso aos respondentes.

Como o objetivo desta pesquisa é identificar e compreender as relações entre a composição de valores pessoais e as percepções de valor de dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) em relação às características do bairro Cidade Baixa, esta pesquisa pode ser considerada de natureza exploratória. Neste estudo de caso, serão combinados os métodos quantitativos e qualitativos.

4.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa está dividida em três etapas, as quais estão representadas no quadro abaixo. Cada coluna representa uma etapa de desenvolvimento do estudo de caso.

	Etapa A	Etapa B	Etapa C
Foco	Bairro	Usuários	Consolidação dos resultados
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão sobre o contexto do bairro Cidade Baixa e de seus usuários • Seleção dos grupos de usuários a serem analisados 	<ul style="list-style-type: none"> • Coletar e analisar dados sobre percepção do bairro e valores pessoais dos dois grupos de usuários do bairro Cidade Baixa 	<ul style="list-style-type: none"> • Coletar e analisar dados sobre percepção de valor dos dois grupos de usuários do bairro Cidade baixa • Analisar e discutir os dados gerados nas etapas A, B e C.
Referências	<ul style="list-style-type: none"> • Identidade • Território • Territorialidade • Bairro • Histórico do bairro Cidade Baixa 	<ul style="list-style-type: none"> • Área ambiente-comportamento • Valores Pessoais 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção de valor no ambiente construído • Hierarquia de Valor
Fases da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Exploratório-descritiva 	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção das características do bairro • Valores pessoais dos grupos de usuários do bairro 	<ul style="list-style-type: none"> • Valor Percebido/<i>Laddering</i> dos grupos de usuários. • Discutir os resultados a partir da fundamentação teórica das etapas A, B e C.

Quadro 5 – Representação detalhada do processo de pesquisa.

¹⁸ Após 90 dias, o conteúdo do decreto foi submetido a nova audiência pública e finalmente promulgado.

A **Etapa A** foi de cunho exploratório-descritivo (observação, pesquisa documental, inquéritos informais sobre o bairro), tendo como objetivo a compreensão do contexto do bairro e de seus usuários. Para tanto, buscou-se construir a fundamentação teórica e ajustar o foco da pesquisa, o que resultou na identificação de dois grupos de usuários (comerciantes e moradores). Nessa etapa, a fundamentação teórica foi desenvolvida a partir de: a) levantamento bibliográfico sobre o bairro Cidade Baixa e b) revisão sobre estudos na área do território, territorialidade, identidade e bairro. Paralelamente, foram utilizadas as seguintes abordagens metodológicas: a) levantamento documental sobre o bairro Cidade Baixa notícias em jornais e internet; transcrição de reuniões); e b) observação simples incursões pelo bairro e conversas informais com usuários).

Na **Etapa B** o foco do estudo passou a ser a percepção dos dois grupos de usuários sobre as características do bairro e sobre seus valores pessoais. Para essa fase do estudo, foram escolhidos, dentre os grupos de moradores e comerciantes do bairro Cidade Baixa, aqueles que possuísem engajamento com as questões do bairro, especialmente as relacionadas à regulamentação das atividades noturnas. Nessa etapa, a fundamentação teórica foi desenvolvida a partir da: a) revisão sobre estudos na área de ambiente-comportamento; b) revisão conceitual sobre valores pessoais e de instrumentos de coleta de dados existentes nas pesquisas de Rokeach (RVS – Rokeach Value Survey) e Schwartz (SVS – Schwartz Value Survey e PVQ21 – Portrait Value Questionnaire). A partir da fundamentação teórica, foram utilizadas as seguintes abordagens para coleta de dados com os dois grupos de usuários: a) entrevistas; b) questionários.

Na **Etapa C** o foco de estudo foi uma análise mais aprofundada sobre a percepção de valor dos dois grupos de usuários com a aplicação da técnica *laddering* e mapeamento da hierarquia de valor (MHV). Esse enfoque foi pertinente uma vez que permitiu verificar mais detalhadamente as relações entre a percepção de valor dos usuários sobre os atributos (características) do bairro e os valores pessoais relacionados a essas percepções. Nessa etapa, a fundamentação teórica se deu a partir da revisão de estudos relacionados à percepção de valor de usuários sobre o ambiente construído, os quais tem como fundamentação teórica conceitos e abordagens de percepção e hierarquia de valor, oriundos da área de *marketing*. Ocorreu, ao final desta etapa, a discussão e análise dos resultados alcançados nas etapas precedentes do estudo de caso e dos resultantes da técnica *laddering* e MHV, buscando-se fazer a convergência dos dados gerados por intermédio das diversas fontes de evidências. A análise cruzada dos dados com a confrontação bibliográfica pertinente viabilizou a reflexão sobre as contribuições da pesquisa para estudos de percepção de valor de usuários sobre o ambiente construído.

4.2.1 Técnicas de coleta e análise de dados e justificativa

Yin afirma que o estudo de caso não implica nenhuma forma particular de coleta de dados, os quais podem ser quantitativos e qualitativos, mas sim o uso de múltiplas fontes de evidências, confluindo para o mesmo foco de análise. Segundo Oliveira (1997), a escolha do método e técnica utilizada, depende do objetivo da pesquisa, dos recursos financeiros disponíveis, da equipe e elementos no campo da investigação. Para Yin (2010: 127), as evidências podem vir de seis fontes: “documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante, e artefatos físicos”.

Ao utilizar diversas fontes de evidência, permite-se assegurar as diferentes perspectivas dos participantes no estudo, bem como se obter diversas medidas do mesmo fenômeno. A pesquisa adotou quatro técnicas de coleta de dados, que poderiam ser usadas separadamente ou em conjunto, para atender os objetivos do estudo: pesquisa documental, observação simples, entrevista, questionário e a técnica *laddering* para mapeamento da hierarquia de valor. As diversas técnicas de coleta de dados são justificadas para fins de validação da investigação mediante a triangulação (YIN, 2010). Nesse sentido, as técnicas adotadas na pesquisa foram realizadas ao longo de suas etapas e fases.

4.2.2 Etapa A

Na Etapa A da pesquisa, foi adotada a pesquisa documental associada à técnica de observação com questionamentos informais. Tais técnicas buscaram identificar os grupos de usuários que seriam objeto da coleta de dados na etapa subsequente.

Etapa A – Compreensão do contexto do bairro Cidade Baixa e de seus usuários		
Técnicas de Coleta de dados	Processo de coleta dos dados	Abordagens de análise dos dados
Levantamento documental	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção de notícias em jornais • Seleção de notícias na internet • Transcrição das Audiências Públicas sobre o Decreto nº 17.766 de 02/05/12 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de conteúdo
Observação	<ul style="list-style-type: none"> • Incursões pelo bairro • Conversas informais 	<ul style="list-style-type: none"> • Anotações • Análise de conteúdo

Quadro 6 – Representação da Etapa A da pesquisa.

4.2.2.1 Levantamento documental

Segundo YIN (2010: 130) “as buscas sistemáticas de documentos relevantes são importantes em qualquer plano de coleta de dados”. Os documentos que serviram de fontes foram: notícias em

jornais e internet sobre o bairro Cidade Baixa e minutas¹⁹ de duas audiências públicas realizadas na Igreja Sagrada Família (02/05/2012 e 01/08/2012) entre moradores, comerciantes e poder público municipal, com a finalidade de encontrar solução para os conflitos entre moradores e comerciantes de bares e restaurantes noturnos.

O objetivo de escolha dessas fontes foi para auxiliar na elaboração do roteiro de observação e entrevistas. Para Gil (2009: 76), a pesquisa documental é vantajosa, pois “à medida que dados importantes estejam disponíveis, não haverá necessidade de procurar obtê-los mediante interrogação, a não ser que se queira confrontá-los. Os dados foram trabalhados pelo método de análise de conteúdo, visando a descoberta de elementos explícitos manifestado nos documentos pesquisados.

Ao que se refere às notícias de jornais e internet, foi realizada uma triagem, tendo sido selecionadas matérias referentes ao tema “Cidade Baixa” divulgados nos seguintes meios de comunicação: Zero Hora²⁰ (jornal e internet), Sul21²¹ (internet) Prefeitura Municipal de Porto Alegre – PMPA²² (internet). O recorte temporal das notícias foi entre novembro de 2011 e novembro de 2012 com o objetivo de acompanhar os acontecimentos que antecederam ao surgimento do Decreto Municipal 17.766/12²³, bem como os efeitos gerados após sua implementação. Foi efetuada uma categorização prévia, tendo por referência o tema evidenciado nas manchetes para as matérias que destacavam algum aspecto em especial do bairro Cidade Baixa, como conflitos e soluções, diversidade cultural e infraestrutura, entre outros: a categorização foi realizada com base nos aspectos em questão.

Após a organização das matérias selecionadas, essas foram alvo de análise nos seguintes tópicos: a) manchete; b) temas centrais; c) pessoas envolvidas; d) fonte das informações divulgadas; e e) data da matéria.

¹⁹ As minutas foram o resultado da transcrição integral realizada pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre, as quais foram disponibilizadas a esta pesquisadora pelo vereador Professor Garcia.

²⁰ Site: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/>>.

²¹ Site: <<http://www.sul21.com.br/jornal/>>.

²² Site: <portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/>.

²³ O Decreto Municipal 17.766/2012 estabelece horários de funcionamento para atividades, de bares, restaurantes, cafés e lancherias na Cidade Baixa, a saber: Sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados, até às 2h com tolerância de 30 minutos. De domingo a quinta-feira, até a 1h com tolerância de 30 minutos, sendo que após a meia-noite não serão permitidas mesas nas calçadas.

4.2.2.2 Observação

A observação é recurso relevante na coleta de dados em estudo de caso, pois, viabiliza a elaboração de um grupo de notas, nas quais podemos registrar observação de fatos, dúvidas, ideias e impressões diversas. Esses registros são de significativa utilidade para a descrição do caso, bem como para as fases posteriores de coleta e análise dos dados. Para Gil (2008: 100), “a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa”.

Marconi e Lakatos (2008: 190) definem a observação como “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na observação de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Gil (2008) destaca que, na observação, os fatos são percebidos de maneira direta, sem que exista qualquer tipo de intermediação, sendo entendida como uma vantagem em relação às demais técnicas, uma vez que a subjetividade inclina-se a ser menor.

Segundo Gil (2008), há três modalidades de observação: a simples, a participante e a sistemática. Nessa pesquisa, foi realizada a observação simples, visto seu caráter exploratório que norteou os itens a serem investigados. A observação simples, é aquela em que o observador permanece alheio a comunidade, grupo ou situação que pretende observar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem (GIL, 2011).

Gil (2011) ressalta que, no tipo de observação simples, é importante que o pesquisador tenha conhecimentos prévios acerca do grupo que pretende observar. Para tanto, a pesquisa documental permitiu a obtenção de conhecimento prévio.

A observação simples foi realizada junto às atividades cotidianas de rua do bairro mediante caminhadas na circunscrição da Cidade Baixa, bem como conversas informais com usuários locais e participação dos eventos públicos promovidos no bairro, tais como carnaval de rua, manifestações, festas juninas, passeios ciclísticos²⁴, e passeios turístico, ou ainda, nas mobilizações espontâneas em prol do bairro (reuniões sobre segurança, iluminação pública, ciclovias, limpeza urbana, poluição sonora). O objetivo desta observação foi de apreender como os diferentes usuários se apropriavam desta fração de território através dos seus diferentes usos e formas de sociabilidade, bem como compreender a dinâmica

²⁴ Toda última sexta-feira do mês acontece passeios ciclísticos no bairro Cidade Baixa, promovidos pelo movimento “Massa Crítica”.

de atuação e as razões de existência e continuidade de moradores e comerciantes engajados nas questões do bairro Cidade Baixa.

Para fins de coleta de dados e melhor definição do problema desta pesquisa, consideraram-se, tal como propõe Gil (2008) os seguintes itens durante a observação: os sujeitos-agentes; o cenário; e os comportamentos. Considerando a grande abrangência de onde seria realizada a observação, foram selecionados aspectos pertinentes, identificando as questões a serem observadas dentro de cada um dos itens propostos.

Com relação aos sujeitos-agentes, consideraram-se as seguintes questões:

- Quem são os principais usuários do bairro Cidade Baixa? Como eles se apropriam do território do bairro?

Com relação ao cenário procurou-se observar o bairro como um todo, e responder a seguinte questão:

- Quais as características desse local?

Com relação aos comportamentos, considerou-se a seguinte questão:

- Como as pessoas se relacionam no dia a dia?

4.2.3 Etapa B

A Etapa B ramificou-se em duas fases. A Fase 1 consistiu em uma investigação exploratória por entrevistas semiestruturadas com especialistas do bairro (membros do grupo de Trabalho Cidade Baixa e o presidente da Associação dos Moradores do bairro Cidade Baixa) a fim de identificar os principais fatores positivos e negativos locais. O objetivo desta fase foi identificar as principais características do bairro. A Fase 2 da investigação consistiu na análise da percepção dos dois grupos de usuários (moradores e comerciantes) engajados com as questões do bairro Cidade Baixa. Para tanto, realizou-se a aplicação de questionários. A parte inicial do questionário aborda questões referentes a questões gerais que emergiram das entrevistas, quais sejam: a) sentimento em relação ao bairro; b) elementos considerados importantes para o bairro; de identificação com o bairro; e de necessidade. Ainda, foram questionados os seguintes constructos quanto à percepção dos grupos de usuários: convivência, acessibilidade, aparência, conforto ambiental e segurança, bem como os seus valores pessoais. Nessa sequência, foram

adicionadas questões sobre valores pessoais do QVP21²⁵ de Shalom Schwartz (2005). Por fim, no questionário, houve a inserção das questões referentes aos dados sócios demográficos dos respondentes.

Etapa B – Análise da percepção do bairro Cidade Baixa e dos valores pessoais de seus usuários		
Instrumentos de coleta	Processo de coleta dos dados	Abordagens de análise dos dados
Entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> •Elaboração do roteiro de entrevista •Entrevista semiestruturada com especialistas: membros do grupo de Trabalho Cidade Baixa e presidente da associação dos moradores do bairro 	<ul style="list-style-type: none"> •Análise de conteúdo
Questionário	<ul style="list-style-type: none"> •Reunião com Núcleo de Apoio Estatístico (NAE) da UFRGS •Seleção de software para aplicação de questionário pela internet •Elaboração do questionário •Aplicação de 02 (duas) versões piloto do questionário (LimeSurvey): em estudantes de pós-graduação. Em que uma continha as questões formuladas por Rokeach, e a outra, por Schwartz. •Refinamento do questionário •Definição do plano amostral •Aplicação da versão final do questionário (LimeSurvey e pessoalmente), em que a versão eleita foi a que continha as questões elaboradas por Schwartz 	<ul style="list-style-type: none"> •Frequências (%) •Médias •Análise Fatorial •Teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) •Teste ANOVA •SPSS® •Excel®

Quadro 7 – Representação da Etapa B da pesquisa

A identificação dos representantes dos dois grupos de usuários para aplicação do questionário foi realizada mediante indicação dos responsáveis pelas Associações de Moradores e de comerciantes do bairro Cidade Baixa. Nesta oportunidade, foram disponibilizadas listas dos participantes e colaboradores daqueles grupos.

A aplicação do questionário, o qual teve por objetivo identificar e analisar a percepção dos dois grupos de usuários, aconteceu da seguinte forma: todos foram contatados e inqueridos inicialmente por listas de e-mails disponibilizada pelas associações, para as quais foi enviado o *link*²⁶ disponível no sistema LimeSurvey²⁷. Com a finalidade de complementar quantitativamente a amostra estipulada de respondentes para cada grupo de usuários, a aplicação do questionário também se deu pessoalmente.

²⁵ Disponível em <<http://essedunet.nsd.uib.no/cms/topics/1/>>.

²⁶ Disponível em <<http://gpa.ufpel.edu.br/index.php?sid=41141&lang=pt>>.

²⁷ Disponível em <<http://gpa.ufpel.edu.br/admin/admin.php?action=logout>>.



Figura 11 – Imagem do sistema LimeSurvey

LIMESURVEY, 2014.

Após a revisão bibliográfica, fez-se a seleção dos instrumentos de coleta de dados e abordagens metodológicas que poderiam atender os objetivos do estudo. As referidas técnicas são descritas a seguir.

4.2.3.1 Entrevista

O método da entrevista se caracteriza pela existência de um entrevistador, que fará perguntas ao entrevistado anotando as suas respostas. A entrevista pode ser feita individualmente, em grupo, por telefone ou pessoalmente (MATTAR, 1996). Gil (2008: 109) conceitua a entrevista como “uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”.

Dentre as vantagens do método das entrevistas, podem ser citados (MARCONI; LAKATOS, 2011; MATTAR, 1996): o entrevistador pode tirar dúvidas, explicar as questões; permite também identificar as discordâncias. Além disso, a entrevista permite um bom controle da amostra com alto índice de respostas gerando grande quantidade de dados. O método das entrevistas pode apresentar as seguintes desvantagens (MARCONI; LAKATOS, 2011; MATTAR, 1996): ocorrer problemas de comunicação entre o entrevistador e o entrevistado, a entrevista consome muito tempo, gera alto custo, o que leva a utilização, normalmente, de amostras pequenas. Além disso, a presença do entrevistador e a não garantia de anonimato pode influenciar na resposta. Existe ainda o risco de o entrevistador interpretar as respostas em questões abertas.

Nessa pesquisa, a entrevista semiestruturada foi adotada para realizar a avaliação qualitativa em profundidade sobre a percepção dos usuários engajados com as questões do bairro. Entrevistaram-se os integrantes do Grupo de Trabalho Cidade Baixa, cinco pessoas, e o presidente da associação dos moradores do bairro. Inicialmente, a pesquisadora apresentou o tema e os objetivos da entrevista, explicando que elas precisariam ser gravadas. Em seguida, os entrevistados assinaram o **Termo de autorização para entrevista e gravação de voz** (Apêndice B). As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo que todas visavam esclarecer os seguintes tópicos principais: a) relação do entrevistado com o bairro: histórico com o bairro e papel no Grupo de Trabalho ou associação; b) significados do bairro para o entrevistado: sentimento em relação ao bairro e o que vem em mente ao falar em Cidade Baixa; c) percepção acerca das características de algumas características do bairro: comércio, cultura, segurança, moradia, trânsito e transporte, história e turismo; e d) avaliação geral do bairro: pontos positivos e negativos. Os roteiros utilizados podem ser observados no Apêndice E.

Data	Atividade dos entrevistados	Instituição	Tipo	Duração
26/06/2013	Comerciante e representante do GT Cidade Baixa	Associação dos Comerciantes Cidade Baixa em Alta	Individual	00:29:44
03/07/2013	Gestor e representante do GT Cidade Baixa	Centro Administrativo e Regional (CAR) Centro da Prefeitura Municipal de Porto Alegre	Individual	00:58:05
04/07/2013	Morador e presidente da Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Associação Comunitária dos Moradores da Cidade Baixa (ACMCB) e Associação dos Moradores Rua da República (AMORE).	Individual	01:22:31
05/07/2013	Comandante (Major) e representante do GT Cidade Baixa	2ª Cia do 9º BFPM (Brigada Militar)	Individual	00:34:33
08/07/2013	Comerciante e representante do GT Cidade Baixa	Sindicato da Hotelaria e Gastronomia de Porto Alegre (SINDPOA)	Individual	00:37:07
10/04/2013	Vereador e representante do GT Cidade Baixa	Câmara de Vereadores de Porto Alegre	Individual	00:45:36

Quadro 8 – Entrevistas realizadas na Etapa A

4.2.3.2 Questionário

O questionário é um conjunto de perguntas, que a pessoa lê e responde sem a necessária presença de um entrevistador. Ele pode ser enviado via correio, fax, Internet, etc., sendo devolvido, geralmente, pelo correio. Os questionários podem ser:

- estruturado: o respondente sabe qual é o objetivo da pesquisa, e o questionário é padronizado, usando principalmente questões fechadas;

- não estruturado: usa-se mais questões abertas e o respondente sabe qual é o objetivo da pesquisa.

As vantagens do uso do método do questionário pela internet em relação às entrevistas é que (MARCONI; LAKATOS, 2011; Mattar, 1996): a) utiliza-se menos pessoas para ser executado; b) proporciona economia de custo, tempo, viagens; c) obtenção de uma amostra maior e d) não sofre influência do entrevistador. Além disso, o uso do LimeSurvey permitiu a eliminação da etapa de tabulação dos dados. Dentre as desvantagens pode ser citada (MARCONI; LAKATOS, 2011; MATTAR, 1996): a) o baixo índice de devolução, b) grande quantidade de perguntas em branco; c) dificuldade de conferir a confiabilidade das respostas; d) demora na devolução do questionário e e) a impossibilidade do respondente tirar dúvidas sobre as questões, o que pode levar a respostas equivocadas.

Neste trabalho, o questionário foi estruturado, utilizando essencialmente questões fechadas e uma aberta.

4.2.3.3 Amostragem não probabilística por tipicidade

O tipo de amostragem adotado nesta pesquisa foi não probabilístico por tipicidade, em que, o pesquisador seleciona os elementos representativos da população, o que requer grande conhecimento do pesquisador a respeito dela, o que foi adquirido na pesquisa documental e bibliográfica; na observação simples, bem como nas entrevistas exploratórias. De acordo com Gil (2008: 94), a amostragem não probabilística por tipicidade consiste em: selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser representativo de toda a população.

4.2.3.4 Seleção dos respondentes

Os sujeitos são aqueles que detêm conhecimento necessário e que forneceram os dados que esta pesquisa necessitou, foram divididos em dois grupos abaixo discriminados:

Moradores vinculados às associações de moradores locais (ACMCB – Associação Comunitário dos Moradores do bairro Cidade Baixa; AMORE Cidade Baixa– Associação dos Moradores Rua da República; e AMA Sofia Veloso – Associação de Moradores e Amigos da rua Sofia Veloso) ou com engajamento nas questões do bairro, formando por , aproximadamente, 90 (noventa) participantes.

Comerciantes vinculados à ACCB – Associação de Comerciantes do bairro Cidade Baixa, contendo 63 (sessenta e três) associados.

4.2.3.5 Definição da amostragem da pesquisa

Conforme mencionado, a amostra da pesquisa foi por tipicidade. Os elementos foram selecionados conforme critérios derivados da delimitação do público-alvo, do problema de pesquisa, das características do universo empírico, bem como das condições e métodos de observação e análise. Cabe ainda especificar que na amostra houve a seleção de elementos mais próximos (contatos dos participantes das associações de moradores e comerciantes locais), os quais foram mais acessíveis para a realização da pesquisa.

A amostra consistiu de 30 respondentes moradores e 30 comerciantes, em que ambos deveriam participar das associações ou estar engajados nas questões pertinentes ao bairro Cidade Baixa.

A coleta de dados por questionários foi efetuada no período de outubro a novembro de 2013. Os questionários foram aplicados em períodos diversos, conforme disponibilidade de horário dos respondentes, bem como durante a semana e finais de semana.

4.2.3.6 Etapas para elaboração do questionário

Após um estudo bibliográfico inicial, precedido da definição dos objetivos da pesquisa e das técnicas de coleta de dados, foram analisados os questionários sobre valores pessoais de Rokeach (*RVS – Rokeach Value Survey*) e de Schwartz (*SVS – Schwartz Value Survey* e *PQV – Portrait Value Questionnaire*). O questionário foi elaborado em 3 partes: (a) questões relacionadas à percepção dos usuários sobre as características do bairro; (b) questões sobre valores pessoais a partir dos questionários de Rokeach e/ou Schwartz; e (c) perfil dos respondentes

Assim, elaboraram-se duas versões do instrumento de coleta de dados. Enquanto uma versão continha o questionário de Rokeach (*RVS*), a outra dispunha do questionário de Schwartz (*PQV*). Ambos os instrumentos foram acrescidos dos questionamentos a respeito dos dados sócio demográficos, bem como os referentes à percepção das características do bairro.

Durante esse processo de análise dos questionários de Rokeach e Schwartz e elaboração de questões adicionais, buscou-se ter os seguintes cuidados: verificar se a pergunta é importante para a pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2011), analisar se existe necessidade de ter mais uma pergunta sobre o assunto (MATTAR, 1996), verificar a clareza no entendimento das questões e verificar se os respondentes têm conhecimento técnico necessários para responder a questão (MARCONI; LAKATOS, 2011).

4.2.3.7 Aplicação dos questionários pilotos

Antes de se fazer a versão final do questionário, foi realizada a aplicação piloto das duas versões do questionário. A aplicação piloto teve dois objetivos: a) descobrir se o questionário necessitava de ajustes em sua redação; e b) eleger a versão que mais se adequava à compreensão dos respondentes. Para isso, foram aplicados a 10 moradores e 10 estudantes de pós-graduação. No decorrer dos testes pilotos, após as pessoas responderem às perguntas, conversou-se com os respondentes a respeito das suas opiniões acerca da ordem das mesmas, sobre o tipo de questões, bem como sobre quaisquer dificuldades que tenham vivenciado ao respondê-las.

Posteriormente, a partir das sugestões apontadas, foi possível revisar o questionário e ajustar as questões existentes, bem como eleger a versão mais apropriada para a pesquisa. A aplicação dos questionários pilotos seguiu as orientações dos pré-testes propostos pela literatura. Segundo MATTAR (1996) e MARCONI; LAKATOS (2011), os pré-testes devem ser realizados com o questionário em versão quase definitiva, com capa e formatação já em seu estado final.

Na aplicação dos questionários pilotos, constatou-se a dificuldade dos respondentes em estabelecer graus de importância aos valores na primeira versão do questionário piloto (Rokeach), porque a escala original utilizada pelo autor foi considerada longa, cansativa e de difícil compreensão pelos respondentes. A dificuldade em graduar os valores também se deu em decorrência ao tamanho das duas listas (36 itens) e também ao nível de escolaridade de alguns pesquisados. Constataram-se diversas dificuldades e diferentes interpretações para os valores contidos na lista de valores de Rokeach.

A segunda versão do questionário (Schwartz) obteve maior aceitação por parte dos respondentes, uma vez que o rol de valores do autor era reduzido (21 itens), bem como a linguagem viabilizou maior compreensão e interpretação.

4.2.3.8 Questionário de Schwartz: PQV21

A escala de valores PQV (*Portrait Questionnaire Value*) avalia o sistema de valores individuais baseada no modelo teórico de valores humanos de Schwartz. O questionário PQV21 consiste na versão reduzida de 21 itens do PQV. Foi utilizada nessa pesquisa a versão reduzida do Questionário de Perfis de Valores Pessoais (Schwartz, 2005). Essa escala apresenta a descrição de 21 pessoas em termos de importância de metas pessoais, cada descrição retrata as metas de uma pessoa, aspirações ou desejos que apontam implicitamente para a importância de um valor básico único. Por exemplo: “Pensar em novas ideias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer as coisas de maneira própria

e original”, descreve uma pessoa para quem o valor auto determinação é importante. Ao descrever cada pessoa em termos do que é importante para ele ou ela – as metas e desejos que ele ou ela persegue – as descrições do perfil capturam os valores da pessoa sem identificar explicitamente valores como o tema de investigação.

Valor e meta central	Operacionalização dos valores básicos
	Itens que medem cada valor e número da questão correspondente no questionário QPV 21
Poder	Questão 02: Ser rica é importante para ela. Ela quer ter muito dinheiro e possuir coisas caras. Questão 17: É importante para ela ter o respeito dos outros. Ela deseja que as pessoas façam o que ela diz.
Realização	Questão 04: É muito importante para ela demonstrar suas habilidades. Ela quer que as pessoas admirem o que ela faz. Questão 13: Ser muito bem-sucedida é importante para ela. Ela espera que as pessoas reconheçam suas realizações.
Hedonismo	Questão 10: Aproveitar os prazeres da vida é importante para ela. Ela gosta de se mimar. Questão 21: Ela procura todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe tragam prazer.
Estimulação	Questão 06: Ela gosta de surpresas e está sempre procurando coisas novas para fazer. Ela acha ser importante fazer muitas coisas diferentes na vida. Questão 15: Ela procura por aventuras e gosta de correr riscos. Ela quer ter uma vida excitante.
Auto direção	Questão 01: Pensar em novas ideias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer as coisas de maneira própria e original. Questão 11: É importante para ela tomar suas próprias decisões sobre o que faz. Ela gosta de ser livre e não depender dos outros.
Universalismo	Questão 03: Ela acredita que é importante que todas as pessoas do mundo sejam tratadas igualmente. Ela acredita que todos deveriam ter oportunidades iguais na vida. Questão 08: É importante para ela ouvir as pessoas que são diferentes dela. Mesmo quando não concorda com elas, ainda quer entendê-las. Questão 19: Ela acredita firmemente que as pessoas deveriam preservar a natureza. Cuidar do meio ambiente é importante para ela.
Benevolência	Questão 12: É muito importante para ela ajudar as pessoas ao seu redor. Ela quer cuidar do bem-estar delas. Questão 18: É importante para ela ser leal a seus amigos. Ela quer se dedicar às pessoas próximas a ela.
Tradição	Questão 09: É importante para ela ser humilde e modesta. Ela tenta não chamar atenção para si. Questão 20: Tradição é importante para ela. Ela procura seguir os costumes transmitidos por sua religião ou pela sua família.
Conformidade	Questão 07: Ela acredita que as pessoas deveriam fazer o que lhes é ordenado. Ela acredita que as pessoas deveriam sempre seguir as regras, mesmo quando ninguém está observando. Questão 16: É importante para ela sempre se comportar de modo adequado. Ela quer evitar fazer qualquer coisa que as pessoas possam dizer que é errado.
Segurança	Questão 05: É importante para ela viver em um ambiente seguro. Ela evita qualquer coisa que possa colocar sua segurança em perigo. Questão 14: É importante para ela que o governo garanta sua segurança contra todas as ameaças. Ela deseja que o Estado seja forte para poder defender seus cidadãos

Quadro 9 – Operacionalização dos valores básicos no questionário

As questões do PQV21 foram incluídas no bloco C de questões do questionário da Etapa B.

Para cada descrição de perfil, os entrevistados respondem: “O quanto esta pessoa se parece com você?” As alternativas de resposta são; “se parece muito comigo”, “se parece comigo”, “se parece mais ou menos comigo”, “se parece pouco comigo”, “não se parece comigo”, e “não se parece comigo em nada”. Para cada descrição, os entrevistados escolhem sua resposta, apontando uma das

seis alternativas de resposta. Assim, os próprios valores dos entrevistados são inferidos a partir de seu autorrelato de semelhança com as pessoas que estão descritas em termos de valores particulares. Os julgamentos de similaridade são transformados em escala numérica de 6 pontos.

As 21 questões são combinadas em dez índices, um para cada dos dez valores básicos. Há três itens para medir o universalismo, e dois de cada para os outros nove valores básicos. Um item mede um valor de base, se os objetivos, metas, desejos, ou os esforços da pessoa descritos expressa ou promove o objetivo central do valor básico ou leva a sua realização. Os itens foram construídos para cobrir os diferentes componentes conceituais de cada valor.

4.2.3.9 Tipo de questões

Quanto à escolha do tipo de questão, utilizou-se a classificação proposta na literatura estudada (MARCONI; LAKATOS, 2011; MATTAR, 1996). Segundo essa classificação, as perguntas podem ser: abertas, fechadas ou de múltipla escolha.

Na elaboração do questionário, priorizaram-se as questões de resposta fechada em escala LIKERT de 5 (cinco) e 6 (seis) pontos, nas quais os respondentes apenas selecionavam a opção (entre as apresentadas) que mais correspondia a sua opinião. Optou-se por deixar apenas uma questão aberta, a qual fazia referência à profissão do respondente. Isso, com o objetivo de permitir ao inquirido construir a resposta com suas próprias palavras, permitindo maior liberdade para acolher a provável diversidade nas respostas.

Predominantemente, as questões foram de natureza fechada, pois essa modalidade permitiria maior rapidez e destreza nas respostas, bem como maior uniformidade, agilidade e simplificação na análise delas. Desta forma, também facilitaria a categorização das respostas para posterior análise.

4.2.3.10 Versão final do questionário

Após a avaliação dos questionários pilotos, elegeu-se a segunda versão (Schwartz) para aplicação face à melhor clareza e dinamismo apresentados nas questões. Também, realizou-se a revisão e devidos ajustes nas questões referentes aos dados sócio demográficos e de percepção das características do bairro pelo público-alvo.

No que tange à escala de valores adotada (RVS), vista a constatação de dificuldades na graduação dos valores entre 0 a 10, substituiu-se pelo questionário reduzido (QPV21) de Schwartz, mais

simplificado, pois possuía escala *Lickert*, de seis pontos. As demais questões que compõem o questionário foram ajustadas de maneira que obedecessem a uma lógica crescente de intensidade em uma escala *Linkert* de cinco pontos, onde um ponto era a opção que representava menor peso e cinco, maior peso.

O questionário recebeu o formato de questionário eletrônico para ser aplicado via internet, e também o formato impresso para ser respondido pessoalmente. As questões foram dispostas de maneira a oferecer boa aparência. Construiu-se o cabeçalho, apresentando as informações gerais da pesquisa. Seguindo a orientação de Oliveira (1997), os questionários foram identificados por número de série. Deste modo, é possível verificar para qual respondente foi distribuído. A literatura estudada (MATTAR, 1996; MARCONI; LAKATOS, 2011; OLIVEIRA, 1997) afirma que o *layout* é importante, pois ele pode influenciar no percentual de retorno dos questionários.

4.2.3.11 Análise dos dados do questionário

Após o retorno dos questionários, antes de sua análise, houve a verificação dos dados, codificação e tabulação. Segundo MATTAR (1996), verificação consiste em analisar se todas as questões foram respondidas, se as respostas abertas estão escritas legivelmente, se o texto é compreensível, e se o respondente seguiu corretamente as instruções de preenchimento e se existe coerência nas respostas. A codificação é a técnica utilizada para categorizar os dados que se relacionam. Com ela, os dados são transformados em símbolos, podendo ser tabelados (OLIVEIRA, 1997). As questões fechadas foram codificadas e diretamente tabuladas. A tabulação significa organizar os dados em tabelas, para serem analisados por processo de técnica de análise estatística. Sua categoria pode ser: mista, cruzada (MARCONI; LAKATOS, 2011), e segundo MATTAR (1996) a tabulação pode ser feita manualmente, mecânica, eletrônica ou parcialmente manual e eletrônica. Neste trabalho foi realizada tabulação eletrônica, onde cada questão foi recriada em tabelas no Excel®, existindo uma coluna, para cada opção de respostas das questões fechadas. Os dados serão digitados nas planilhas do Excel®; com eles, poderão ser elaborados gráficos para facilitar a análise dos resultados.

Os dados obtidos pelos questionários foram tratados de forma comparativa entre os grupos de usuários estudados. Pretendeu-se descrever as variáveis através de frequências absolutas e relativas para as questões referentes à percepção sobre as características do bairro. Para comparar a percepção dos grupos de usuários com relação às características vinculadas aos constructos (convivência, acessibilidade, aparência, conforto ambiental e segurança), bem como de seus respectivos valores pessoais,

foi realizada a comparação das médias de suas respostas utilizando o teste ANOVA. Para que a comparação entre as médias fosse mais significativa, os dados foram submetidos à análise fatorial prévia. As análises estatísticas foram realizadas nos programas SPSS® e Excel®.

4.2.4 Etapa C

A Etapa C consistiu na realização de entrevistas em profundidade, utilizando-se a técnica *laddering* junto a representantes do grupo dos moradores, bem como dos comerciantes. O resultado dessa técnica permite o mapeamento da hierarquia de valor (MHV) dos respondentes. Para o desenvolvimento dessa fase, foi elaborado o roteiro de entrevista para posterior análise de percepção de valor, no qual foram abordados os seguintes constructos: convivência, acessibilidade, aparência, conforto ambiental e segurança. Os constructos foram abordados nas entrevistas com conotação positiva, ou seja, todos eles foram antecidos do adjetivo ‘bom’ ou ‘boa’, uma vez que a técnica *laddering* busca atender a formação de valor (REYNOLDS; GUTMAN, 1988). Entende-se que os aspectos positivos são escolhidos ou preferidos e, na maioria das vezes estão relacionadas a fatores motivacionais dos usuários. Neste sentido, eles podem ser desvelados mediante os estudos de formação de valor (ZINAS *et al.*, 2010).

Com o objetivo de obter respostas com maior nível de profundidade e, assim, atender ao propósito da técnica *laddering*, para cada consequência de uso havia duas questões pertinentes que buscavam saber: a) Quais características levavam a determinada consequência de uso? e b) Porque determinada consequência de uso era considerada importante?

Etapa C – Consolidação dos resultados		
Abordagens	Origem dos dados	Abordagens de análise dos dados
Método <i>Laddering</i> / Entrevista em profundidade	Elaboração do roteiro de entrevista semi-estruturada em formato <i>laddering</i> Entrevista <i>laddering</i> Transcrição das entrevistas	Codificação Construção das <i>ladders</i> Uso do software LadderUX Mapeamento da hierarquia de valor (MHV)
Comparação entre as técnicas	Dados resultantes das etapas B e C	Análise da utilidade e facilidade da aplicação das técnicas de coleta e análise dos dados para a compreensão da percepção de valor e dos valores dos usuários

Quadro 10 – Representação da Etapa C da pesquisa

Por fim, nesta Etapa C, foi realizada a comparação entre as técnicas utilizadas. Tal discussão teve por objetivo analisar as técnicas de coleta e análise de dados, bem como suas vantagens e limitações para o entendimento da percepção de valor e valores dos usuários.

4.2.4.1 A técnica *laddering*

Conforme mencionado no Capítulo 3 a técnica *laddering* permite o mapeamento da cadeia meios-fins. Segundo Veludo-de-Oliveira e Ikeda (2004), a técnica *laddering* desdobra-se em duas etapas essenciais, quais sejam: a) coleta de dados e b) análise e interpretação de resultados.

4.2.4.2 Coleta de dados

Nessa etapa, concentram-se os passos que precisam ser cumpridos no momento da entrevista com a finalidade de captar a forma que os consumidores (usuários) declaram os atributos e como tecem ligações significativas com relação a suas características pessoais, obedecendo à teoria da cadeia meios-fim (REYNOLDS e GUTMAN, 1988). Foram feitas entrevistas individuais em profundidade, bem como personalizadas, conforme sugere Reynolds e Gutman (1988), devido à sequência de perguntas acontecerem de acordo com a resposta dada anteriormente e por existir forte probabilidade de ocorrerem problemas na aplicação do método: o respondente realmente não sabe responder alguma questão e outras se tornarem muito pessoais, criando reação adversa à resposta.

Foi realizado o levantamento da percepção do consumidor (usuário) por meio de perguntas, tais como: “porque isso é importante para você?” de forma repetitiva. À medida que o entrevistado reve-

lava o(s) atributo(s) associado(s) às questões norteadoras (convivência, acessibilidade, aparência, conforto ambiental e segurança), era questionado sobre a importância até revelar os valores pessoais relacionados aos temas. A finalidade desse método é definir a gama de conexões entre os principais atributos (A), consequências (C) e valores (V) (REYNOLDS e GUTMAN, 1988).

Os entrevistados foram escolhidos por conveniência junto aos moradores e comerciantes engajados com as questões do bairro Cidade Baixa. Dos selecionados para essa etapa da pesquisa, parte já tinha participado de alguma etapa anterior (entrevista exploratória ou questionário). O tamanho da amostra foi estabelecido até alcançar o ponto de saturação, isto é, atingiu quantidade suficiente para constatar que as informações e respostas alcançadas se tornassem repetitivas, reduzindo a incidência de respostas distintas.

Nesta pesquisa, foram entrevistados sete moradores e seis comerciantes. Todos os respondentes possuíam engajamento com as questões de seu bairro. Todos os entrevistados eram vinculados à uma associação de bairro (formal ou informal) de comerciantes ou moradores.

Data	Entrevistados	Origem	Tipo	Duração
01/04/2014	Morador 1	Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Individual	00:39:00
28/04/2014	Morador 2	Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Individual	01:01:00
28/04/2014	Morador 3	Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Individual	01:08:00
30/04/2014	Morador 4	Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Individual	00:22:00
01/05/2014	Morador 5	Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Individual	00:49:00
01/05/2014	Morador 6	Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Individual	00:44:00
02/05/2014	Morador 7	Associação dos Moradores da Cidade Baixa	Individual	00:24:00
08/05/2014	Comerciante 1	Associação dos Comerciantes Cidade Baixa em Alta	Individual	00:41:00
09/05/2014	Comerciante 2	Associação dos Comerciantes Cidade Baixa em Alta	Individual	00:45:00
12/05/2014	Comerciante 3	Associação dos Comerciantes Cidade Baixa em Alta	Individual	00:46:00
14/05/2014	Comerciante 4	Associação dos Comerciantes Cidade Baixa em Alta	Individual	00:43:00
07/06/2014	Comerciante 5	Associação dos Comerciantes Cidade Baixa em Alta	Individual	00:25:00
11/06/2014	Comerciante 6	Associação dos Comerciantes Cidade Baixa em Alta	Individual	00:40:00

Quadro 11 – Entrevistas realizadas na Etapa C

Os locais das entrevistas ofereciam privacidade e instalações adequadas para que os entrevistados se sentissem à vontade para responder às questões. Previamente, informaram-se três pontos relevantes que constituem os procedimentos do método, quais sejam: a) que as entrevistas seriam gravadas; b) sobre os objetivos da entrevista; c) assinatura do termo de autorização para entrevista e gravação de voz; d) particularidades da técnica: que a entrevista previa perguntas repetitivas e que isso fazia parte da técnica.

O início das entrevistas era precedido de uma fala inicial da pesquisadora, informando que a pauta da entrevista seria sobre as características do bairro Cidade Baixa e questionava, primeiramente sobre sua história de engajamento com o bairro em tela. Todos os entrevistados mencionavam que tiveram participação em uma ou mais atividades em prol do bairro, o que permitiu constatar o vínculo de engajamento que os mesmos mantinham com o bairro. Após, eram questionados sobre o que trazia para o bairro as seguintes características: boa convivência, boa acessibilidade, boa aparência, bom conforto ambiental e boa segurança e, a seguir, o por quê tais características eram importantes para eles. A partir disso, todas as questões foram ajustadas, de acordo com a resposta de cada entrevistado, tendo-se como objetivo principal provocar a emergência de respostas que expressassem os atributos, as consequências e as relações existentes com seus valores pessoais.

As categorias questionadas na entrevista *laddering* foram selecionadas a partir da literatura da área ambiente comportamento e sociologia (convivência), tais categorias foram as mesmas utilizadas no questionário aplicado na Etapa B.

4.2.4.3 Análise e interpretação de resultados

Esta etapa comporta os elementos-chave dos procedimentos da *laddering*, os quais viabilizam, mediante a sua interpretação em profundidade, o entendimento das motivações implícitas dos consumidores (usuários) ao que se refere a uma determinada classe de produtos (REYNOLDS e GUTMAN, 1988).

Para efetuar a análise dos resultados produzidos através da técnica *laddering*, foi necessário seguir quatro passos: a) análise de conteúdo; b) construção da matriz de implicação; c) construção do mapa hierárquico de valor – MHV e d) determinação das orientações de percepções dominantes (ponto de corte).

	DEFINIÇÃO	POSIÇÃO
Convivência	Coexistência pacífica e harmoniosa de grupos de pessoas num mesmo espaço.	CONSEQUÊNCIA PSICO-SOCIAL
Acessibilidade	Lynch (1960): equidade de acesso a diferentes componentes e atividades do espaço é importante indicador de apropriação.	CONSEQUÊNCIA FUNCIONAL
	Jacobs (2000): quanto maior a acessibilidade, tanto maior será a diversidade de usos e usuários.	
	Carr (2007): elementos que compõem a acessibilidade – sinalização, vias de acesso, transporte, layout adequado, sentimento de segurança, pertencimento, sinais, marcos e/ou representações espaciais.	
Aparência	Lynch (1960): a aparência faz parte do processo de construção de imagem do lugar e indica haver elementos em uma paisagem que a torna dotada de atenção inevitável.	CONSEQUÊNCIA FUNCIONAL
	Kaplan (1998): itens como dimensões das ruas, arborização, harmonia arquitetônica compõem a aparência dos espaços.	
	Kaplan (1998): iluminação, manutenção, desenho da paisagem e as condições do entorno, quando adequadas, são fundamentais para a formação de uma aparência tida como positiva.	
	Lay (1992): o grau de imageabilidade do lugar – medido pelo grau de espacialidade e amplo grau de clareza da estrutura de um ambiente-, então agregado a construção, afeta a percepção que se tenha sobre a aparência. Nesse sentido, a manutenção do ambiente é fator chave para a sua avaliação.	
	(LANG, 1994; LAY, 1992): a manutenção é um elemento que ajuda a agregar prestígio a um lugar e sua consequente apropriação.	
Conforto Ambiental	Carr (2007): fala da necessidade de adequação para os indivíduos no espaço em que estão inseridos físico e psicologicamente.	CONSEQUÊNCIA FUNCIONAL
	Lynch (1960): adequação, grau de ajuste de espaços ou objetos aos usuários.	
	Jacobs (2000): elementos básicos – mobiliário adequado, ambientação adequada ao uso, limpeza, dimensões, segurança, conforto térmico.	
Segurança (Sentimento)	Jacobs (2000): vigilância cidadã gera segurança.	CONSEQUÊNCIA FUNCIONAL
	Jacobs (2000): falta de policiamento e pouca visibilidade aumenta a insegurança.	
	White (1988): quanto maior for o sentimento de segurança, maior será o incremento das relações de sociabilidade.	

Quadro 12 – Características questionadas na técnica laddering

ATRIBUTOS CONCRETOS	01	Mix de usos	Coexistência de comércio, serviços e moradia; bairro misto.
	02	Infraestrutura	Transporte, iluminação, limpeza urbana, coleta de lixo, áreas verdes, árvores, parques, vegetação, calçadas/ruas e vias, calçadas largas, ciclovias, estacionamento, estacionamento subterrâneo, sinalização, sinalização de trânsito, sinalização de entrada, saneamento.
	03	Proteção acústica	Proteção acústica, isolamento acústico, vidros acústicos, vidro duplo, atenuantes acústicos.
	04	Construções antigas	Prédios históricos, casarios antigos, patrimônio histórico, casas tombadas, construções históricas.
	05	Padrão construtivo baixo	Prédios com poucos andares, sem arranháseis, sem espigões.
	06	Entretenimento noturno	<u>Estabelecimentos</u> : bares, restaurantes, cafés, pubs, casas de shows, lancherias, cinema e teatro. <u>Eventos</u> : eventos na rua durante a noite (carnaval, festas), atividade de lazer noturno.
	07	Sem engarrafamento	Menor tráfego de veículos, trânsito sem engarrafamento.
	08	Policimento/vigilância	Policiais militares, guardas municipais, segurança privada.
ATRIBUTOS ABSTRATOS	09	Sem contra-usos	Moradores de rua (mendigos, indigentes), guardadores de carro (flanelinhas), vendedores ambulantes (camelôs), delinquentes (marginais, assaltantes), vândalos (arruaceiros), pichações.
	10	Diversidade de usuários	Diversidade de público, várias tribos.
	11	Manutenção	Bem cuidado, preservado, limpo, qualidade do espaço, bem mantido, bem conservado, calçada boa.
	12	Vigilância cidadã	Movimento de pessoas, movimento nas ruas, onde tem movimento, diversidade de pessoas.
	13	Gerenciamento de ruídos	Respeito às regras de funcionamento de estabelecimentos comerciais noturnos, pouco ruído, redução de ruídos, respeitar as leis, cumprir o decreto nº 17.766/12, fiscalização municipal.
	14	Bairro Boêmio	Vida noturna, atividade de barulho, atividade que junta gente, fruição do lazer noturno.
	15	Disponibilidade	Disponibilizar assistência poder chamar e ser atendido, ofertar segurança.
	16	Autogestão	Engajamento das pessoas, comunidade mais unida, intervenções criativas.
CONSEQUÊNCIAS FUNCIONAIS	17	<u>Centralidade/acessibilidade</u>	<u>Equidade de acesso a diferentes componentes e atividades do espaço</u>
	18	Sociabilidade	As pessoas se encontram encontrar os amigos, conhecer pessoas novas.
	19	Conveniência	Praticidade, comodidade, facilidade, deslocar-se a pé, melhor deslocamento, boa gestão do tempo, tudo é perto.
	20	Atratividade	Atrai público, pessoas, frequentadores, clientes.
	21	<u>Aparência</u>	<u>Aspecto, apresentação externa, imagem, manter a identidade.</u>
	22	<u>Conforto ambiental</u>	<u>Mobiliários adequados, ambientação adequada ao uso, limpeza dimensões, segurança, conforto térmico.</u>
CONSEQUÊNCIAS PSICO SOCIAIS	23	<u>Convivência</u>	<u>Coexistência pacífica e harmoniosa de grupos de pessoas num mesmo espaço.</u>
	24	Vitalidade	Dinamismo, em movimento, vigor, em atividade, integrado, participante.
	25	Tranquilidade	Silêncio, descanso, relaxamento, despreocupação, sossego, concentração, privacidade, dormir.
	26	<u>Sentimento de segurança</u>	<u>Sentir-se livre do perigo, assegurado, protegido, integridade física resguardada.</u>
	27	Boa impressão	Se vender melhor, impressionar os outros positivamente, causar bom impacto nas pessoas, mais interessante, atratividade.
VALORES INSTRUMENTAIS	28	Tolerância	Flexibilidade, bom senso, compreensão, aceitar algumas coisas, diálogo, bom senso, consenso das partes.
	29	Respeito	Obedecer, cumprir regras, consideração.
	30	Educação	Polidez, cortesia, civilidade, urbanidade.
	31	Qualidade de vida	Saúde, lazer, diversão, boas condições de vida.
	32	Organização	Asseado, limpo
	33	Bem sucedido	Ganho, lucro, continuar com os estabelecimentos abertos, êxito, ambição.
VALORES TERMINAIS	34	Felicidade	Bem estar, sentir-se bem, satisfação pessoal, vida melhor, viver bem, otimizar a vida.
	35	Segurança	Proteção pessoal, família, amigos, preservar a vida, ter a vida segura.
	36	Liberdade	Liberdade de ir e vir, autonomia, que se possa circular, poder sair sem medo, poder sair em paz.
	37	Autoestima	Gostar de si mesmo, amor próprio, dignidade, orgulho.
	38	Paz	Ausência de conflitos, vida harmoniosa.
	39	Reconhecimento social	Ser admirado pelos outros, ser reconhecido pelas pessoas, ser referência para outros lugares, prestígio, status, luxo, sentir-se valorizado.
	40	Prosperidade	Sucesso, progresso, uma vida confortável, conforto material.
	41	Igualdade	Todos terem acesso, direitos iguais para todos, isonomia de condições.
	42	Sabedoria	Crescimento pessoal, conhecimento.
	43	Realização	Sentimento de realização, contribuição duradoura, auto realização, estar satisfeito consigo, gostar da vida que leva.

Quadro 13 – Lista de códigos resumo

As entrevistas a partir da técnica *laddering* produziram um acúmulo de dados brutos, os quais foram devidamente gravados e transcritos para viabilizar a análise acurada do conteúdo, elegendo os aspectos mais significativos. Posteriormente, os dados foram desmembrados e agrupados de acordo com sua similaridade semântica mediante a meticolosa codificação em palavras-chaves, com o objetivo de homogeneizar as respostas e, desta forma, tornar possível a análise dos dados com maior clareza e precisão. De acordo com Veludo-de-Oliveira e Ikeda (2004; 2008), como consequência desse refinamento de palavras, são realizadas as categorizações de cada elemento em: (A) atributo concreto ou abstrato; (C) consequência funcional ou psicossocial; (V) valor instrumental ou terminal, formando uma cadeia (sequência A-C-V). A partir disso, foi gerado o quadro resumo com os códigos dos elementos. Por fim, a partir dos atributos, foram identificados os elementos que estão interligados, orientando-se pela sequência A-C-V. A *ladder* foi elaborada de maneira a representar resumidamente o modo de pensar do respondente.

Todos os dados foram inseridos e tratados a partir da ferramenta LadderUX para conferir agilidade e precisão operacional na implementação da técnica. Esse recurso é aplicado apenas na etapa de análise e interpretação dos resultados. Para tanto, os elementos das sequências A-C-V foram decodificados e divididos, construindo as *ladders*. As *ladders* dos respondentes foram inseridas em uma matriz de implicação, demonstrando todas as relações existentes entre os itens. Posteriormente, as associações predominantes entre os referidos itens foram representadas graficamente no mapa hierárquico de Valor (HVM).

	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33
1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
7	0	0	0	0	0	0	11	6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
21	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
30	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
31	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
33	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quadro 14 – Exemplo de uma matriz de implicação

BRITO, 2012.

Os atributos (concretos e abstratos), as consequências (funcionais e psicossociais) e os valores (instrumentais e terminais) foram definidos a partir das entrevistas realizada com moradores e comerciantes, bem como de literatura pertinente. Os atributos concretos são elencados no Quadro 14.

Atributo concreto	Atributos Concretos são características físicas perceptíveis de um produto (VELUDO DE OLIVEIRA, 2016; ZINAS e JUSAN, 2010).	
	Definições consideradas no trabalho	Conceituações complementares
Mix de usos	Comércio, serviços e moradia.	Diversidade de usos: “todos os tipos de atividades de trabalho e comércio estão misturados com as residências. (JACOBS, 2011: 13).
Infraestrutura	Transporte, iluminação, limpeza, coleta de lixo, áreas verdes, árvores, parques, calçadas/ruas e vias, ciclovias, estacionamento, estacionamento subterrâneo, sinalizas.	Conjunto de elementos ou serviços necessários para a criação e funcionamento de uma organização qualquer. Suporte físico-espacial que configura o cenário propício para o desenvolvimento das atividades urbanas em um território, bem como os seus serviços essenciais.
	Calçadas/ruas/vias.	As ruas e calçadas de uma cidade são seus órgãos mais vitais. Se parecem interessantes, a cidade parecerá interessante. Se as ruas são seguras, a cidade está livre de violência e do medo. A calçada que funciona é UMA barreira ao crime. (JACOBS, 2011).
Proteção acústica	Proteção acústica, isolamento acústico, vidros acústicos, vidro duplo, atenuantes acústicos.	
Construções antigas	Construções antigas, construções históricas, prédios históricos, casarios antigos.	
Padrão construtivo baixo	Prédios com poucos andares, sem arranháseis, sem espigões.	
Entretenimento noturno	Estabelecimentos: bares, restaurantes, cafés, pubs, casas de shows, lancheiras, cinema e teatro. Eventos: eventos na rua durante a noite (carnaval, festas), atividade de lazer noturno.	Definições a partir das entrevistas com comerciantes e moradores
Sem engarrafamento	Menor tráfego de veículos, trânsito sem engarrafamento.	
Policimento/vigilância	Policimento, segurança pública, polícia, guarda municipal, segurança privada, poder público presente, ofertar segurança.	

Quadro 15 – Definições gerais consideradas (atributos concretos)

Os atributos abstratos são elencados no Quadro 16.

Atributo abstrato	Atributos abstratos são características intangíveis de um produto (VELUDO DE OLIVEIRA, 2016; ZINAS E JUSAN, 2010).	
	Definições consideradas no trabalho	Conceituações complementares
Sem contras-usos	Moradores de rua, guardadores de carro, delinquentes, pichações.	Desdobramento do conceito de tática (de Certeau, 2001): prática do desvio de função, pela qual o uso previsto para os lugares. / (leite, 2002): usos que não são coerentes com a finalidade do espaço. “Sharon Zukin diria que as “táticas”, quando associadas à dimensão espacial do lugar, que a torna vernácula, constitui-se em um contra uso capaz de subverter os usos esperados de um espaço regulado. “a quantidade de morador de rua, guardador de carro, de traficante, a gente se sente hostilizado.” (morador 01).
Diversidade de usuários	Diversidade de público, várias tribos.	(Jacobs, 2001): precisa ser movimentada de noite e de dia por diferentes populações.
Manutenção	Bem cuidado – preservado – limpo – qualidade do espaço, bem mantido, bem conservado	“calçada que não tem buracos, que tu podes passar bem”, para mim sair na rua e sentir que a rua está limpa, bem cuidada, então para mim isso reflete os meus padrões pessoais (...)” eu acho que tu precisas gostar de onde tu moras. ou se sentir bem, sentir que está cuidado, que é o próprio município cuida da luz, cuida das coisas mais importantes, básicas.”(morador 02)
Vigilância cidadã	Movimento de pessoas, movimento nas ruas, onde tem movimento, diversidade de pessoas	Requisitos: número substancial de estabelecimentos e de outros locais públicos. Lojas, bares, confeitarias, padarias e restaurantes. Estabelecimentos comerciais variados levam as pessoas a circularem onde eles existem e a presença de pessoas atrai outras pessoas (Jacobs, 2011: 37-42) ---- os proprietários e os vizinhos mantêm os olhos sobre as ruas. Isso só se torna possível se existir uma boa diversidade de usos nos edifícios ao redor. (Jacobs, 2011: 37-42) “o movimento nas ruas e o policiamento, cientificamente falando, o bandido não busca um ambiente onde ele possa ser reconhecido, ele busca dinheiro e bens onde tem menos movimentação de pessoas (...) onde tem movimento, a incidência de roubos e assaltos é menor, se não tem movimento, a incidência é maior, porque fica mais vulnerável.” (comerciante 05).
Gerenciamento de ruídos	Respeito às regras de funcionamento de estabelecimentos comerciais noturnos, pouco ruído, redução de ruídos, respeitar as leis, cumprir o decreto N°17.766/12, fiscalização municipal.	
Bairro Boêmio	Vida noturna, atividade de barulho, atividade que junta gente, fruição do lazer noturno	
Disponibilidade	Disponibilizar assistência, poder chamar e ser atendido, ofertar segurança.	
Autogestão	Engajamento das pessoas, comunidade mais unida, intervenções criativas.	O bairro precisa ser pensado enquanto órgãos autogovernados, com autogestão formal ou informal da coletividade, isto é, os próprios moradores se sentem responsáveis pelo seu bairro e se empenham em torná-lo próspero e agradável através de ações coletivas e até mesmo individuais. (JACOBS, 2011). “as pessoas também possam ajudar nessa questão de segurança, a comunidade seja mais unida” (morador 04).

Quadro 16 – Definições gerais consideradas (atributos abstratos)

As consequências funcionais e psicossociais são elencadas no Quadro 18.

Consequência funcional	Consequências funcionais são as que atuam diretamente sobre o indivíduo (WOODRUFF; GARDIAL, 1995).	
	Definições consideradas no trabalho	Conceituações complementares
<u>Acessibilidade/Centralidade</u>	LYNCH (1960): equidade de acesso a diferentes componentes e atividades do espaço é importante indicador de apropriação. JACOBS (2000): quanto maior a acessibilidade, tanto maior será a diversidade de usos e usuários.	CARR (2007): elementos que compõem a acessibilidade – sinalização via de acesso, transporte, layout adequado, sentimento de segurança, pertencimento, sinais, marcos e/ou representações espaciais.
<u>Sociabilidade</u>	As pessoas se encontram, encontrar os amigos, conhecer pessoas novas, o bairro enquanto espaço de sociabilidade, onde se supõe um vínculo social e relações focadas em grupos de relações, práticas de sociabilidade.	Para Schutz (1979) a sociabilidade está considerada a atos comunicativos entre um “eu” que se volta aos outros e os apreende como pessoas. Esse processo se dá a partir da percepção do outro enquanto um corpo no espaço que compartilha comigo um ambiente comunicativo comum.
<u>Conveniência</u>	Praticidade, comodidade, facilidade, deslocar-se a pé, melhor deslocamento, boa gestão do tempo, tudo é perto.	
<u>Atratividade</u>	Atrai público, pessoas, frequentadores, clientes	
<u>Aparência</u>	Aspecto, apresentação externa, imagem, manter a identidade.	LAY (1992): O grau de imageabilidade do lugar – medido pelo grau de espacialidade e amplo grau de clareza da estrutura de um ambiente-, então agregado à construção, afeta a percepção que se tenha sobre a aparência. Neste sentido, a MANUTENÇÃO do ambiente é fator chave para a sua avaliação. KAPLAN (1998): iluminação, manutenção, desenho da paisagem e as condições do entorno, quando adequadas, são fundamentais para a formação de uma aparência tida como positiva. (LANG, 1994; LAY, 1992): A manutenção é um elemento que ajuda a agregar prestígio a um lugar e sua consequente apropriação.
<u>Conforto ambiental</u>	Mobiliários adequados, ambientação adequada ao uso, limpeza, dimensões, segurança, conforto térmico.	CARR (2007): Fala da necessidade de adequação para os indivíduos no espaço em que estão inseridos físico e psicologicamente. LYNCH (1960): Adequação, grau de ajuste de espaços ou objetos aos usuários. JACOBS (2000): Elementos básicos – mobiliário adequado, ambientação adequada ao uso, limpeza, dimensões, segurança, conforto térmico.
Consequência psicossocial	Consequências psicossociais resultam das consequências funcionais, estando ligadas à autoimagem do indivíduo ou à imagem que Eles desejam que outros tenham dele. (WOODRUFF; GARDIAL, 1995).	
	Definições consideradas no trabalho	Conceituações complementares
<u>Convivência</u>	Coexistência pacífica e harmoniosa de grupos de pessoas num mesmo espaço.	
<u>Vitalidade</u>	Dinamismo, em movimento, vigor, em atividade, integrado, participante	
<u>Tranquilidade</u>	Silêncio, descanso, relaxamento, despreocupação, sossego, concentração, privacidade, dormir	
<u>Sentimento de segurança</u>	Sentir-se livre do perigo, assegurado, protegido, integridade física resguardada	JACOBS (2000): vigilância cidadã gera segurança. JACOBS (2000): falta de policiamento e pouca visibilidade aumenta a insegurança. White (1988): quanto maior for o sentimento de segurança, maior será o incremento das relações de sociabilidade
<u>Boa impressão</u>	Se vender melhor, impressionar os outros positivamente, causar bom impacto nas pessoas, mais interessante, atratividade.	

Quadro 17 – Definições gerais consideradas (consequências funcionais e psicossociais)

Os valores instrumentais são elencados no Quadro 19.

VALOR INSTRUMENTAL	Os valores instrumentais correspondem aos modos preferidos de conduta social ou comportamentos para o alcance dos objetivos pessoais. (ROKEACH, 1981)	
Modos preferíveis de conduta	Definições consideradas no trabalho	Maneira preferível de comportamento para alcançar seus objetivos
Ambicioso (bem sucedido)	Ganho, lucro, continuar com os estabelecimentos abertos, êxito, ambicioso	Trabalhador incansável, com aspirações
Asseado (organização)	Asseado, limpo	Limpo, arrumado, bem apresentável
Tolerante (tolerância)	Flexibilidade, bom senso, compreensão, aceitar algumas coisas, diálogo, bom senso, consenso das partes	Disposto a perdoar outros, a aceitar as coisas como elas são
Obediente (respeito)	Obedecer, respeitar regras, consideração	Submisso, sabe obedecer às ordens dos superiores, respeitoso
Polido (educação)	Polidez, cortesia, civilidade, urbanidade	Cortês, educado

Quadro 18 – Definições gerais consideradas (valores instrumentais).

Elaborado pela autora a partir de Rokeach (1981).

O valor instrumental foi elencado separadamente no Quadro 20, pois não faz parte do rol de valores pessoais mencionados na literatura.

VALOR INSTRUMENTAL	Os valores instrumentais correspondem aos modos preferidos de conduta social ou comportamentos para o alcance dos objetivos pessoais. (ROKEACH, 1981)	
Modos preferíveis de conduta	Definições consideradas no trabalho	Maneira preferível de comportamento para alcançar seus objetivos
Qualidade de vida	Saúde, lazer, diversão, boas condições de vida	Condições de vida: bem físico, mental, psicológico e emocional, relacionamentos sociais, saúde, educação.
		“A qualidade de vida envolve a tu não ter um estresse desnecessário” (morador 06)
		E para mim isso é importantíssimo, tu conseguir ter uma qualidade de vida e uma tomada de tempo muito rápida. (comerciante 01)
		É importante tu ter um espaço urbano limpo, adequado, que tu vai viver melhor. É uma questão ligada a qualidade de vida. (morador 01)
		Qualidade de vida é isso, é tu poder viver com o mínimo estresse possível, com a mínima interferência desses agentes químicos aí, que interferem na tua vida, na tua saúde. Poder viver num lugar que tenha uma qualidade de ar, que tu tenha uma coleta de lixo, tu vais minimizar os problemas de saúde pública. (morador 05)

Quadro 19 – Definições gerais consideradas (valores instrumentais – qualidade de vida).

Elaborado pela autora a partir das entrevistas realizadas na Etapa C.

Por fim, os valores terminais são elencados no Quadro 21.

Valor terminal	Os valores terminais, também chamados de valores finais, são os estados finais preferidos de ser e estar. (ROKEACH, 1981)	
Estados preferidos de ser/estar	Definições consideradas no trabalho	Razão final da existência segundo Rokeach (1981)
Uma vida confortável (prosperidade)	Sucesso, progresso, uma vida confortável, conforto material	Uma vida próspera, dinheiro, bens, conforto material
Um sentimento de realização	Sentimento de realização, contribuição duradoura, auto realização, estar satisfeito consigo, gostar da vida que leva	Contribuição duradoura, auto realização, estar satisfeito consigo, gostar da vida que leva
Um mundo de paz	Ausência de conflitos, vida harmoniosa	Livre de guerras e conflitos, vida harmoniosa com a família, vizinhos, no trabalho
Igualdade	Todos terem acesso, direitos iguais para todos, isonomia de condições	Fraternidade, oportunidades iguais, direitos iguais
Liberdade	Liberdade de ir e vir, autonomia, que se possa circular, poder sair sem medo, poder sair em paz.	Independência, livre escolha, poder fazer as coisas como você quer e gosta
Felicidade	Bem estar, sentir-se bem, satisfação pessoal, vida melhor, viver bem, otimizar a vida	Contentamento, satisfação, alegria, estar de bem com a vida
Segurança	Proteção pessoal, família, amigos, preservar a vida, ter a vida segura.	Proteção contra ataques, segurança do país (bairro?)
Autorrespeito (autoestima)	Gostar de si mesmo, amor próprio, dignidade, orgulho	Autoestima, gostar de si mesmo
Reconhecimento social	Ser admirado pelos outros, ser reconhecido pelas pessoas, ser referência para outros lugares, prestígio, status, luxo, sentir-se valorizado.	Ter o respeito das demais pessoas, ser admirado pelos outros
Sabedoria	Crescimento pessoal, conhecimento	Uma compreensão adulta da vida

Quadro 20 – Definições gerais consideradas (valores terminais).

Elaborado pela autora a partir de Rokeach (1981).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesse capítulo, serão apresentados os resultados das etapas A, B e C. Na Etapa A, serão apresentados os resultados referentes à pesquisa documental e à observação realizada. Da Etapa B, por sua vez, constarão os resultados pertinentes às entrevistas realizadas e à aplicação dos questionários. Por fim, da Etapa C, serão mostrados os resultados oriundos da técnica *laddering*, bem como a discussão das etapas precedentes.

5.1 RESULTADOS DA ETAPA A

Após a apreciação dos documentos referentes à pesquisa documental, realizou-se a análise de conteúdo deles, apresentada a seguir.

5.1.1 Análise de conteúdo (pesquisa documental)

Um dos resultados mais interessantes da pesquisa documental refere-se à observação de cíclicos processos de conflito entre moradores e comerciantes de bares e restaurantes noturnos. Por exemplo, o impasse ocorrido em novembro de 2011 que foi apresentado na imprensa local como ápice dos problemas de convivência no bairro. O fechamento de diversos bares entre os dias 10/11/2011 e 12/11/2011 provocou muitos desdobramentos que perduram até os dias de hoje. De um lado, a vida noturna intensa, marcada por seus diversos bares e restaurantes, comerciantes e frequentadores; de outro lado, a vida residencial, sublinhada por seus moradores e suas inúmeras reclamações sobre a falta de sossego para descansarem em seus lares. Essa polarização pode ser compreendida pela fala do prefeito de Porto Alegre, em entrevista concedida ao Sul21:

Não podemos perder a visão de que a Cidade Baixa é um bairro boêmio e cultural extremamente fortalecido, mas que, como qualquer zona da cidade, precisa ser regado. O desregramento estava gerando confusões, incompreensões e discussões. Estávamos vivendo uma guerra civil na Cidade Baixa. Depois de adotarmos o decreto com medidas específicas para a Cidade Baixa, conseguimos que alguns bares e músicos voltassem a trabalhar. Criamos um novo conceito, tanto que agora há o movimento Cidade Baixa em Alta, que é para revalorizar o bairro, e nós somos parceiros. Temos interesse que a Cidade Baixa seja um bairro boêmio e que os moradores saibam das regras que norteiam as atividades noturnas. Estou convencido de que o que fizemos em relação à Cidade Baixa, com amplo diálogo em todos os setores, foi extremamente positivo pra cidade. (Prefeito José Fortunati, em 16/08/2012).

Os antecedentes ao fechamento de diversos bares em novembro de 2011 eram de amplo descontentamento por parte dos moradores, face às inúmeras atividades noturnas. Tal contexto pode

ser melhor ilustrado com a matéria escrita pelo setor de comunicação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) sob a manchete **Reunião debate segurança e ações para o bairro Cidade Baixa:**

Problemas noturnos que afetam moradores do bairro Cidade Baixa foram apresentados nesta quinta-feira, 10, ao prefeito José Fortunati. Em reunião com secretários municipais, comissão de moradores e o vereador Professor Garcia, foram discutidas ações para melhorar a situação noturna que atinge o bairro. A maior preocupação dos moradores diz respeito à falta de segurança (algazarras, brigas e outras ocorrências de cunho policial) devido ao fato do bairro possuir aproximadamente 80 bares/ casas noturnas. (...)

Fortunati confirmou a presença da prefeitura e das secretarias na reunião extraordinária da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude, presidida pelo vereador Professor Garcia, que ocorrerá no dia 16 de novembro, às 19h30, no salão da Igreja Sagrada Família. (PMPA, em 10/11/2011).

Na noite do mesmo dia, iniciou-se o processo de fechamento de diversos estabelecimentos noturnos pelo poder público municipal. Pode-se depreender a situação mediante o exposto na manchete **Operação Sossego fecha bares na Cidade Baixa:**

Na noite desta quinta-feira, 10, em atuação conjunta das equipes de fiscalização de atividades localizadas e de atividades ambulantes da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC), foi realizada a 22ª edição da “Operação Sossego” no bairro Cidade Baixa. Com apoio do 9º Batalhão de Polícia Militar, a ação deu continuidade aos processos fiscalizatórios e mandatos de interdição e de fechamento, assinados pelo titular da SMIC, Valter Nagelstein, na terça-feira, 8 de novembro.

Foram lacrados dez comércios de bares e casas noturnas e autuados três estabelecimentos – por estarem em desacordo -, além de outros quatro, que receberam notificação com prazo de regulamentação para 15 dias. “Faremos o possível para regularizar os bares da Cidade Baixa, com o apoio indispensável da Brigada Militar”, afirmou Nagelstein. A ação terá continuidade nesta sexta-feira e sábado, 11 e 12, razão pela qual não será realizada a operação Lei Seca. (PMPA, em 11/11/2011).

A repercussão de tal medida da Prefeitura de Porto Alegre se deu de diversas formas. Nas matérias do jornal Sul21, por exemplo, temos:

- ✓ “Porto Alegre pode ficar quase sem bares depois da meia-noite” (15/11/2011)
- ✓ “Sobre o fechamento de bares na Cidade Baixa” (16/11/2011)
- ✓ “Audiência mostra os muitos lados do conflito na Cidade Baixa” (17/11/2011)
- ✓ “Polêmica na Cidade Baixa servirá para aperfeiçoamentos, defende Nagelstein” (20/11/2011)
- ✓ “Porto Alegre, uma cidade com toque de recolher” (28/11/2011)

A repercussão no jornal Zero Hora, por sua vez, é evidenciada à luz dos protestos provocados pelas ações de fechamento, por exemplo, em **Fiscalização em bares do bairro Cidade Baixa gera protestos em Porto Alegre:**

Na madrugada de domingo, chegou a 23 o número de estabelecimentos obrigados a fechar as portas por não terem alvará para funcionar após a meia-noite. O recrudescimento da atuação da Secretaria Municipal da Produção Indústria e Comércio (SMIC) provocou a reação de clientes, músicos e donos de casas noturnas.

Com esses diversos enfoques, é possível compreender um pouco da dimensão do conflito entre moradores e comerciantes, bem como da dificuldade em estabelecer uma convivência harmônica entre as partes. A partir disso, foi realizada a reunião extraordinária da Comissão de Educação, Cultura,



Foto 1 – Casas noturnas do bairro fixaram cartazes de protesto nas portas

Esporte e Juventude (primeira Audiência Pública para tratar dos conflitos na Cidade Baixa) no dia 16/11/2011 na Igreja Sagrada Família. As partes envolvidas neste caso se reuniram com o intuito de buscarem uma solução para o impasse na convivência existente.

Foto: Valdir Friolin
/ Agencia RBS, em 14/11/2011.

Foto: Cristine Rochol
PMPA, em 16/11/2011.

Naquela Audiência Pública, pode-se tomar maior consciência dos problemas enfrentados pelos moradores em decorrência da intensa vida noturna do bairro, bem como suas diferentes opiniões:



Foto 2 – Prefeito José Fortunati participa de reunião entre moradores e empresários do bairro Cidade Baixa com coordenação do Vereador Prof. Garcia Local: Igreja Sagrada Família.

Francisca Ramos, 86 anos, mora na Rua Joaquim Nabuco, na Cidade Baixa, próximo a Travessa dos Venezianos. Um dos mais charmosos logradouros de Porto Alegre, a travessa recentemente passou a abrigar uma roda de samba aos domingos que começa no final de tarde e se estende pela noite. “Não vou nem mais à missa no domingo, porque depois das 19h não dá para sair de casa”, explicou a senhora.

Marcos Freitas, cerca de 30 anos, professor de História, mora na mesma rua, em uma esquina que ferve à noite, bem perto do Bar Opinião e de uma dezena de pequenos bares, em que as pessoas se acomodam até no meio da rua. Marcos gosta de viver ali, gosta de ir aos bares e muitas vezes já bebeu cerveja em locais malvistas por vizinhos, que servem bebida em copos de plástico, permitindo o consumo no meio da rua.

Francisca e Marcos estavam na plateia heterogênea da audiência que reuniu, na noite desta quarta (16), na paróquia da Igreja Sagrada Família, centenas de moradores, empresários, músicos, vereadores, o prefeito José Fortunati, secretários municipais e representantes da BM. (Sul21, em 17/11/2011).

Podemos constatar evidências da oposição entre os grupos de usuários do bairro Cidade Baixa pelo do que revela o seguinte trecho:

A audiência foi marcada pelo acirramento. Vaias e aplausos efusivos a cada manifestação, seja de moradores, de empresários, ou de músicos. O conflito foi tratado por muitos durante a audiência como “moradores x empresários”, mas os moradores da Cidade Baixa que gostam de viver ali justamente pelos bares saíram da toca

após a ação do final de semana, mostrando que não eram poucos. A diversidade da audiência mostrou a complexidade do conflito. (Sul21, em 17/11/2011).

Com o objetivo de buscar o equilíbrio entre as diferenças existentes no bairro, o poder público municipal parte do princípio de que a coexistência harmônica entre a vida noturna e a vida residencial é possível e sugere a formação do que seria, até então, o primeiro Grupo de Trabalho para tratar de problemas referentes a bairros:

Diante de todos os lados do conflito, o prefeito José Fortunati discursou em tom conciliador. Ele afirmou que é possível haver convivência entre a boemia e os moradores. O prefeito destacou que a Cidade Baixa já é considerada oficialmente um bairro comercial e residencial desde a década de 1960. “É um bairro que historicamente congrega bares, restaurantes e residências. Eu costumo indicar a Cidade Baixa como um dos pontos básicos de turismo de Porto Alegre”, afirmou o prefeito.

(...)

O prefeito propôs a criação de um grupo de trabalho envolvendo vereadores, Prefeitura, moradores e empresários. Um grupo de músicos, uma das categorias de trabalhadores (nem sempre vista como tal) que mais sofre com o fechamento de estabelecimentos, reivindicou ao final da reunião e conseguiu também ser representado no GT. Um dos entraves que os moradores buscavam resolver ao final da reunião era que a comissão de moradores estava formada apenas por aqueles que eram a favor da interdição dos bares. Sul21, em 17/11/2011).

Em matéria especial realizada pelo jornal Zero Hora, com a manchete **Cidade Baixa: interesses que dividem a meca da boemia** pode-se depreender a coexistência de diferentes interesses em relação aos usos do bairro Cidade Baixa, o que acarreta em conflitos entre diferentes grupos de usuários:

Reduto boêmio mais célebre do Rio Grande do Sul, zona reconhecida para além das fronteiras do Estado por sua elevada concentração de bares e palco de bate-papos que avançam a madrugada adentro, a Cidade Baixa tornou-se centro de um conflito que ameaça pôr em risco justamente as características que tornaram o bairro famoso.

Nas últimas semanas, a Secretaria Municipal da produção, Indústria e Comércio (SMIC) fechou mais de duas dezenas de bares que funcionavam além da meia-noite sem alvará de casa noturna. A legislação local proíbe estabelecimentos sem essa licença de operar madrugada a dentro.

Essa medida extrema, que transformou o cenário de uma região que é sinônimo de agito há mais de uma década, desde que desbancou o Bom Fim, foi o ponto culminante de uma polêmica de anos. A prefeitura e a Brigada Militar agiram após reclamações de moradores alarmados com o lado sombrio do bairro: bebedeira, arrastões, drogas, arruaças, sexo ao ar livre.

Se antes os moradores estavam insatisfeitos, agora são os donos de bares e frequentadores que reclamam. Os proprietários se queixam dos prejuízos e da burocracia. Os usuários do possível fim de uma era. (Zero Hora, 19/11/2011).

O Grupo de Trabalho (GT) Cidade Baixa, que surgiu oficialmente no início de dezembro de 2011:

Tomaram posse nesta sexta-feira os integrantes do Grupo de Trabalho (GT) para buscar soluções aos problemas do bairro Cidade Baixa. A ideia é debater e propor alternativas para resolver as questões que envolvem a comunidade. A região reúne um grande número de residências, mas também concentra bares e casas noturnas.

Para o prefeito José Fortunati, a criação do GT vai permitir que os próprios moradores e comerciantes, com a prefeitura, os vereadores e a Brigada Militar, sejam protagonistas no encaminhamento dos assuntos que estão gerando conflitos.

— Temos convicção que com o debate e seguindo o que determina a lei poderemos encontrar soluções adequadas para os problemas apontados por ambos os lados — afirmou o prefeito. (Zero Hora, em 09/12/2011).

A partir disso, o GT Cidade Baixa realizou diversas reuniões na busca de soluções para os problemas entre moradores e comerciantes. Em 11/04/2012 realizou-se nova Audiência Pública²⁸ para debater a situação da vida noturna no bairro Cidade Baixa. Na leitura da transcrição da audiência, foi possível perceber novamente o envolvimento de diversos grupos sociais, qual sejam frequentadores, músicos, órgãos municipais, vereadores, moradores, comerciantes, Sindipoa e Grupo de Trabalho (GT) Cidade Baixa. Todos em busca de consenso entre as partes interessadas. Nas palavras do Sr. Omar Ferri Jr, esse contexto é explicado da seguinte forma:

O Grupo de Trabalho foi montado pelo Prefeito José Fortunati, que viu a importância de se fazer um Grupo de Trabalho para discutir os problemas ocasionados, ou conflitos gerados entre moradores e empresários aqui no bairro Cidade Baixa.

²⁸ Popularmente nomeada desta forma, porém, conforme transcrição é “Reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esportes e Juventude –CECE (CECE11ABR2012: 01).

Portanto, nós estamos aqui hoje em nome do Governo, com a SMIC, a SMOV, a SMAM, A SPM, a EPTC, A Guarda Municipal, o DMLU, a FASC; estamos também com os empresários, com os moradores, com os músicos, com o Sindipoa, enfim, com todos os envolvidos nessa problemática gerada pelos conflitos no bairro Cidade baixa. O que nós queremos é consenso e sempre buscamos isso. O GT fez sete reuniões, nas quais discutimos muito, debatemos muito, até chegar a um consenso. O que vai ser apresentado hoje aqui pela SPM, Vereadora Fernanda Malchionna, saiu de um consenso entre todos os envolvidos: moradores, empresários, Sindipoa, órgãos municipais. Portanto, não é, vamos dizer assim, um produto final dessa grande assembleia que temos aqui, mas é um produto final de um Grupo de Trabalho feito pelo Prefeito Municipal de Porto Alegre, que tem o maior interesse em acabar com o conflito. (CECE11ABR2012: 02 e 03).

A solução apontada pelo GT Cidade Baixa resultou em proposta que estabelece três níveis de polarização²⁹ para o bairro Cidade Baixa, onde os estabelecimentos de atividade noturna podem funcionar. O primeiro permitiria concentração elevada de atividades noturnas. O segundo flexibilizaria o funcionamento de estabelecimentos à noite em nível um pouco menos elevado do que o primeiro. Por fim, o terceiro ofereceria uma concentração de bares mais branda. Os três níveis de polarização³⁰ que são:

Nível de polarização 1, Rua João Alfredo, entre a rua da República e a Av. Aureliano de Figueiredo Pinto, junto àquele casario Patrimônio Histórico, nível de polarização 2, Rua da República, entre a João Alfredo e a Av. João Pessoa e Rua General Lima e Silva, entre a Av. Venâncio Aires e a Av. Loureiro da Silva; nível de polarização 3, as demais vias do bairro Cidade Baixa. (Breno Ribeiro, CECE11ABR2012: 06).

²⁹ Refere-se a concentração de estabelecimentos por área.

³⁰ Os níveis de polarização 1 e 2 passam a não prever controle de polarização, podendo, desta forma, ter forte concentração de estabelecimentos noturnos.



Figura 12 – Níveis de polarização no bairro Cidade Baixa

Elaborado a partir do Google Maps

Foto: Ivo Gonçalves/PMPA
Porto Alegre – RS, 01.08.2012

Outra proposta foi a de reestabelecer os horários de funcionamento, ou seja, “nas sextas, nos sábados e nas vésperas de feriado, até duas e trinta da manhã, na realidade, até duas horas da manhã, com 30 minutos de tolerância” (Omar Ferri Jr, CECE11ABR2012: 14); e nos demais dias “Que se estabeleça esse horário, em vez da meia-noite, até a uma hora da manhã, para que o estabelecimento possa funcionar” (Omar Ferri Jr, CECE11ABR2012: 14).



Foto 3 – Audiência pública lotou Salão Paroquial na Cidade Baixa.

Em 01/08/2012 realizou-se outra audiência pública sobre horário de funcionamento dos bares da Cidade Baixa para avaliar os 90 dias do Decreto Municipal provisório que determinou o horário de fechamento dos estabelecimentos noturnos na Cidade Baixa. Neste sentido, foi possível verificar que, em linhas gerais, esse período experimental de 90 dias foi avaliado positivamente. A maioria dos participantes percebeu que o bairro Cidade Baixa apresentou melhoras em relação à convivência entre os grupos de usuários.

Tudo começou lá em outubro (2011) – vocês se lembram bem o que nós tínhamos naquela época, quando as ruas estavam cheias, repletas de vendedores ambulantes, cerveja sendo vendida em copos plásticos; enfim, era uma desorganização que nós tínhamos na Cidade Baixa e houve uma ação por parte da Prefeitura. Naquele momento, se estabeleceu, através do Secretário que, hoje, é o Vereador Valter Nagelstein, uma outra realidade, um grupo de trabalho³¹ que foi montado pela Prefeitura Municipal, para estudar sobre esses 90 dias. (...) Hoje é outra realidade que se estabeleceu aqui. (Omar Ferri Jr, CECE01AGO2012: 2 e 4).

Naquela época, chegamos ao ponto de termos que tirar ônibus da Lima e Silva, porque eles não conseguiam passar em função da quantidade de pessoas que se aglomeravam no meio da rua. Nós tivemos que desviar ônibus pela João Pessoa, inclusive aos domingos à tarde, principalmente durante as madrugadas e à noite. Essa foi uma das coisas resolvidas nessas operações. (...) Os bloqueios de vias praticamente não existem mais para o deslocamento. (Tarciso Kasper, CECE01AGO2012: 8 e 10).

Nesses 90 dias, a minha sensação foi que a Cidade Baixa veio melhorando de dia, mas não bastava só a minha sensação como morador, é que as coisas vinham caminhando positivamente e eu ansioso esperava a Brigada Militar, a EPTC, para comprovar que os índices, as estatísticas me mostravam que realmente as coisas do bairro vêm melhorando. (Éguer Gonçalves, CECE01AGO2012: 16-17).

Junto a essas ações para buscar soluções para os problemas no bairro, os comerciantes formaram a associação de comerciantes da Cidade Baixa. Esse movimento de comerciantes passou a se auto denominar de “Cidade Baixa em Alta”. Os comerciantes passaram, a partir de então, a promover atividades culturais na Cidade Baixa.

Eu venho apresentar o projeto Cidade Baixa em Alta, que foi uma iniciativa dos comerciantes do bairro em posição ao que estava acontecendo, principalmente

³¹ Formado por moradores, comerciantes, músicos, Vereadores e sindicatos.

numa situação não de confrontar, mas, sim, de se adequar e fazer alguma coisa pelo bairro, ou seja, parar de falar e fazer. (Tiago Faccio, CECE01AGO2012: 11).

Ao final da Audiência Pública, o Decreto Municipal 17.766/2012, que regula os horários de funcionamento de estabelecimentos noturnos, passou a ser permanente. Não houve unanimidade na decisão. A decisão pela efetivação do decreto contou com a concordância da grande maioria dos presentes. De agosto até novembro de 2012, foi possível verificar alguns efeitos após a implementação do Decreto Municipal, os quais podem ser melhor compreendidos a partir de algumas manchetes:

- ✓ Decreto que normatiza bares da Cidade Baixa será permanente (Sul21, 01/08/2012)
- ✓ Vilaverde manifesta apoio ao projeto “Cidade Baixa em Alta” (Sul21, 01/08/2012)
- ✓ Decreto amplia horários de bares na Cidade Baixa (PMPA, 02/08/2012)
- ✓ Moradores decidem por manter funcionamento de bares na Cidade Baixa (Zero Hora, 02/08/2012)
- ✓ Diálogo na Cidade Baixa pode ser referência para outros bairros (PMPA, 07/08/2012)
- ✓ Ação para regularizar bares na Cidade Baixa começa sexta-feira (Sul21, 18/10/2012)
- ✓ Experiência da Cidade Baixa será repetida em outros bairros (PMPA, 30/10/2012)
- ✓ Bares da Cidade Baixa tem horário especial de verão (PMPA, 12/11/2012)

É possível verificar, a partir deste levantamento documental, que o bairro Cidade Baixa foi palco de diversos conflitos gerados pela coexistência de ampla diversidade de usos e usuários. A partir do episódio que fechou grande quantidade de bares, os grupos de usuários evidenciaram a existência de visões conflitantes em relação ao destino que o bairro deveria seguir. De um lado, os moradores e de outro os comerciantes e frequentadores. O primeiro desejando o sossego de um bairro residencial para poder descansar. O segundo almejando manter um corredor de vida noturna. Ainda, a partir do processo de negociação entre as partes envolvidas, materializada com a formação do GT Cidade Baixa, foi possível estabelecer uma solução intermediária, proporcionando melhora na convivência entre os grupos de usuários. Por fim, o bairro Cidade Baixa passou a servir de referência para outros bairros, uma vez que o engajamento dos usuários para solucionar problemas locais demonstrou-se eficaz.

5.1.2 Observação

A Cidade Baixa é um bairro onde se encontra grande concentração de estabelecimentos voltados para o lazer e entretenimento noturno (bares, restaurantes, cafés e casas noturnas), os quais acolhem diversos públicos. Esse bairro vem sendo alvo de mudanças que a revitalizaram nos últimos

anos. As múltiplas atividades culturais (por exemplo, eventos ao ar livre, tais como: piqueniques no museu, carnavais de ruas, festas juninas, rodas de samba, intervenções artísticas (grafite, dança), festivais de rock, shows, pelo movimento Cidade Baixa em Alta, bem como a união desse movimento aos moradores no sentido de melhorar a infraestrutura e segurança do bairro tem conferido maior organização e atratividade para os diferentes usos e grupos de usuários. Nessa direção, observa-se o interesse de determinados usuários em resgatar algumas características que compunham o bairro antigamente. O bairro é reconhecido historicamente por ser território que abriga sociabilidade boêmia desde o surgimento do músico Lupicínio Rodrigues, o resgate destas características oriundas do passado parece ser um objetivo que tem por finalidade valorizar o bairro e fortalecer as atividades comerciais voltadas para sua vida noturna.

O bairro é território de uso misto, comporta atividades comerciais e serviços, em especial os voltados para o lazer e entretenimento noturno que coexistem com a vida residencial. Observa-se a diversidade de usos e usuários nas diferentes horas do dia e da noite. Essas novas abordagens sobre o bairro, que estabeleceram novos horários de funcionamento das atividades noturnas como critério de boa convivência entre os moradores e os demais usuários, bem como o investimento em atividades culturais (eventos), qualificaram um território que já era central para as relações de sociabilidade, sobretudo no âmbito da vida boêmia, favorecendo ainda mais sua atratividade. A Cidade Baixa apresenta importante diversidade sociocultural, o que consolida o bairro como território onde ocorrem diversos tipos de prática de sociabilidade. Outro aspecto considerável da Cidade Baixa foi a valorização de sua imagem, mais especificamente a que está associada às dimensões históricas e culturais e a boemia. Cabe salientar que sua localização centralizada favorece significativamente o encontro, o que o configura como território com intensa diversidade de usos e usuários, especialmente à noite. Observa-se que o bairro qualificou-se como um dos principais territórios de sociabilidade boêmia em Porto Alegre.

Os usuários da Cidade Baixa se distribuem entre três principais grupos³², quais sejam: moradores, comerciantes e frequentadores. O grupo de usuários moradores tem composição bastante heterogênea, é constituído por todas as faixas etárias: idosos, adultos, jovens, adolescentes e crianças. Observa-se que existe maior incidência de estudantes universitários e famílias formadas por casais sem filhos. Há o predomínio de moradores de classe média. Muitos vêm de outras cidades, estados, ou até

³² Cabe mencionar a presença de outros grupos de usuários que não foram o foco principal das observações, face às limitações da pesquisa: taxistas, vendedores ambulantes, moradores de rua, guardadores de carros, policiais militares, órgãos de fiscalização municipais e funcionários dos diversos estabelecimentos de comércio e serviços, e, também, de casas e condomínios.

mesmo, países diferentes. Dividem-se também entre engajados e não-engajados com as questões pertinentes ao bairro.

Rotineiramente, os moradores saem às ruas do bairro e fazem caminhadas, levam seus animais de estimação para passear, andam de bicicleta, tomam chimarrão. É hábito, em certas ruas do bairro, os moradores, na maioria representada pelos idosos, colocarem cadeiras nas calçadas e sentarem para observar a movimentação de pessoas. A maioria das crianças que moram no bairro é levada por seus pais ou responsáveis para as escolinhas infantis (creches). Os estudantes universitários partem em direção às universidades (na maioria das vezes, para UFRGS ou PUCRS). Os moradores que trabalham, deslocam-se para ir e vir. Muitos moradores também aproveitam a conveniência de morar em um bairro com vida noturna e saem para desfrutar do lazer e entretenimento noturno. Cabe salientar que os moradores estabelecem seu engajamento com as questões do bairro de diversas formas, ora por meio de associações de moradores (por exemplo, Associação dos moradores do bairro Cidade Baixa, Associação dos moradores e amigos da Rua da República – AMORE; associação dos moradores e amigos da Rua Sofia Veloso – AMA Sofia Veloso); ora mediante algum movimento específico (por exemplo, Cidade Baixa Vive e SOS Cidade Baixa); ainda, participando de modo independente nas audiências públicas sobre a Cidade Baixa.

O grupo de usuários comerciantes é formado, em sua maioria, por homens em torno da meia idade. Salvo exceções, verifica-se que a maioria possui no máximo ensino médio e são oriundos do interior do estado. Dividem-se em comerciantes e serviços em geral (mercados, tabacarias, lojas, farmácias, padarias, livrarias, creches, academias, curso de idiomas) e comerciantes na área de entretenimento noturno (cafés, bares, restaurantes, casas noturnas). Da mesma forma que os moradores, os comerciantes distinguem-se entre engajados e não-engajados com os assuntos do bairro.

Os comerciantes em geral abrem seus estabelecimentos para o público no início da manhã, os restaurantes e lancherias em torno das 11 horas; desses, alguns fecham as portas por volta das 15 horas, outros permanecem abertos até a noite. A maioria dos bares e botecos iniciam suas atividades a partir das 17 horas, tendo maior fluxo de público após as 18 horas. O ponto em comum entre os comerciantes é que trabalham quando o estabelecimento está fechado, para tratar de assuntos administrativos do comércio (por exemplo, tratar com fornecedores, fazer a contabilidade do dia, fazer reunião com seus funcionários). A maioria dos comerciantes engajados têm suas atividades voltadas para a vida noturna do bairro e, nesse sentido, criaram o movimento Cidade Baixa em Alta para promover atividades culturais

no bairro, bem como a qualificação do bairro no que diz respeito à iluminação, segurança pública e limpeza urbana.

O grupo de usuários frequentadores é permeado por uma grande diversidade, por exemplo, estudantes, professores universitários, *punks*, *hippes*, roqueiros, gays, músicos, artistas em geral, turistas. Muitos frequentadores vêm ao bairro para usufruir da vida noturna. Além de turistas de fora da cidade, estado ou país, o bairro recebe visitantes habituais de outros bairros de Porto Alegre e Grande Porto Alegre. Não foi possível verificar a existência de engajamento com este bairro. Pode-se observar, em linhas gerais, que existem dois tipos de frequentadores: os que adequam seu comportamento às regras de convivência e os que não o fazem. Os primeiros frequentam os estabelecimentos comerciais, transitam pelas ruas, respeitam o sono dos moradores, mantêm as ruas e vias limpas. Por outro lado, o segundo, ingere bebidas alcoólicas em grandes quantidades, o que altera o seu comportamento: gritam alto ao caminharem pelas ruas e vias de madrugada; estacionam seus carros junto ao meio fio e ligam seus aparelhos de som em volume bastante elevado; urinam ou vomitam nas ruas, jogam grande quantidade de papéis, copos, latas e garrafas no chão; quebram vidraças; provocam desordem, algazarras, brigas e conflitos em geral.

Os frequentadores que utilizam o bairro durante o dia, durante a semana, são de pessoas que trabalham no bairro ou proximidades e vêm para almoçar em seus diversos restaurantes e lancherias. Já nos finais de semana e feriados o público é mais diversificado e também utilizam o bairro para almoçar, muitas vezes o “passeio” na Cidade Baixa, nestes dias, é extensão do “passeio” realizado no Parque da Redenção: visitam o parque e depois partem para a Cidade Baixa para almoçar, ou vice-versa. Ainda, a maioria dos frequentadores, composta por diversas tribos urbanas, prefere utilizar o bairro à noite, a partir das 18 horas, tendo fluxos mais intensos deste grupo nas quintas, sextas, sábados e vésperas de feriado, quando costumam permanecer até a madrugada.

Em suma, é possível observar que o bairro Cidade Baixa tem várias vocações: território de lazer, corredor de vida noturna com sua cultura de boemia, bem como seu patrimônio histórico. O que se reflete na sobreposição de usos e seus constantes processos de conflito e negociação. O que pode ser ilustrado pelas relações de confronto de quem utiliza e de quem mora no bairro, que são resultantes dos barulhos e dos movimentos nas ruas à noite.

5.2 RESULTADOS DA ETAPA B

5.2.1 Entrevista

Nessa etapa, foi realizada a entrevista de cunho exploratório descritivo com a finalidade de identificar possíveis características a serem utilizadas nas etapas posteriores. Os entrevistados possuíam diferentes históricos em relação ao bairro Cidade Baixa, bem como papéis e visões. Os dados obtidos nas entrevistas com o Grupo de Trabalho Cidade Baixa³³ e o Presidente da Associação dos Moradores do bairro Cidade Baixa são apresentados a seguir.

Relação do entrevistado com o bairro
Histórico com o bairro
Entrevistado 01 – Representante dos comerciantes no GT Cidade Baixa
Eu sempre morei no Centro, morei 15 anos no Centro, mas sempre fui um frequentador, desde que vim para Porto Alegre. Aprendi a gostar do bairro, me instalei aqui, comprei meu apartamento, tenho meu negócio. Compramos o terreno aqui e montamos o nosso negócio. Essa é uma história de quase 10 anos. Então, desde que a gente começou aqui no bairro.
Entrevistado 02 – Representante da Prefeitura Municipal de Porto Alegre no GT Cidade Baixa
Foi a partir do GT, eu não tenho história com o bairro, mas eu me apaixonei pelo bairro, me apaixonei pelas pessoas, me apaixonei pelos movimentos. (...), já estive na Cidade Baixa tomando uma cerveja, já estive na Cidade Baixa em festa, já, mas eu não tinha nenhum tipo de convivência, eu não conhecia ninguém, o que aconteceu, a partir disso, nós começamos a construir o grupo e conseguimos construir a discussão e eu sempre falo que uma das coisas que mais deixa a gente feliz, numa grande reunião que nós fizemos com mais de 500 pessoas, isso está em ata da audiência pública da câmara de vereadores, com mais de 500 pessoas para a gente aprovar a questão do horário dos bares, nós tivemos aprovação de 99,9% das pessoas, só três pessoas votaram contra, então isso é uma coisa que nos deixa muito feliz, a construção que foi feita, entre empresários, moradores, entre jovens, estudantes, e pessoas idosas, essa convivência. Conflitos, existem, qualquer esquina tem um conflito, mas a gente tenta trabalhar para que não se tenha o conflito.
Entrevistado 03 – Presidente da Associação dos Moradores do bairro Cidade Baixa
Em 1935, era presidente da província o General da Província Flores da Cunha. E ele jogava ali na Rua Andrade e Neves, mais tarde teve a Sociedade Espanhola, que antes era o bar dos Caçadores, e o meu padrao, foi maestro da rádio Farroupilha. Flores da Cunha descobriu ele em 1935, data do centenário da revolução Farroupilha. Aí Flores da Cunha disse, "Roberto, quero imediatamente uma Ópera tua, aí ele fez a Ópera Missões em 1936. (...) Já estou chegando na Cidade Baixa. Com essa ópera, ele conseguiu um bom dinheiro, com esse dinheiro e mais as economias das irmãs, eles compraram esta casa aqui na Rua da República. É a casa onde eu moro hoje. (...) por volta de 1961, por aí, eu era interno no Colégio <i>Champagnat</i> , bolsa de estudos eu tinha, ele conheceu a minha mãe. (...) E foi assim que a casa passou a ser também da minha mãe. (...) E ele deixou a casa em herança, para minha mãe. E aí minha mãe morreu e a casa ficou num inventário novo, e por enquanto, estou habitando com minha filha.
Entrevistado 04 – Representante da Brigada Militar no GT Cidade Baixa
Eu tenho dois momentos para falar sobre o bairro Cidade Baixa. Primeiro momento, como morador, eu residi no bairro por cerca de 10 anos, tempo que eu estava cursando a academia de polícia militar, de 91 a 2001, eu residia no bairro. E posterior, agora, de 2010 até 2013, a gente está no comando da 2ª CIA do 9º, no qual a Cidade Baixa está incluída como um setor de responsabilidade territorial, e aí a gente exerce essa função.
Entrevistado 05 – Representante do SINDIPOA no GT Cidade Baixa
Eu acho que eles (bares e restaurantes) são uns dos nossos representados. O bairro da Cidade Baixa possui bastantes estabelecimentos da nossa área. Nós somos um sindicato que representa a hotelaria e a gastronomia de Porto Alegre e dentre isso, têm algumas áreas que foram eleitas pela população como áreas de entretenimento e lazer, porque se estabeleceram alguns estabelecimentos próximos, normalmente da nossa área. Penso que isso de uma forma ou de outra levassem cada vez mais empresários para aquela região.
Entrevistado 06 – Representante da Câmara de Vereadores no GT Cidade Baixa
Foi porque os moradores da Cidade Baixa, que me conheciam, meus eleitores, resolveram me procurar. E aí tivemos a acolhida, porque o problema era aonde fazer. E deu uma coincidência, por exemplo, na Sagrada Família, com o padre Egon.

Quadro 21 – Relação do entrevistado com o bairro (histórico).

³³ A representante dos moradores no GT Cidade Baixa optou em não participar das entrevistas, cedendo seu lugar para o presidente da associação dos moradores do bairro Cidade Baixa.

No que se refere aos “significados do bairro para o entrevistado”, o “sentimento em relação ao bairro” é positivo para todos os entrevistados. Os entrevistados revelaram ter sentimentos, tais como; paixão, amor, carinho e orgulho em relação ao bairro Cidade Baixa. Já “o que vem em mente ao falar em Cidade Baixa”, por sua vez, refletem características existentes no bairro, por exemplo: conter atividades culturais, o que o tornaria diferente; ter evoluído a partir do engajamento dos moradores e comerciantes; ter boas relações de vizinhança; ser bem localizado, com acesso e deslocamento facilitados; ser região voltada para o entretenimento e a boemia; dispor de diversidade de comércio.

Significados do bairro para o entrevistado	
Sentimento em relação ao bairro	O que vem em mente ao falar no bairro.
Entrevistado 01 – Representante dos comerciantes no GT Cidade Baixa	
A Cidade Baixa é paixão, é amor. É um bairro que eu gosto.	Existe todo um parque cultural do bairro, ele é um bairro diferente. Tem bastante pessoas jovens, muitas pessoas idosas. Pela cultura e pela diversidade de bares que existe aqui no bairro a gente aprende a gostar cada vez mais.
Entrevistado 02 – Representante da Prefeitura Municipal de Porto Alegre no GT Cidade Baixa	
Sentimento de carinho, muito grande, eu gosto muito das pessoas do bairro e a reciprocidade delas junto comigo é fabulosa, eles me veem como um amigo do bairro, de tentar facilitar todas as questões para eles, de tentar ajudar, eu tenho um sentimento de muito carinho.	Vem tanta coisa na minha mente, eu acho que a Cidade Baixa evoluiu muito, mas não pela prefeitura, a prefeitura foi apenas uma parceira daquele processo ali, eu acho que eles evoluíram como pessoas, eles evoluíram como ser humano, como cidadão de Porto Alegre.
Entrevistado 03 – Presidente da Associação dos Moradores do bairro Cidade Baixa	
Eu adoro isso aqui. É a minha casa, eu gosto. Olha só essa rua aqui. Se tu vier aqui nessa rua na segunda-feira, de noite, a maioria dos bares não abre, tu vais verificar como era a Cidade Baixa antes.	As pessoas aqui, eu conheço todos os meus vizinhos, nós nos damos. Seis da manhã eu sento ali na frente para tomar meu chimarrão, de repente chega um vizinho que está acordando, chega outro, e a gente conversa, troca ideia. Isso aqui tem um jeitinho de interior.
Entrevistado 04 – Representante da Brigada Militar no GT Cidade Baixa	
Eu vejo a cidade baixa como um bairro bem interessante para quem mora no bairro.	É um bairro que tem muitos atrativos, atividades culturais, são as casas, (...) que têm um compromisso social melhor de trabalhar e prestar um serviço à comunidade bom. (...) Eu vejo um bairro que avançou, um bairro que melhorou.
Entrevistado 05 – Representante do SINDIPOA no GT Cidade Baixa	
Eu acho ela uma pérola no meio de uma cidade cosmopolita. É isso que eu enxergo dela. É um bairro que, se não cuidarmos, ele se perde.	Facilidade próxima à região do movimento, dessa coisa de ter entretenimento, é um bairro boêmio. A Cidade Baixa tem uma peculiaridade de clientela, turma mais jovem, com poder aquisitivo de classe média, tu tens facilidade, tu tens uma boa relação.
Entrevistado 06 – Representante da Câmara de Vereadores no GT Cidade Baixa	
Bom, a Cidade Baixa, o que eu vejo, as pessoas que moram lá, elas têm um orgulho muito grande de dizer que são moradores da cidade baixa.	Um lugar mais próximo do centro da cidade, é um lugar que tu não precisa ter carro para se deslocar, tu poder ir para o Centro à pé, se tu não quiser pegar o ônibus. É um lugar que tu tem tudo ali no entorno, tem essa vida boêmia que a gente estava falando, mas tem um bom comércio, tem banco, tem cartório, tem feira livre, tem supermercado. É um bairro que te permite tu ficar ali o tempo todo.

Quadro 22 – Significados do bairro para o entrevistado.

No que diz respeito à percepção dos entrevistados sobre o tema “comércio” no bairro Cidade Baixa, foi recorrente nas falas dos entrevistados que o bairro dispõe de ampla diversidade de comércio voltado para atender o público local. Também foi mencionada a forte presença de estabelecimen-

tos voltados para área de gastronomia, entretenimento e lazer: bares, restaurantes, *pubs* e casas noturnas. Cabe salientar que um dos entrevistados, por ser representante da Brigada Militar, enfatizou a questão da segurança, entendendo que o comércio usufrui de segurança para funcionar.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
COMÉRCIO					
Bem diversificado; bastante área de gastronomia e entretenimento	Quem mora ali não precisa sair do bairro; tem todo o tipo de comércio; pets, bancos, supermercados, bares e restaurantes.	É muito bom; tem público próprio; encontra-se tudo que se procura; é uma cidade dentro de Porto Alegre; tem shopping, supermercados.	Tranquilo, poucos casos de roubo e furto.	Muito pequenos negócios que atendem ao público interno; lojinhas, brechós, loterias, padarias; e bares e restaurantes.	É forte, é um pequeno negócio, mas rico; pequenos comerciantes; infinidade de lojinhas.

Quadro 23 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (comércio).

No que diz respeito à percepção dos entrevistados sobre o tema “cultura” no bairro Cidade Baixa, todos esboçaram reconhecer que a cultura é uma das vocações do bairro e que é uma das referências dentro de Porto Alegre por esse motivo. Foram percebidos pelos entrevistados a diversidade de atividades e manifestações culturais, com a presença de muitos músicos, shows, teatro, carnaval de rua. Ainda foi recorrente a menção ao Museu Joaquim Felizardo, à Travessa dos Venezianos e o bar Opinião como referência de locais que expressam cultura dentro do bairro.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
CULTURA					
Todo mundo conhece; ótima.	Atividades culturais; manifestações culturais diversas.	A Cidade Baixa é sinônimo de cultura; teatro; moram muitos músicos; Shows.	Bem latente no bairro, eventos, museu, teatro, cultura.	Está tentando se resgatar, carnaval de rua, manifestações artísticas muito locais, diversificação cultural muito grande, conviver com culturas diferentes.	Museu Joaquim Felizardo; Travessa dos Venezianos; Bar Opinião; vários lugares com música ao vivo; produções culturais, surgem artistas novos; tem todo o tipo de música.

Quadro 24 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (cultura).

A percepção dos entrevistados sobre o tema “segurança” no bairro Cidade Baixa foi apreendida em suas falas como questão que ainda não atingiu patamares satisfatórios, apesar de ter melhorado. Nessa direção, a maioria dos entrevistados mencionou a necessidade de aumento de dispositivos que ampliam a segurança no bairro, por exemplo: aumento do policiamento ostensivo e a ampliação da iluminação pública. Ainda, o representante da Brigada Militar informa que as ocorrências no bairro concentram-se em furto simples e de veículos.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
SEGURANÇA					
Precisa aumentar o policiamento ostensivo; pouca iluminação em certas ruas.	Está melhorando.	Péssima, não tem; as vezes contamos com a Brigada Militar.	Furto de veículos, furto simples, falta de iluminação, áreas com poucas pessoas.	Tem que ter, é fraca; Precisa de mais policiamento ostensivo; ter um posto da BM direto, dia e noite.	Evoluiu bastante; é cíclico, tem épocas que melhora e outras que piora.

Quadro 25 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (segurança).

Sobre a percepção dos entrevistados ao que se refere ao tema “moradia” no bairro Cidade Baixa, muitos se manifestaram positivamente. O bairro é considerado bom para os moradores, pois dispõem de diversidade de comércio e serviços. Foi mencionado ainda que, pelo fato da comunidade ser engajada nas questões do bairro, ele tende a alcançar melhoras maiores. Foi lembrado ainda que muitas das moradias consistem em prédios e casas antigos, bem como de apartamentos pequenos para estudantes e famílias pequenas. Apesar de a Cidade Baixa apresentar alguns problemas com o barulho provocado pela vida noturna, é considerado um bairro valorizado no mercado imobiliário.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
MORADIA					
É bom demais morar no bairro, porque tem tudo.	É muito bom de se morar lá pela questão do convívio das pessoas.	Era um paraíso, era muito bom; hoje não se consegue ter sossego para dormir.	Comunidade atuante, lideranças que pedem segurança e tranquilidade.	Moradias mais antigas; Prédios muito antigos; apartamentos pequenos para estudantes e famílias menores; bairro valorizado; poucas tem garagem.	Grande parte são moradias antigas; têm várias residências com história própria.

Quadro 26 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (moradia)

No que tange à percepção dos entrevistados sobre o tema “trânsito” no bairro Cidade Baixa, as entrevistas revelaram que um dos fatores que geram problemas no seu fluxo foi a colocação de uma ciclovia. A ciclovia teria reduzido a dimensão da via e também os espaços reservados para estacionamento, o que contribuiria significativamente para o engarrafamento em horários de pico. Outro aspecto elencado nas entrevistas é a insuficiência de espaços para estacionamento, o que resultaria em prejuízo para o bom fluxo no trânsito, bem como para o comércio, que reteria maior número de clientes.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
TRÂNSITO					
Problema com a ciclovia (engarrafamento) Falta de estacionamento.	Os comerciantes não querem a ciclovia, eles querem o estacionamento que tiraram deles.	Está ruim. Não temos mais garagens.	A gente tem umas vias ali com problemas, A José do Patrocínio é uma avenida que não é larga, ela é estreita, ela tinha 3 pistas, com o advento da ciclovia, foi reduzida para duas. Foi criada uma ciclovia e mais um estacionamento. No horário compreendido entre as 19h que o pessoal sair e quer ir para casa, o trânsito tranca e não flui, não tem fluidez	Hoje mesmo, eu não entendi porque que botaram aquela ciclovia ali, eu não entendi aquilo, não consegui perceber ainda, se a ciclovia, ela é mais importante que uma rua de fluxo; muitas moradias não têm garagem.	O grande problema é que fizeram a ciclovia e um estacionamento do lado, estreitando a pista. (engarrafamento).

Quadro 27 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (trânsito).

No que se refere à percepção dos entrevistados sobre o tema “transporte” no bairro Cidade Baixa, foi recorrente a afirmação de que o bairro é privilegiado pela grande oferta de transporte público. Ainda, foi mencionado que alguns passageiros (frequentadores noturnos) reclamam da pouca oferta de ônibus depois da meia-noite. A oferta de opções de transporte nesses horários incrementaria a diversidade de usos e usuários no bairro.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
TRANSPORTE					
Temos muitas linhas de ônibus.	Acho que nós estamos muito bem atendidos com os ônibus da Carris, com um serviço de qualidade.	A maioria deles passa por aqui para fazer o fim de linha no centro ali. Tu pega ônibus fácil.	Muito transporte coletivo	Então eu acho que eles são bem abastecidos	O transporte do bairro é normal, é relativamente bom. O passageiro, por sua vez, reclama que gostaria que tivessem mais ônibus, principalmente nessa época que está a lei seca aí, que ele podia tomar todas e ir embora de ônibus.

Quadro 28 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (transporte).

Com relação à percepção dos entrevistados sobre o tema “história” do bairro Cidade Baixa, muitos fizeram referência à Cidade Baixa com um bairro de vocação boêmia, alicerçando suas argumentações em torno do da vida noturna existente antigamente. Vinculam a história do bairro enquanto boêmio ao cantor e compositor Lupicínio Rodrigues; aos carnavais de rua; às festas da população negra em décadas passadas. As construções antigas também são lembradas como parte do acervo histórico do bairro, por exemplo, a Travessa dos Venezianos com seus casarios e calçadas antigos.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
HISTÓRIA					
A história do bairro Cidade Baixa, desde o Lupicínio Rodrigues, o que vem na mente é a parte cultural, com música, diversão, entendeu, é cultura, então isso aí é cada vez mais.	Eu sei que me falaram que em alguns cantos ali era um lago, e hoje o bairro está todo nesta questão cultural que sempre foi assim, não fugiu muito das origens lá atrás, na construção do bairro, mas eu não posso te falar muito da história assim.	Aqui onde está essa linha dos edifícios, e onde fica a minha casa, antigamente eram os muros da cidade. Aqui eram os muros da cidade. Do lado de fora dos muros, ficavam o Arraial da Baronesa e os quilombolas.	É uma história rica, temos dentro do bairro um quilombo, dentro do bairro cidade baixa, tem a história do carnaval de porto alegre, ligado ao bairro cidade baixa, é um bairro extremamente rico de histórias ligadas justamente a esta atividade cultural que se fala	Não conheço muito, não sei dizer assim, eu só sei que ele se formou, eu sei de hoje, das dificuldades que o bairro tem hoje, a história dela eu não conheço muita coisa.	Eu ouço muito falar dessa questão da Travessa dos Venezianos, da questão da rua do perdão, que eles falam que é parte da República, que onde teria surgido o carnaval de Porto Alegre, depois, o pessoal faz uma mistura, que não é na Cidade Baixa, e alguns entendem que ali seria Cidade Baixa também, que é a questão da famosa Ilhota, que é a vila Lupicínio Rodrigues.

Quadro 29 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (história).

Em referência à percepção dos entrevistados sobre o tema “turismo” no bairro Cidade Baixa, mais uma vez são abordados aspectos referentes à história do bairro, suas construções antigas, os quais poderiam atender a interesses turísticos. A grande concentração de atividades de entretenimento e lazer noturno e a localização privilegiado do bairro colaboraria para receber turistas de diversos lugares do estado, país e exterior. Mesmo o bairro apresentando aspectos que favorecem o turismo, alguns entrevistados consideram importante investir mais em segurança e infraestrutura para qualificá-lo.

Síntese da percepção sobre das características do bairro					
Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5	Entrevistado 6
TURISMO					
Todo esse casario antigo, então, essa história de boemia que o bairro da Cidade Baixa tem, museus, teatros, então tem bastante pontos aqui, Praça Garibaldi, tem bastante coisa bonita aqui para se mostrar aqui no bairro.	O bairro tem muito a oferecer para os turistas, muito, tudo, tem cinema, tem teatro, tem tudo. A cidade Baixa tem a noite, tem os restaurantes, os bares, os pubs, as pessoas.	A Cidade Baixa, talvez por ser tão próxima do centro, foi escolhida para isso.	A gente tem, na João Alfredo, as casas preservadas, que são as construções antigas, do século passado, que são construções preservadas, conservadas.	É muito recomendado como um bairro a ser visitado na cidade, mas ele precisaria um pouco mais de tranquilidade, que ele seja CUIDADO, que tenha guarda na rua, que tenha limpeza urbana mais adequada	Ele é um bairro de vocação turística muito grande, está inserido.

Quadro 30 – Síntese da percepção sobre das características do bairro (turismo).

No que concerne à “avaliação geral do bairro”, para os entrevistados, os “pontos positivos” estão associados a ser um lugar bom para viver. Tal perspectiva está apoiada na diversidade de usos que o bairro proporciona, por exemplo: escolas, lojas, supermercados, cinema, teatro; bancos; cultura; lazer; proximidade do Parque Farroupilha (Redenção) e Shopping Praia de Belas; localização privilegiada, acessibilidade, áreas verdes; bem como diferentes tipos de estabelecimentos voltados para o entretenimento noturno. Da mesma maneira, os pontos positivos são focados para a diversidade de usuários que o bairro congrega; a busca de boa convivência entre diferentes usuários; o engajamento de moradores e comerciantes em prol das necessidades do bairro. Ainda, tem-se como aspecto favorável a história, as construções antigas e atividade culturais que o bairro comporta.

Avaliação geral do bairro Cidade Baixa
Pontos positivos
Entrevistado 01 – Representante dos comerciantes no GT Cidade Baixa
Vários, é um lugar muito bom de se morar, de se viver, tem teatro, tem cultura, tem a Redenção aqui do lado, tem bons restaurantes, temo shopping aqui que é o Praia de Belas que fica do lado do bairro, tem todos os bancos aqui na Cidade Baixa, tem cultura, tem lazer, tem tudo aqui na Cidade Baixa, o que tem que melhorar é a segurança para que a gente possa vender melhor o nosso bairro, para que as pessoas venham ao nosso bairro com segurança,
Entrevistado 02 – Representante da Prefeitura Municipal de Porto Alegre no GT Cidade Baixa
Convivência, convivência entre todo mundo, entre todos, todos, acho que a convivência é um dos aspectos mais positivos no bairro. Convivência e a alegria do bairro. Tu entra no bairro e tu vê ele plenamente alegre, então eu acho ele maravilhoso, acho que não tem outra palavras para descrever o que eu acho da Cidade Baixa, eu acho que é o exemplo, acho que o bairro Cidade Baixa é exemplo a ser seguido para muitos bairros e para muitas pessoas também. Eu acho que ali nós demos um exemplo de democracia, de construção coletiva, e a gente vai avançar mais ainda, acredito que a gente vai avançar muito mais.
Entrevistado 03 – Presidente da Associação dos Moradores do bairro Cidade Baixa
Para mim, Porto Alegre é o bairro Cidade Baixa. Para mim Porto Alegre é aqui. Para mim, a importância é total. Para mim, Porto Alegre é a grande Cidade Baixa. Tudo gira em torno de nós aqui, inclusive o centro e o governo do estado e tudo mais.
Entrevistado 04 – Representante da Brigada Militar no GT Cidade Baixa
Tem uma comunidade atuante, tem uma liderança. Existe uma harmonia entre os moradores e os comerciantes, proprietários dos estabelecimentos do bairro. Eles conseguem conversar entre eles, entenderem as dificuldades do bairro, e buscarem juntos, uma ajuda, um atendimento às suas demandas. Falando parece uma coisa simples, mas na prática é uma coisa complicada, tu conseguir conciliar interesses diversos, buscando entendimento comum, e eles conseguem fazer isso. Isso aí é um ponto muito positivo do bairro que a gente observa. Outro aspecto positivo do bairro, a gente vê que é um bairro, que ele é, na Cidade Baixa, ele é plano, ele é planejado, isto facilita, por exemplo, a criação das ciclovias, facilita porque é um bairro plano, e facilita para que as pessoas possam caminhar, andar de bicicleta, circular pelo bairro tranquilamente. É um bairro que tem um atendimento de escolas de uma forma interessante, têm escolas, bastante escolas. Têm atendimento de supermercado, tem um grande mercado no bairro. Que mais que o bairro tem... A história do bairro é positiva, porque as pessoas se identificam com a história. E entretenimento, também, para o público jovem, é muito interessante no bairro Cidade Baixa, tem ali 3 vias que têm casas distintas para tudo quanto é tipo de jovens, por exemplo, se gosta de um tipo de música, um tipo de outra, ele consegue atender isso aí. Isso é positivo no bairro.
Entrevistado 05 – Representante do SINDIPOA no GT Cidade Baixa
A proximidade é um, o encantamento que ele ainda tem por ser um bairro praticamente, ele não tem muitas construções novas, ele ainda tem muitas casa antigas, ainda tem muito dessa coisa de uma cidadezinha do interior, ele tem muito essa característica, acho que assim, arquitetonicamente acho bem bonito, bem interessante, acho que tem bastante verde lá, acho que a gente pode considerar isso uma coisa positiva, eu acho que esse conflito entre, na verdade não é conflito, de ter negócios 24h abertos, tu tens tudo quanto é publico ali, acho também uma característica bem interessante, tu tens criança, tu tens pessoas mais velhas, tu tens a mulher que faz as compras no Zaffari, tu tens os bares noturnos, tu tens gente que vem da balada, tu tens que vem de outras regiões, eu acho que esse <i>mix</i> assim muito interessante, eu acho interessante.
Entrevistado 06 – Representante da Câmara de Vereadores no GT Cidade Baixa
O ponto mais positivo é a população. É que, quando uma população mora e gosta, isso aí já é o primeiro indicativo para mim, o segundo, a população que são uma outra população, que são os usuários, os frequentadores, que vão para aquele lugar e também se sentem bem, é um lugar que eles vão e se sentem dono, então, isso aqui, para mim, é o ponto mais positivo. Outros pontos, à a proximidade do Centro da Cidade, é um lugar de fácil acesso, tem escoamento para qualquer lugar da cidade.

Quadro 31 – Avaliação geral do bairro (pontos positivos).

Já os “pontos negativos”, por sua vez, refletem-se, a partir das entrevistas, nas questões relativas à infraestrutura, contra-uso, acessibilidade e segurança. No tocante à infraestrutura, foram recorrentes os comentários sobre problemas de iluminação, pavimentação (ruas e vias) e limpeza urbana. Quanto aos contra-usos, a maioria dos entrevistados identificou a ocupação de moradores de rua ou guardadores de veículos como um dos pontos mais negativos. No que concerne à acessibilidade, foi identificado o problema de circulação de veículos (engarrafamento) e falta de estacionamento suficiente para acolher a demanda atual do bairro. Ainda, foi identificado por um entrevistado um aspecto da área de conforto ambiental, qual seja, o nível de ruído ambiental elevado por causa da movimentação noturna do bairro.

Avaliação geral do bairro Cidade Baixa
Pontos Negativos
Entrevistado 01 – Representante dos comerciantes no GT Cidade Baixa
Segurança e os moradores de rua são mais fortes, pavimentação e iluminação eficaz, a iluminação é precária em certos pontos. O que gera insegurança para os moradores. Os moradores de rua estragam a imagem da Cidade Baixa, não que a gente não goste deles entendeu, por exemplo, eu contrato alguns para fazerem pequenas obras quando preciso, preciso carregar areia, brita e tal. Tem gente lá que são trabalhadoras, eu já sugeri para FASC criar um trabalho para esse povo. Tem uma parcela que são trabalhadores, mas aí eles vão gastar o dinheiro com <i>crack</i> .
Entrevistado 02 – Representante da Prefeitura Municipal de Porto Alegre no GT Cidade Baixa
Acho que eu vou na questão da limpeza, a questão é que falta um pouquinho de educação das pessoas. Isso eu acho um ponto negativo, mas eu não generalizo o bairro, generalizo as pessoas, algumas pessoas. Eu acho que falta um pouquinho de educação de algumas pessoas que não querem participar de nada, eu acho que a palavra negativa é a falta de educação de um setor, de algumas pessoas, no mais não vejo aspectos negativos muito grandes no bairro.
Entrevistado 03 – Presidente da Associação dos Moradores do bairro Cidade Baixa
Sempre os mesmos, barulho, abuso de bares, é sempre o mesmo. Na rua da República, João Alfredo, José do Patrocínio, na Joaquim Nabuco, etc.
Entrevistado 04 – Representante da Brigada Militar no GT Cidade Baixa
É o problema de circulação de veículos, as vias não comportam a demanda, principalmente naqueles horários de pico. Alguns pontos de iluminação é preciso ser revistos, muitas vezes é problema de arborização, as árvores estão com a copa muito alta, e isso dificulta a iluminação. E também, um outro aspecto negativo do bairro é justamente essas casas de acolhimento que não têm condições de atender a demanda suficiente para as pessoas que procuram. E essas pessoas ficam na rua, além de ser uma condição desumana para o ser humano, nós estamos ainda entrando no inverno, e essas pessoas vão sofrer as intempéries ali, de não ter onde ficar, isso é um ponto extremamente negativo que eu acho, no bairro Cidade Baixa. (...) Outra questão são os guardadores de veículos, vulgo flanelinhas, que vieram para a cidade baixa porque aumentou a circulação de pessoas, isso eles identificaram ali como um ganho de dinheiro, de fazer aquela prestação de serviço, em tese, para guardar os veículos. Então, isso gera um problema entre moradores, frequentadores, jovens, e esses guardadores de veículo.
Entrevistado 05 – Representante do SINDIPOA no GT Cidade Baixa
E os pontos negativos que eu acho é isso. Ele não tem segurança, ele não tem limpeza, não tem estacionamento, ele está um pouco descuidado.
Entrevistado 06 – Representante da Câmara de Vereadores no GT Cidade Baixa
O que eu vejo é melhorar a iluminação pública do bairro, aquilo que foi feito na João Alfredo tem que ser feito em toda ela. E Porto Alegre assumir, como aquele ponto é um bairro boêmio da cidade, o bairro da diversão, da gastronomia, do lazer, da recreação.

Quadro 32 – Avaliação geral do bairro (pontos negativos)

A partir das entrevistas foi possível organizar as características do bairro dentro de seis blocos principais: a) aspectos gerais; b) convivência; c) acessibilidade d) aparência; e) conforto ambiental; e f) segurança. A identificação destas características foi importante para serem utilizadas como ponto de partida para a elaboração da primeira parte do questionário, a qual foi destinada à verificação da percepção dos usuários em relação as características do bairro. Após este estágio, a primeira parte do questionário foi complementada a partir de estudos na área de ambiente e comportamento.

5.2.2 Questionário

5.2.2.1 Perfil dos moradores

A Figura 13 apresenta o perfil do grupo de usuários (moradores) através do gênero, idade, tempo que é morador no bairro Cidade Baixa e grau de escolaridade. A distribuição por gênero consistiu em 60% feminino e 40% masculino. No que tange a idade, os moradores têm entre 18 e 60 anos ou mais. A predominância dos respondentes, 40%, é a faixa entre 25 e 36 anos, sendo que da faixa entre 37 e 48 anos correspondem a 23% e de mais de 60 anos, a 13%. Por último, situam-se os respondentes que pertencem a faixa etária entre 49 e 60 anos. Quanto ao tempo de moradia no bairro, 33% têm tempo de permanência entre 3 e 7 anos, sendo seguidos por 20% que vivem no bairro até 02 anos, 20% entre 08 e 15 anos; e 20% há 24 anos ou mais, e apenas 7% dos respondentes moram de 16 a 23 anos no bairro. No que se refere à escolaridade, destaca-se o percentual de moradores com ensino superior completo, correspondendo a 40%, com ensino superior incompleto e pós-graduação, ambos com 27% cada e com ensino médio, 6%.

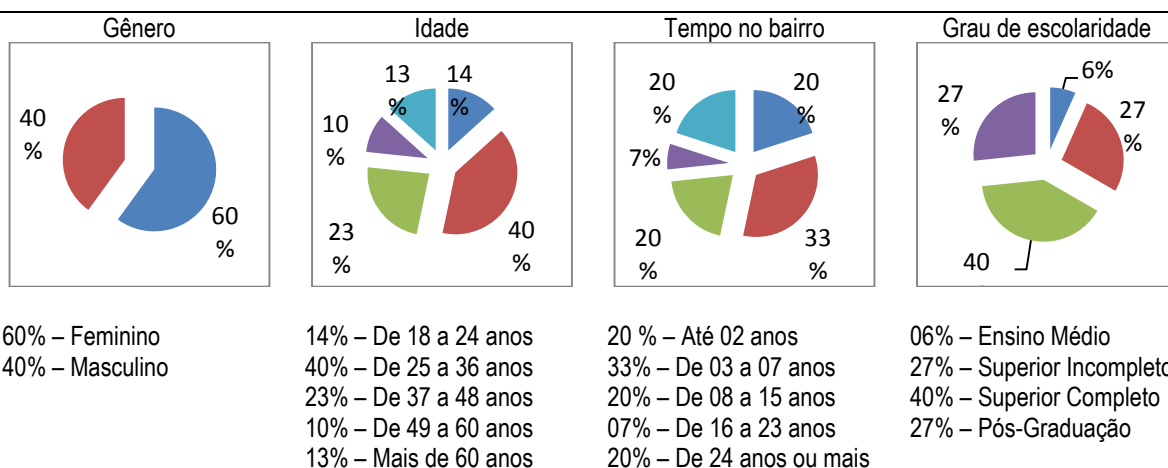


Figura 13 – Perfil do grupo de usuários (morador)

5.2.2.2 Perfil dos comerciantes

A Figura 14 apresenta o perfil do grupo de usuários (comerciantes) através do gênero, idade, tempo que é comerciante no bairro Cidade Baixa e grau de escolaridade. A distribuição por gênero consistiu em 83% masculino e 17% feminino. No que tange a idade, os comerciantes têm entre 18 e 60 anos. A predominância dos respondentes, 33%, é a faixa entre 37 e 48 anos, e também, 33%, entre 49 e 60 anos, sendo que da faixa entre 25 e 36 anos correspondem a 27%. Quanto ao tempo que o respondente é comerciante no bairro, 50% têm tempo de permanência entre 3 e 7 anos, sendo seguidos por 14% que trabalham no bairro até 2 anos, 13% entre 08 e 15 anos; e 13% entre 16 e 23 anos, e apenas 10% dos respondentes exercem atividade de comerciante há mais de 24 anos no bairro. No que se refere à escolaridade, destaca-se o percentual de comerciantes com ensino superior completo, correspondendo a 34%, com ensino fundamental 23%, com ensino médio, 20%, seguidos de 13% com pós-graduação e 10% com ensino superior incompleto.

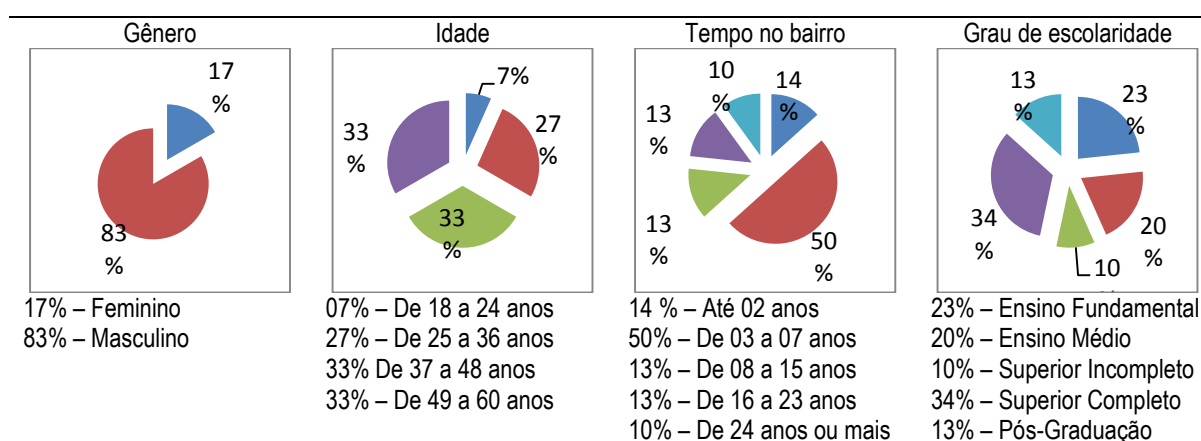


Figura 14 – Perfil do Grupo de usuários (comerciante).

5.2.3 Aspectos gerais percebidos pelos grupos de usuários

Os aspectos gerais percebidos pelos grupos de usuários (*morador*) são apresentados no Quadro 33. Como pode ser observado, de uma forma geral, nenhum dos aspectos apresentou um resultado negativo. Um resultado destacável é o referente a “preservação dos casarios antigos, as calçadas com revestimento cerâmico e as ruas com ladrilho de granito” representando 100% dos respondentes favoráveis a ela. Ainda, mostra-se importante sublinhar que a maioria concorda com a importância que têm para o bairro os aspectos “Atividades de entretenimento e lazer noturno”, 90% e “Colaboração e participação em associações e na vida pública do bairro”, 86,7%. Ao que se refere aos aspectos de identificação com o bairro, 96,7% concordam que o bairro “é um bom lugar para se morar” e 83,3%

compreendem a Cidade Baixa enquanto bairro boêmio. Por fim, a necessidade de “aumentar o policiamento” do bairro conta com a concordância de 93,3% dos moradores questionados.

	Casos (n)	Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Não concordo Nem discordo	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente	DT + DP	NCND	CP + DT
BAIRRO CIDADE BAIXA									
IMPORTÂNCIA PARA O BAIRRO									
Colaboração e participação em associações e na vida pública do bairro	30	0,0%	0,0%	13,3%	30,0%	56,7%	0,0%	13,3%	86,7%
Preservação dos casarios antigos, as calçadas com revestimento cerâmico e as ruas com ladrilho de granito	30	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%	80,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Atividades de entretenimento e lazer noturno	30	6,7%	3,3%	0,0%	30,0%	60,0%	10,0%	0,0%	90,0%
IDENTIFICAÇÃO COM O BAIRRO									
É um bairro boêmio	30	10,0%	6,7%	0,0%	30,0%	53,3%	16,7%	0,0%	83,3%
É um bom lugar para se morar	30	0,0%	0,0%	3,3%	46,7%	50,0%	0,0%	3,3%	96,7%
NECESSIDADE DO BAIRRO									
Aumentar o policiamento	30	0,0%	0,0%	6,7%	13,3%	80,0%	0,0%	6,7%	93,3%

Quadro 33 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (moradores).

Os aspectos gerais percebidos pelos grupos de usuários (*comerciante*) são apresentados no Quadro 34. Como pode ser observado, em linhas gerais, todos os aspectos apresentaram um resultado positivo. Dois resultados destacáveis são os referentes a “colaboração e participação em associações e na vida pública do bairro” e a “preservação dos casarios antigos, as calçadas com revestimento cerâmico e as ruas com ladrilho de granito” representando 100% dos respondentes favoráveis a essas afirmações. Ainda, é mister ressaltar que a maioria concorda com a importância que têm para o bairro os aspectos “Atividades de entretenimento e lazer noturno”, 96,7%. Ao que se refere aos aspectos de identificação com o bairro, 96,7% compreendem a Cidade Baixa como bairro boêmio e 86,7% concordam que o bairro “é um bom lugar para se morar”. Por fim, a necessidade de “aumentar o policiamento” do bairro conta com a concordância de 96,6% dos comerciantes em tela.

	Casos (n)	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	ESCALA ACUMULADA		
							DT + DP	NCND	CP + DT
BAIRRO CIDADE BAIXA									
IMPORTÂNCIA PARA O BAIRRO									
Colaboração e participação em associações e na vida pública do bairro	30	0,0%	0,0%	0,0%	6,7%	93,3%	0,0%	0,0%	100,0%
Preservação dos casarios antigos, as calçadas com revestimento cerâmico e as ruas com ladrilho de granito	30	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%	80,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Atividades de entretenimento e lazer noturno	30	0,0%	3,3%	0,0%	20,0%	76,7%	3,3%	0,0%	96,7%
IDENTIFICAÇÃO COM O BAIRRO									
É um bairro boêmio	30	3,3%	0,0%	0,0%	16,7%	80,0%	3,3%	0,0%	96,7%
É um bom lugar para se morar	30	0,0%	6,7%	6,7%	40,0%	46,7%	6,7%	6,7%	86,7%
NECESSIDADE DO BAIRRO									
Aumentar o policiamento	30	0,0%	3,3%	0,0%	13,3%	83,3%	3,3%	0,0%	96,6%

Quadro 34 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (comerciantes).

Resultados positivos também foram identificados quanto ao Decreto Municipal 17.766/2012 que estabelece novo “horário de funcionamento das atividades de bares, restaurantes, cafés e lancherias” tanto para moradores quanto para comerciantes. Do grupo de usuários (*moradores*), 90% considerou o horário bom ou ótimo, sendo 66,7% para ótimo e 23,3% para bom, e por último 6,7% ruim e apenas 3,3% péssimo.

	Casos (n)	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA		
		Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
BAIRRO CIDADE BAIXA									
DECRETO MUNICIPAL 17.766/2012									
Horário de funcionamento das atividades de bares, restaurantes, cafés e lancherias	30	3,3%	6,7%	0,0%	23,3%	66,7%	10,0%	0,0%	90,0%

Quadro 35 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (moradores).

Já, no que se refere ao grupo de usuários (*comerciantes*), verifica-se maiores indicativos positivos do que o grupo de usuários (*moradores*), pois 100% considerou o horário bom ou ótimo, sendo 73% para ótimo e 27% para bom, não havendo apontamentos em relação aos demais itens.

	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA			
	Casos (n)	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
	BAIRRO CIDADE BAIXA								
	DECRETO MUNICIPAL Nº 17.766/2012								
Horário de funcionamento das atividades de bares, restaurantes, cafés e lancherias	30	0%	0%	0%	27%	73%	0%	0%	100%

Quadro 36 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (comerciantes).

Considerando que foi recorrente nas falas dos entrevistados da fase anterior (entrevista) o fato do novo horário de funcionamento de estabelecimentos com atividade noturna ter colaborado para o bem estar dos usuários, buscou-se verificar esta afirmação quantitativamente. Disso, resultaram nas duas tabelas subsequentes. Tais tabelas mostram o resultado de duas questões relacionadas ao bem estar.

Como pode ser observado junto aos resultados do grupo de usuários (*moradores*), ao que se refere à “qualidade de vida das pessoas”, 66,6% demonstram percepção positiva, sendo que dessas, 43,3% consideraram bom; 23,3%, ótimo. Também, os resultados apresentaram 16,7% para regular, 13,3% para ruim e apenas 3,3% para péssimo. No que diz respeito à “qualidade de sono dos moradores”, 36,7% foi regular, 23,3% bom, 16,7% ruim, 16,7% péssimo e apenas 6,7% ótimo.

	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA			
	Casos (n)	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
	BAIRRO CIDADE BAIXA								
	BEM ESTAR (MORADORES)								
Qualidade de vida das pessoas	30	3,3%	13,3%	16,7%	43,3%	23,3%	16,6%	16,7%	66,6%
Qualidade de sono dos moradores	30	16,7%	16,7%	36,7%	23,3%	6,7%	33,4%	36,7%	30,0%

Quadro 37 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (bem-estar)

Observando os resultados do grupo de usuários (*comerciantes*), no que diz respeito à “qualidade de vida das pessoas”, 83,4% a perceberam positivamente, sendo que dessas, 66,7% consideraram bom; 16,7%, ótimo. Ainda, os resultados apresentaram 16,7% para regular, não apresentado as percepções negativas ruim e péssimo. Ao que se refere à “qualidade de sono dos moradores”, 60,0% foi regular, 33,3% bom e apenas 3,3% Péssimo.

	Casos (n)	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA		
		Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
BAIRRO CIDADE BAIXA									
BEM ESTAR (COMERCIANTES)									
Qualidade de vida das pessoas	30	0,0%	0,0%	16,7%	66,7%	16,7%	0,0%	16,7%	83,4%
Qualidade de sono dos moradores	30	3,3%	0%	60%	33,3%	3,3%	3,3%	60%	36,6%

Quadro 38 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (bem-estar).

Ambos os grupos apresentaram maior incidência de respostas na escala regular (36,7% para moradores e 60% para comerciantes) para o elemento “qualidade de sono dos moradores”. Mesmo assim, na comparação entre os dois grupos de usuários (*comerciantes* e *moradores*), o impacto tende a ser mais otimista para os comerciantes. Isso, pois os moradores apresentam 33,4% de avaliação negativa (ruim 16,73% e péssimo 16,7%), ao passo que os comerciantes, apenas 3,3% (péssimo 3,3%).

5.2.4 Convivência no bairro cidade baixa (moradores e comerciantes)

No tocante ao grupo de moradores, ao que se refere à convivência entre moradores, empresários e frequentadores, 60% demonstraram percepção positiva, sendo que desses, 46,7% consideraram a convivência do bairro boa. Além disso, 13,3% dos moradores consideraram a convivência péssima, 3,3% ruim, 23,3% regular enquanto 13,3% consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 66,7% demonstraram percepção regular da convivência, sendo que desses, 66,7% consideraram a convivência no bairro regular. Além disso, 6,7% dos comerciantes consideraram a convivência péssima, 13,3% ruim, 13,3% boa enquanto 13,3% consideraram a convivência no bairro regular, conforme Quadro 39.

Com relação ao comportamento dos frequentadores noturnos, 60% dos moradores demonstraram percepção negativa, sendo que desses, 60,0% consideraram o comportamento dos frequentadores noturno do bairro péssimo. Além disso, 20% dos moradores consideraram o comportamento dos frequentadores noturnos ruim, 26,7% regular enquanto 13,3% consideraram bom. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 53,4% demonstraram percepção regular do comportamento dos frequentadores noturno, sendo que desses, 36,7% consideraram a convivência no bairro regular. Além disso, 6,7% dos comerciantes consideraram a convivência péssima, 10% ruim, 30% regular enquanto 16,7% consideraram o comportamento dos frequentadores noturnos ótimo, conforme Quadro 39.

No que tange os moradores de rua, 80% dos moradores demonstraram percepção negativa, sendo que desses, 53,3% consideraram a presença de moradores de rua no bairro péssimo. Além disso,

26,7% dos moradores consideraram a presença de moradores rua ruins, 16,7% regular, enquanto 3,3% consideraram bom. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 83,4% demonstraram percepção ruim da presença de moradores de rua no bairro, sendo que desses, 56,7% consideraram a presença de moradores de rua no bairro péssimo. Além disso, 26,7% dos comerciantes consideraram essa presença ruim, enquanto, 16,7%, consideraram regulares, conforme Quadro 39.

No que se refere aos guardados de veículos, 83,4% dos moradores demonstraram percepção negativa, sendo que desses, 46,7% consideraram os guardadores de carro do bairro péssimos. Além disso, 36,7% dos moradores consideraram os guardadores de veículos ruins, enquanto 16,7%, acharam regulares. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 83,3% demonstraram percepção ruim dos guardados de veículos do bairro, sendo que desses, 53,3% consideraram esses guardadores de veículos péssimos. Além disso, 30% dos comerciantes consideraram os guardadores de carros ruins, enquanto 16,7% consideraram regulares, conforme Quadro 39.

Em relação à organização de moradores, 53,3% dos moradores demonstraram percepção positiva, sendo que desses, 53,3% consideraram a organização dos moradores boa. Além disso, 13,3% dos moradores consideraram a organização de moradores péssima, 16,7%, ruim, 10% boa, enquanto 6,7% consideraram ótimas. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 53,3% demonstraram percepção regular da associação de moradores do bairro, sendo que desses, 53,3% consideraram a associação de moradores regular. Além disso, 6,7% dos comerciantes consideraram a associação de moradores péssima, 13,3% ruim, 20% bom, enquanto 6,7% consideraram ótimas, conforme Quadro 39.

No tocante a organização dos comerciantes, 36,7% dos moradores demonstrou percepção positiva, sendo que desses, 30% consideraram a organização dos comerciantes do bairro boa. Além disso, 10% dos moradores consideraram a organização dos comerciantes péssima, 23,3% ruim, 30% regular enquanto 6,7% consideraram ótimas. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 76,6% demonstraram percepção boa da organização dos comerciantes, sendo que desses, 43,3% consideraram a organização dos comerciantes boa. Além disso, 3,3% dos comerciantes consideraram a convivência péssima, 20% regular, enquanto 33,3% consideraram a organização dos comerciantes ótima, conforme Quadro 39.

No que concerne à movimentação noturna, 56,7% dos moradores demonstrou percepção positiva, sendo que desses, 40% consideraram a movimentação noturna do bairro boa. Além disso, 6,7% dos moradores consideraram a movimentação noturna péssima, 23,3% ruim, 13,3% regular, enquanto

16,7% consideraram ótimas. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 93,4% demonstraram percepção boa da movimentação noturna no bairro, sendo que desses, 46,7% consideraram a organização a movimentação noturna de boa a ótima. Além disso, 6,7% dos comerciantes consideraram a movimentação noturna no bairro regular, conforme Quadro 39.

	Casos (n)	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA		
		Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P+R	Regular	B+O
BAIRRO CIDADE BAIXA									
CONVIVÊNCIA (MORADORES)									
Moradores, empresários e frequentadores	30	13,3%	3,3%	23,3%	46,7%	13,3%	16,6%	23,3%	60,0%
Comportamento dos frequentadores noturnos	30	40,0%	20,0%	26,7%	13,3%	0,0%	60,0%	26,7%	13,3%
Moradores de rua	30	53,3%	26,7%	16,7%	3,3%	0,0%	80,0%	16,7%	3,3%
Guardadores de veículos	30	46,7%	36,7%	16,7%	0,0%	0,0%	83,4%	16,7%	0,0%
Organização dos moradores	30	13,3%	16,7%	53,3%	10,0%	6,7%	30,0%	53,3%	16,7%
Organização dos comerciantes	30	10,0%	23,3%	30,0%	30,0%	6,7%	33,3%	30,0%	36,7%
Movimentação noturna	30	6,7%	23,3%	13,3%	40,0%	16,7%	30,0%	13,3%	56,7%
BAIRRO CIDADE BAIXA									
CONVIVÊNCIA (COMERCIANTES)									
Moradores, empresários e frequentadores	30	6,7%	13,3%	66,7%	13,3%	13,3%	20,0%	66,7%	26,6%
Comportamento dos frequentadores noturnos	30	6,7%	10,0%	30,0%	36,7%	16,7%	16,7%	30,0%	53,4%
Moradores de rua	30	56,7%	26,7%	16,7%	0,0%	0,0%	83,4%	16,7%	0,0%
Guardadores de veículos	30	53,3%	30,0%	16,7%	0,0%	0,0%	83,3%	16,7%	0,0%
Organização dos moradores	30	6,7%	13,3%	53,3%	20,0%	6,7%	20,0%	53,3%	26,7%
Organização dos comerciantes	30	3,3%	0,0%	20,0%	43,3%	33,3%	3,3%	20,0%	76,6%
Movimentação noturna	30	0,0%	0,0%	6,7%	46,7%	46,7%	0,0%	6,7%	93,4%

Quadro 39 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (convivência).

5.2.5 Acessibilidade no bairro cidade baixa (moradores e comerciantes)

No tocante a localização do bairro cidade baixa, 100% dos moradores demonstraram percepção positiva, sendo que desses, 83,3% consideraram a localização do bairro ótima. Além disso, 16,7% dos moradores consideraram a localização do bairro boa. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 100% demonstraram percepção boa da localização do bairro, sendo que desses, 83,3% consideraram a localização do bairro ótima. Além disso, 16,7% dos comerciantes consideraram a localização do bairro boa, conforme Quadro 40.

Com relação à localização de ciclovia, 50% dos moradores demonstraram percepção regular, sendo que desses, 50% consideraram a localização de ciclovia do bairro regular. Além disso, 10% dos moradores consideraram a localização de ciclovias péssimas, 6,7% ruins, 20% boas, enquanto 13,3% consideraram ótimas. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 63,3% demonstraram percepção boa da localização de ciclovias no bairro, sendo que desses, 50% consideraram a localização de

ciclovias no bairro boa. Além disso, 20% dos comerciantes consideraram a localização de ciclovias no bairro ruins, 16,7% regulares enquanto 13,3% consideraram ótimas, conforme Quadro 40.

No que tange a proximidade do bairro com o Parque Farroupilha, 100% dos moradores demonstraram percepção positiva, sendo que desses, 83,3% consideraram a proximidade com o parque ótima. Além disso, 16,7% dos moradores consideraram a proximidade com o parque boa. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 96,7% demonstraram percepção boa da proximidade do bairro com o parque farroupilha, sendo que desses, 76,7% consideraram a proximidade do bairro com o parque ótimo. Além disso, 3,3% dos comerciantes consideraram a proximidade do bairro com o parque regular, enquanto 20% consideraram boa, conforme Quadro 40.

Em relação ao trânsito de veículos e pedestres no bairro, 56,7% dos moradores demonstraram percepção positiva, sendo que desses, 40% consideraram o trânsito de veículos e pedestres bom. Além disso, 3,3% dos moradores consideraram o trânsito de veículos e pedestres péssimo, 10% ruim, 30% regular, enquanto 16,7 consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 66,7% demonstraram percepção do trânsito de veículos e pedestres no bairro, sendo que desses, 60% consideraram o trânsito de veículos e pedestres bom. Além disso, 3,3% dos comerciantes consideraram o trânsito de veículos e pedestres do bairro péssimo, 30% regular, enquanto 6,7% consideraram ótimo, conforme Quadro 40.

No tocante a quantidade de locais para estacionar veículos no bairro, 53,4% dos moradores demonstrou percepção negativa, sendo que desses, 46,7% consideraram a quantidade de locais para estacionar veículos ruins. Além disso, 6,7% dos moradores consideraram a quantidade de locais para estacionar veículos no bairro péssimo, 26,7% regular, enquanto 20% consideraram bom. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 50% demonstraram percepção negativa em relação à quantidade de locais para estacionar veículos no bairro, sendo que desses, 40% consideraram esses locais ruins. Além disso, 10% dos comerciantes consideraram a quantidade de locais para estacionar péssimo, 30% regular, enquanto 20% consideraram bom, conforme Quadro 40.

No que concerne à facilidade de acesso a transporte coletivo no bairro, 53,3% dos moradores demonstrou percepção negativa, sendo que desses, 33,3% consideraram a facilidade de acesso a transporte coletivo regular. Além disso, 13,3% dos moradores consideraram a facilidade de acesso a transporte coletivo ruim, 30% bom, enquanto 23,3% consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 66,6% demonstraram percepção positiva em relação à facilidade de acesso a transporte coletivo no bairro, sendo que desses, 26,7% consideraram esse acesso regular. Além disso, 3,3%

dos comerciantes consideraram a facilidade de acesso a transporte coletivo péssimo, 3,3% ruim, 53,3% bom, enquanto 13,3% consideraram ótimo, conforme Quadro 40.

Em relação à sinalização de ruas e vias no bairro, 73,3% dos moradores demonstrou percepção positiva, sendo que desses, 40% consideraram a sinalização de ruas e vias do bairro tanto bom quanto ótima. Além disso, 10% dos moradores consideraram a sinalização de ruas e vias do bairro péssimo, 6,7% ruim, enquanto 3,3% consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 43,3% demonstraram percepção regular em relação à sinalização de ruas e vias do bairro, sendo que desses, 43,3% consideraram essa sinalização regular. Além disso, 16,7% dos comerciantes consideraram a sinalização de ruas e vias do bairro ruim, 36,7% boa, enquanto 3,3% consideraram ótimo, conforme Quadro 40.

No tocante a qualidade das calçadas, ruas e vias do bairro, 40% dos moradores demonstrou percepção negativa, sendo que desses, 36,7% consideraram a qualidade das calçadas, ruas e vias do bairro regulares. Além disso, 6,7% dos moradores consideraram a qualidade das calçadas, ruas e vias do bairro péssimo, 33,3% ruim, 20% bom, enquanto 3,3% consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 46,7% demonstraram percepção regular em relação à qualidade das calçadas, ruas e vias do bairro, sendo que desses, 46,7% consideraram essa qualidade das calçadas, ruas e vias regular. Além disso, 3,3% dos comerciantes consideraram a qualidade das calçadas, ruas e vias péssimo, 10% ruim, 36,7% bom, enquanto 3,3% consideraram ótimo, conforme Quadro 40.

Com relação ao tamanho das calçadas, ruas e vias do bairro, 40% dos moradores demonstrou percepção regular, sendo que desses, 40% consideraram o tamanho das calçadas, ruas e vias do bairro regulares. Além disso, 10% dos moradores consideraram o tamanho das calçadas, ruas e vias do bairro péssimo, 26,7% ruim, 20% bom, enquanto 3,3% consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 46,7% demonstraram percepção regular em relação ao tamanho das calçadas, ruas e vias do bairro, sendo que desses, 46,7% consideraram essa dimensão das calçadas, ruas e vias regular. Além disso, 6,7% dos comerciantes consideraram o tamanho das calçadas, ruas e vias ruim, 43,3% bom, enquanto 3,3% consideraram ótimo, conforme Quadro 40.

No que concerne à sensação de segurança no bairro, 46,7% dos moradores demonstrou percepção negativa, sendo que desses, 30% consideraram a sensação de segurança no bairro regular. Além disso, 26,7% dos moradores consideraram a sensação de segurança do bairro péssima, 20% ruim, 16,7% bom, enquanto 6,7% consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 43,3% demonstraram percepção negativa em relação à sensação de segurança no bairro, sendo que desses,

40% consideraram a sensação de segurança ruim. Além disso, 3,3% dos comerciantes consideraram a sensação de segurança péssima, 23,3% boa, enquanto 3,3% consideraram a sensação de segurança no bairro ótima, conforme Quadro 40.

	Casos (n)	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA		
		Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
BAIRRO CIDADE BAIXA									
ACESSIBILIDADE (MORADORES)									
Localização do bairro	30	0,0%	0,0%	0,0%	16,7%	83,3%	0,0%	0,0%	100%
Localização da ciclovía	30	10,0%	6,7%	50,0%	20,0%	13,3%	16,7%	50,0%	33,3%
Proximidade do Parque Farroupilha (Redenção)	30	0,0%	0,0%	0,0%	16,7%	83,3%	0,0%	0,0%	100%
Trânsito de veículos e pedestres	30	3,3%	10,0%	30,0%	40,0%	16,7%	13,3%	30,0%	56,7%
Quantidade de locais para estacionar veículos	30	6,7%	46,7%	26,7%	20,0%	0,0%	53,4%	26,7%	20,0%
Facilidade de acesso ao transporte coletivo	30	0,0%	13,3%	33,3%	30,0%	23,3%	13,3%	33,3%	53,3%
Sinalização das ruas e vias	30	10,0%	6,7%	40,0%	40,0%	3,3%	16,7%	40,0%	43,3%
Qualidade das calçadas, ruas e vias	30	6,7%	33,3%	36,7%	20,0%	3,3%	40,0%	36,7%	23,3%
Tamanho das calçadas, ruas e vias	30	10,0%	26,7%	40,0%	20,0%	3,3%	36,7%	40,0%	23,3%
Sentimento/sensação de segurança	30	26,7%	20,0%	30,0%	16,7%	6,7%	46,7%	30,0%	23,4%
Sentimento de orgulho das pessoas	30	3,3%	13,3%	20,0%	23,3%	40,0%	16,6%	20,0%	63,3%
ACESSIBILIDADE (COMERCIANTES)									
Localização do bairro	30	0,0%	0,0%	0,0%	16,7%	83,3%	0,0%	0,0%	100%
Localização da ciclovía	30	0,0%	20,0%	16,7%	50,0%	13,3%	20,0%	16,7%	63,3%
Proximidade do Parque Farroupilha (Redenção)	30	0,0%	0,0%	3,3%	20,0%	76,7%	0,0%	3,3%	96,7%
Trânsito de veículos e pedestres	30	3,3%	0,0%	30,0%	60,0%	6,7%	3,3%	30,0%	66,7%
Quantidade de locais para estacionar veículos	30	10,0%	40,0%	30,0%	20,0%	0,0%	50,0%	30,0%	20,0%
Facilidade de acesso ao transporte coletivo	30	3,3%	3,3%	26,7%	53,3%	13,3%	6,6%	26,7%	66,6%
Sinalização das ruas e vias	30	0,0%	16,7%	43,3%	36,7%	3,3%	16,7%	43,3%	40,0%
Qualidade das calçadas, ruas e vias	30	3,3%	10,0%	46,7%	36,7%	3,3%	13,3%	46,7%	40,0%
Tamanho das calçadas, ruas e vias	30	0,0%	6,7%	46,7%	43,3%	3,3%	6,7%	46,7%	46,6%
Sentimento/sensação de segurança	30	3,3%	40,0%	30,0%	23,3%	3,3%	43,3%	30,0%	26,6%
Sentimento de orgulho das pessoas	30	0,0%	3,3%	6,7%	56,7%	33,3%	3,3%	6,7%	90,0%

Quadro 40 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (acessibilidade).

No tocante ao sentimento de orgulho das pessoas que vivem no bairro, 63,3% dos moradores demonstrou percepção negativa, sendo que desses, 23,3% consideraram o sentimento de orgulho bom. Além disso, 3,3% dos moradores consideraram o sentimento de orgulho péssimo, 13,3% ruim, 20% regular, enquanto 40% consideraram ótimo. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 90% demonstraram percepção de sentimento de orgulho das pessoas de residir no bairro, sendo que desses, 56,7% consideraram esse sentimento bom. Além disso, 3,3% dos comerciantes consideraram o sentimento de orgulho ruim, 6,7% regular, enquanto 33,3% consideraram o sentimento de orgulho ótimo, conforme Quadro 40.

5.2.6 Aparência no bairro Cidade Baixa (moradores e comerciantes)

Ao que se refere à “aparência e conservação das calçadas, ruas e vias”, 50% dos moradores consideraram este aspecto negativamente, sendo que destes, 33,3% para ruim e 16,7% para péssimo. Ainda, 30% atribuíram a classificação regular. Os entrevistados que teceram avaliação positiva para esta questão representaram apenas 20%, dos quais 13,3% para bom e 6,7% para ótimo. Já para os comerciantes 43,3% consideram como regular, 33,3% tiveram uma avaliação positiva, sendo que destes todos classificaram este item como bom. Os comerciantes que avaliaram negativamente representavam 23,4%, sendo que destes, 16,7% para ruim e 6,7 para péssimo, conforme Quadro 41.

Relativamente à “aparência e conservação dos prédios antigos”, 46,70% dos moradores consideraram este aspecto regular. Ainda, 36,7% atribuíram uma classificação negativa, da qual 26,7% são para ruim e 10% para péssimo. Os entrevistados que teceram avaliação positiva para esta questão representaram apenas 16,70%, dos quais todos consideram como bom. Já para os comerciantes 46,7% consideram como regular, 36,7% tiveram uma avaliação negativa, sendo que destes 26,7% para ruim e 10% para péssimo. Os comerciantes que avaliaram positivamente representavam 16,7%, sendo que todos para bom, conforme Quadro 41.

No que tange à “aparência e conservação das casas antigas”, 40% dos moradores consideraram este aspecto regular. Ainda, 30% atribuíram uma classificação negativa, da qual 20% são para ruim e 10% para péssimo. Os entrevistados que teceram avaliação positiva para esta questão também representaram 30%, dos quais todos consideram como bom. Já para os comerciantes 53,3% consideram como regular, 33,3% tiveram uma avaliação negativa, sendo que destes 30% para ruim e 3,3% para péssimo. Os comerciantes que avaliaram positivamente representavam 13,37%, sendo que todos para bom, conforme Quadro 41.

No que diz respeito à “qualidade e conservação da iluminação pública”, 43,3% dos moradores consideraram este aspecto regular. Da mesma forma, 43,3% atribuiu uma classificação negativa, da qual 30% são para ruim e 13,3% para péssimo. Os entrevistados que teceram avaliação positiva para esta questão representaram apenas 13,3%, dos quais todos consideram como bom. Já para os comerciantes 43,3% consideram como regular, 36,6% tiveram uma avaliação positiva, sendo que destes 33,3% para bom e 3,3% para ótimo. Os comerciantes que avaliaram negativamente representavam 20%, sendo que todos para ruim, conforme Quadro 41.

No tocante à “Patrimônio histórico-cultural” 53,3% dos moradores consideraram este aspecto regular; 33,3% demonstraram uma avaliação positiva, das quais 23,3% correspondem aos que o consideram bom e 10% ótimo. Dos 13,3% que avaliaram negativamente, 10% correspondem aos que

disseram ser ruim e 3,3% péssimo. Os comerciantes, por sua vez, entendem que este aspecto positivamente, compondo 56,7% do total, destes 46,7% para bom e 10% para ótimo. Ainda, 33,3% consideram-no regular e apenas 10% avaliam negativamente, dos quais todos consideram-no ruim, conforme Quadro 41.

Em referência aos “pontos turísticos”, 40% dos moradores avaliam positivamente, sendo que destes 33,3% para bom e 6,7% para ótimo. Da mesma maneira 40% avaliam este aspecto como regular. Dos 20% dos moradores que o avaliaram negativamente, 13,3% foi para ruim e apenas 6,7% para péssimo. Para 60% dos comerciantes entrevistados, este aspecto é avaliado positivamente, sendo que destes 50% para bom e 10% para ótimo. Ainda, 30% consideram-no regular. Dos apenas 10% que esboçaram uma avaliação negativa, todos apontaram para a alternativa ruim, conforme Quadro 41.

	Ca- sos (n)	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA		
		Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
BAIRRO CIDADE BAIXA									
APARÊNCIA (MORADORES)									
Aparência e conservação das calçadas, ruas e vias	30	16,7%	33,3%	30,0%	13,3%	6,7%	50,0%	30,0%	20,0%
Aparência e conservação dos prédios antigos	30	10,0%	26,7%	46,7%	16,7%	0,0%	36,7%	46,7%	16,7%
Aparência e conservação das casas antigas	30	10,0%	20,0%	40,0%	30,0%	0,0%	30,0%	40,0%	30,0%
Qualidade e conservação da iluminação pública	30	13,3%	30,0%	43,3%	13,3%	0,0%	43,3%	43,3%	13,3%
Patrimônio histórico-cultural	30	3,3%	10,0%	53,3%	23,3%	10,0%	13,3%	53,3%	33,3%
Pontos turísticos	30	6,7%	13,3%	40,0%	33,3%	6,7%	20,0%	40,0%	40,0%
Novos empreendimentos imobiliários	30	20,0%	20,0%	26,7%	30,0%	3,3%	40,0%	26,7%	33,3%
APARÊNCIA (COMERCIANTES)									
Aparência e conservação das calçadas, ruas e vias	30	6,7%	16,7%	43,3%	33,3%	0,0%	23,4%	43,3%	33,3%
Aparência e conservação dos prédios antigos	30	10,0%	26,7%	46,7%	16,7%	0,0%	36,7%	46,7%	16,7%
Aparência e conservação das casas antigas	30	3,3%	30,0%	53,3%	13,3%	0,0%	33,3%	53,3%	13,3%
Qualidade e conservação da iluminação pública	30	0,0%	20,0%	43,3%	33,3%	3,3%	20,0%	43,3%	36,6%
Patrimônio histórico-cultural	30	0,0%	10,0%	33,3%	46,7%	10,0%	10,0%	33,3%	56,7%
Pontos turísticos	30	0,0%	10,0%	30,0%	50,0%	10,0%	10,0%	30,0%	60,0%
Novos empreendimentos imobiliários	30	0,0%	20,0%	23,3%	40,0%	16,7%	20,0%	23,3%	56,7%

Quadro 41 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (aparência).

No que concerne aos “novos empreendimentos imobiliários”, 40% dos moradores consideram este aspecto negativo, sendo que destes 20% para ruim e 20% para péssimo. Ainda, 33,3% consideram positivamente, sendo que destes 30% para bom e apenas 3,3% para ótimo. Os que avaliaram como regular compõem 26,7%. Já os comerciantes avaliam positivamente para 56,% dos entrevistados, sendo que destes 40% para bom e 10% para ótimo. Ainda, 23,3% entendem como regular. Dos 20% que avaliam negativamente, todos escolheram a alternativa ruim, conforme Quadro 41.

5.2.7 Conforto ambiental no bairro Cidade Baixa (moradores e comerciantes)

Com relação a “qualidade do ar” 46,7% dos moradores consideram este aspecto como regular; 36,7% avaliam positivamente, sendo que destes 26,7% para bom e 10% para ótimo; e apenas 16,6% avaliaram negativamente, sendo que destes 13,3% para ruim e 3,3% para péssimo. Para os comerciantes, a “qualidade do ar” foi avaliada positivamente por 60% da amostra, sendo que destes todos consideraram bom. Ainda, 26,7% entendem como regular. Dos 13,3% que avaliam negativamente, todos foram para ruim, conforme a Quadro 42.

Em referência ao “nível de ruído ambiental”, 53,3% dos moradores avaliaram este aspecto negativamente, sendo que destes, 30% para ruim e 23,3% para péssimo. Ainda, 30% avaliaram como regular. Dos 16,6% que avaliaram positivamente, 13,3% foi para bom e apenas 3,3% para ótimo. Já para 46,7% dos comerciantes este aspecto é considerado regular. Ainda, 33,3% considera-o positivamente, sendo que destes todos para bom. Dos 20% que avaliaram negativamente, 16,7% consideram ruim e apenas 3,3% para péssimo, conforme a Quadro 42.

No que concerne à “oferta e qualidade da coleta de lixo”, 53,3% dos moradores avaliaram este aspecto negativamente, sendo que destes, 30% para ruim e 23,3% para péssimo. Ainda, 30% o considerem como regular. Dos 16,7% que avaliaram positivamente, 10% o consideraram ruim e 6,7% péssimo. Já para 40% dos comerciantes, este aspecto foi avaliado positivamente, sendo que destes 30% para bom e 10% para ótimo. Ainda, 36,7% o consideraram como regular. Dos 23,4% que o avaliaram negativamente, 16,7% foi para ruim e 6,7% para péssimo, conforme a Quadro 42.

Em referência à “limpeza urbana (calçadas, ruas e vias)”, 33,3% o consideram como regular. Dos 46,7% que o avaliaram negativamente, 26,7% foi para péssimo e 20% para ruim. Dos 20% que o avaliaram positivamente, todos para bom. Por sua vez, 43,3% dos comerciantes o consideram como regular. Dos 36,7% que o avalia positivamente, todos para bom. Dos 20% que o avaliam negativamente, 10% para bom e 10% para péssimo, conforme a Quadro 42.

Quanto às “Áreas verdes (arborização)”, 60% os moradores entrevistados emitem uma avaliação positiva, sendo que destes, 33,3% para bom e 26,7% para ótimo. Ainda, 23% o consideram como regular. Dos 16,6% que o avaliam negativamente, 13,3% foi para ruim e 3,3% para péssimo. Já para os 70% dos comerciantes este aspecto é considerado como positivo, sendo que destes, 46,7% para bom e 23,3% para ótimo. Ainda, 30% o consideram como regular, conforme a Quadro 42.

No tocante a “locais para atividades de entretenimento e lazer”, 66,6% dos moradores avaliaram positivamente, sendo que destes 43,3% para bom e 23,3% para ótimo. Ainda, 30% o consideraram como regular. Apenas 3,3% considerou este aspecto negativamente, sendo atribuída a classificação ruim. Por sua vez, 76,7% dos comerciantes o avaliam positivamente, sendo que 50% para bom e 26,7% para ótimo. Ainda 20% o classificaram como regular. Apenas 3,3% o avaliou negativamente, todos para ruim, conforme a Quadro 42.

Relativamente a “locais para atividades culturais (eventos culturais e artísticos)”, 63,3% dos moradores avaliaram este aspecto positivamente, sendo que destes 40% para bom e 23,3% para ótimo. Ainda, 26,7% o consideraram regular. Dos 10% que o avaliaram negativamente, todos o classificaram como ruim. Para 66,6% dos comerciantes este é avaliado como positivo, sendo que destes 43,3% para bom e 23,3% para ótimo. Ainda, 33,3% o classificam como regular, conforme a Quadro 42.

	Casos (n)	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA		
		Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
BAIRRO CIDADE BAIXA									
CONFORTO AMBIENTAL (MORADORES)									
Qualidade do ar	30	3,3%	13,3%	46,7%	26,7%	10,0%	16,6%	46,7%	36,7%
Nível de ruído ambiental	30	23,3%	30,0%	30,0%	13,3%	3,3%	53,3%	30,0%	16,6%
Oferta e qualidade da coleta de lixo	30	6,7%	10,0%	46,7%	33,3%	3,3%	16,7%	46,7%	36,6%
Limpeza urbana (calçadas, ruas e vias)	30	26,7%	20,0%	33,3%	20,0%	0,0%	46,7%	33,3%	20,0%
Áreas verdes (arborização)	30	3,3%	13,3%	23,3%	33,3%	26,7%	16,6%	23,3%	60,0%
Locais para atividades de entretenimento e lazer	30	0,0%	3,3%	30,0%	43,3%	23,3%	3,3%	30,0%	66,6%
Locais para atividades culturais (eventos culturais e artísticos)	30	0,0%	10,0%	26,7%	40,0%	23,3%	10,0%	26,7%	63,3%
Áreas de comércio (lojas, supermercados, bares, restaurantes)	30	3,3%	6,7%	6,7%	36,7%	46,7%	10,0%	6,7%	83,4%
Áreas de serviços (bancos, correios, lotéricas, escritórios)	30	0,0%	10,0%	16,7%	46,7%	26,7%	10,0%	16,7%	73,4%
CONFORTO AMBIENTAL (COMERCIANTES)									
Qualidade do ar	30	0,0%	13,3%	26,7%	60,0%	0,0%	13,3%	26,7%	60,0%
Nível de ruído ambiental	30	3,3%	16,7%	46,7%	33,3%	0,0%	20,0%	46,7%	33,3%
Oferta e qualidade da coleta de lixo	30	6,7%	16,7%	36,7%	30,0%	10,0%	23,4%	36,7%	40,0%
Limpeza urbana (calçadas, ruas e vias)	30	10,0%	10,0%	43,3%	36,7%	0,0%	20,0%	43,3%	36,7%
Áreas verdes (arborização)	30	0,0%	0,0%	30,0%	46,7%	23,3%	0,0%	30,0%	70,0%
Locais para atividades de entretenimento e lazer	30	0,0%	3,3%	20,0%	50,0%	26,7%	3,3%	20,0%	76,7%
Locais para atividades culturais (eventos culturais e artísticos)	30	0,0%	0,0%	33,3%	43,3%	23,3%	0,0%	33,3%	66,6%
Áreas de comércio (lojas, supermercados, bares, restaurantes)	30	0,0%	0,0%	3,3%	53,3%	43,3%	0,0%	3,3%	96,6%
Áreas de serviços (bancos, correios, lotéricas, escritórios)	30	0,0%	0,0%	13,3%	46,7%	40,0%	0,0%	13,3%	86,7%

Quadro 42 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (conforto ambiental).

Tendo em consideração a “áreas de comércio (lojas, supermercados, bares, restaurantes)”, 83,4% dos moradores avaliaram este aspecto como positivo, sendo que destes 46,7% para ótimo e 36,7% para bom. Dos 10% que o avaliaram negativamente, 6,7% para ruim e apenas 3,3% para péssimo. Por seu turno, 96,6% dos comerciantes avaliaram-no positivamente, sendo que destes 53,3% para bom e 43,3% para ótimo. Apenas 3,3% o classificaram como regular, conforme a Quadro 42.

No que tange a “áreas de serviços (bancos, correios, lotéricas, escritórios)”, 73,4% dos moradores avaliam positivamente, sendo que destes 46,7% para bom e 26,7% para ótimo. Ainda, 16,7% o classificam como regular. Dos 10% que o avaliam negativamente, todos o classificaram como ruim. Por sua vez, 86,7% dos comerciantes o percebem como positivo, sendo que destes 46,7% para bom e 40% para ótimo. Ainda, 13,3% o classificaram como regular, conforme a Quadro 42.

5.2.8 Segurança (moradores e comerciantes)

No tocante a segurança nas residências do bairro cidade baixa (contra assaltos, roubos, invasões), 36,7% dos moradores demonstrou percepção regular, sendo que desses, 36,7% consideraram a segurança nas residências regular. Além disso, 20% dos moradores consideraram a segurança nas residências péssima, 10% ruim, enquanto 33,3% consideraram boa. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 43,3% demonstraram percepção positiva em relação à segurança nas residências do bairro, sendo que desses, 36,7% consideraram a segurança nas residências regular. Além disso, 13,3% dos comerciantes consideraram a segurança nas residências do bairro péssima, 6,7% ruim, 33,3% boas, enquanto 10% consideraram ótimas, conforme Quadro 43.

Com relação à segurança nos locais públicos do bairro cidade baixa (contra assaltos, roubos, invasões), 70% dos moradores demonstrou percepção negativa, sendo que desses, 43,3% consideraram a segurança nos locais públicos ruins. Além disso, 26,7% dos moradores consideraram a segurança nos espaços públicos péssima, 13,3% regular, 13,3% bom, enquanto 3,3% consideraram ótimas. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 46,7% demonstraram percepção negativa em relação à segurança nos espaços públicos do bairro, sendo que desses, 40% consideraram a segurança nos espaços públicos do bairro regular. Além disso, 20% dos comerciantes consideraram a segurança dos espaços públicos do bairro péssima, 26,7% ruim, 10% boa, enquanto 3,3% consideraram ótimas, conforme Quadro 43.

	ESCALA DO QUESTIONÁRIO					ESCALA ACUMULADA			
	Casos (n)	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo	P + R	Regular	B + O
BAIRRO CIDADE BAIXA									
SEGURANÇA (MORADORES)									
Segurança nas residências (contra assaltos, roubos, invasões)	30	20,0%	10,0%	36,7%	33,3%	0,0%	30,0%	36,7%	33,3%
Segurança nos locais públicos (contra assaltos, roubos, invasões)	30	26,7%	43,3%	13,3%	13,3%	3,3%	70,0%	13,3%	16,6%
Oferta e qualidade do policiamento	30	53,3%	16,7%	26,7%	3,3%	0,0%	70,0%	26,7%	3,3%
SEGURANÇA (COMERCIANTES)									
Segurança nas residências (contra assaltos, roubos, invasões)	30	13,3%	6,7%	36,7%	33,3%	10,0%	20,0%	36,7%	43,3%
Segurança nos locais públicos (contra assaltos, roubos, invasões)	30	20,0%	26,7%	40,0%	10,0%	3,3%	46,7%	40,0%	13,3%
Oferta e qualidade do policiamento	30	20,0%	26,7%	40,0%	13,3%	0,0%	46,7%	40,0%	13,3%

Quadro 43 – Resultados em percentuais da percepção das características do bairro Cidade Baixa (segurança).

No que tange a oferta e qualidade do policiamento, 70% dos moradores demonstrou percepção negativa, sendo que desses, 53,3% consideraram a oferta e policiamento do bairro péssimo. Além disso, 16,7% dos moradores consideraram a oferta e qualidade do policiamento ruim, 26,7% regular, enquanto 3,3% consideraram bom. No que diz respeito ao grupo de comerciantes, 46,7% demonstraram percepção negativa em relação à oferta e qualidade do policiamento no bairro, sendo que desses, 40% consideraram essa oferta e qualidade regular. Além disso, 20% dos comerciantes consideraram a oferta e qualidade do policiamento no bairro péssima, 26,7% ruim, enquanto 13,3% consideraram bom, conforme Quadro 43.

5.2.9 Valores pessoais dos grupos de usuários

Pode-se observar na Tabela 1 que o grupo de usuários (moradores) apresenta seu rol de valores pessoais, em ordem decrescente de suas médias, da seguinte forma: 1º) universalismo; 2º) benevolência; 3º) autodireção; 4º) hedonismo; 5º) segurança; 6º) tradição; 7º) estimulação; 8º) realização; 9º) conformidade; e 10º) poder.

Descriptive Statistics ^a			
	Mean	Std. Deviation	Analysis N
10º PODER	2,633333333	1,0080138660	30
8º REALIZAÇÃO	3,466666667	1,1366415543	30
4º HEDONISMO	4,350000000	0,9839224808	30
7º ESTIMULAÇÃO	3,583333333	0,9745320126	30
3º AUTODIREÇÃO	4,950000000	0,893945150	30
1º UNIVERSALISMO	5,288888910	0,6356782252	30
2º BENEVOLÊNCIA	5,0500	0,88425	30
6º TRADIÇÃO	3,65000	0,957277	30
9º CONFORMIDADE	3,083333333	1,0992421632	30
5º SEGURANÇA	4,3500	1,40289	30

a. Grupo de usuário = morador

Tabela 1 – Médias dos valores pessoais por grupo de usuário (moradores) e posição no Ranking.

Por sua vez, na Tabela 2, pode-se observar que o grupo de usuários (comerciantes) apresenta seu rol de valores pessoais, em ordem decrescente de suas médias, da seguinte forma: 1º) benevolência; 2º) autodireção; 3º) universalismo; 4º) segurança; 5º) tradição; 6º) realização; 7º) conformidade; 8º) hedonismo; 9º) estimulação; e 10º) poder.

	Mean	Std. Deviation	Analysis N
10º PODER	3,283333333	1,1498375697	30
6º REALIZAÇÃO	4,366666667	,9090856844	30
8º HEDONISMO	3,983333333	,9048083559	30
9º ESTIMULAÇÃO	3,950000000	1,0775931034	30
2º AUTODIREÇÃO	5,083333333	0,788749920	30
3º UNIVERSALISMO	4,977777750	0,6185716538	30
1º BENEVOLÊNCIA	5,2500	0,62629	30
5º TRADIÇÃO	4,50000	1,129541	30
7º CONFORMIDADE	4,000000000	1,4142135624	30
4º SEGURANÇA	4,7500	,93541	30

a. Grupo de usuário = comerciante

Tabela 2 – Médias dos valores pessoais por grupo de usuário (comerciantes) e posição no Ranking

É possível depreender da de ambas tabelas supra, que, apesar de não estarem na mesma ordem no *ranking*, os valores “autodireção, universalismo e benevolência”, concentram-se entre os três valores pessoais predominantes tanto para moradores quanto para comerciantes. Outra semelhança é o fato do valor pessoal “poder” estar posicionado em 10º lugar no grau de importância para ambos dos grupos de usuários. Por fim, pode-se constatar duas diferenças na prioridade de valores para moradores e usuários. A primeira refere-se a posição do valor pessoal “hedonismo”, o qual situa-se em 4º lugar na escala de prioridades para moradores, ao passo que os comerciantes apresentam esse mesmo valor em 8º lugar do seu *ranking*. A segunda diz respeito ao valor “estimulação”, o qual está posicionado em 7º lugar, enquanto aos comerciantes, para este valor, coube o 9º lugar.

5.2.10 Comparação das características percebidos do bairro e valores pessoais nos grupos de usuários (moradores e comerciantes)

Os constructos referentes às características do bairro (convivência, acessibilidade, aparência, conforto ambiental e segurança), bem como os valores pessoais dos usuários (poder, realização, hedonismo, estimulação, autodireção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança) foram comparados entre os grupos de usuários (morador e comerciante). Para tanto, concentraram-se os constructos pertinentes as características do bairro em um componente principal e analisados separadamente. Já para a análise dos valores pessoais de cada grupo de usuários os 10 valores pessoais foram agrupados em três componentes principais.

5.2.11 Características do bairro

Foi realizada a análise de componentes principais para avaliar os dados obtidos com o objetivo de escolher as formas mais representativas dos dados a partir de combinações lineares das variáveis originais e, assim, viabilizar a identificação de relação entre as características extraídas dos dados. Neste sentido, aplicou-se o teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que indica o grau de explicação dos dados a partir dos fatores encontrados na Análise Fatorial. Caso o KMO indique grau de explicação menor que 0,50, significa que os fatores encontrados na tabela não conseguem descrever, satisfatoriamente, as variações dos dados originais.

Neste caso, o teste KMO indicou fator de explicação entre as variáveis de,864. Outro teste que pode ser avaliado é o teste de esfericidade que indica se existe relação suficiente entre os indicadores para a aplicação da análise fatorial. Para que seja possível a aplicação da análise fatorial, recomenda-se que o valor de sig. (teste de significância) seja menor que ,05; caso isso não ocorra, é provável que a correlação dos indicadores seja muito pequena, o que impede a aplicação da análise fatorial. Nesta pesquisa, o teste de esfericidade para as características do bairro indica a possibilidade de aplicação da análise fatorial para ambos os grupos de usuários, qual seja, sig = ,000.

KMO and Bartlett's Test		
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,864
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	218,057
	df	15
	Sig.	,000

Tabela 3 – Teste de Kaiser-Meyer-Olkin

Observou-se que os indicadores conseguiram poder de explicação significativo para ambos os grupos de usuários juntos, considerando todos os fatores obtidos (comunalidades), conforme pode ser observado na tabela de *Comunalities* (comunalidades).

Communalities		
	Initial	Extraction
CONVIVÊNCIA	1,000	,663
ACESSIBILIDADE	1,000	,789
APARÊNCIA	1,000	,760
CONFORTO AMBIENTAL	1,000	,739
SEGURANÇA	1,000	,418

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Tabela 4 – Comunalidades

Uma última análise foi realizada, na qual verifica-se o grau de explicação atingido pelo fator que foi calculado pela análise fatorial, para os moradores e comerciantes sobre a percepção das características do bairro. Com relação a esse indicativo, que demonstra relação entre o fator e as variáveis, o modelo consegue explicar 67,881% da variância dos dados originais. Nesse sentido, isso pode ser observado na tabela de Variância Total Explicada (Total Variance Explained).

A tabela Matriz Componente (*Component Matrix*) permite verificar a existência de 1 fator que melhor explica cada um dos indicadores considerados.

Total Variance Explained				
Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total
	1	4,073	67,881	67,881
2	,676	11,259	79,140	
3	,450	7,500	86,640	
4	,262	4,370	97,110	
5	,173	2,890	100,000	

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Tabela 5 – Variância Total Explicada

Observa-se que a matriz, por possuir apenas um componente principal, é clara quanto à composição do fator, apresentando os valores de explicação muito próximos na maioria dos casos (convivência, acessibilidade, aparência, conforto ambiental e segurança).

Component Matrix ^a	
	Component 1
ACESSIBILIDADE	,888
APARÊNCIA	,872
CONFORTO AMBIENTAL	,860
CONVIVÊNCIA	,814
SEGURANÇA	,647

Extraction Method: Principal Component Analysis.
a. 1 components extracted.

Tabela 6 – Matriz de componentes

A diferença entre as médias dos dois grupos não é significativa (sig. 0,014). Apesar disso, pode se observar, ao comparar os dois grupos de usuários, que os comerciantes possuem maior concentração de suas respostas para avaliações positivas em relação às características do bairro. Já os moradores têm suas respostas menos concentradas e com algumas mais negativas que os comerciantes.

ANOVA

Características do bairro – Componente 1

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	5,881	1	5,881	6,421	,014
Within Groups	53,119	58	,916		
Total	59,000	59			

Tabela 7 – Características do bairro – Componente 1

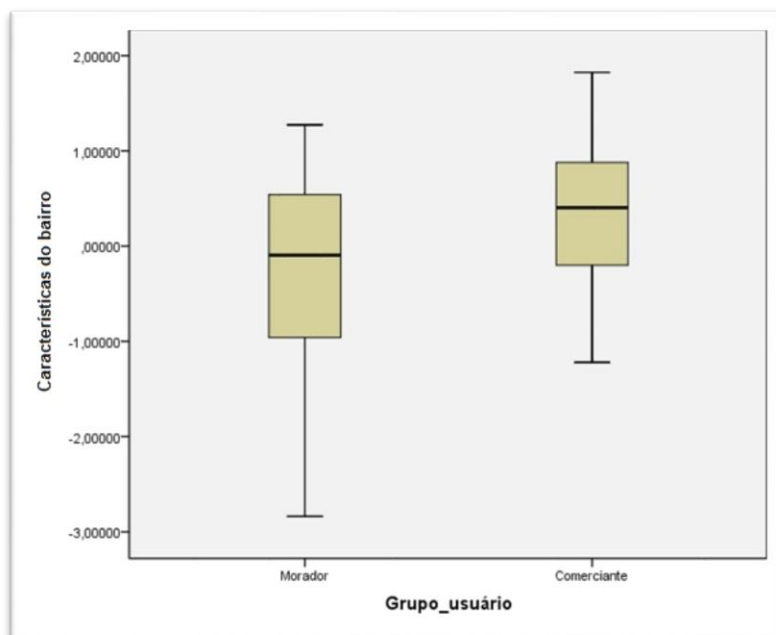


Figura 15 – Características do bairro – Componente 1

5.2.12 Valores pessoais

A partir das estatísticas descritivas que considerou como amostra a soma dos dois grupos de usuários (30 moradores e 30 comerciantes), foram estabelecidas as médias gerais para os 10 valores pessoais. A partir disso, tais médias foram tratadas estatisticamente até alcançarem o patamar necessário para efetuar as comparações pretendidas. Foram realizados os seguintes tratamentos estatísticos após as estatísticas descritivas: a) Análise Fatorial, b) Kaiser-Meyer-Olkin, c) Bartlett's, d) Análise de Componentes Principais, e por fim e) ANOVA.

Descriptive Statistics			
	Mean	Std. Deviation	Analysis N
PODER	2,958333333	1,1210303473	60
REALIZAÇÃO	3,916666667	1,1167699590	60
HEDONISMO	4,166666667	,9552116930	60
ESTIMULAÇÃO	3,766666667	1,0352542743	60
AUTODIREÇÃO	5,016666667	0,838514964	60
UNIVERSALISMO	5,133333330	0,6413262942	60
BENEVOLÊNCIA	5,1500	0,76635	60
TRADIÇÃO	4,07500	1,123044	60
CONFORMIDADE	3,541666667	1,3381357721	60
SEGURANÇA	4,5500	1,19922	60

Tabela 8 – Grupo de usuário = morador e comerciante

No que se refere aos valores pessoais, o teste KMO indicou fator de explicação entre as variáveis de,594. O teste de esfericidade indica que existe relação suficiente entre os indicadores para a aplicação da Análise Fatorial. Verificou-se que é possível aplicar a Análise Fatorial, pois o valor de sig. (teste de significância) é menor que,05, qual seja, sig =,000.

KMO and Bartlett's Test		
Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,594
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	154,546
	df	45
	Sig.	,000

Tabela 9 – Teste KMO

Observou-se que a maioria dos indicadores conseguiu um poder de explicação significativo para ambos os grupos de usuários juntos, considerando todos os fatores obtidos (comunalidades), conforme pode ser observado na tabela de *Comunalities* (comunalidades).

Communalities		
	Initial	Extraction
PODER	1,000	0,665
REALIZAÇÃO	1,000	0,729
HEDONISMO	1,000	0,455
ESTIMULAÇÃO	1,000	0,390
AUTODIREÇÃO	1,000	0,447
UNIVERSALISMO	1,000	0,764
BENEVOLÊNCIA	1,000	0,641
TRADIÇÃO	1,000	0,713
CONFORMIDADE	1,000	0,761
SEGURANÇA	1,000	0,600

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Tabela 10 – Comunalidades

Foi realizada uma última análise, na qual observou-se o grau de explicação atingido pelos 3 fatores que foram calculados pela análise fatorial, para os moradores e comerciantes sobre seus valores pessoais. Com relação a esse indicativo, apesar da fraca relação entre fatores e algumas variáveis, o modelo consegue explicar 61,647% da variância dos dados originais. Neste sentido, pode-se verificar tal afirmação na tabela de Variância Total Explicada (Total Variance Explained).

Total Variance Explained					
Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings	
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance
1	2,695	26,947	26,947	2,695	26,947
2	1,882	18,822	45,769	1,882	18,822
3	1,588	15,878	61,647	1,588	15,878
4	0,926	9,264	70,911		
5	0,853	8,531	79,442		
6	0,586	5,858	85,300		
7	0,487	4,868	90,169		
8	0,417	4,173	94,342		
9	0,318	3,181	97,522		
10	0,248	2,478	100,000		

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Tabela 11 – Variância total explicada

A tabela Matriz Componente (Component Matrix) permite verificar qual dos fatores melhor explica cada um dos indicadores considerados.

Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
SEGURANÇA	,665	-,045	-,394
CONFORMIDADE	,644	,283	-,517
BENEVOLÊNCIA	,633	-,473	,129
ESTIMULAÇÃO	,525	,076	,330
HEDONISMO	,472	-,175	,448
PODER	,262	,756	,160
UNIVERSALISMO	,424	-,690	,329
REALIZAÇÃO	,507	,653	,213
TRADIÇÃO	,576	-,183	-,590
AUTODIREÇÃO	,319	,182	,559

Extraction Method: Principal Component Analysis.
a. 3 components extracted.

Tabela 12 – Matriz componente

Percebe-se, no entanto, que a matriz causa dúvidas quanto à composição de cada fator à medida que existem valores de explicação muito próximos em alguns casos (segurança, benevolência e conformidade); por essa razão, foi feita a verificação dos valores após a aplicação da rotação dos fatores (que nesse caso é feito pelo critério *Virimax*).

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
TRADIÇÃO	0,826	,107	-0,135
CONFORMIDADE	0,813	-,064	0,310
SEGURANÇA	0,743	,200	0,089
UNIVERSALISMO	0,060	,824	-0,285
BENEVOLÊNCIA	0,346	,716	-0,091
HEDONISMO	-0,001	,641	0,210
ESTIMULAÇÃO	0,118	,467	0,398
REALIZAÇÃO	0,182	,073	0,831
PODER	0,052	-,162	0,798
AUTODIREÇÃO	-0,192	,417	0,486

Extraction Method: Principal Component Analysis.
Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.
a. Rotation converged in 6 iterations.

Tabela 13 – Matriz de rotação dos fatores

A matriz após a rotação dos fatores (Rotated Component Matrix) permitiu uma classificação mais precisa dos indicadores em cada um dos fatores. Assim, conclui-se que:

- o Fator (componente) 1 é constituído por tradição, conformidade e segurança;
- o Fator (componente) 2 é constituído por universalismo, benevolência, hedonismo e estimulação;
- o Fator (componente) 3 é constituído por realização, poder e autodireção.

A diferença entre as médias dos dois grupos para o componente 1 é significativa (sig. 0,002). Observa-se, ao compará-los, que os comerciantes possuem índices maiores para os valores universalismo, benevolência, hedonismo e estimulação do que os moradores. Já os moradores têm suas respostas mais concentradas do que os comerciantes.

ANOVA
Sistema de valores Componente 1

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	8,752	1	8,752	10,103	,002
Within Groups	50,248	58	,866		
Total	59,000	59			

Tabela 14 – Sistema de valores – Componente 1

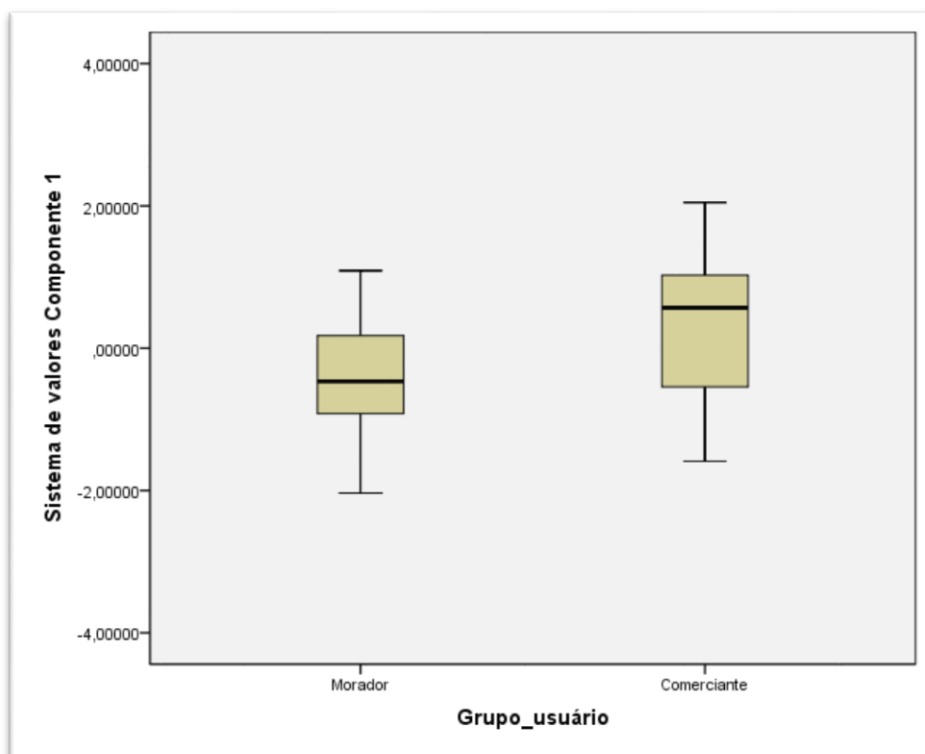


Figura 16 – Sistema de valores – Componente 1.

A diferença entre as médias dos dois grupos para o componente 2 não é significativa (sig. 0,266). Entretanto, observa-se, ao compará-los, que os comerciantes possuem índices ligeiramente menores para os valores universalismo, benevolência, hedonismo e estimulação do que os moradores. Tanto os moradores quanto os comerciantes têm suas respostas com média concentração.

ANOVA
Sistema de valores Componente 2

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1,257	1	1,257	1,263	,266
Within Groups	57,743	58	,996		
Total	59,000	59			

Tabela 15 – Sistema de valores – Componente 2.

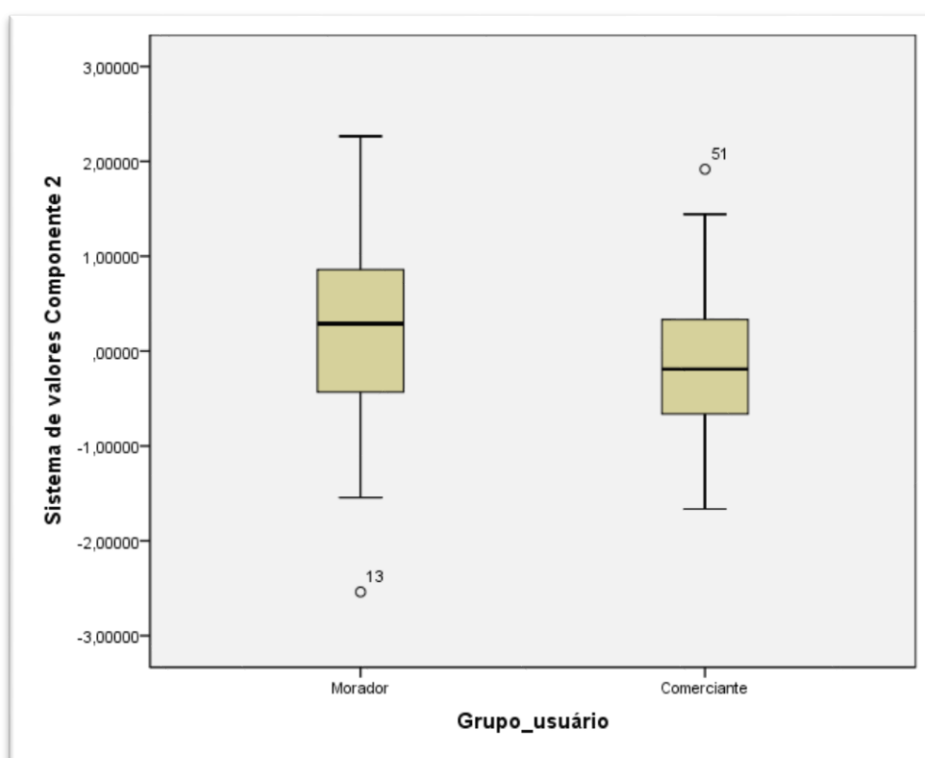


Figura 17 – Sistema de valores – Componente 2

A diferença entre as médias dos dois grupos para o componente 3 é significativa (sig. 0,008). Observa-se, ao compará-los, que os comerciantes possuem índices maiores para os valores realização, poder e autodeterminação do que os moradores. Tanto os moradores quanto os comerciantes têm suas respostas pouco concentradas.

ANOVA					
Sistema de valores Componente 3					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	6,806	1	6,806	7,563	,008
Within Groups	52,194	58	,900		
Total	59,000	59			

Tabela 16 – Sistema de valores – Componente 3

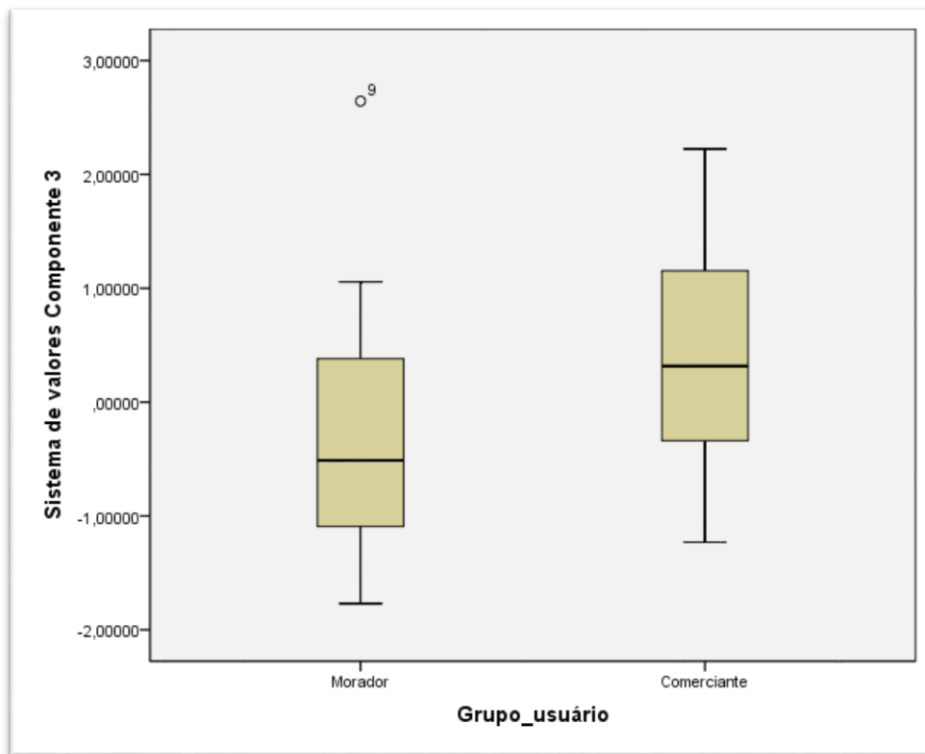


Figura 18 – Sistema de valores – Componente 3.

Ao realizar análise de regressão, tendo como variável dependente as características do bairro, para os componentes 1, 2 e 3, pode-se constatar que não há associação significativa entre as variáveis, sig = ,941.

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	,415	3	,138	,132	,941 ^a
	Residual	58,585	56	1,046		
	Total	59,000	59			

a. Predictors: (Constant), Sistema de valores Componente 3, Sistema de valores Componente 2, Sistema de valores Componente 1

b. Dependent Variable: Características do bairro

Tabela 17 – Análise de regressão

Ainda, pode-se observar mais detalhadamente na Tabela 18 que, em relação as características do bairro não há associação para: (a) Componente 1 – tradição, conformidade e segurança, sig = 1,000; (b) Componente 2 – universalismo, benevolência, hedonismo e estimulação, sig = ,606; e (c) Componente 3 – realização, poder e autodireção, sig = ,736.

Model		t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B	
				Lower Bound	Upper Bound
1	(Constant)	,000	1,000	-,265	,265
	Sistema de valores Componente 1	-,519	,606	-,336	,198
	Sistema de valores Componente 2	-,112	,911	-,282	,252
	Sistema de valores Componente 3	,338	,736	-,222	,312

a. Dependent Variable: Características do bairro

Tabela 18 – Coeficientes

Nessas análises, foi possível constatar duas diferenças significativas entre o grupo de usuários (moradores e comerciantes) para os valores pessoais: (a) componente 1 – universalismo, benevolência, hedonismo e estimulação (sig. 0,002); e (b) componente 3 – segurança, conformidade e tradição (sig. 0,008). Em ambos os componentes, os comerciantes possuem seus valores maiores do que os moradores. No entanto, ao analisar a existência de associação entre as características do bairro com os valores pessoais, verificou-se que não há associação significativa para nenhum dos valores pessoais, quais sejam: poder, realização, hedonismo, estimulação, autodireção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança.

5.3 RESULTADOS DA ETAPA C

5.3.1 Matriz de implicação

A expressão *laddering*, a partir deste momento, passa a ceder lugar para o termo cadeias, atribuído para as sequências de elementos que emergem a partir da matriz de implicação (REYNOLDS; GUTMAN, 1998). Dessa forma, foi construída a matriz de implicação. Primeiramente, os elementos que compõem as cadeias passam a ser representados pelos códigos resumo, dispostos nas linhas e colunas da tabela a seguir, constituindo a matriz. Posteriormente, deu-se a análise das relações entre os elementos, observando quantas vezes determinado elemento conduz a outro. Por fim, foi analisada a quantidade de relações existentes entre os elementos e apresentada em formato de fração dentro da matriz, na qual as relações diretas (X) estão posicionadas à esquerda da fração e as indiretas (Y) estão situadas à direita da fração (X/Y), segundo a tabela X do grupo de usuários (moradores).

Em detrimento da quantidade de relações e com a finalidade de balizar a matriz às relações mais evidentes para obter resultados mais claros e objetivos, foi calculado o ponto de corte, o qual representou o mínimo de vezes que determinada relação deva ocorrer para que seja considerada relevante e tenha condições de ser empregada na construção do Mapa Hierárquico de Valor. O ponto de corte foi estabelecido, seguindo a literatura pertinente, a qual sugere que o ponto de corte ideal é aquele que consegue representar em torno de 2/3 de todas as relações contidas na matriz (REYNOLDS; GUTMAN, 1998).

Nessa direção, o ponto de corte adotado e suas implicações nesta pesquisa, para o grupo de usuários (moradores), são: (a) ponto de corte adotado igual a 5, (b) 527 relações, (c) correspondendo ao total de 62,44%. Na figura do Apêndice G, é possível visualizar tais dados a partir da ferramenta utilizada para a realização deste estudo, ladderUX (ver Links above cov 527; e % Links above cov 62,44%).

Ainda, o ponto de corte adotado e suas implicações nesta pesquisa, para o grupo de usuários (comerciantes), são: (a) ponto de corte adotado igual a 5, (b) 491 relações, (c) correspondendo ao total de 59,01%. Na figura do Apêndice H, é possível visualizar tais dados a partir da ferramenta utilizada para a realização deste estudo, ladderUX (ver Links above cov 491; e % Links above cov 59,01%).

1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000	1001	1002	1003	1004	1005	1006	1007	1008	1009	1010	1011	1012	1013	1014	1015	1016	1017	1018	1019	1020	1021	1022	1023	1024	1025	1026	1027	1028	1029	1030	1031	1032	1033	1034	1035	1036	1037	1038	1039	1040	1041	1042	1043	1044	1045	1046	1047	1048	1049	1050	1051	1052	1053	1054	1055	1056	1057	1058	1059	1060	1061	1062	1063	1064	1065	1066	1067	1068	1069	1070	1071	1072	1073	1074	1075	1076	1077	1078	1079	1080	1081	1082	1083	1084	1085	1086	1087	1088	1089	1090	1091	1092	1093	1094	1095	1096	1097	1098	1099	1100	1101	1102	1103	1104	1105	1106	1107	1108	1109	1110	1111	1112	1113	1114	1115	1116	1117	1118	1119	1120	1121	1122	1123	1124	1125	1126	1127	1128	1129	1130	1131	1132	1133	1134	1135	1136	1137	1138	1139	1140	1141	1142	1143	1144	1145	1146	1147	1148	1149	1150	1151	1152	1153	1154	1155	1156	1157	1158	1159	1160	1161	1162	1163	1164	1165	1166	1167	1168	1169	1170	1171	1172	1173	1174	1175	1176	1177	1178	1179	1180	1181	1182	1183	1184	1185	1186	1187	1188	1189	1190	1191	1192	1193	1194	1195	1196	1197	1198	1199	1200	1201	1202	1203	1204	1205	1206	1207	1208	1209	1210	1211	1212	1213	1214	1215	1216	1217	1218	1219	1220	1221	1222	1223	1224	1225	1226	1227	1228	1229	1230	1231	1232	1233	1234	1235	1236	1237	1238	1239	1240	1241	1242	1243	1244	1245	1246	1247	1248	1249	1250	1251	1252	1253	1254	1255	1256	1257	1258	1259	1260	1261	1262	1263	1264	1265	1266	1267	1268	1269	1270	1271	1272	1273	1274	1275	1276	1277	1278	1279	1280	1281	1282	1283	1284	1285	1286	1287	1288	1289	1290	1291	1292	1293	1294	1295	1296	1297	1298	1299	1300	1301	1302	1303	1304	1305	1306	1307	1308	1309	1310	1311	1312	1313	1314	1315	1316	1317	1318	1319	1320	1321	1322	1323	1324	1325	1326	1327	1328	1329	1330	1331	1332	1333	1334	1335	1336	1337	1338	1339	1340	1341	1342	1343	1344	1345	1346	1347	1348	1349	1350	1351	1352	1353	1354	1355	1356	1357	1358	1359	1360	1361	1362	1363	1364	1365	1366	1367	1368	1369	1370	1371	1372	1373	1374	1375	1376	1377	1378	1379	1380	1381	1382	1383	1384	1385	1386	1387	1388	1389	1390	1391	1392	1393	1394	1395	1396	1397	1398	1399	1400	1401	1402	1403	1404	1405	1406	1407	1408	1409	1410	1411	1412	1413	1414	1415	1416	1417	1418	1419	1420	1421	1422	1423	1424	1425	1426	1427	1428	1429	1430	1431	1432	1433	1434	1435	1436	1437	1438	1439	1440	1441	1442	1443	1444	1445	1446	1447	1448	1449	1450	1451	1452	1453	1454	1455	1456	1457	1458	1459	1460	1461	1462	1463	1464	1465	1466	1467	1468	1469	1470	1471	1472	1473	1474	1475	1476	1477	1478	1479	1480	1481	1482	1
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------	---

Posteriormente, foi gerada a matriz de implicação para o grupo de usuários (comerciantes), seguindo os mesmos procedimentos dotados para o grupo de usuários (moradores): ponto de corte, número de relações e correspondência ao total.

5.3.2 Análise crítica da matriz de implicação dos moradores do bairro Cidade Baixa

Ao realizar análise crítica da matriz de implicação dos moradores, pode-se verificar que certos atributos, consequências e valores (A-C-V) possuem evidentes relações quando comparados aos demais. Nesse sentido, os A-C-V serão exemplificados com suas principais relações respectivamente.

5.3.2.1 Atributo concreto

O elemento “*mix de uso*” (cód. 01) possui 23 relações diretas e 67 relações indiretas. Sendo que a relação direta mais significativa está relacionada ao atributo abstrato “diversidade de usuários” (cód. 10) e à consequência funcional “centralidade/acessibilidade” (cód. 17). Por outro lado, as relações indiretas mais evidentes condizem com a consequência funcional “convivência” (cód. 19) e ao valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “infraestrutura” possui 32 relações diretas e 88 relações indiretas. Sendo que a relação direta mais representativa está vinculada com os atributos abstratos “manutenção” (cód.11). Já as relações indiretas revelam maior incidência para o valor terminal “felicidade” (cód. 34) e para a consequência funcional “conforto ambiental” (cód.22).

5.3.2.2 A atributo abstrato

O elemento “manutenção” (cód. 11) possui 25 relações diretas e 44 relações indiretas. Sendo que a relações diretas mais significativas estão relacionadas às consequências funcionais “aparência” (cód. 21) e “conforto ambiental” (cód. 22), assim como ao valor terminal “segurança” (cód. 35). Por outro lado, a relação indireta mais evidente condiz com o valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “diversidade de usuários” (cód.10) possui 15 relações diretas e 32 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais representativas estão relacionadas à consequência psicossocial “convivência” (cód.19). Já a relação indireta mais evidente se reflete no valor terminal “felicidade” (cód.34).

5.3.2.3 Consequência funcional

O elemento “conforto ambiental” (cód. 22) possui 21 relações diretas e 21 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas à consequência psicossocial “tranquilidade” (cód. 25), assim como ao valor instrumental “qualidade de vida” (cód. 31) e ao valor terminal “felicidade” (cód. 34). A relação indireta, por sua vez, mais evidente condiz com ao valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “aparência” (cód.21) apresenta 19 relações diretas e 20 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas à consequência psicossocial “boa impressão” (cód.27), a relação direta, por seu turno, mais evidente condiz com o valor terminal “autoestima”.

5.3.2.4 Consequência psicossocial

O elemento “convivência” (cód. 23) possui 24 relações diretas e 19 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas aos valores instrumentais “tolerância” (cód. 28), ao respeito (cód. 29) e a educação (cód. 30). A relação indireta, por sua vez, mais evidente condiz ao valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “sentimento de segurança” (cód.26) possui 20 relações diretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão vinculadas aos valores terminais “felicidade (cód.34) e “segurança” (cód.35).

5.3.2.5 Valor instrumental

O elemento “qualidade de vida” (cód. 31) possui 12 relações diretas. Sendo que a relação direta mais significativa condiz com o valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “respeito” (cód.29) possui 8 relações diretas. Sendo que as relações diretas mais evidentes estão vinculadas com os valores terminais “felicidade” (cód.34), “autoestima” (cód.37), e paz (cód.38).

5.3.2.6 Valor terminal

Não possui relação direta e nem indireta. Entretanto, cabe salientar que alguns desses valores terminais compõem a relação de outros elementos presentes na cadeia A-C-V. Neste sentido, o elemento “felicidade” (cód. 34) é alvo de 45 relações diretas e 122 indiretas. A “segurança” (cód. 35) é

associada a 15 relações diretas e 34 indiretas. A “liberdade” (cód. 36) recebe 09 relações diretas e 18 indiretas. A “autoestima” (cód. 37) tem 08 relações diretas e 22 indiretas. O “reconhecimento social” (cód. 39) contém 06 relações diretas e 17 indiretas. A “sabedoria” (cód. 42) apresenta 02 relações diretas e 06 indiretas. Por fim, a “paz” (cód. 38) se mostrou vinculada a 02 relações diretas e 05 indiretas.

5.3.3 Análise crítica da matriz de implicação dos comerciantes do bairro Cidade Baixa

Fazendo uma análise crítica da matriz de implicação dos comerciantes, pode-se constatar que certos atributos, consequências e valores (A-C-V) possuem evidentes relações quando comparados aos demais. Neste sentido, os A-C-V serão exemplificados com suas principais relações respectivamente.

5.3.3.1 Atributo concreto

O elemento “infraestrutura” (cód. 02) possui 32 relações diretas e 71 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas ao atributo abstrato “manutenção” (cód. 11) e à consequência funcional “centralidade/acessibilidade” (cód. 17), respectivamente. Por outro lado, as relações indiretas mais evidentes condizem com a consequência funcional “aparência” (cód. 21), a consequência psicossocial “tranquilidade” (cód. 25), ao valor instrumental “bem sucedido” (cód. 33) e ao valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “policiamento/vigilância” (cód.08) possui 23 relações diretas e 48 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais representativas estão relacionadas aos atributos abstratos “disponibilidade” (cód.15). Já as relações indiretas mais evidentes refletem-se na consequência psicossocial “sentimento de segurança” (cód.26) e “tranquilidade (cód.25) e ao valor terminal “segurança” (cód.35).

5.3.3.2 Atributo abstrato

O elemento “manutenção” (cód. 11) possui 24 relações diretas e 35 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas às consequências funcionais “aparência” (cód. 21) e ao “conforto ambiental” (cód. 22). Por outro lado, as relações indiretas mais evidentes condizem com a consequência psicossocial “tranquilidade” (cód. 25), ao valor instrumental “bem sucedido” (cód. 33) e ao valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “disponibilidade” (cód.15) possui 16 relações diretas e 17 indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas são para a consequência psicossocial ‘sentimento de segurança’ (cód.26). Já para as relações indiretas, tem-se maior representatividade para o valor terminal “felicidade” (cód.35)

5.3.3.3 Consequência funcional

O elemento “conforto ambiental” (cód. 22) possui 24 relações diretas e 30 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas à consequência psicossocial “tranquilidade” (cód. 25) e ao valor instrumental “bem sucedido” (cód. 33). Por outro lado, as relações indiretas mais evidentes condizem com o valor terminal “felicidade” (cód. 34).

O elemento “aparência” (cód.21) possui 27 relações diretas e 12 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão vinculadas ao valor instrumental “bem sucedido” (cód.33), aos valores terminais “autoestima” (cód.37) e “reconhecimento social” (cód.39). Já as relações indiretas mais evidentes condizem com os valores terminais “prosperidade” (cód.40) e “felicidade” (cód.34)

5.3.3.4 Consequência psicossocial

O elemento “convivência” (cód. 23) possui 23 relações diretas e 18 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas aos valores terminais “prosperidade” (cód. 40) e “realização” (cód. 43).

O elemento “tranquilidade” (cód.25) possui 25 relações diretas e 04 relações indiretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão vinculadas aos valores terminais “felicidade” (cód.34) e “segurança” (cód.35). Já as relações indiretas mais relevantes apontam para os valores terminais “prosperidade” (cód.40) e “realização” (cód.43).

5.3.3.5 Valor instrumental

O elemento “bem sucedido” (cód. 33) possui 27 relações diretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão relacionadas aos valores terminais “prosperidade” (cód. 40) e a “realização” (cód. 43).

O elemento “tolerância” (cód.28) tem 07 relações diretas. Sendo que as relações diretas mais significativas estão vinculadas aos valores terminais “realização” (cód.43), “prosperidade” (cód.40) e paz (cód.38).

5.3.3.6 Valor terminal

Não possui relação direta e nem indireta. Entretanto, cabe salientar que alguns desses valores terminais compõem a relação de outros elementos presentes na cadeia A-C-V. Neste sentido, o elemento “prosperidade” (cód. 40) é alvo de 27 relações diretas e 64 indiretas. A “felicidade” (cód. 34) é associada a 25 relações diretas e 58 indiretas. A “realização” (cód. 43) recebe 18 relações diretas e 49 indiretas. A “segurança” (cód. 35) tem 18 relações diretas e 36 indiretas. O “reconhecimento social” (cód. 39) contém 08 relações diretas e 13 indiretas. A “paz” (cód. 38) apresenta 07 relações diretas e 14 indiretas. A “autoestima” (cód. 37) tem 07 relações diretas e 12 indiretas. Por fim, a “igualdade” (cód. 41) se mostrou vinculada a 02 relações diretas e 03 indiretas.

No tocante aos atributos concretos, os elementos “*mix* de usos”, “infraestrutura”, “entretenimento noturno” e “policiamento/vigilância” foram os que apresentaram maior incidência de relações diretas para ambos os grupos. Por sua vez, o elemento com maior recorrência de relações diretas para os atributos abstratos foi “manutenção” para ambos os grupos. Na esfera dos atributos (concretos e abstratos), observa-se que ambos os grupos evidenciaram, para esses atributos, maior incidência de relações diretas, inferindo-se, a partir disso, que, nesses aspectos, são semelhantes.

No que concerne às consequências funcionais, os elementos com maior incidência de relações diretas para os dois grupos estudados foram, “aparência”, “conforto ambiental” e “acessibilidade/centralidade”. Por seu turno, os elementos com maior incidência para as consequências psicossociais foram “convivência”, “tranquilidade” e “sentimento de segurança” para moradores e comerciantes. No âmbito das consequências (funcionais e psicossociais), verifica-se que tantos moradores quanto comerciantes demonstraram, para essas consequências, maior ocorrência de relações diretas, coligindo-se, assim, que, para esses aspectos, existe similaridade.

Ao que se referem aos valores instrumentais, o valor com maior incidência de relações diretas, para os moradores foi “qualidade de vida”, ao passo que para os comerciantes foi “bem sucedido”. No campo dos valores instrumentais, não se constata analogia entre os valores com maior número de relações diretas, uma vez que, para os moradores, o valor foi “qualidade de vida” e para os comerciantes foi “bem sucedido”.

A-C-V	Moradores			Comerciantes		
		Elementos	Relações diretas/ indiretas		Elementos	Relações diretas/ indiretas
Atributos Concretos	1º	Infraestrutura	32/88	1º	Infraestrutura	32/71
	2º	Mix de usos	23/67	2º	Policimento/Vigilância	23/48
	3º	Policimento/Vigilância	12/24	3º	Mix de usos	20/41
	4º	Entretenimento Noturno	9/30	4º	Entretenimento Noturno	17/51
	5º	Proteção acústica	4/7	5º	Proteção acústica	6/10
	6º	Construções antigas	1/3	6º	Construções antigas	3/6
	7º	Sem engarrafamento	1/3	7º	Sem engarrafamento	1/1
	8º	Baixas construções	1/2	8º	Baixas construções	0/0
Atributos Abstratos	1º	Manutenção	25/44	1º	Manutenção	24/35
	2º	Diversidade de usuários	15/32	2º	Disponibilidade	16/17
	3º	Sem contra usos	13/21	3º	Bairro boêmio	15/32
	4º	Disponibilidade	11/11	4º	Vigilância Cidadã	9/9
	5º	Bairro boêmio	9/21	5º	Sem contra usos	7/10
	6º	Gerenciamento de ruídos	4/11	6º	Gerenciamento de ruídos	6/15
	7º	Vigilância Cidadã	2/2	7º	Autogestão	5/7
	8º	Autogestão	1/1	8º	Diversidade de usuários	4/7
Consequências Funcionais	1º	Conforto ambiental	21/21	1º	Aparência	27/12
	2º	Aparência	19/20	2º	Conforto ambiental	24/30
	3º	Acessibilidade/centralidade	16/27	3º	Acessibilidade/centralidade	21/12
	4º	Sociabilidade	14/18	4º	Atratividade	8/12
	5º	Conveniência	12/08	5º	Conveniência	2/0
	6º	Atratividade	1/2	6º	Sociabilidade	0/0
Consequências Psicossociais	1º	Convivência	24/19	1º	Tranquilidade	25/4
	2º	Sentimento de segurança	20/0	2º	Convivência	23/18
	3º	Tranquilidade	16/0	3º	Sentimento de segurança	21/0
	4º	Boa impressão	11/4	4º	Vitalidade	1/0
	5º	Vitalidade	9/0	5º	Boa impressão	0/0
Valores Instrumentais	1º	Qualidade de vida	12/0	1º	Bem sucedido	27/0
	2º	Respeito	8/0	2º	Tolerância	7/0
	3º	Tolerância	4/0	3º	Respeito	7/0
	4º	Educação	4/0	4º	Qualidade de vida	2/0
	5º	Organização	4/0	5º	Educação	1/0
	6º	Bem sucedido	0/0	6º	Organização	0/0
Valores Terminais³⁴	1º	Felicidade	45/122	1º	Prosperidade	27/64
	2º	Segurança	15/34	2º	Felicidade	25/58
	3º	Liberdade	9/18	3º	Realização	18/49
	4º	Autoestima	8/22	4º	Segurança	18/36
	5º	Reconhecimento Social	6/17	5º	Reconhecimento Social	8/13
	6º	Sabedoria	2/6	6º	Paz	7/14
	7º	Paz	2/5	7º	Autoestima	7/12
	8º	Prosperidade	0/0	8º	Igualdade	2/3
	9º	Igualdade	0/0	9º	Liberdade	0/0
	10º	Realização	0/0	10º	Sabedoria	0/0

Tabela 19 – Síntese dos resultados encontrados nas matrizes de implicação

³⁴ Os valores terminais não possuem relações diretas e indiretas (0/0) com os elementos da cadeia A-C-V. Entretanto, os demais elementos da cadeia A-C-V, em maior ou menos grau, estabelecem relações diretas e indiretas com os valores terminais. Neste campo, foi, portanto apresentada as relações que os demais elementos da A-C-V estabelecem com os valores terminais.

Já no que tange aos valores terminais, para ambos, não continham relações diretas e indiretas. Entretanto, cabe ressaltar que o valor terminal “felicidade” participou mais significativamente das relações diretas e indiretas de outros elementos (45/122) para os moradores. Por sua vez, para os comerciantes o valor terminal em destaque foi “prosperidade” (27/64).

A partir da comparação entre moradores e comerciantes, pode-se inferir, em linhas gerais, que ambos os grupos têm maior incidência de relações diretas para os mesmos elementos que constituem os atributos e as consequências. Contudo, ao que se refere ao alcance dos valores instrumentais e terminais, observa-se uma clara diferença, uma vez que os moradores priorizam o valor instrumental “qualidade de vida” e o valor terminal “felicidade” e os comerciantes o valor instrumental “bem sucedido” e o valor terminal “prosperidade”. Isto pode ser explicado pelo fato dos moradores conceberem o território do bairro enquanto moradia (buscando assim “qualidade de vida” e “felicidade”), e, por outro lado, os comerciantes consideram-no como comércio (intencionando, desta forma, ser “bem sucedidos” e alcançar “prosperidade”).

5.3.4 Mapa de Hierarquia de Valor (MHV)

O Mapa de Hierarquia de Valor (MHV) gerado a partir da ferramenta LadderUX enquadra-se em uma representação gráfica faz alusão a forma de uma árvore, a qual demonstra visualmente o grupo de respostas dos entrevistados (VELUDO-DE-OLIVEIRA; IKEDA, 2008). Neste sentido, alicerçando-se nas cadeias obtidas na análise da matriz de implicação, foram construídos os mapas de hierarquia de valor para ambos os grupos de usuários, gerados a partir dos seus respectivos constructos.

Nesta direção, verifica-se nos mapas gerados, que eles refletem um conjunto de atributos concretos e abstratos, que estão relacionados com as consequências funcionais e psicossociais, de características do bairro Cidade Baixa e, por fim, a cadeia de valores obtida. A partir disso, foi possível identificar os atributos e consequências mais importantes para o alcance de determinados valores pessoais para ambos os grupos de usuários.

relações indiretas com o atributo “infraestrutura”, 10 relações indiretas com o atributo abstrato “manutenção”, 08 relações diretas com a consequência psicossocial “sentimento de segurança”. Explica-se, novamente, tal situação a partir da importância dada à manutenção de serviços e equipamentos públicos, bem como, que essa importância também está vinculada ao sentimento de segurança que esse atributo abstrato viabiliza, o que favorece a obtenção do valor felicidade.

A cadeira “*mix* de uso – diversidade de usuários – sociabilidade – convivência – respeito – felicidade” também condiz com uma forte combinação já que, o valor terminal “felicidade” mantém 12 relações indiretas com o atributo concreto “*mix* de uso”, 15 relações diretas com o atributo abstrato “diversidade de usuários”, 7 relações indiretas com a consequência funcional “sociabilidade” e 6 relações indiretas com o valor instrumental “respeito”. Isto pode ser explicado visto que a coexistência de comércio, serviços e moradia no bairro contribui para que haja diversidade de usuários, os quais sobrepõem suas práticas de sociabilidade. No entanto, para que a boa convivência entre os diversos grupos de usuários aconteça, torna-se forçoso a presença do valor respeito (obedecer, cumprir regras, consideração) e, assim, assegurar que o valor felicidade seja atingido. Ao que se refere ao valor respeito, muito tem sido o avanço neste aspecto face ao engajamento dos moradores e comerciantes, no sentido de buscarem consenso entre as diversidades de usos e usuários.

A cadeia “entretenimento noturno – bairro boêmio – sociabilidade – convivência – respeito – felicidade” também apresenta uma forte relação já que, o valor terminal “felicidade” mantém 6 relações indiretas com o atributo concreto “entretenimento noturno”, 9 relações diretas com o atributo abstrato “bairro boêmio”, 6 relações indiretas com a consequência funcional “sociabilidade”, 9 relações indiretas com a consequência psicossocial “convivência” e 4 relações indiretas com o valor instrumental “respeito”. Isso pode ser entendido face ao entretenimento noturno contribuir na constituição do bairro enquanto boêmio, o que também atrai uma gama diversificada de usuários. Estes usuários, por sua vez, da mesma maneira que o item (b), necessitam da presença do valor respeito (obedecer, cumprir regras, consideração) para que a boa convivência aconteça entre os usuários, e, desta forma atingir o valor felicidade.

A cadeira “infraestrutura – manutenção – boa aparência – boa impressão” também apresenta uma forte relação já que, a consequência psicossocial “boa impressão” mantém 5 relações indiretas com o atributo concreto “Infraestrutura”, 24 relações diretas com o atributo abstrato “manutenção” e 9 relações indiretas com a consequência funcional “aparência”. Da mesma maneira que no item (a), a manutenção de serviços e equipamentos públicos (transporte, iluminação, limpeza urbana, coleta de lixo,

áreas verdes, árvores, parques, vegetação, calçadas/ruas e vias, calçadas largas, ciclovias, estacionamento, sinalleiras, sinalização de trânsito, sinalização de entrada, saneamento) se mostra relevante. Pode-se constatar que, além da manutenção estar associada ao conforto ambiental (b), também o está com a aparência, o que viabiliza o surgimento do sentimento de boa impressão.

Entre as relações mais fracas do mapa de valor, pode ser citada a cadeia “sem contra usos – aparência – reconhecimento social” já que, o valor terminal “reconhecimento social” mantém 2 relações indiretas com o atributo abstrato “sem contra usos” e 7 relações diretas com a consequência funcional “aparência”. Esse fato pode ser explicado pela quantidade de mendigos, flanelinhas, vendedores ambulantes, delinquentes e vândalos no bairro que, passam a prejudicar a imagem do local.

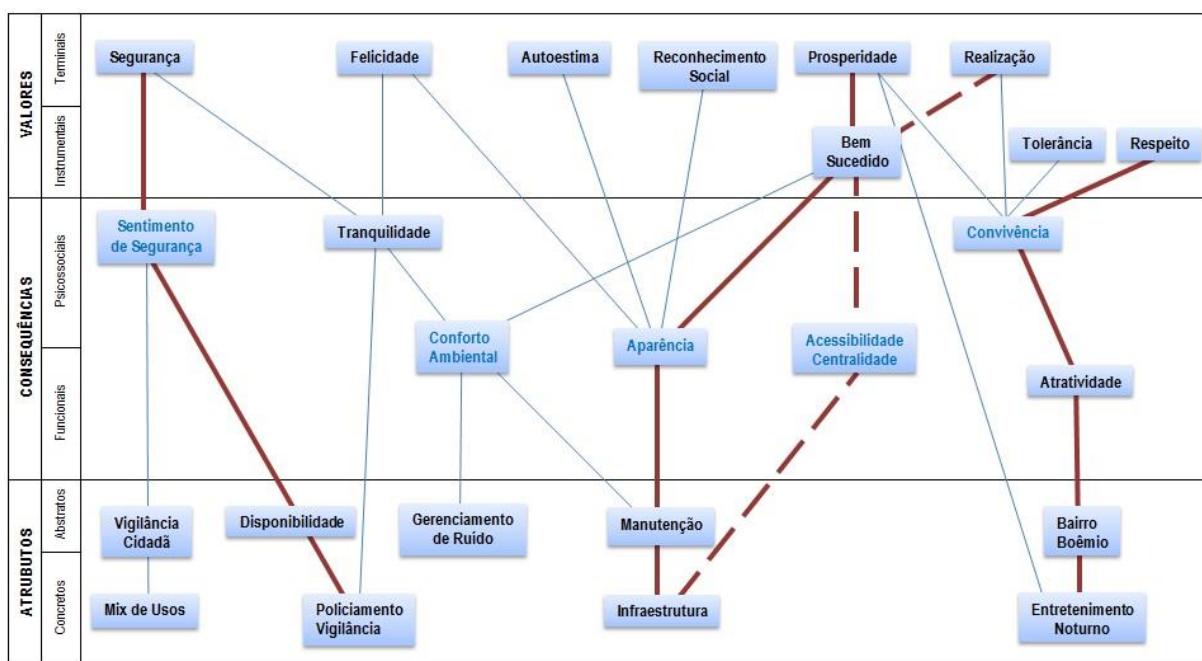


Figura 20 – Mapa de Hierarquia de Valor (MHV) para grupo de usuários (comerciantes).

Ferramenta LadderUX (2014)

5.3.4.2 Análise crítica do Mapa de Hierarquia de Valor dos comerciantes do bairro Cidade Baixa

Analisando o Mapa de Hierarquia de Valor gerado a partir da percepção dos comerciantes do bairro Cidade Baixa é possível visualizar alguns itens que possuem uma relação mais evidente que os demais, os quais são representados por meio de uma linha mais forte. Deste modo, é visto conforme o “MHV”, por exemplo, que:

A cadeia “infraestrutura – manutenção – aparência – bem sucedido – prosperidade” resulta dentro das combinações mais fortes já que, o valor terminal “prosperidade” mantém 07 relações indiretas

com o atributo “infraestrutura”, 05 relações indiretas com o atributo abstrato “manutenção”, 05 relações indiretas com a consequência funcional “aparência” e 14 relações diretas com o valor instrumental “bem sucedido”. Pode-se inferir, a partir disso, que os comerciantes, da mesma maneira que os moradores conferem importância para a manutenção de serviços e equipamentos públicos. Entretanto, este atributo liga-se significativamente ao valor prosperidade, ao passo que para os moradores este valor não é acionado.

A cadeia “infraestrutura – manutenção – aparência – bem sucedido – realização” apresenta combinações mais evidentes visto que, o valor terminal “realização” mantém 04 relações indiretas com o atributo “infraestrutura”, 02 relações indiretas com o atributo abstrato “manutenção”, 01 relação indireta com a consequência funcional “aparência” e 09 relações diretas com o valor instrumental “bem sucedido”. Pode-se inferir, igualmente, que os comerciantes e os moradores conferem importância para a manutenção de serviços e equipamentos públicos. Porém, este atributo aciona nos comerciantes, além do valor prosperidade, mencionado no parágrafo anterior, o valor terminal “realização”, o qual também deixa de ser ativado junto aos moradores.

A cadeia “infraestrutura – acessibilidade/centralidade – bem sucedido – prosperidade” demonstra importante evidência entre seus componentes, pois o valor terminal “prosperidade” mantém 07 relações indiretas com o atributo “infraestrutura”, 05 relações indiretas com a consequência funcional “acessibilidade/centralidade” e 14 relações diretas com o valor instrumental “bem sucedido”. Pode-se inferir, a partir disso, que os comerciantes e os moradores também consideram a infraestrutura importante, pois a mesma proporciona acessibilidade/centralidade ao bairro. Contudo, esses elementos ligam-se significativamente ao valor prosperidade, o que não ocorre com os moradores.

A cadeia “policiamento/vigilância – disponibilidade – sentimento de segurança – segurança” também condiz com uma forte combinação já que, o valor terminal “segurança” mantém 09 relações indiretas com o atributo concreto “policiamento/vigilância”, 09 relações diretas com o atributo abstrato “disponibilidade” e 09 relações indiretas com a consequência psicossocial “sentimento de segurança”. Isso explica-se pelo fato de que o sentimento de segurança depende da disponibilidade de policiamento ostensivo nas ruas do bairro, bem como, em alguns casos de segurança particular para às áreas privadas.

A cadeia “entretenimento noturno – bairro boêmio – atratividade – convivência – respeito” também condiz com uma forte combinação já que o valor instrumental “respeito” mantém 05 relações indiretas com o atributo concreto “entretenimento noturno”, 05 relações indiretas com o atributo abstrato “bairro boêmio”, 02 relações indiretas com a consequência funcional “atratividade” e 07 relações diretas com a consequência psicossocial “convivência”. Da mesma maneira que para os moradores, o entretenimento noturno é um atributo que caracteriza o bairro enquanto boêmio e atrai diversos tipos de usuários. Nesta direção, a boa convivência entre esses diferentes grupos está subordinada ao valor respeito.

Entre as relações mais fracas do mapa de valor, pode ser citada a cadeia “entretenimento noturno – prosperidade” já que, o valor terminal “prosperidade” mantém 06 relações indiretas com o atributo concreto “entretenimento noturno”. Isso pode ser explicado pelo fato de que muitos comerciantes possuem estabelecimentos voltados para a vida noturna do bairro, e, desta forma, seus ganhos financeiros advêm de suas práticas comerciais, logo o atributo entretenimento noturno está vinculado ao valor prosperidade.

5.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Esta parte do trabalho destina-se a discussão dos resultados das etapas A, B e C considerando a fundamentação teórica. Os principais resultados se referem à percepção dos usuários sobre as características do bairro Cidade Baixa, sua composição de valores pessoais, bem como, em que medida ambas se relacionam. E, ainda, a considerações acerca das diferentes técnicas de coleta e análise de dados. Por fim, uma análise cruzada de todas as etapas com a confrontação com a literatura.

Os resultados obtidos na etapa A corroboram que o bairro Cidade Baixa é um território permeado por uma intrincada diversificação de usos e de usuários. Ainda, que a Cidade Baixa é portadora de relevância histórica e cultural tanto pelos seus marcos históricos presentes no bairro quanto por sua cultura de boemia presentes no imaginário de seus usuários. Por fim, que a sobreposição de usos e usuários geram cíclicos processos de conflitos e negociações.

FASE		PRINCIPAIS RESULTADOS
ETAPA A	Pesquisa documental	<p>Constatação que o bairro é palco de conflitos devido à coexistência de ampla diversidade de usos e usuários.</p> <p>Polarização entre moradores e comerciantes/frequentadores.</p> <p>Processo de negociação entre os usuários viabilizou uma melhora na sua convivência.</p> <p>O bairro passou a ser referência para solução de conflitos, face ao engajamento dos usuários.</p>
	Observação	<p>O bairro Cidade Baixa possui diversas vocações (residencial, boêmia, histórica).</p> <p>Sobreposição de usos e usuários.</p> <p>Cíclicos processos de conflito e negociação em razão da vida noturna do bairro.</p> <p>Identificação de três grupos de usuários principais: moradores, comerciantes e frequentadores.</p> <p>Reconhecimento de dois grupos de usuários engajados com as questões do bairro: moradores e comerciantes.</p>

Quadro 46 – Síntese dos principais resultados da Etapa A.

A fundamentação teórica sobre território e suas derivações foram importantes na caracterização do bairro enquanto espaço funcional (concreto) e simbólico (abstrato). A constituição material do território enquanto base de recursos se reflete na Cidade Baixa através de suas características e atributos, por exemplo, seus equipamentos urbanos. A dimensão funcional (Haerbaert, 2004) no bairro Cidade Baixa comporta elementos concretos que buscam satisfazer as necessidades de seus usuários, quais sejam: moradia, comércio e serviços, transporte e infraestrutura. Já a composição imaterial do território enquanto símbolo se traduz no bairro em aspectos abstratos. A esfera simbólica (Haesbaert, 2004) do bairro Cidade Baixa dispõe de elementos que produzem significados para seus usuários, por exemplo, história, diversidade cultural, patrimônio histórico e vida boêmia.

A entrevista constituiu em uma fase exploratória e auxiliar para a elaboração do questionário. Nela foi possível identificar as principais características do bairro para os respondentes e agrupá-las à luz da literatura pertinente à área de ambiente-comportamento.

FASE		PRINCIPAIS RESULTADOS
ETAPA B	Entrevista	<p><u>Identificação das principais características do bairro:</u></p> <p>— Avaliação positiva quanto à diversidade de usos e usuários; áreas verdes; boa localização; diversidade de áreas de entretenimento noturno; busca de boa convivência; Engajamento de moradores e comerciantes; história e patrimônio; atividades culturais.</p> <p>— Avaliação negativa quanto à infraestrutura (iluminação, pavimentação e limpeza urbana); ao contras-usos (realizados por moradores de rua, flanelinhas, delinquentes, vândalos, etc.); congestionamento do trânsito; falta de estacionamentos; oferta insuficiente de segurança; e ruído ambiental (movimentação noturna).</p> <p>— Identificação das características do bairro em: (a) aspectos gerais; (b) convivência; (c) acessibilidade; (d) aparência; (e) conforto ambiental; e (f) segurança.</p>
	Questionário	<p><u>Identificação e comparação entre os grupos de usuários (moradores e comerciantes):</u></p> <p>Percepção das características do bairro: diferença significativa entre ambos, $sig = ,014$. Em linhas gerais, os comerciantes tendem a avaliar mais positivamente do que os moradores.</p> <p>— Valores pessoais: (a) diferença significativa entre ambos, $sig = ,002$, para 'tradição, conformidade e segurança'. Sendo que esses valores tendem a ser mais elevados para os comerciantes do que para os moradores. (b) diferença significativa, $sig = ,008$, para os valores 'realização, poder e auto direção'. Sendo que esses valores também tendem a ser mais elevados para comerciantes do que para moradores. (c) diferença não significativa, $sig = ,266$, para os valores 'universalismo, benevolência, hedonismo e estimulação'. Observa-se que esses se apresentam ligeiramente em grau mais elevado para moradores do que para comerciantes.</p> <p>— Relação entre percepção das características e valores pessoais: não há associação positiva entre a percepção dos usuários sobre as características do bairro e os dez valores pessoais (poder, realização, hedonismo, estimulação, auto direção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança), $sig = 941$.</p>

Quadro 47 – Síntese dos principais resultados da Etapa B.

Conforme apresentado no capítulo de método, os dados do questionário foram coletados pela internet (auto preenchido) e pessoalmente (preenchido pela pesquisadora). Inicialmente, foi enviado e-mail com o link do questionário para listas confiáveis de endereços eletrônicos, obtidas previamente e com consentimento dos potenciais entrevistados a partir das associações de moradores e comerciantes do bairro Cidade Baixa. A aplicação do questionário eletrônico através do sistema LimeSurvey, em termos de técnica de coleta de dados, representou um avanço em relação aos aplicados pessoalmente. Isso, pois o questionário eletrônico conferiu maior agilidade na coleta e tabulação dos dados, bem como conseguiu atingir parte do público-alvo, especialmente os moradores. Entretanto, fez-se necessário fazer uso combinado dos métodos de aplicação do questionário (Mattar, 1996), ou seja, houve a aplicação de questionários pessoalmente para complementar a amostra formada pelo grupo de comerciantes. Tal complementação foi motivada pela aparente pouca familiaridade com as ferramentas da internet por parte dos comerciantes, o que não ocorreu com o grupo de moradores, os quais apresentaram alta taxa de respostas ao link enviado por e-mail. Segundo Mattar (1999, p. 174), o questionário auto preenchido demanda maior nível de instrução dos respondentes, o que restringe sua possibilidade de aplicação. Neste sentido, foi possível observar que as diferenças de escolaridade entre os grupos de usuários podem estar relacionadas a familiaridade com a internet. Enquanto 94% dos moradores estavam na faixa

de nível superior incompleto até a pós-graduação, sendo que apenas 6% dos seus respondentes possuíam somente o ensino médio; os comerciantes tinham 57% de seus respondentes na faixa de nível superior incompleto até pós-graduação, 23% com ensino fundamental e 20% com ensino médio.

Através dos resultados obtidos pela aplicação do questionário, foi possível caracterizar e comparar a percepção de ambos os grupos de usuários. Também, com o questionário, foi possível identificar a escala de prioridades dos 10 valores pessoais de Schwartz para ambos os grupos, bem como comparar as semelhanças e diferenças entre esses valores pessoais para os dois grupos. Contudo, não foi possível verificar a relação entre a percepção sobre as características do bairro e os valores pessoais dos grupos de usuários.

FASE		PRINCIPAIS RESULTADOS
ETAPA C	Técnica <i>laddering</i>	<p><u>Matriz de implicação</u>: elementos da cadeia A-C-V com relações mais evidentes quanto às relações (diretas/indiretas) com os demais elementos existentes</p> <p>— Atributos concretos: (a) mix de usos (23/67) e infraestrutura (32/88) para moradores e (b) infraestrutura (32/71) e policiamento/vigilância (23/48) para comerciantes</p> <p>— Atributos abstratos: (a) manutenção (25/44) e acessibilidade/centralidade (16/27) para moradores e (b) manutenção (24/35) e acessibilidade/centralidade (21/12) para comerciantes.</p> <p>— Consequências funcionais: (a) conforto ambiental (21/21) e aparência (19/20) para moradores e (b) conforto ambiental (24/30) e aparência (27/12) para comerciantes</p> <p>— Consequências psicossociais: (a) convivência (24/19) e sentimento de segurança (20/0) para moradores e (b) convivência (23/18) e tranquilidade (25/4) para comerciantes.</p> <p>— Valores instrumentais: (a) qualidade de vida (12/0) para moradores e (b) bem sucedido (27/0) para comerciantes.</p> <p>— Valores terminais³⁵: (a) felicidade (45/122), segurança (15/34) e liberdade (09/18) para moradores e (b) prosperidade (27/64), felicidade (25/58) e realização (18/49) para os comerciantes.</p>
		<p><u>Mapa de Hierarquia de Valor (MHV)</u>: elementos mais evidentes que possuem uma relação mais evidente que os demais itens da cadeia A-C-V.</p> <p><u>MHV moradores</u>:</p> <p>— “infraestrutura – manutenção – conforto ambiental – tranquilidade – felicidade”</p> <p>— “infraestrutura – manutenção – sentimento de segurança – felicidade”</p> <p>— “mix de uso – diversidade de usuários – sociabilidade – convivência – respeito – felicidade”</p> <p>— “entretenimento noturno – bairro boêmio – sociabilidade – convivência – respeito – felicidade”</p> <p>— “infraestrutura – manutenção – aparência – boa impressão”</p> <p><u>MHV comerciantes</u>:</p> <p>— “infraestrutura – manutenção – aparência – bem sucedido – prosperidade”</p> <p>— “infraestrutura – manutenção – aparência – bem sucedido – realização”</p> <p>— “infraestrutura – acessibilidade/centralidade – bem sucedido – prosperidade”</p> <p>— “policiamento/vigilância – disponibilidade – sentimento de segurança – segurança”</p> <p>— “entretenimento noturno – bairro boêmio – atratividade – convivência – respeito”</p>

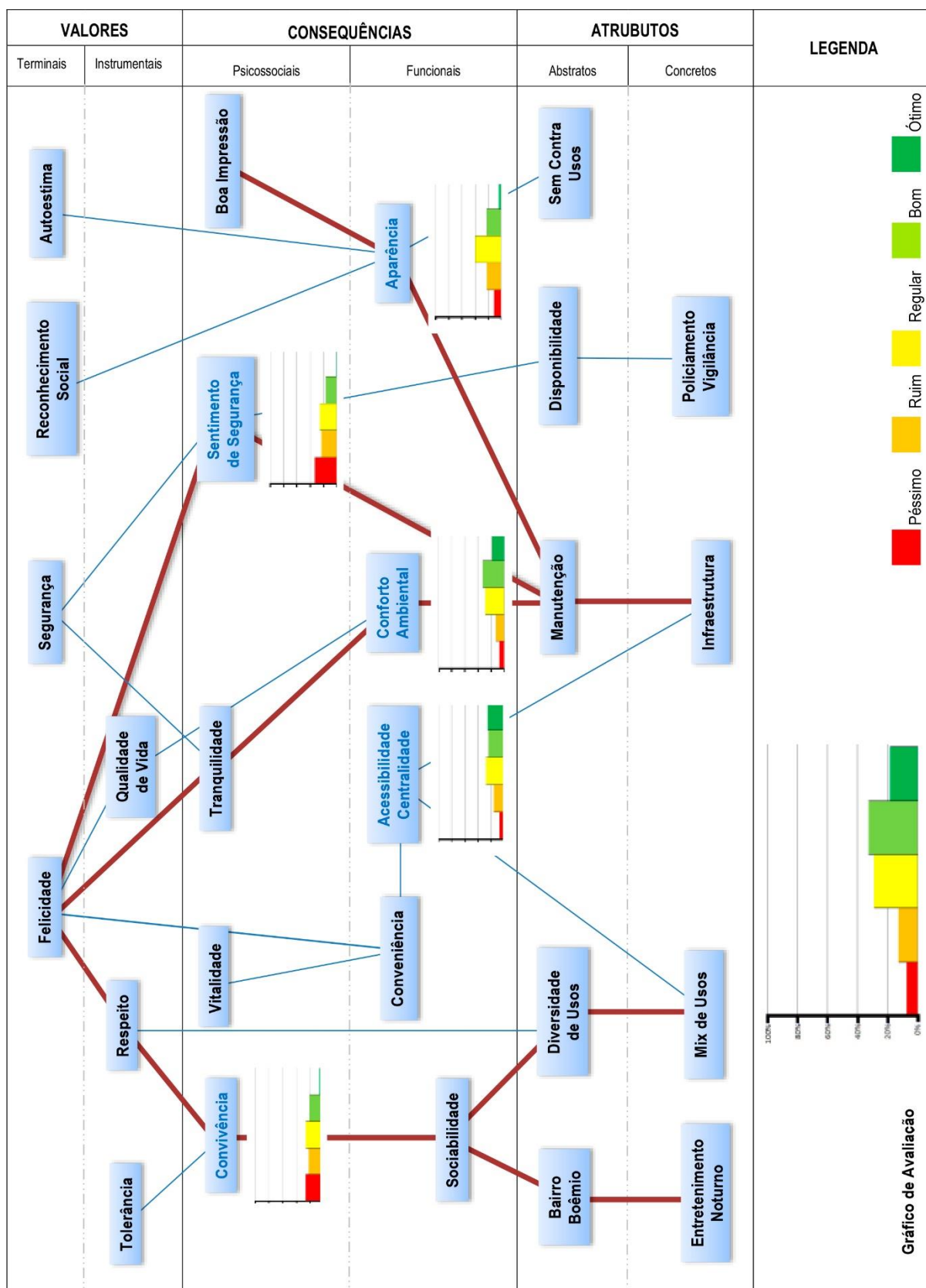
Quadro 48 – Síntese dos principais resultados da Etapa C.

³⁵ Não há para ambos os grupos, ou seja, os valores terminais na matriz de implicação não se relacionam diretamente/indiretamente (0/0) com os demais elementos. Entretanto, outros elementos da cadeia A-C-V estabelecem relações diretas e indiretas com os mesmos. A importância de alguns valores terminais fica, portanto, implícita na matriz de implicação. Sendo apresentadas, neste setor, as relações implícitas mais evidentes.

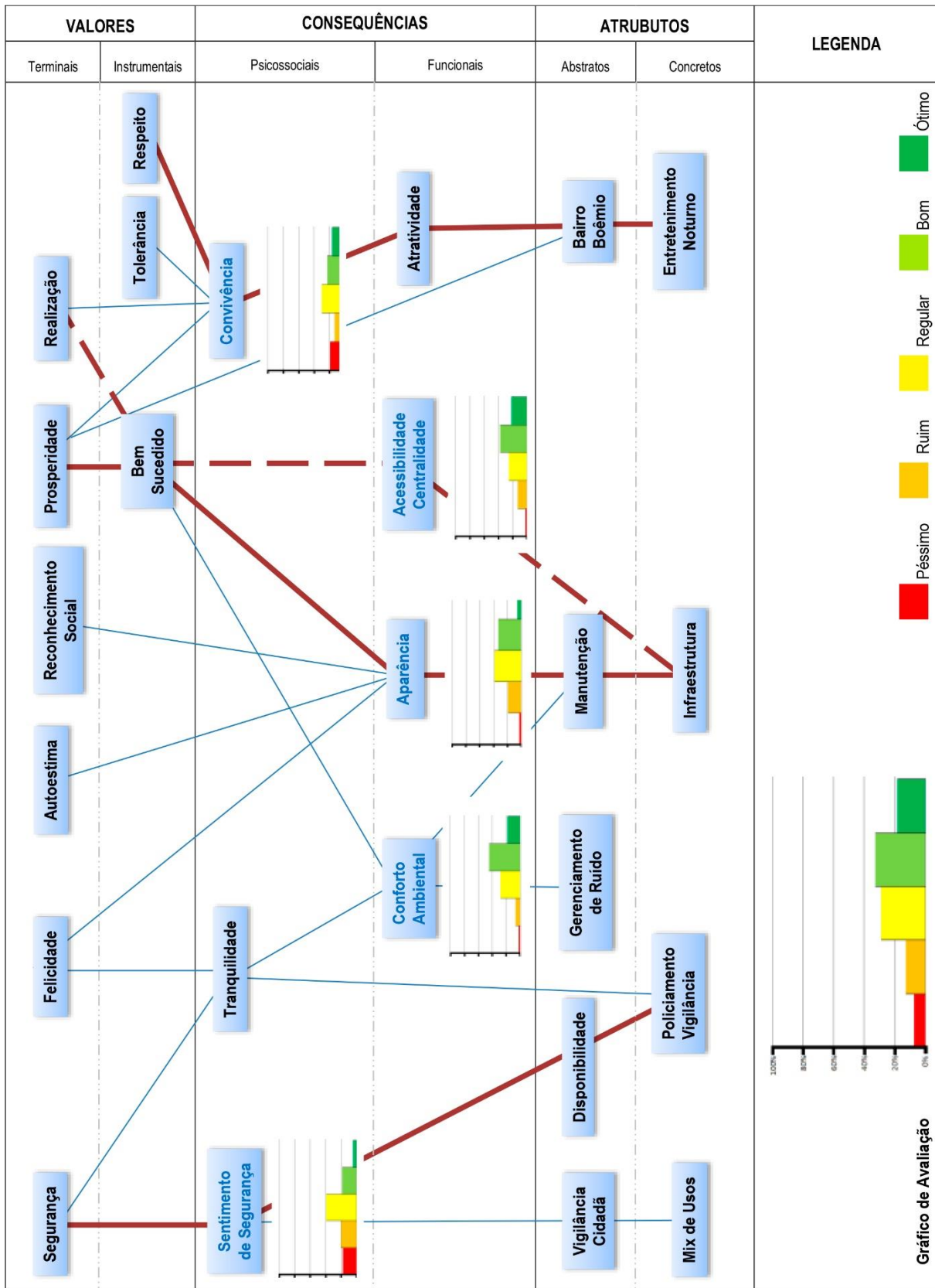
A técnica *laddering* permitiu um maior aprofundamento das análises sobre as percepções de valor dos usuários sobre o Bairro. Com essa técnica foi possível identificar as principais características do Bairro a partir das consequências de uso e com o auxílio de conceitos da área ambiente-comportamento. Nela foi possível estabelecer uma gama de conexões entre as principais características do bairro e os principais valores pessoais. Cabe salientar que foi importante o estudo teórico sobre os valores instrumentais e terminais de Rockeah (1973), o qual apresenta uma distinção (entre ambos) mais clara do que a apresentada por Schwartz (1992). A aplicação da técnica *laddering*, proveniente da área de marketing, convergiu os esforços das etapas anteriores em termos de fundamentação teórica, definição de constructos e identificação das principais características do bairro percebidas pelos grupos de usuários.

Nesse sentido a comparação entre as técnicas de coleta e análise de dados das etapas B e C podem trazer algumas contribuições. Nos Quadros 49 e 50 os resultados da etapa B (questionários) são sobrepostos aos MHV dos grupos de moradores e comerciantes. Além disso, são ressaltados os constructos que possuem relações mais evidentes com os demais itens da cadeia A-C-V.

A elaboração do questionário aplicado na etapa B demandou ampla preparação até que o questionário final contivesse o refinamento necessário. O questionário proporcionou uma maior representatividade das informações coletadas, uma vez que comportou maior número de representantes por grupo de usuários. Ainda, esse permitiu identificar e comparar as percepções e valores pessoais entre os grupos de usuários. Entretanto os resultados não foram significativos no que se refere à relação entre a percepção das características do bairro e os valores pessoais dos grupos de usuários. A possível explicação pode estar relacionada ao tamanho da amostra, que apesar de contar com 60 respondentes, demonstrou-se insuficiente para os testes estatísticos utilizados. Nesse sentido, o questionário aplicado como uma técnica *survey*, com coleta e análise de dados quantitativos, possivelmente demandaria uma amostragem maior. Além disso, há que se considerar que mesmo com uma amostragem maior essa técnica poderia não ter a sensibilidade necessária para o tipo de pesquisa pretendida, que buscava explicitar relações entre características concretas e abstratas da percepção dos usuários.



Quadro 49 – Cruzamento dos resultados do questionário com MHV sobre a percepção dos Moradores.



Quadro 50 – Cruzamento dos resultados do questionário com MHV sobre a percepção dos Comerciantes.

A técnica *laddering* utilizada na etapa C exigiu maior esforço no sentido de buscar um maior rigor nas definições e conceituações de cada código resumo e constructo utilizado no trabalho. Foram necessárias para a definição dos códigos resumo, um maior aprofundamento na fundamentação teórica nas áreas de ambiente-comportamento (por exemplo, infraestrutura, mix de usos, manutenção, acessibilidade, aparência, conforto ambiental, sentimento de segurança), ciências sociais (por exemplo, contra-usos, bairro boêmio, sociabilidade, convivência), da psicologia social (valores instrumentais e terminais) e de marketing (por exemplo, percepção de valor, cadeias meios-fim A-C-V). Com uma amostra mais reduzida que o questionário (13 pessoas), a técnica *laddering* permitiu que as relações entre percepções e valores pessoais fossem mais claramente explicitadas a partir da Matriz de Implicação e Mapa de Hierarquia de Valor, conforme pode ser observado nos Quadros 49 e 50.

A intensa diversidade do Bairro Cidade Baixa, previamente mencionada, revela o que nas palavras de Jane Jacobs (2011) seria a vitalidade do bairro. Entretanto essas sobreposições de usos e usuários geram cíclicos processos de conflito e negociação. Neste sentido, esse tipo de contexto se aproxima da geração de tensões e conflitos abordada por Castells (2003), a qual seria motivada pela inter-relação entre indivíduos com diferentes identidades e atributos culturais. Neste caso, os moradores e comerciantes estudados possuem interesses distintos em relação a esse território, uma vez que os moradores compreendem o bairro principalmente como moradia e os comerciantes como comércio, sendo acionados valores mais relacionados ao valor terminal felicidade, bem como ao valor instrumental que dá suporte à felicidade como o respeito, no caso dos moradores. Já os valores terminais prosperidade e realização foram sustentados pelo valor instrumental ambição (bem sucedido) no caso dos comerciantes. O que, segundo Rokeach (1973), demonstraria um relacionamento funcional entre os valores terminais e instrumentais, uma vez que os valores instrumentais consistem em modos preferidos de conduta para alcançar os objetivos pessoais, por conseguinte, os valores terminais são estados finais preferidos de ser e estar. Já para Schwartz (1994), o qual realiza uma síntese dos valores estudados por Rokeach (1973), esses valores pessoais são traduzidos como metas motivacionais implícitas. Nesse sentido essas diferenças entre os valores pessoais parecem ter como consequência, diferentes formas de avaliar e perceber as características do bairro.

No tocante aos 10 tipos motivacionais de Schwartz (1994), pode-se estabelecer um paralelo com alguns valores terminais encontrados junto aos moradores e comerciantes estudados. Os tipos motivacionais “tradição, conformidade e segurança” e “realização, poder e auto direção” tenderam a ser mais elevados para os comerciantes, sendo que na técnica *laddering*, os valores “realização, poder e segurança” se mostraram como relações mais evidentes na cadeia A-C-V dos comerciantes. Já para os moradores, mesmo não apresentando diferença significativa entre ambos os grupos, os valores “universalismo, benevolência, hedonismo e estimulação” se apresentaram ligeiramente mais elevados para os moradores, sendo que na técnica *laddering*, as relações mais evidentes para os moradores foram para o valor “felicidade”. Os valores pessoais apontados pelo questionário parecem representar os valores pessoais dos usuários de modo geral, considerando que as questões tinham um caráter mais geral e estabeleciam uma comparação de uma terceira pessoa com o respondente. Já quando são consideradas as questões aplicadas pela entrevista com a técnica *laddering*, os valores pessoais dos usuários parecem ter emergido a partir das relações com o valor percebido sobre as características do bairro. Nesse sentido, a técnica *laddering* demonstrou-se mais adequada para atender aos objetivos desta pesquisa.

Ao que se refere ao entretenimento noturno, por exemplo, ambos os grupos consideram que tal característica torna o bairro boêmio, onde a sociabilidade é favorecida face à atratividade que o bairro possui por dispor de diversos estabelecimentos voltados para a vida noturna. Entretanto, enquanto os moradores vinculam essas características ao valor terminal felicidade, os comerciantes as associam com os valores terminais prosperidade e realização (em relações menos evidentes, ver MHV moradores e comerciantes).

O nível de avaliações positivas e negativas obtidas através dos questionários ajudou explicitar a percepção das características contidas no território em escala de bairro por ambos os grupos de usuários, o que pode ser melhor observado nos quadros 49 e 50. Nesta direção, estas percepções explicitaram a maneira que o bairro Cidade Baixa consegue abrigar as necessidades dos usuários, indo ao encontro do preconizado por Lang (1987), ou seja, que a percepção dos usuários mostra o quanto o ambiente construído consegue ou não supri-las.

A manutenção da infraestrutura foi considerada pelos dois grupos de usuários como um dos elementos fundamentais para que se tenha avaliação positiva quanto às características ‘acessibilidade, conforto ambiental, aparência, e sentimento de segurança’. Em outras palavras, a boa manutenção do

espaço público contribui para que determinado lugar esteja cercado de prestígio e apropriação (LANG, 1994; LAY, 1992). A questão do prestígio pode ser observada nos resultados da pesquisa a partir dos valores pessoais que emergem em função da manutenção, quais sejam: reconhecimento social e auto-estima em ambos os grupos.

Relacionado à infraestrutura, o bom nível de acessibilidade no bairro Cidade Baixa é tido como um dos aspectos mais positivos do bairro. A acessibilidade do bairro se deve a sua proximidade com o centro de Porto Alegre, a quantidade de transporte público disponível e pela grande quantidade de comércio e serviços dentro do bairro. Essa característica do bairro é propícia para atrair uma intensa apropriação do espaço. Lynch (2010) explica que a equidade de acesso a diversos recursos do bairro é importante indicador de apropriação e uso. Ou ainda, nas palavras de Jacobs, a acessibilidade é diretamente proporcional à diversidade de usos e usuários (JACOBS, 2011). Logo, a acessibilidade possivelmente exerce importante influência no modo que o bairro Cidade Baixa é apropriado e usado.

Ainda que o bairro Cidade Baixa comporte intensa diversidade de usos e usuários em diferentes horários do dia (principalmente à noite), e, assim, estabelecendo o que Jacobs (2011) denomina de 'sistema de vigilância cidadã'. O sentimento de segurança é avaliado negativamente, uma vez que a segurança é melhor percebida a partir da oferta de policiamento ostensivo, considerada insuficiente no bairro por ambos os grupos. Isso talvez possa ser explicado pela grande quantidade de frequentadores noturnos, dentre os quais uma parcela promove arruaças, brigas e vandalismo no bairro.

Ainda o fato de existirem os grupos de usuários engajados com as questões desse bairro para buscar soluções para esses conflitos e também para outros problemas vai ao encontro do que Jacobs (2011) expõe sobre um bairro vivo. Para a autora o bairro deve ser pensado enquanto órgão com autogestão formal ou informal da coletividade, através da qual os usuários podem se empenhar em torná-lo melhor a partir de ações coletivas ou individuais.

Conforme mencionado anteriormente o bairro Cidade Baixa tem diversidade cultural, boemia, e relevância histórica para a cidade de Porto Alegre. A identificação com esse conjunto de características se revela importante para os grupos de usuários estudados, pois ao longo do tempo foram se apropriando desses significados e vinculando à sua identidade. Nessa direção, Castells (2003) explica que a identidade é um dos elementos de maior relevância na constituição do espaço, que é socialmente construída, e que seus significados e símbolos são produzidos pelos próprios atores que as constroem. Dessa forma se reforça a importância de analisar a relação entre as características mais concretas e os componentes simbólicos na percepção dos usuários.

Ao comparar parte da bibliografia proveniente da área ambiente-comportamento com o estudado no modelo da cadeia-meios-fins, proveniente da área de marketing, pode-se observar que a literatura da área ambiente comportamento sugere maior concentração em atributos e consequências e sua relação de satisfação dos usuários, conforme pode ser observado nos quadros 49 e 50. Considerando que a área ambiente-comportamento tem por objetivo pesquisar as relações existentes entre as características físicas e espaciais do ambiente construído e o comportamento do usuário, bem como a análise e avaliação da qualidade desses ambientes, esta área de estudo infere que, dentre outros fatores, os valores exercem influência no comportamento e atitudes dos indivíduos no ambiente construído. Neste sentido, essa área reconhece a existência dos valores na estrutura cognitiva dos usuários, porém parece não destinar quantidade suficiente de investigações mais aprofundadas sobre esse tópico.

A área de marketing, por sua vez, parece estar mais instrumentada em conceitos e abordagens que permitam entender um pouco mais a complexidade da percepção de valor. Essa área de estudo utiliza conceitos para a definição das características de produtos que se aproximam aos empregados na área ambiente-comportamento para o ambiente construído; contudo, utiliza abordagens que buscam aprofundar a relação entre a percepção sobre as características mais concretas e os componentes simbólicos e abstratos que exercem influência nessas percepções. Gutman (1982) consegue explicar a importância dos atributos do produto (ambiente construído/território) através de sua funcionalidade e, igualmente, compreender seus significados na vida do consumidor (usuário).

Nesse sentido, por exemplo, a técnica *laddering* permitiu identificar que a manutenção da infraestrutura gera avaliações positivas, pois permite o alcance de consequências de uso como a boa aparência. E que o alcance dessa consequência busca atingir estados finais de existência (valores terminais) diferentes para os dois grupos de usuários estudados. Ao passo que a boa aparência está mais voltada para os valores de reconhecimento social e auto estima (MHV-moradores) para os moradores; os comerciantes (MHV-comerciantes) têm na boa aparência forte associação com os valores prosperidade e realização.

Considerando a multidisciplinaridade que está relacionada à pesquisa sobre o ambiente construído/território e a interação dos usuários com esse ambiente, a utilização de técnicas oriundas de diferentes áreas do conhecimento se revela importante. Estudos dessa natureza podem auxiliar na seleção de técnicas mais adequadas para pesquisas que busquem analisar níveis mais abstratos da percepção dos usuários sobre o ambiente construído/território. Ainda, a identificação da percepção de valor de diferentes grupos de usuários pode trazer informações potencialmente relevantes na tomada de decisão no âmbito do planejamento urbano e gestão do uso do ambiente construído/território.

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este capítulo apresenta uma síntese das conclusões alcançadas no desenvolvimento desta pesquisa. Ainda, de forma a contribuir para um maior aprofundamento sobre a área de percepção de valor no território ao nível de bairro, e geração de valor para os usuários, são apresentadas recomendações para futuros trabalhos.

6.1 CONCLUSÕES

A pesquisa teve como finalidade estudar a percepção de grupos de usuários sobre o território. O processo de pesquisa foi norteado pelo objetivo principal de identificar e compreender as relações entre a composição de valores pessoais e as percepções de valor de dois grupos de usuários, moradores e comerciantes engajados, em relação às características do bairro Cidade Baixa.

O desenvolvimento da pesquisa desdobou-se em três etapas principais. A etapa A foi destinada à compreensão sobre o contexto do bairro Cidade Baixa e de seus usuários, bem como à seleção dos grupos de usuários a serem analisados. Essa etapa foi desenvolvida face à necessidade de identificar e compreender o universo da pesquisa, bem como de alavancar a etapa seguinte. As principais contribuições desta etapa foram identificar as principais características do bairro e grupos de usuários. Com relação às características do bairro, as mesmas foram alocadas em 6 blocos (aspectos gerais, convivência, acessibilidade, aparência, conforto ambiental e segurança). No que tange aos usuários, foram selecionados dois grupos para ser alvo do estudo: moradores e comerciantes.

Os resultados da Etapa A, em conjunto com o conceito de território e suas derivações, bem como com conceitos na área de ambiente-comportamento apresentados no capítulo 2, conduziram ao desenvolvimento das ferramentas de coleta de dados na etapa seguinte da pesquisa. As técnicas de entrevista e questionários referentes a etapa B foram alicerçadas a partir da etapa A.

A etapa B teve como foco do estudo a percepção dos dois grupos de usuários, moradores e comerciantes engajados, do bairro Cidade Baixa, onde a coleta e análise dos dados foram referentes à percepção do bairro e valores pessoais de ambos. Para tanto, após revisão teórica sobre valores pessoais, foram realizadas entrevistas e aplicados questionários para os grupos selecionados. A entrevista teve por finalidade o aprofundamento dos constructos a serem considerados na elaboração do questionário. O questionário, por sua vez, contribuiu para identificar e comparar as percepções e valores pessoais dos dois grupos. A partir disso, podem-se verificar suas principais diferenças e semelhanças entre os grupos de usuários da pesquisa. Entretanto, os testes estatísticos não apontaram relação significativa entre as características percebidas do bairro e os valores pessoais dos investigados.

Por fim, na etapa C foram coletados e analisados os dados atinentes à percepção de valor dos dois grupos de usuários do bairro Cidade Baixa, bem como analisado e discutido os dados gerados nas etapas A, B e C. Nessa etapa houve análise mais aprofundada sobre a percepção de valor dos dois grupos de usuários com a aplicação da técnica *laddering* e mapeamento da hierarquia de valor (MHV). Esse enfoque possibilitou observar com maior grau de detalhamento as relações entre a percepção de valor dos usuários sobre os atributos (características) do bairro e os valores pessoais relacionados a essas percepções. Essa etapa contribuiu no entendimento das singularidades e similitudes da hierarquia de valor de cada grupo de usuários. Ao comparar os grupos, constatou-se que existem variações entre hierarquias de valor, principalmente quanto aos valores a serem alcançados.

OBJETIVO PRINCIPAL	OBJETIVOS SECUNDÁRIOS	CONTRIBUIÇÕES
Identificar e compreender as relações entre a composição de valores pessoais e as percepções de valor de dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) em relação às características do bairro Cidade Baixa.	Identificar e compreender a percepção de valor de dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) em relação à percepção das características da Cidade Baixa.	Identificação e comparação das percepções de valor de grupos de usuários em escala de bairro. Comparação entre distintas técnicas de análise e coleta de dados. Refinamento conceitual sobre o conceito de valor percebido no contexto do território: o bairro. Mapeamento da hierarquia de valor (MHV). Identificação de singularidades e similitudes na hierarquia de valor para cada grupo de usuário. Identificação de constructos relacionados às consequências de uso, mormente, a partir da área ambiente-comportamento.
	Identificar e compreender as semelhanças e diferenças entre dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) do bairro Cidade Baixa no que se refere a composição de seus valores pessoais.	

Quadro 51 – Objetivos da pesquisa e contribuições relacionadas.

Em relação ao alcance dos objetivos propostos para a pesquisa, considera-se que a identificação das relações entre a composição de valores pessoais e as percepções de valor de dois grupos de usuários (moradores e comerciantes engajados) em relação às características do bairro Cidade Baixa foi plenamente alcançada. Diferentes técnicas de coleta e análise dos dados foram utilizadas, o cruzamento dos resultados dessas diferentes técnicas foi feito para possibilitar a identificação de convergências e divergências entre os resultados. Além disso, foi feito um esforço para compatibilizar conceitos provenientes de distintas fundamentações teóricas. Em relação a compreensão das relações entre a composição de valores pessoais e as percepções de valor de usuários um caminho foi indicado, certamente há necessidade de uma maior quantidade de estudos que possam aprofundar e explorar a compreensão de tais relações que tem forte caráter simbólico e abstrato.

A presente pesquisa também contribuiu no mapeamento da hierarquia de valor de moradores e comerciantes engajados sobre as características do bairro. O que conferiu maior clareza na identificação e comparação das relações entre valores pessoais e percepção de valor sobre o bairro. Desta

forma, conseguiu-se verificar diferenças e semelhanças na hierarquia de valor para cada grupo de usuário. Ainda, foi possível apontar os constructos relacionados às consequências de uso e constatar que os principais constructos da área ambiente-comportamento se concentraram em consequências funcionais e psicossociais.

O estudo realizado apresentou delimitações quanto à sua população e amostra. A população analisada por este estudo, moradores e comerciantes engajados com as questões do bairro Cidade Baixa, foi definida tendo em vista o fato dela não ser aleatória e sim por conveniência. A pesquisa ainda teve como delimitação o fato de ter se restringido a moradores e comerciantes engajados que estavam vinculados direta ou indiretamente a uma associação de moradores ou comerciantes, o que deixou de fora os moradores e comerciantes que estabelecem relação de engajamento com o bairro de forma independente e/ou individual, pois não foi possível encontrá-los. A partir dessas delimitações o tamanho da amostra se apresentou em número reduzido, o que permite considerar os resultados encontrados apenas para a população em questão.

Estudos dessa natureza poderiam auxiliar no processo de negociação de conflitos entre diferentes grupos de usuários de bairro. Ainda, poderiam subsidiar a definição de metas para a gestão (urbana) do bairro, apresentando potencial para auxiliar na definição das prioridades ao que se refere às intervenções urbanas que pudessem conferir melhorias para seus usuários, gerando maior valor ao território em escala de bairro.

6.2 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

A partir da realização da pesquisa, apresentam-se recomendações para trabalhos futuros relacionados à percepção de valor no território ao nível de bairro.

- a) Elaborar um modelo de avaliação que viabilize a condução de estratégias que amparem os tomadores de decisão (poder público) na implementação de políticas públicas relacionadas à geração de valor no território urbano delimitado pelos bairros que compõem as cidades.
- b) Desenvolver formas para apresentar resultados de avaliações que estejam adequadas para os tomadores de decisão (poder público) e demais instâncias participativas a fim de possibilitar maior geração de valor na gestão do uso e nas intervenções no ambiente construído dos bairros.
- c) Avaliar e refinar a metodologia utilizada a partir da replicação em outros bairros.
- d) Elaborar procedimentos que dinamizem a coleta e análise de dados para a técnica *laddering*, observando seu ajustamento para a avaliação de grupos de usuários em escala de bairro.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, T.M. **Região Metropolitana de Porto Alegre: expansão urbana e dinâmica imobiliária nos anos 90**. Indicadores Econômicos. Porto Alegre: FEE, v. 32, n. 1, maio de 2004, p.65-90.

BARROS, Celia Guimarães. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Nobel, 1977.

BEZERRA, J. A. **A reafirmação do bairro: um estudo geo-histórico do bairro do Alecrim na cidade de Natal**. 2005. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

BONATTO, S. F. **Proposta de um Modelo para Avaliação de Empreendimentos Habitacionais de Interesse Social a Partir da Percepção de Clientes Finais**. 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (Org.). **Geografia cultural: um século**. EDUERJ, v.3: 83-132, Rio de Janeiro, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BRITO, J. N. S. FORMOSO, C. T. ROCHA, G. S. Estudo da formação de valor de usuários finais de empreendimentos habitacionais de interesse social. XIV ENTAC – **Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**. Juiz de Fora, 2012.

CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leanne; STONE, Andrew. Needs in Public Sapce. In: CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve (Org.) **Urban Design Reader**. Oxford, UK, 2007.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II. 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLARO, Ceciliano Soares. **O bairro Cidade Baixa e seu desenvolvimento histórico**. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. EPHC. Núcleo de pesquisa e documentação. Porto Alegre, 1997.

COGO Paulo Sérgio. **A “Olaria dos Narcisos”**: um estudo sociológico da oferta e do consumo de lazer no centro comercial Nova Olaria de Porto Alegre – V. 2: Anexos (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999b

COGO Paulo Sérgio. **A “Olaria dos Narcisos”**: um estudo sociológico da oferta e do consumo de lazer no centro comercial Nova Olaria de Porto Alegre (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999a

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

DE PAOLI, Diana. **O valor do desenho urbano na construção de bairros habitacionais e comunidades**. Dissertação de mestrado. UEC, Campinas, 2014.

ECKERT, C; ROCHA, A. L. C. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2005.

ECKERT, Cornélia. A Cultura do Medo e as Tensões do Viver na Cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: MYNAIO, Maria Cecília de S., COIMBRA JR, Carlos E. A. (orgs). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

FIDEL, R. The case study method: a case study. In: GLAZIER, J. D.; POWELL, R. R. (Ed.). *Qualitative research in informacional management*. Englewood: Libraries Unlimited, 1992. p. 37–50.

FIELD, Andy. **Descobrimo a Estatística usando o SPSS**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FIGUEIREDO, Marina Dantas. **“O Muro Invisível”**: Cultura organizacional e representações sociais no centro comercial Nova Olaria. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FONSECA, Luciana M. **Dois rumos na noite de Porto Alegre**: dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade baixa e Moinhos de Vento. 2006. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2006.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 3 ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998.

FRYDBERG, Mariana Bay. **Lupi, Se Acaso Você Chegasse**: um estudo antropológico das narrativas de Lupicínio Rodrigues. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2007.

GERMANO, Íris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 30 e 40**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados e como redigir o relatório**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2008.

GONÇALVES, Antonio Custódio. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série**. Vol. IV – Porto, 1988. p. 15 a 31.

GRANJA, A. D. *et al.* A Natureza do Valor Desejado na Habitação Social. **Revista Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 9, n. 2: 87-103, abr./jun. 2009.

GRANJA, A. D.; KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; PINA, S. A. M. G. *et al.* A natureza do valor desejado na habitação social. **Revista Ambiente Construído**, v. 9, n. 2: 87-103, 2009.

GRAVANO, Ariel. **Antropología de lo barrial: estudios sobre producción simbólica de la vida urbana**. Buenos Aires: Espacio, 2003.

GRAVANO, Ariel. **El Barrio en la Teoría Social**. Buenos Aires: Editorial Espacio, 2005.

GUTMAN, J. A means-end chain model based on consumer categorizations processes. **Journal of Marketing**. V. 48: 60-72, spring 1982

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização a Mutiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina** – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

HAESBAERT, Rogério. Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 400 p. 2007

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à Multiterritorialidade**. In: Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades, 2004. Documento de trabalho elaborado a partir de uma versão revisada de uma de um documento apresentado no 1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLBROOK, M. B. **Consumption Experience, Customer Value, and Subjective Personal Introspection**: an illustrative photographic. *Journal of Business Research*, v. 59, n. 6: 714-725, 2006.

HOLBROOK, M. B. The Nature of Customer Value: An Axiology of Services in the Consumption Experience. In: R. RUST AND R.L. OLIVER (Ed.). **Service Quality: New Directions in Theory and Practice**. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc; 1 edition, 1994. p. 21-71.

HOLBROOK, Morris. **Consumer Value: a framework for analysis and research**. London and New York: Routledge, 1999.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martin Fontes, 2011.

JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 1991

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen. **Cognition and environment: functioning in an uncertain world**. Estados Unidos: Ulrich's Bookstore, 1983.

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen; RYAN, Robert L. **With people in mind: design and management of everyday nature**. Washington: Island Press, 1998.

KLUCKHOHN, C.K.M. Values and value orientation in the theory of action. In: PARSONS, T.; SHLDS, E. (eds). **Toward a general theory of action**. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1951.

KOHLER, Raquel; MONDO, Jader Afonso Savi; LAY, Maria Cristina Dias *et al.* Percepção da estrutura e desempenho de um setor urbano: bairro Cidade Baixa, Porto Alegre – RS. *In: Encontro Nacional Da Anpur*, 7º, RECIFE, 1997. ARTIGO TÉCNICO, 1997, Recife, PE, 1997. v.1 p.341-362 il.

KOTLER, Philip. **Marketing para o século XXI: como criar, conquistar e dominar mercados**. São Paulo: Futura, 1999.

KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. 10ª edição – São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Manna de Andrade. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral** | Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi, colaboradora. -- 6. ed. rev. e ampl. -- Sao Paulo: Atlas, 1990.

LANG, Jon. **Urban desing: the american experience**. New York: Van Nostrand Reinhold Company Inc., 1994.

LANG, Jonny; BURNETTE, C.; MOLESKI, W.; VACHON, D. **Designing for Human Behavior: architecture and the behavioural sciences**. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross, 1987.

LAY, Maria Cristina. **Responsive site desing, use environmental perception and behavior**. Tese de Doutorado. Oxford Brookes Iniversity, 1992.

LAY, Maria Cristina; REIS, Antônio Tarcísio. Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento. **Revista Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 5, n. 2: 21-36, 2005.

LYNCH, K. **A Boa Forma da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LYNCH, K. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Avenida Luiz Guaranha e o Quilombo do Areal: Estudo etnográfico sobre memória, sociabilidades e territorialidade negra em Porto Alegre/RS**. Dissertação de Mestrado. UFGRS, 2006

MARTINS, Altair. **Dicionário amoroso de Porto Alegre**. São Paulo: Casarão do Verbo, 2013.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. Edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia e planejamento**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MAYOL: Morar. *In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; Mayol: A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um barro tradicional de Porto Alegre**. Dissertação de mestrado, PPG de História, PUCRS. Porto Alegre, 2001.

MILLAN, Santiago. **O mestre Borel: ancestralidade negra em Porto Alegre**. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 33: 327-330, jul./dez. 2013.

MIRON, L. **Gerenciamento dos Requisitos dos Clientes de Empreendimentos Habitacionais de Interesse Social: proposta para o Programa Integrado Entrada da Cidade em Porto Alegre/RS**. 2008. 350 f. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MONROE, Kent B. **Pricing: making profitable decisions**. New York: McGraw-Hill, 1990. 502 p.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro** (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX) *Rev. bras. Hist.* vol.19 n.37 São Paulo Sept. 1999.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales com el diseño de la forma urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

RECKZIEGEL, Daniela. **Lazer Noturno: aspectos configuracionais e formais e sua relação com a satisfação e preferência dos usuários**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2009.

REIS, Antônio Tarcísio; LAY, Maria Cristina. **Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem**

REYNOLDS, T. J.; GUTMAN, J. *Laddering theory, method, analysis, and interpretation*. **Journal of Advertising Research**, 1988b.

REYNOLDS, T. J.; GUTMAN, J. A means-end analysis of brand persuasion through advertising. **Journal of Advertising Research**, v. 28, 1988a.

ROHAN, M. A rose by any name? The values construct. **Personality and Social Psychology Review**, Mahwah, v. 4, n. 3: 255-277, Aug. 2000.

ROKEACH, M. **Beliefs, attitudes and values**. New York: The Free Press, 1973.

ROKEACH, M. **Understanding Human Values: individual and societal**. New York: The Free Press, 1979.

RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires**. Paris: Gallimard, 1990.

ROS, M. Valores. Atitudes e comportamento: uma nova visita a um tema clássico. ROS, M.; GOUVEIA, V.V. **Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados**. São Paulo: Editora Senac: 87-114, 2006.

SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, R.; INIESTA-BONILLO, M. Á. **The concept of perceived value: a systematic review of the research.** *Marketing Theory*, v. 7, n. 4: 427-451, 2007.

SANTOS, Irene. Colonos e Quilombolas. **Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre.. Secretaria Municipal da Cultura.** Prefeitura Municipal de Porto Alegre: Porto Alegre, 2010.

SAPIEZINSKAS, A. **Travessa dos Venezianos: um estudo antropológico sobre os significados da casa tombada para os seus moradores.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SCHUTZ, Alfred. **O mundo das relações sociais.** In: WAGNER, Helmut R. (Org.). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. p. 123-193.

SCHWARTZ, S. H. **Les valeurs de base de la personne: Théorie, mesures et applications** [Basic human values: Theory, measurement, and applications]. *Revue française de sociologie*, v.42: 249-288, 2006b.

SCHWARTZ, S. H. **Valores humanos básicos: seu contexto e estrutura intercultural.** In: TAMAYO A.; PORTO, J. B. *Valores e comportamentos nas organizações.* Petrópolis: Editora Vozes: 17-55, 2005a.

SCHWARTZ, S. H.. **Basic Human Values: An Overview.** Jerusalem: Hebrew University, 2006c.

SCHWARTZ, S. H.. Há aspectos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? In: ROS, M.; GOUVEIA, V.V. **Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados.** São Paulo: Editora Senac: 55-85, 2006a.

SCHWARTZ, S. H.. Validade e aplicabilidade da Teoria de Valores. In: TAMAYO A.; PORTO, J. B. **Valores e comportamentos nas organizações.** Petrópolis: Editora Vozes: 56-95, 2005b.

SCHWARTZ, S. H. Value Orientations: Measurement, Antecedents and Consequences across Nations. In: JOWELL, R.; ROBERTS, C.; FITZGERALD R. **Measuring Attitudes Cross-Nationally: Lessons from the European Social Survey.** London: Sage: 161-193, 2007.

SCHWARTZ, S. H.; BILSKY, W. Toward a universal psychological structure of human values. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 53, n. 3: 550-562, 1987.

SILVA, Michelle Nascimento da. **Identidade, pertencimento e sociabilidade no espaço urbano: observações sobre a percepção dos usuários do bairro Cidade Baixa em Porto Alegre.** *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 34: 194-210, ago./dez. 2013”

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. Os tipos de povoamento. In: **Os parceiros do rio Bonito.** São Paulo: Duas Cidades, 1987.

SOUZA, Anita Silva de. **Projeto Renascença: um caso de petrificação em Porto Alegre durante a década de 1970.** Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2008a.

SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I; GOMES: C.; CORRÊA, R. (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 15-47. 2008b.

- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008c.
- TAMAYO, A. Hierarquia de valores transculturais e brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23: 7-15, 2007.
- THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. **El campesino polaco en Europa y en América**. Madrid: CIS, 2004.
- VEDANA, Viviane. “Fazer a Feira”: estudo etnográfico das 'artes de fazer' de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2004.
- VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. & IKEDA, A. Usos e limitações do método *Laddering*. **Revista de Administração Mackenzie**. Ano 5, nº1: 197-222, 2004
- VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. & IKEDA, A. *Laddering* em pesquisas de marketing. **Cadernos EBAPE.BR**, v.6, nº 1, março, 2008.
- WHITE, William. **City: rediscovering the center**. New York: Anchor Books. 1998.
- WOODALL, T. Conceptualising “Value for the Customer”: An Attributional, Structural and Dispositional Analysis. **Academy of Marketing Science Review**, v. 2003, n. 12, 2003.
- WOODRUFF, R. B. Customer Value: the next source for competitive advantage. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 25, n. 2: 139-153, 1997.
- WOODRUFF, R. B.; GARDIAL, S. **Know Your Customer: new approaches to understanding customer value and satisfaction**. [S.l.]: Blackwell Publishing, 1996.
- WOODRUFF, Robert B., SCHUMANN, David W., GARDIAL, Sarah Fisher. Understanding Value and Satisfaction from the customer’s point of view. **Survey of Business**. P. 33-30, summer/fall 1993.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (4Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2010
- ZAMBONI, Vanessa. **Construção social do espaço, identidades e territórios em processo de remoção: o caso do bairro Restinga – Porto Alegre/RS**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2009.
- ZEITHAML, V. A. Consumer Perceptions of Price, Quality, and Value: a means-end model and synthesis of evidence. **Journal of Marketing**, v. 52: 2-22, jul. 1988.
- ZINAS, B. Z. & JUSAN M. M. Theoretical Framework of Means-End Chain Model for Measuring Housing Environment Choice and Preference. **4th International Conference on Built Environment in Developing Countries**, USM Penang-Malaysia, 1st- 2nd December, 2010.

APÊNDICE A

ORGANIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS EM JORNAIS E INTERNET REALIZADA NA ETAPA A

MANCHETE	TEMAS CENTRAIS	FONTES	DATA
Porto Alegre pode ficar quase sem bares depois da meia-noite	Smic e a Brigada Militar interditaram 22 bares e casas noturnas na Cidade Baixa, bairro boêmio de Porto Alegre	Sul21	15/11/2011
Sobre o fechamento de bares na Cidade Baixa	Opinião sobre a situação que desde o início do mês de novembro abate o bairro boêmio da Cidade Baixa.	Sul21	16/11/2011
Reunião debate segurança e ações para o bairro Cidade Baixa	Problemas noturnos que afetam moradores do bairro Cidade Baixa foram apresentadas nesta quinta-feira, 10, ao prefeito José Fortunati. Em reunião com secretários municipais, comissão de moradores e o vereador Professor Garcia, foram discutidas ações para melhorar a situação noturna que atinge o bairro. A maior preocupação dos moradores diz respeito à falta de segurança (algazaras, brigas e outras ocorrências de cunho policial) devido ao fato do bairro possuir aproximadamente 80 bares/ casas noturnas.	PMPA	10/11/2011
Operação Sossego fecha bares na Cidade Baixa	Na noite desta quinta-feira, 10, em atuação conjunta das equipes de fiscalização de atividades localizadas e de atividades ambulantes da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic), foi realizada a 22ª edição da “Operação Sossego” no bairro Cidade Baixa. Com apoio do 9º Batalhão de Polícia Militar, a ação deu continuidade aos processos fiscalizatórios e mandatos de interdição e de fechamento, assinados pelo titular da Smic, Valter Nagelstein, na terça-feira, 8 de novembro.	PMPA	11/11/2011
Fiscalização em bares do bairro Cidade Baixa gera protestos em Porto Alegre	Comerciantes e músicos reclamam da ação da prefeitura que fechou 23 estabelecimentos	Zero Hora	14/11/2011
Grupo de trabalho discutirá qualificação da Cidade Baixa	Na noite desta quarta-feira, 16, o prefeito José Fortunati reuniu-se com moradores e comerciantes da Cidade Baixa para discutir avanços sobre as discussões na comunidade envolvendo a atividade noturna no bairro. Para dar encaminhamentos práticos e ouvir as partes envolvidas, o prefeito propôs a criação de um grupo de trabalho integrado por representantes dos moradores, dos proprietários de bares e casas noturnas, da Câmara Municipal e da prefeitura. O encontro ocorreu no salão da Igreja Sagrada Família, durante reunião da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Juventude da Câmara Municipal, presidida pelo vereador Professor Garcia.	PMPA	16/11/2011
Audiência mostra os muitos lados do conflito na Cidade Baixa	A audiência foi marcada pelo acirramento. Vaias e aplausos efusivos a cada manifestação, seja de moradores, de empresários, ou de músicos. O conflito foi tratado por muitos durante a audiência como “moradores x empresários”, mas os moradores da Cidade Baixa que gostam de viver ali justamente pelos bares saíram da toca após a ação do final de semana, mostrando que não eram poucos. A diversidade da audiência mostrou a complexidade do conflito.	Sul21	17/11/2011
Polêmica na Cidade Baixa servirá para aperfeiçoamentos, defende Nagelstein	A crise sempre serve para aperfeiçoamento”, afirmou o titular da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic), Valter Nagelstein, ao admitir que a legislação pode ser revista para que bares possam funcionar depois da meia-noite em Porto Alegre. Ele apontou que a polêmica operação realizada há cerca de dez dias, que fechou 22 bares no bairro mais boêmio da Capital, deve fazer com que o poder público reveja leis confusas que prejudicam a atividade comercial noturna, mas também para que empresários e cidadãos tenham mais responsabilidade com a cidade.	Sul21	20/11/2011

Porto Alegre, uma cidade com toque de recolher	O que está em questão é como Porto Alegre vai conviver com seus moradores que gostam de frequentar bares e casas noturnas, com os turistas que visitam a cidade e querem se divertir, com os empreendedores que investem neste segmento e com os trabalhadores que retiram seu sustento dessas atividades.	Sul21	28/11/2011
Grupo Cidade Baixa vai discutir soluções para a região	Tomaram posse nesta sexta-feira, 9, os integrantes do Grupo de Trabalho (GT) para buscar soluções para os problemas do bairro Cidade Baixa. O grupo foi criado pela Portaria n° 381/2011, publicada no Diário Oficial de Porto Alegre (Dopa), no dia 6 de dezembro. O GT foi proposto pelo prefeito José Fortunati, durante a reunião com a comunidade, que aconteceu em novembro. A ideia é debater e propor alternativas para resolver as questões que envolvem a comunidade. A região reúne um grande número de residências, mas também concentra bares e casas noturnas.	PMPA	09/12/2011
Acordo com moradores deve retomar vida noturna na Cidade Baixa	“Agora vai ficar bom para quem quer trabalhar, se divertir e dormir na Cidade Baixa”, afirma a moradora Roberta Correa, integrante do Grupo de Trabalho que discute o horário de fechamento dos bares do reduto boêmio de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Nesta quarta-feira (15), uma reunião na Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic), a partir das 10 horas, deverá selar a decisão de um novo decreto para adequar a atual legislação que obriga o fechamento dos estabelecimentos à meia noite. A nova lei irá incluir propostas feitas pelos moradores do bairro, proprietários de bares e restaurantes e alguns vereadores de Porto Alegre. Entre elas, a possibilidade de ampliar a vida noturna até as 03h.	Sul21	15/02/2012
Diversão ampliada. Horário dos bares do bairro Cidade Baixa deve ser estendido.	Grupo de Trabalho definiu novo período de funcionamento em Porto Alegre	Zero Hora	16/02/2012
Músicos enchem de som e protesto noite na Cidade Baixa: veja fotos	Centenas de pessoas se reuniram na noite de terça-feira (28) para uma manifestação a favor do trabalho dos músicos e contra as restrições ao som ao vivo na noite de Porto Alegre. Convocado via redes sociais, o ato teve início na Rua da República, coração da vida boêmia na Cidade Baixa, e espalhou-se pelo bairro com faixas, gritos de guerra e muitos instrumentos musicais.	Sul21	29/02/2012
Grupo de trabalho avança no debate sobre a Cidade Baixa	Moradores, comerciantes, vereadores e representantes da prefeitura e da Brigada Militar – integrantes do Grupo de Trabalho Cidade Baixa – reuniram-se na tarde desta sexta-feira, 9, para debater as propostas de regras para o funcionamento de bares e restaurantes no bairro. Com a presença do prefeito José Fortunati, foi avaliada a proposta consolidada pela coordenação do GT quanto ao horário das atividades noturnas, regras para reprodução de música e classificação dos estabelecimentos.	PMPA	09/03/2012
Regras para Cidade Baixa serão implantadas gradativamente	Conforme acordado na semana passada, o Grupo de Trabalho Cidade Baixa reuniu-se na manhã desta sexta-feira, 16, para avançar no diálogo sobre regras para o funcionamento de bares e restaurantes no bairro. O prefeito José Fortunati participou do encontro, com representantes dos moradores, comerciantes, vereadores e das secretarias municipais. Ficou acordado na reunião que as regras serão implementadas gradativamente, conforme o consenso definido entre os integrantes do GT.	PMPA	16/03/2012
Cidade Baixa: aprovadas propostas para bares e restaurantes	Moradores e empresários da Cidade Baixa aprovaram nesta quarta-feira, 11, as propostas de novas regras de funcionamento dos bares e restaurantes. A medida ficará em vigor durante 90 dias, a partir da assinatura do prefeito José Fortunati. Na audiência pública, que reuniu cerca de 300 pessoas na Igreja Sagrada Família, o Grupo de Trabalho formado para analisar e buscar soluções para os impasses apresentou duas propostas de decreto.	PMPA	12/04/2012

Operação Sossego e Fumo Zero realizadas na Cidade Baixa	As equipes de fiscalização de atividades localizadas e ambulantes da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic) realizaram nesta quinta-feira, 26, a 51ª edição da Operação Sossego. Em conjunto com o 9º Batalhão de Polícia Militar, a ação foi desencadeada no bairro Cidade Baixa, com a finalidade de prosseguir com os processos fiscalizatórios e de vistoria já em andamento.	PMPA	27/04/2012
Operação Sossego aperta o cerco na Cidade Baixa	O impasse entre moradores, proprietários e clientes de bares, restaurantes e casas noturnas do bairro Cidade Baixa deve melhorar com a assinatura de dois novos decretos que vão regulamentar a atividade noturna no bairro. A Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic) já aperta o cerco a quem está fora da lei. No último fim de semana, a Operação Sossego realizada na Cidade Baixa resultou em quatro advertências verbais, uma notificação e seis autuações. Foram realizadas 25 vistorias.	PMPA	30/04/2012
Decretos regulamentam funcionamento de bares na Cidade Baixa	O prefeito José Fortunati assina nesta quarta-feira, 2 de maio, os dois decretos que irão regulamentar o funcionamento de bares, restaurantes e casas noturnas no bairro Cidade Baixa. A solenidade que marca a assinatura será realizada às 15h30, no Museu Joaquim José Felizardo, que fica na rua João Alfredo, 582. O texto dos dois decretos foi discutido nas reuniões do Grupo de Trabalho Cidade Baixa, formado para analisar e buscar soluções para os impasses no bairro. A Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic) liderou a discussão, feita com moradores, empresários e músicos. Em abril, as duas propostas de mudanças na legislação, que geraram os decretos, foram aprovadas por unanimidade pelos integrantes do GT. O grupo foi formalmente constituído em dezembro, por determinação do prefeito, para debater avanços sobre as discussões na comunidade envolvendo a atividade noturna no bairro.	PMPA	02/05/2012
Força Tarefa começa a atuar no bairro Cidade Baixa	O grupo formado por nove secretarias e departamentos da prefeitura definiu hoje, 10, os últimos detalhes das operações conjuntas que começam a ser realizadas nesta sexta-feira, 11, no bairro Cidade Baixa. A Força Tarefa foi montada para garantir o cumprimento da legislação e garantir tranquilidade e convivência pacífica entre moradores, empresários e frequentadores do bairro. As ações envolverão 40 fiscais e servidores municipais. Serão utilizados 10 veículos e haverá apoio da Brigada Militar	PMPA	11/05/2012
Grupo de Trabalho Cidade Baixa visita secretário de Segurança	Uma visita de cortesia, para agradecer o apoio do Governo do Estado e da Brigada Militar às operações especiais realizadas no bairro Cidade Baixa. Este foi o objetivo do secretário municipal da Produção, Indústria e Comércio, Omar Ferri Júnior, e dos outros componentes do Grupo de Trabalho Cidade Baixa.	PMPA	17/05/2012
Cidade Baixa: Músicos fazem caminhada para protestar contra Prefeitura	Músicos e frequentadores do Bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, fazem nesta sexta-feira (15) a 2ª Caminhada Cultural em Defesa da Música, do Trabalho e da Cultura. Eles fazem uma série de denúncias, mas a principal delas é de que a Prefeitura estaria colocando empecilhos à música ao vivo nos bares do bairro boêmio, contrariando o que ficara acordado pelo grupo de trabalho que reuniu músicos, empresários, moradores, vereadores e integrantes do Governo para buscar um convívio harmônico no bairro.	Sul21	15/06/2012
Comunidade cultural da Cidade Baixa marcha por música ao vivo e reabertura de bares	“Eu quero é botar meu bloco na rua” diz o refrão que tornou célebre cantor e compositor Sérgio Sampaio, na década de 1970. Ao som desta canção, munidos de instrumentos de percussão, violões, flautas e gogó, cerca de 150 pessoas, entre frequentadores dos bares e casas noturnas da Cidade Baixa, músicos e donos de estabelecimentos paravam a Rua Lima e Silva, por volta das 20h30 desta sexta-feira (15), na 2ª Caminhada Cultural em Defesa da Música Ao Vivo, do Trabalho e da Cultura. “A Prefeitura disse que haveria 90 dias de teste para o novo decreto e que, neste período, não fechariam casas noturnas. Na primeira semana, fecharam o Mr. Dam. Enquanto eles disserem uma coisa e	Sul21	16/06/2012

	fizerem outra, nós estaremos aqui”, disse o músico Juliano Luz, num carro de som.		
Smic realiza ação educativa na Cidade Baixa	Uma conversa educativa e franca com os frequentadores da Cidade Baixa mobilizou equipes da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic) e do Procon na madrugada deste sábado, 16. O secretário da Produção, Indústria e Comércio, Omar Ferri Júnior, foi até os bares e restaurantes junto com os fiscais e a equipe da Comunicação Social, para distribuir panfletos educativos sobre o novo horário de funcionamento e com dicas sobre como manter a ordem e a harmonia entre moradores, empresários e o público que frequenta o bairro. “Nós precisamos mostrar para as pessoas que vêm até o bairro para divertirem-se que a Smic não quer limitar as atividades aqui, muito pelo contrário, até ampliamos o horário. Porém nós tínhamos que chegar a um consenso, chegamos a esse consenso, e para que esse esforço valha a pena, todos têm que colaborar.” disse Ferri Júnior.	PMPA	16/06/2012
Parceria fortalece ações na Cidade Baixa	Empreendedores integrantes da Associação dos Comerciantes da Cidade Baixa receberam o prefeito José Fortunati em encontro na manhã desta terça-feira, 26, para reforçar a parceria com o poder público e moradores nas ações de qualificação da convivência no bairro. Na ocasião, os empresários formalizaram a adesão à campanha “Eu não Dependendo de Droga Nenhuma”, realizada no município por meio das secretarias da Juventude e da Saúde. A reunião foi realizada no restaurante Via Imperatore, com a presença do presidente da associação, Moacir Biasi Betti, de empresários e secretários municipais.	PMPA	26/06/2012
Consenso deve manter regulamentação na Cidade Baixa	O grupo de trabalho formado para discutir a regulamentação das atividades noturnas na Cidade Baixa esteve reunido nesta quinta-feira, 19, para analisar as ações desenvolvidas desde maio, a partir da assinatura de dois decretos que criaram novas regras para bares, cafés e restaurantes. No encontro realizado na Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio, foram analisados os avanços obtidos com as novas regras e a intensificação da fiscalização. Todos os participantes, entre moradores, empresários, músicos, representantes das secretarias e departamentos da prefeitura que participam das ações integradas nos bairros, da Brigada Militar e da Câmara de Vereadores, manifestaram o interesse de dar continuidade ao trabalho. Eles querem tornar definitivos os horários estabelecidos pelo Decreto 17.766, que permite o funcionamento até a 1h da madrugada, durante a semana, e até as 2h nas sextas, sábados e vésperas de feriados. A medida ampliou o horário de domingo a quinta-feira, mas tem caráter experimental e com validade de 90 dias.	PMPA	19/07/2012
Vida noturna. Funcionamento de bares da Cidade Baixa deve seguir com horário fixo.	Prorrogação do prazo para estabelecimentos funcionarem até mais tarde está em discussão.	Zero Hora	25/07/2012
Decreto que normatiza bares da Cidade Baixa será permanente	Em audiência pública na noite desta quarta-feira (1), o grupo de trabalho criado para discutir o funcionamento dos bares no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, optou por manter em caráter permanente o decreto 17.766, que normatiza o tema. Pelo texto, editado pelo prefeito José Fortunati (PDT), os bares e restaurantes do bairro ficam abertos até a 1h da madrugada durante a semana e até as 2h nas sextas, sábados e vésperas de feriado.	Sul21	01/08/2012
Villaverde manifesta apoio ao projeto “Cidade Baixa em Alta”	O candidato a prefeitura de Porto Alegre, Adão Villaverde (PT), manifestou apoio ao projeto “Cidade Baixa em Alta” apresentado a ele na terça-feira (31) pelo representante da Associação dos Comerciantes do bairro, Cláudio Pavan. O candidato disse ser parceiro desta iniciativa para revitalizar a região, buscando o consenso entre moradores e proprietários de estabelecimentos comerciais diversos, além dos bares e restaurantes.	Sul21	01/08/2012

Cidade Baixa discute horário de funcionamento dos bares	O Decreto 17.766, que ampliou o horário de funcionamento dos bares e restaurantes da Cidade Baixa em uma hora de domingo a quinta-feira, tem caráter experimental e vale só até terça-feira, 31. Para que os estabelecimentos continuem abertos até a 1h da madrugada, durante a semana, e até as 2h, nas sextas, sábados e vésperas de feriados, será necessário um novo decreto. É isso que será discutido com a comunidade nesta quarta-feira, 1º de agosto, em audiência pública que ocorre às 19h, na Igreja Sagrada Família (rua José do Patrocínio, 954).	PMPA	01/08/2012
Horário ampliado na Cidade Baixa se torna definitivo	A comunidade votou pela continuidade da ampliação do horário de funcionamento dos bares e restaurantes na Cidade Baixa. A decisão foi tomada durante audiência pública, nesta quarta-feira, 1, realizada no Salão Paroquial da Igreja Sagrada Família. Participaram representantes dos moradores, empresários, funcionários dos estabelecimentos comerciais, músicos e frequentadores do bairro. A maioria votou a favor de um decreto com prazo indeterminado, que vai tornar definitivo o horário de funcionamento até à 1 hora da madrugada de domingo a quinta-feira e até às 2 horas nas sextas, sábados e vésperas de feriado.	PMPA	02/08/2012
Moradores decidem por manter funcionamento de bares na Cidade Baixa até a 1h.	Assembleia na noite de quarta-feira reuniu também empresários, Smic, EPTC, Brigada Militar e Polícia Civil.	Zero Hora	02/08/2012
Diálogo na Cidade Baixa pode ser referência para outros bairros	A definição de normas para a boa convivência entre moradores, artistas, empresários e frequentadores da Cidade Baixa, a partir da assinatura do decreto que regulamenta o horário de funcionamento de bares e restaurantes no bairro, pode se tornar uma referência para outras regiões da cidade. Com as novas regras, o Decreto 17.766, que havia sido assinado em maio em caráter experimental, passou a ser permanente, ampliando em 1 hora o funcionamento de estabelecimentos do bairro de domingo a quinta-feira. Nesses dias, bares, cafés, lancherias e restaurantes poderão atender até a 1 hora da madrugada. Nas sextas, sábados e vésperas de feriado, o horário limite é 2 horas da madrugada	PMPA	07/08/2012
Decreto amplia horários de bares na Cidade Baixa	O prefeito José Fortunati assina nesta terça-feira, 7, o decreto que vai regulamentar o horário de funcionamento de bares e restaurantes na Cidade Baixa. O decreto será permanente e vai ampliar em 1 hora o funcionamento de estabelecimentos do bairro de domingo à quinta-feira. Nesses dias, bares, cafés, lancherias e restaurantes poderão atender até a 1 hora da madrugada. Nas sextas, sábados e vésperas de feriado o horário limite é 2 horas da madrugada. A assinatura do decreto será realizada às 9h30, no Salão Nobre da Prefeitura de Porto Alegre.	PMPA	07/08/2012
Fortunati: “Estávamos vivendo uma guerra civil na Cidade Baixa”	O prefeito José Fortunati (PDT) considera que o decreto 17.766, que estipula regras específicas para o funcionamento dos bares da Cidade Baixa, pacificou as disputas que estavam ocorrendo entre moradores do bairro, frequentadores, empresários e trabalhadores. Nesta entrevista ao Sul21, o pedetista diz que havia uma “guerra civil” na Cidade Baixa e avalia que a atuação da Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio (SMIC) foi correta em fechar estabelecimentos que estavam irregulares.	Sul21	16/08/2012
Ação para regularizar bares na Cidade Baixa começa sexta-feira	Nesta sexta-feira (19), será realizada a primeira ação para analisar como funciona cada um dos estabelecimentos localizados na Cidade Baixa e verificar se estão regulares. A ação também acontecerá nos dias 26 e 31 de outubro e 9 de novembro. A iniciativa envolve as Secretarias Municipais da Produção, Indústria e Comércio (Smic), do Meio Ambiente (Smam), do Planejamento (SPM) e o CAR Centro, e acontece na Secretaria Municipal da Juventude (rua João Alfredo, 607).	Sul21	18/10/2012

Experiência da Cidade Baixa será repetida em outros bairros	Os bairros Auxiliadora, Independência e Moinhos de Vento terão um Grupo de Trabalho inspirado no modelo da experiência da Cidade Baixa. Nesta terça-feira, 30, a Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio realizou a primeira reunião com representantes dos moradores, empresários, hospitais e escolas. Cerca de 30 pessoas participaram do encontro no Colégio Rosário. Também participam do grupo as secretarias do Planejamento, Meio Ambiente, Obras e Viação, o CAR Centro, a EPTC, o DMLU, a Fasc e a Guarda Municipal.	PMPA	30/10/2012
Bares da Cidade Baixa tem horário especial no verão	O primeiro fim de semana de funcionamento ampliado na Cidade Baixa foi tranquilo. As equipes de fiscalização não receberam denúncias e também não flagraram nenhum estabelecimento fora do horário permitido ou com outras irregularidades. Desde a última semana, um acordo do Grupo de Trabalho Cidade Baixa permite que, durante o horário de verão, bares e restaurantes funcionem até às 3 horas da madrugada de quinta a sábado e em vésperas de feriados. A medida é restrita a parte interna dos estabelecimentos e está prevista para ocorrer até 17 de fevereiro de 2013.	PMPA	12/11/2012
EPTC e moradores debatem ciclovias na Cidade Baixa	Técnicos da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) e moradores da Cidade Baixa debatem nesta quinta-feira, 20, os detalhes finais para implantação de ciclovias na José do Patrocínio e Loureiro da Silva, no próprio bairro, com extensão de 2.080 metros. O novo encontro acontece no auditório da empresa, na rua João Neves da Fontoura nº7, a partir das 19h.	PMPA	20/12/2012
Ação na Cidade Baixa é destaque em balanço do CAR Centro	A experiência que resultou em solução para problemas enfrentados pelo bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, foi um dos destaques na apresentação do balanço de atividades do Centro Administrativo Regional da Região Centro (CAR Centro). Na avaliação do coordenador-geral, Rodrigo Kandrik, a ação na Cidade Baixa expressa boas práticas nos principais eixos de atuação do órgão: gestão administrativa, gestão democrática local, excelência em serviços e atendimento ao cidadão. Kandrik salienta que a iniciativa para a Cidade Baixa foi tão bem sucedida que deu origem a outros dois grupos de trabalho semelhantes: um para os bairros Auxiliadora, Independência e Moinhos de Vento e outro para o bairro Floresta.	PMPA	27/12/2012

APÊNDICE B
TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ UTILIZADO NAS ETAPAS A E C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa de mestrado acadêmico do PROPUR/UFRGS na área de Percepção e análise do Espaço Urbano no bairro Cidade Baixa, Porto Alegre/RS, desenvolvida pela mestrandia Michelle Nascimento da Silva. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Prof^a Dr^a Luciana Ines Gome Miron e Prof^a Dr^a Eva Machado Barbosa Samios, as quais poderei contatar através do telefone nº (51) 3308XXXX.

AUTORIZO, por meio deste termo, Michelle Nascimento da Silva a realizar a gravação de minha entrevista. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é identificar e compreender a percepção dos usuários do bairro Cidade Baixa sobre as características do bairro.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista semiestruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela pesquisadora e seu(s) orientador(es).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse estudo a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo. Atesto recebimento de uma cópia assinada desta Autorização.

Porto Alegre, ____ de _____ de ____.

Nome do entrevistado: _____

Michelle Nascimento da Silva: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA

INTRODUÇÃO

Apresentação

Esta pesquisa tem por finalidade coletar dados para uma dissertação de mestrado sobre o bairro Cidade Baixa que estou realizando no Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional Faculdade de Arquitetura/UFRGS.

Funcionamento

— Autorização / Gravação

Objetivos

— Ideia de relação/sentimento com o tema.

QUESTÕES

- 1) Conte um pouco da sua história com o bairro.
- 2) Qual o teu sentimento em relação à Cidade Baixa? Você poderia descrever ou explicar esse sentimento?
- 3) O que vem à mente ao falar de Cidade Baixa?
- 4) O que vem à mente em relação às seguintes características do bairro: comércio / cultura / segurança / moradia / transporte / história / turismo / importância / limpeza / manifestações
- 5) Pontos positivos do bairro.
- 6) Pontos negativos do bairro.

APÊNDICE D

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA UTILIZADA NA ETAPA B

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Prezado(a):

Esta pesquisa, “**PERCEPÇÃO DE VALOR DOS USUÁRIOS SOBRE O TERRITÓRIO: ESTUDO DE CASO NO BAIRRO CIDADE BAIXA EM PORTO ALEGRE**”, será desenvolvida por meio da aplicação de **QUESTIONÁRIOS** aos **MORADORES E COMERCIANTES** do referido bairro.

Estas informações estão sendo fornecidas para subsidiar sua participação voluntária neste estudo que visa **COMPREENDER DE QUE MANEIRA O SISTEMA DE VALORES PESSOAIS SE RELACIONA COM A FORMA QUE OS MORADORES E COMERCIANTES LOCAIS PERCEBEM AS CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO CIDADE BAIXA.**

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao pesquisador para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Michelle Nascimento da Silva, endereço eletrônico: xxxxxx_ufrgs@xxxxxx.com.br

É garantida aos respondentes a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros respondentes da pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Comprometo-me, como pesquisadora, a utilizar os dados e o material coletados somente para fins acadêmicos.

APÊNDICE D QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA ETAPA B

**Section A: Questões Gerais sobre a Cidade Baixa**

Para responder as questões a seguir, considere sua percepção como MORADOR e/ou COMERCIANTE do bairro Cidade Baixa.

A1. Qual seu sentimento em relação à Cidade Baixa?

Odeio Não gosto Indiferente Gosto Gosto muito

Informe sua opção.

A2. Em relação às afirmações abaixo sobre o bairro Cidade Baixa, eu:

	Discordo Totalmente	Discordo Parcialment e	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Parcialment e	Concordo Totalmente
A colaboração e a participação em associações e na vida pública do bairro é importante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A Cidade Baixa é um bairro boêmio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A preservação dos casarios antigos, as calçadas com revestimento cerâmico e as ruas com ladrilhos de granito é importante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As atividades de entretenimento e lazer noturno são importantes para o bairro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É um bom lugar para se morar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É necessário aumentar o policiamento no bairro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A3. O Decreto Municipal 17.902/2012 estabelece horários de funcionamento para atividades, de bares, restaurantes, cafés e lancherias na Cidade Baixa, a saber: Sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados, até às 2h com tolerância de 30 minutos. De domingo a quinta-feira, até a 1h com tolerância de 30 minutos, sendo que após a meia-noite não serão permitidas mesas nas calçadas. Considerando o Decreto mencionado, como você classifica:

Péssimo Ruim Regular Bom Ótimo

O horário de funcionamento das atividades de bares, restaurantes, cafés e lancherias na Cidade Baixa.

Section B: Avaliação de características da Cidade Baixa**B1. Como você classifica o bairro em relação aos seguintes aspectos?**

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Qualidade de vida das pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Qualidade de sono dos moradores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



B2. Como você classifica o bairro em relação aos seguintes aspectos?

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Convivência entre moradores, empresários e frequentadores.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comportamento dos frequentadores noturnos (brigas, barulho).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ocupação de moradores de rua em algumas áreas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividade de guardadores de veículos em algumas áreas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Organização dos moradores (solução de problemas e promoção de atividades no bairro).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Organização dos comerciantes (solução de problemas, e promoção de atividades no bairro).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Movimentação dos bares, restaurantes e pessoas à noite.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

B3. Como você classifica o bairro em relação aos seguintes aspectos?

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Localização do bairro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Localização da ciclovia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Proximidade do Parque Farroupilha (Redenção)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trânsito de veículos e pedestres	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quantidade de locais para estacionar veículos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Facilidade de acesso ao transporte coletivo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinalização das ruas e vias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Qualidade das calçadas, ruas e vias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tamanho das calçadas, ruas e vias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sentimento/sensação de segurança dentro do bairro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sentimento de orgulho das pessoas por pertencer ao bairro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>


B4. Como você classifica o bairro em relação aos seguintes aspectos?

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Aparência e conservação das calçadas, ruas e vias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aparência e conservação dos prédios antigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aparência e conservação das casas antigas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Qualidade e conservação da iluminação pública	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Patrimônio histórico-cultural	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pontos turísticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Implementação de novos empreendimentos imobiliários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

B5. Como você classifica o bairro em relação aos seguintes aspectos?

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Qualidade do ar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nível de ruído ambiental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Oferta e qualidade da coleta do lixo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Limpeza urbana (calçadas, ruas e vias)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Áreas verdes (arborização)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Locais para atividades de entretenimento e lazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Locais para atividades culturais (eventos culturais e artísticos/museus/teatros/cinemas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Áreas de comércio (lojas/supermercados/bares/restaurantes/etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Áreas de serviços (bancos/correios/lotéricas/escritórios/etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

B6. Como você classifica o bairro em relação aos seguintes aspectos?

	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
Segurança nas residências (contra assaltos/roubos/invasões)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segurança nos locais públicos (contra assaltos/roubos/vandalismo)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Oferta e qualidade do policiamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



Section C: Sistema de Valores

C1. O quanto esta pessoa se parece com você?

	Não se parece comigo em nada	Não se parece comigo	Se parece pouco comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece comigo	Se parece muito comigo
Pensar em novas ideias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer as coisas de maneira própria e original.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ser rica é importante para ela. Ela quer ter muito dinheiro e possuir coisas caras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ela acredita que é importante que todas as pessoas do mundo sejam tratadas igualmente. Ela acredita que todos deveriam ter oportunidades iguais na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

C2. O quanto essa pessoa se parece com você?

	Não se parece comigo em nada	Não se parece comigo	Se parece um pouco comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece comigo	Se parece muito comigo
É muito importante para ela demonstrar suas habilidades. Ela quer que as pessoas admirem o que ela faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É importante para ela viver em um ambiente seguro. Ela evita qualquer coisa que possa colocar sua segurança em perigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ela gosta de surpresas e está sempre procurando coisas novas para fazer. Ela acha ser importante fazer muitas coisas diferentes na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

C3. O quanto essa pessoa se parece com você?

	Não se parece comigo em nada	Não se parece comigo	Se parece um pouco comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece comigo	Se parece muito comigo
Ela acredita que as pessoas deveriam fazer o que lhes é ordenado. Ela acredita que as pessoas deveriam sempre seguir as regras, mesmo quando ninguém está observando.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É importante para ela ouvir as pessoas que são diferentes dela. Mesmo quando não concorda com elas, ainda quer entendê-las.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É importante para ela ser humilde e modesta. Ela tenta não chamar atenção para si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

C4. O quanto essa pessoa se parece com você?

	Não se parece comigo em nada	Não se parece comigo	Se parece um pouco comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece comigo	Se parece muito comigo
Aproveitar os prazeres da vida é importante para ela. Ela gosta de se mimar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É importante para ela tomar suas próprias decisões sobre o que faz. Ela gosta de ser livre e não depender dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É muito importante para ela ajudar as pessoas ao seu redor. Ela quer cuidar do bem-estar delas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

C5. O quanto essa pessoa se parece com você?

	Não se parece comigo em nada	Não se parece comigo	Se parece um pouco comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece comigo	Se parece muito comigo
Ser muito bem-sucedida é importante para ela. Ela espera que as pessoas reconheçam suas realizações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É importante para ela que o governo garanta sua segurança contra todas as ameaças. Ela deseja que o Estado seja forte para poder defender seus cidadãos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ela procura por aventuras e gosta de correr riscos. Ela quer ter uma vida excitante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



C6. O quanto essa pessoa se parece com você?

	Não se parece comigo em nada	Não se parece comigo	Se parece um pouco comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece comigo	Se parece muito comigo
É importante para ela sempre se comportar de modo adequado. Ela quer evitar fazer qualquer coisa que as pessoas possam dizer que é errado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É importante para ela ter o respeito dos outros. Ela deseja que as pessoas façam o que ela diz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É importante para ela ser leal a seus amigos. Ela quer se dedicar às pessoas próximas a ela.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

C7. O quanto essa pessoa se parece com você?

	Não se parece comigo em nada	Não se parece comigo	Se parece um pouco comigo	Se parece mais ou menos comigo	Se parece comigo	Se parece muito comigo
Ela acredita firmemente que as pessoas deveriam preservar a natureza. Cuidar do meio ambiente é importante para ela.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tradição é importante para ela. Ela procura seguir os costumes transmitidos por sua religião ou pela sua família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ela procura todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe tragam prazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Section D: Caracterização do respondente

D1. Qual sua relação com o bairro Cidade Baixa?

Morador

Comerciante **Skip to D3**

D2. Há quanto tempo você é morador deste bairro?

Até 02 anos

De 03 a 07 anos

De 08 a 15 anos

De 16 a 23 anos

De 24 anos ou mais

D3. Há quanto tempo você é comerciante neste bairro?

Até 02 anos

De 03 a 07 anos

De 08 a 15 anos

De 16 a 23 anos

De 24 ou mais



D4. Quantas pessoas, excluindo você, moram em sua casa?	Nenhuma <input type="checkbox"/>
	Uma <input type="checkbox"/>
	Duas <input type="checkbox"/>
	Três <input type="checkbox"/>
	Mais de três <input type="checkbox"/>
D5. Quem mora com você?	Família <input type="checkbox"/>
	Cônjuge/companheiro (a) <input type="checkbox"/>
	Amigos <input type="checkbox"/>
	Sozinho <input type="checkbox"/>
	Outros <input type="checkbox"/>
D6. Informe o seu gênero	Female <input type="checkbox"/>
	Male <input type="checkbox"/>
D7. A qual faixa etária você pertence?	De 18 a 24 anos <input type="checkbox"/>
	De 25 a 36 anos <input type="checkbox"/>
	De 37 a 48 anos <input type="checkbox"/>
	De 49 a 60 anos <input type="checkbox"/>
	Mais de 60 anos <input type="checkbox"/>
D8. Qual o seu estado civil?	Solteiro (a) <input type="checkbox"/>
	Casado (a) <input type="checkbox"/>
	União Estável <input type="checkbox"/>
	Divorciado (a)/Separado (a) <input type="checkbox"/>
	Viúvo (a) <input type="checkbox"/>

APÊNDICE E

ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO NA ETAPA C

ROTEIRO ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE – *LADDERING*

Para moradores e comerciantes da Cidade Baixa

1) CONVIVÊNCIA:

A- O que te traz uma boa convivência entre moradores e comerciantes do bairro?

B- Por que é importante ter uma boa convivência entre esses dois grupos de usuários do bairro Cidade Baixa?

2) ACESSIBILIDADE:

A – Que condições permitem uma boa acessibilidade ao bairro?

B- Por que é importante ter uma boa acessibilidade no bairro Cidade Baixa? (Ex.: localização, sinalização, vias de acesso, oferta de transporte).

3) APARÊNCIA:

A – Como é um bairro que possui boa aparência para você?

B- Por que é importante que o bairro Cidade Baixa tenha uma boa aparência? (Ex.: arborização, prédios e casas antigas, iluminação, manutenção das calçadas, ruas e vias).

4) CONFORTO AMBIENTAL:

A – O que te traz conforto ambiental em um bairro?

A1 – O que é um bairro silencioso para você?

A2 – O que é um bairro bem conservado para você?

A3 – O que é um bairro agradável para você?

B – Por que é importante ter uma boa qualidade: do ar, de ruído ambiental, de coleta de lixo, de limpeza, de áreas verdes, de áreas de comércio e serviços no bairro Cidade Baixa?

5) SEGURANÇA:

A- Como é um bairro seguro para você?

B- Porque é importante ter segurança no bairro Cidade Baixa?

APÊNDICE F: CONSTRUÇÃO DAS LADDERINGS

Respondente	Index	Enabled	Elements				
Morador 01	1	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Sociabilidade	Boa convivência	Tolerância
Morador 01	2	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Sociabilidade	Boa convivência	Respeito
Morador 01	3	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Sociabilidade	Boa convivência	Tolerância
Morador 01	4	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Sociabilidade	Boa convivência	Respeito
Morador 01	5	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Qualidade de vida
Morador 01	6	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Qualidade de vida
Morador 01	7	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Qualidade de vida	Felicidade
Morador 01	8	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade
Morador 01	9	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade	
Morador 01	10	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Sentimento de segurança	Segurança
Morador 01	11	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Tranquilidade	Segurança
Morador 01	12	Verdadeiro	Sem contra usos	Tranquilidade	Liberdade		
Morador 01	13	Verdadeiro	Sem contra usos	Sentimento de segurança	Liberdade		
Morador 01	14	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Sentimento de segurança	Segurança	
Morador 02	15	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa convivência	Educação	Felicidade
Morador 02	16	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa convivência	Respeito	Felicidade
Morador 02	17	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Educação	Felicidade
Morador 02	18	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Respeito	Felicidade

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Morador 02	19	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Liberdade	
Morador 02	20	Verdadeiro	Policimento vigilância	Acessibilidade centralidade	Vitalidade	Liberdade		
Morador 02	21	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Liberdade	
Morador 02	22	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Boa impressão	Organização	Reconhecimento social
Morador 02	23	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Boa impressão	Organização	Autoestima
Morador 02	24	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa aparência	Boa impressão	Reconhecimento social	
Morador 02	25	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa aparência	Boa impressão	Autoestima	
Morador 02	26	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Boa impressão	Organização	Reconhecimento social	
Morador 02	27	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Boa impressão	Organização	Autoestima	
Morador 02	28	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Boa convivência	Felicidade		
Morador 02	29	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Sentimento de segurança	Felicidade	
Morador 02	30	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Sentimento de segurança	Segurança	
Morador 02	31	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Tranquilidade	Segurança	
Morador 02	32	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Felicidade		
Morador 02	33	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Felicidade		
Morador 02	34	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Sentimento de segurança	Felicidade		
Morador 02	35	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Sentimento de segurança	Felicidade		

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Morador 02	36	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Tranquilidade	Felicidade		
Morador 03	37	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Sociabilidade	Boa convivência	Respeito	Felicidade
Morador 03	38	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Sociabilidade	Boa convivência	Tolerância	Felicidade
Morador 03	39	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Sociabilidade	Boa convivência	Respeito	Felicidade
Morador 03	40	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Sociabilidade	Boa convivência	Tolerância	Felicidade
Morador 03	41	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Felicidade	
Morador 03	42	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Felicidade	
Morador 03	43	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Boa impressão	Reconhecimento social	
Morador 03	44	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Boa impressão	Autoestima	
Morador 03	45	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Boa impressão	Reconhecimento social		
Morador 03	46	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Boa impressão	Autoestima		
Morador 03	47	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Qualidade de vida	Felicidade	
Morador 03	48	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Boa convivência	Qualidade de vida	Felicidade	
Morador 03	49	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Sentimento de segurança	Felicidade	
Morador 03	50	Verdadeiro	Sem contra usos	Sentimento de segurança	Felicidade			
Morador 03	51	Verdadeiro	Sem contra usos	Tranquilidade	Segurança			
Morador 04	52	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Sociabilidade	Boa convivência	Tolerância	Felicidade
Morador 04	53	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Sociabilidade	Boa convivência	Tolerância	Felicidade

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Morador 04	54	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade Centralidade	Sociabilidade	Qualidade De Vida	Sabedoria	
Morador 04	55	Verdadeiro	Mix De Usos	Acessibilidade Centralidade	Sociabilidade	Qualidade De Vida	Sabedoria	
Morador 04	56	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa Aparência	Boa Impressão	Felicidade	
Morador 04	57	Verdadeiro	Gerenciamento de Ruídos	Conforto Ambiental	Boa Convivência	Qualidade De Vida	Paz	
Morador 04	58	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto Ambiental	Qualidade De Vida	Felicidade	
Morador 04	59	Verdadeiro	Policimento Vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Segurança		
Morador 04	60	Verdadeiro	Policimento Vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança		
Morador 04	61	Verdadeiro	Autogestão	Tranquilidade	Segurança			
Morador 05	62	Verdadeiro	Mix De Usos	Diversidade De Usuários	Boa Convivência	Respeito	Felicidade	
Morador 05	63	Verdadeiro	Entretenimento Noturno	Bairro Boêmio	Atratividade	Boa Convivência	Respeito	Felicidade
Morador 05	64	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade Centralidade	Conveniência	Felicidade		
Morador 05	65	Verdadeiro	Mix De Usos	Acessibilidade Centralidade	Conveniência	Felicidade		
Morador 05	66	Verdadeiro	Sem Contra Usos	Boa Aparência	Qualidade De Vida	Autoestima		
Morador 05	67	Verdadeiro	Construções Antigas	Manutenção	Boa Aparência	Qualidade De Vida	Autoestima	
Morador 05	68	Verdadeiro	Baixas Construções	Conforto Ambiental	Qualidade de Vida	Felicidade		
Morador 05	69	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto Ambiental	Qualidade De Vida	Felicidade	
Morador 05	70	Verdadeiro	Gerenciamento de Ruídos	Conforto Ambiental	Boa Convivência	Qualidade De Vida	Felicidade	
Morador 05	71	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Sentimento de Segurança	Segurança		
Morador 05	72	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Sentimento de Segurança	Liberdade		

Respondente	Index	Enabled	Elements				
Morador 05	73	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança	
Morador 05	74	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Segurança	
Morador 05	75	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Liberdade	
Morador 05	76	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Liberdade	
Morador 06	77	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa convivência	Respeito	Felicidade
Morador 06	78	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa convivência	Respeito	Segurança
Morador 06	79	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa convivência	Educação	Felicidade
Morador 06	80	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa convivência	Educação	Segurança
Morador 06	81	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Felicidade
Morador 06	82	Verdadeiro	Sem engarrafamento	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade	Felicidade
Morador 06	83	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Boa aparência	Sentimento de segurança	Felicidade
Morador 06	84	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Sentimento de segurança	Felicidade	
Morador 06	85	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Qualidade de vida	
Morador 06	86	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Tranquilidade	Qualidade de vida	
Morador 06	87	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Tranquilidade	Qualidade de vida	
Morador 06	88	Verdadeiro	Sem contra usos	Tranquilidade	Felicidade		
Morador 06	89	Verdadeiro	Sem contra usos	Tranquilidade	Felicidade		

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Morador 07	90	Verdadeiro	Entreteniment o noturno	Bairro boêmio	Sociabilidade	Boa convivência		
Morador 07	91	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Boa convivência			
Morador 07	92	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Sociabilidade	Boa convivência		
Morador 07	93	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade		
Morador 07	94	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Vitalidade		
Morador 07	95	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Reconhecimento social		
Morador 07	96	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Autoestima		
Morador 07	97	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Felicidade			
Morador 07	98	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Felicidade		
Morador 07	99	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Liberdade		
Morador 07	100	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança		
Morador 07	101	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Paz		
Comerciante 01	102	Verdadeiro	Entreteniment o noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Tolerância	Realização	
Comerciante 01	103	Verdadeiro	Entreteniment o noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Respeito	Realização	
Comerciante 01	104	Verdadeiro	Entreteniment o noturno	Bairro boêmio	Atratividade	Boa convivência	Educação	Realização
Comerciante 01	105	Verdadeiro	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Qualidade de vida			
Comerciante 01	106	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Conveniência	Qualidade de vida		
Comerciante 01	107	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Felicidade		
Comerciante 01	108	Verdadeiro	Autogestão	Boa aparência	Felicidade			

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Comerciante 01	109	Verdadeiro	Construções antigas	Manutenção	Boa aparência	Felicidade		
Comerciante 01	110	Verdadeiro	Infraestrutura	Autogestão	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade	
Comerciante 01	111	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade		
Comerciante 01	112	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Boa convivência	Felicidade		
Comerciante 01	113	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Sentimento de segurança	Segurança		
Comerciante 01	114	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Tranquilidade	Segurança		
Comerciante 01	115	Verdadeiro	Policimento ou vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança		
Comerciante 01	116	Verdadeiro	Policimento ou vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Segurança		
Comerciante 02	117	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Atratividade	Boa convivência	Tolerância	Prosperidade
Comerciante 02	118	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Atratividade	Boa convivência	Tolerância	Realização
Comerciante 02	119	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Atratividade	Boa convivência	Respeito	Prosperidade
Comerciante 02	120	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Atratividade	Boa convivência	Respeito	Realização
Comerciante 02	121	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Prosperidade		
Comerciante 02	122	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Realização		
Comerciante 02	123	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Prosperidade		
Comerciante 02	124	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Realização		
Comerciante 02	125	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Prosperidade		
Comerciante 02	126	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Realização		
Comerciante 02	127	Verdadeiro	Policimento ou vigilância	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Prosperidade		

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Comerciante 02	128	Verdadeiro	Policimento vigilância	Acessibilidade centralidade	Bem sucedido	Realização		
Comerciante 02	129	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Bem sucedido	Prosperidade	
Comerciante 02	130	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Bem sucedido	Realização	
Comerciante 02	131	Verdadeiro	Policimento vigilância	Conforto ambiental	Tranquilidade	Bem sucedido	Prosperidade	
Comerciante 02	132	Verdadeiro	Policimento vigilância	Conforto ambiental	Tranquilidade	Bem sucedido	Realização	
Comerciante 02	133	Verdadeiro	Mix de usos	Conforto ambiental	Bem sucedido	Prosperidade		
Comerciante 02	134	Verdadeiro	Mix de usos	Conforto ambiental	Bem sucedido	Realização		
Comerciante 02	135	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Boa convivência	Bem sucedido	Prosperidade	
Comerciante 02	136	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Boa convivência	Bem sucedido	Realização	
Comerciante 02	137	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Bem sucedido	Prosperidade	
Comerciante 02	138	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Bem sucedido	Realização	
Comerciante 02	139	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança		
Comerciante 02	140	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Segurança		
Comerciante 03	141	Verdadeiro	Proteção acústica	Boa convivência	Prosperidade			
Comerciante 03	142	Verdadeiro	Proteção acústica	Boa convivência	Realização			
Comerciante 03	143	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Prosperidade		
Comerciante 03	144	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Realização		
Comerciante 03	145	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Atratividade	Prosperidade		
Comerciante 03	146	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Atratividade	Realização		

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Comerciante 03	147	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Boa aparência	Reconhecimento social		
Comerciante 03	148	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Boa aparência	Autoestima		
Comerciante 03	149	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Reconhecimento social		
Comerciante 03	150	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Autoestima		
Comerciante 03	151	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade		
Comerciante 03	152	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade		
Comerciante 03	153	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade	
Comerciante 03	154	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade	
Comerciante 03	155	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Felicidade		
Comerciante 03	156	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Prosperidade		
Comerciante 03	157	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Sentimento de segurança	Felicidade		
Comerciante 03	158	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Sentimento de segurança	Prosperidade		
Comerciante 03	159	Verdadeiro	Sem contra usos	Sentimento de segurança	Felicidade			
Comerciante 03	160	Verdadeiro	Sem contra usos	Sentimento de segurança	Prosperidade			
Comerciante 04	161	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Autogestão	Boa convivência	Bem sucedido	Prosperidade
Comerciante 04	162	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa convivência	Tolerância	Paz	
Comerciante 04	163	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Atratividade	Boa convivência	Tolerância	Realização

Respondente	Index	Enabled	Elements					
Comerciante 04	164	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Conveniência			
Comerciante 04	165	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Conveniência			
Comerciante 04	166	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Reconhecimento social		
Comerciante 04	167	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Autoestima		
Comerciante 04	168	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Reconhecimento social			
Comerciante 04	169	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Autoestima			
Comerciante 04	170	Verdadeiro	Autogestão	Boa aparência	Reconhecimento social			
Comerciante 04	171	Verdadeiro	Autogestão	Boa aparência	Autoestima			
Comerciante 04	172	Verdadeiro	Policimento vigilância	Boa aparência	Sentimento de segurança	Reconhecimento social		
Comerciante 04	173	Verdadeiro	Policimento vigilância	Boa aparência	Sentimento de segurança	Autoestima		
Comerciante 04	174	Verdadeiro	Construções antigas	Manutenção	Boa aparência	Reconhecimento social		
Comerciante 04	175	Verdadeiro	Construções antigas	Manutenção	Boa aparência	Autoestima		
Comerciante 04	176	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Tranquilidade	Qualidade de vida	Felicidade
Comerciante 04	177	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Tranquilidade	Qualidade de vida	Felicidade	
Comerciante 04	178	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança		
Comerciante 04	179	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Segurança		
Comerciante 04	180	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Sentimento de segurança	Segurança		
Comerciante 04	181	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Tranquilidade	Segurança		

Respondente	Index	Enabled	Elements				
Comerciante 05	182	Verdadeiro	Boa convivência	Respeito	Prosperidade		
Comerciante 05	183	Verdadeiro	Boa convivência	Respeito	Paz		
Comerciante 05	184	Verdadeiro	Boa convivência	Tolerância	Prosperidade		
Comerciante 05	185	Verdadeiro	Boa convivência	Tolerância	Paz		
Comerciante 05	186	Verdadeiro	Policimento vigilância	Acessibilidade centralidade	Tranquilidade		
Comerciante 05	187	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Tranquilidade		
Comerciante 05	188	Verdadeiro	Sem engarrafamento	Acessibilidade centralidade	Tranquilidade		
Comerciante 05	189	Verdadeiro	Mix de usos	Acessibilidade centralidade	Tranquilidade		
Comerciante 05	190	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência		
Comerciante 05	191	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa aparência		
Comerciante 05	192	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Boa aparência		
Comerciante 05	193	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Tranquilidade	Paz	
Comerciante 05	194	Verdadeiro	Proteção acústica	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade	
Comerciante 05	195	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Tranquilidade	Paz
Comerciante 05	196	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade
Comerciante 05	197	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Paz	
Comerciante 05	198	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Prosperidade	
Comerciante 05	199	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança	

Respondente	Index	Enabled	Elements				
Comerciante 05	200	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Sentimento de segurança	Paz	
Comerciante 05	201	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Sentimento de segurança	Prosperidade	
Comerciante 05	202	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Sentimento de segurança	Segurança	
Comerciante 06	203	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Respeito	Felicidade
Comerciante 06	204	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa convivência	Respeito	Prosperidade
Comerciante 06	205	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Igualdade		
Comerciante 06	206	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Reconhecimento social		
Comerciante 06	207	Verdadeiro	Infraestrutura	Acessibilidade centralidade	Felicidade		
Comerciante 06	208	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Bem sucedido	Prosperidade
Comerciante 06	209	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Bem sucedido	Felicidade
Comerciante 06	210	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa aparência	Bem sucedido	Prosperidade
Comerciante 06	211	Verdadeiro	Entretenimento noturno	Bairro boêmio	Boa aparência	Bem sucedido	Felicidade
Comerciante 06	212	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Bem sucedido	Prosperidade	
Comerciante 06	213	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Bem sucedido	Felicidade	
Comerciante 06	214	Verdadeiro	Sem contra usos	Boa aparência	Bem sucedido	Igualdade	
Comerciante 06	215	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Boa aparência	Bem sucedido	Prosperidade
Comerciante 06	216	Verdadeiro	Infraestrutura	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade	
Comerciante 06	217	Verdadeiro	Gerenciamento de ruídos	Conforto ambiental	Tranquilidade	Felicidade	

Respondente	Index	Enabled	Elements				
Comerciante 06	218	Verdadeiro	Mix de usos	Diversidade de usuários	Conforto ambiental	Vitalidade	Felicidade
Comerciante 06	219	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Sentimento de segurança	Segurança	
Comerciante 06	220	Verdadeiro	Policimento vigilância	Disponibilidade	Tranquilidade	Segurança	
Comerciante 06	221	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Sentimento de segurança	Segurança	
Comerciante 06	222	Verdadeiro	Mix de usos	Vigilância cidadã	Tranquilidade	Segurança	
Comerciante 06	223	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Tranquilidade	Segurança	
Comerciante 06	224	Verdadeiro	Infraestrutura	Manutenção	Tranquilidade	Segurança	

APÊNDICE G
PONTO DE CORTE/NÚMERO DE RELAÇÕES E CORRESPONDÊNCIA AO TOTAL (MORADORES)


Project data	
Direct links	742
Indirect links	934
Total links	1676
Respondents	13
Ladders	224
Ladders enabled	224
Ladders disabled	0
AVG elements/ladder	4.31
AVG ladders/respondent	17.23
Datapoints	966
Cohen's kappa Strict	-0.02
Cohen's kappa Loose	-0.02
Concentration index	0.85
Direct Links above cov	240
Indirect Links above cov	287
Links above cov	527
% Links above cov	62.44%
% Direct Links above cov	28.44%
% Indirect Links above cov	34%
Total cells	201
Cells above cov	67
% Cells above cov	33.33%

APÊNDICE H

PONTO DE CORTE/NÚMERO DE RELAÇÕES E CORRESPONDÊNCIA AO TOTAL (COMERCIANTES)

Project data	
Direct links	742
Indirect links	934
Total links	1676
Respondents	13
Ladders	224
Ladders enabled	224
Ladders disabled	0
AVG elements/ladder	4.31
AVG ladders/respondent	17.23
Datapoints	966
Cohen's kappa Strict	-0.02
Cohen's kappa Loose	-0.02
Concentration index	1.05
Direct Links above cov	255
Indirect Links above cov	236
Links above cov	491
% Links above cov	59.01%
% Direct Links above cov	30.65%
% Indirect Links above cov	28.37%
Total cells	220
Cells above cov	64
% Cells above cov	29.09%

ANEXO A
DECRETO MUNICIPAL 17.766/12

Ato	17766 /2012 – Decreto Municipal	Data 02/05/2012	Ano 2012
Fonte	DOPA 04/05/2012		
 <p style="margin: 0;">Prefeitura Municipal de Porto Alegre</p> <p style="margin: 0;">DECRETO Nº 17.766, DE 2 DE MAIO DE 2012.</p> <p style="margin: 0;">Estabelece o horário de funcionamento das atividades de bar, restaurante, café e lancheria no Bairro Cidade Baixa.</p> <p style="margin: 0;">O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 94, inciso II, da Lei Orgânica do Município e em conformidade com o disposto no artigo 8º da Lei Complementar nº 315, de 6 de janeiro de 1994,</p> <p style="margin: 0;">D E C R E T A:</p> <p style="margin: 0;">Art. 1º No bairro Cidade Baixa, as atividades de bar, restaurante, café, lancheria, estabelecidas no Decreto nº 14.607, de 28 de julho de 2004, terão os seguintes horários:</p> <p style="margin: 0;">I – sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados até as 2h, com tolerância de 30 (trinta) minutos, conforme determina o inc. IV do art. 1º da Lei Complementar nº 415, de 7 de abril de 1998, incluído pela Lei Complementar nº 623, de 23 de junho de 2009; e</p> <p style="margin: 0;">II – de domingos a quintas-feiras até a 1h, com tolerância de 30 (trinta) minutos, sendo que após a 0h, observado o disposto no inciso IV do art. 1º da Lei Complementar nº 415, de 1998, incluído pela Lei Complementar nº 623, de 2009, não serão permitidas mesas em recuos e em passeios públicos fronteiros aos estabelecimentos, bem como o funcionamento de “decks” externos e áreas abertas.</p> <p style="margin: 0;">Parágrafo único. O funcionamento de estabelecimentos 24h, ou após o horário definido neste artigo, poderá a critério do Sistema Municipal de Gestão e Planejamento (SMGP) ser autorizado mediante aprovação do Estudo de Viabilidade Urbanística (EVU), nos termos do Decreto nº 14.607, de 2004.</p> <p style="margin: 0;">Art. 2º Os estabelecimentos – Bar e Restaurante – que fizerem uso de música amplificada (mecânica ou ao vivo), após a 0h, deverão ter Projeto Acústico aprovado e licenciado pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Smam).</p> <p style="margin: 0;">Art. 3º O presente Decreto terá validade territorial dentro dos limites do Bairro Cidade Baixa, definidos pela Lei nº 2.022, de 7 de dezembro de 1959, alterados pela Lei nº 4.685, de 21 de dezembro de 1979.</p> <p style="margin: 0;">Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação e vigorará pelo prazo de 90 (noventa) dias.</p> <p style="margin: 0;">Parágrafo único. Fica automaticamente prorrogado, no prazo de vigência deste Decreto, o horário de funcionamento dos estabelecimentos cujo Alvará de Localização e Funcionamento ou Autorização para o Funcionamento de Atividade Econômica, emitidos pela Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC), possua condicionante com limite de funcionamento até as 0h.</p> <p style="margin: 0;">PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2 de maio de 2012.</p> <p style="margin: 0; text-align: center;">José Fortunati, Prefeito.</p> <p style="margin: 0; text-align: center;">Ricardo Gothe, Secretário do Planejamento Municipal.</p> <p style="margin: 0; text-align: center;">Omar Ferri Junior, Secretário Municipal da Produção, Indústria e Comércio. Registre-se e publique-se.</p> <p style="margin: 0; text-align: center;">Urbano Schmitt, Secretário Municipal de Gestão e Acompanhamento Estratégico.</p>			

ÍNDICE ANALÍTICO

DEDICATÓRIA	0
AGRADECIMENTOS	1
CIDADE BAIXA	2
RESUMO	3
ABSTRACT	4
RÉSUMÉ5	
ILUSTRAÇÕES	6
SIGLAS E ABREVIATURAS	9
SUMÁRIO	10
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 CONTEXTO	13
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.3 QUESTÃO DA PESQUISA.....	20
1.4 OBJETIVOS DE PESQUISA	20
1.5 DELIMITAÇÕES DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO E JUSTIFICATIVA	21
1.5.1 Espacial.....	21
1.5.2 Público-alvo	23
1.6 SÍNTESE DO MÉTODO DE PESQUISA.....	24
1.7 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	24
2 O TERRITÓRIO E A CIDADE BAIXA	25
2.1 O TERRITÓRIO.....	25
2.1.1 A territorialidade.....	26
2.1.2 A identidade.....	27
2.1.3 O bairro	29
2.1.4 Considerações sobre o conceito de território e conceitos relacionados.....	32

2.2	O BAIRRO CIDADE BAIXA: UM BAIRRO BOÊMIO EM PORTO ALEGRE	33
2.2.1	Formação do bairro Cidade Baixa	33
2.2.2	A constituição de um bairro boêmio	37
2.2.3	A Cidade Baixa atual	40
3	AMBIENTE-COMPORTAMENTO E PERCEPÇÃO DE VALOR	47
3.1	ESTUDOS NA ÁREA AMBIENTE-COMPORTAMENTO	47
3.1.1	Contribuições de Kevin Lynch para a percepção ambiental	48
3.1.2	Contribuições de Amos Rapoport para a percepção ambiental	49
3.1.3	Identificação de características em escala de bairro passíveis de avaliação a partir da área ambiente-comportamento	50
3.1.3.1	Acessibilidade	50
3.1.3.2	Aparência	52
3.1.3.2.1	Aspecto formal	52
3.1.3.2.2	Aspecto simbólico	53
3.1.3.3	Conforto ambiental	53
3.1.3.4	Segurança.....	54
3.2	ESTUDOS DE PERCEPÇÃO DE VALOR SOBRE O AMBIENTE CONSTRUÍDO.....	55
3.2.1	Valor percebido pelo cliente (usuário) na área de Marketing	55
3.2.1.1	Cadeias meios-fim e hierarquia de valor para o cliente (usuário)	57
3.2.2	Considerações sobre os estudos de percepção de valor	60
3.3	VALORES PESSOAIS.....	60
3.3.1	Contribuições de Rokeach	61
3.3.1.1	Valores terminais e instrumentais de Rokeach	62
3.3.2	Contribuições de Schwartz	63
3.3.2.1	Tipos motivacionais de valores de Schwartz.....	64
4	MÉTODO DA PESQUISA	67
4.1	ESTRATÉGIA DE PESQUISA.....	67
4.2	DELINEAMENTO DA PESQUISA	68
4.2.1	Técnicas de coleta e análise de dados e justificativa	70
4.2.2	Etapa A	70
4.2.2.1	Levantamento documental	70
4.2.2.2	Observação	72
4.2.3	Etapa B	73
4.2.3.1	Entrevista	75
4.2.3.2	Questionário	76
4.2.3.3	Amostragem não probabilística por tipicidade	77
4.2.3.4	Seleção dos respondentes.....	77
4.2.3.5	Definição da amostragem da pesquisa	78
4.2.3.6	Etapas para elaboração do questionário.....	78
4.2.3.7	Aplicação dos questionários pilotos	79
4.2.3.8	Questionário de Schwartz: PQV21	79
4.2.3.9	Tipo de questões.....	81

4.2.3.10	Versão final do questionário	81
4.2.3.11	Análise dos dados do questionário	82
4.2.4	Etapa C	83
4.2.4.1	A técnica <i>laddering</i>	84
4.2.4.2	Coleta de dados.....	84
4.2.4.3	Análise e interpretação de resultados.....	86
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	95
5.1	RESULTADOS DA ETAPA A.....	95
5.1.1	Análise de conteúdo (pesquisa documental).....	95
5.1.2	Observação.....	104
5.2	RESULTADOS DA ETAPA B.....	108
5.2.1	Entrevista.....	108
5.2.2	Questionário	116
5.2.2.1	Perfil dos moradores.....	116
5.2.2.2	Perfil dos comerciantes.....	117
5.2.3	Aspectos gerais percebidos pelos grupos de usuários	117
5.2.4	Convivência no bairro cidade baixa (moradores e comerciantes).....	121
5.2.5	Acessibilidade no bairro cidade baixa (moradores e comerciantes).....	123
5.2.6	Aparência no bairro Cidade Baixa (moradores e comerciantes)	127
5.2.7	Conforto ambiental no bairro Cidade Baixa (moradores e comerciantes)	129
5.2.8	Segurança (moradores e comerciantes)	131
5.2.9	Valores pessoais dos grupos de usuários.....	132
5.2.10	Comparação das características percebidos do bairro e valores pessoais nos grupos de usuários (moradores e comerciantes)	134
5.2.11	Características do bairro	134
5.2.12	Valores pessoais	137
5.3	RESULTADOS DA ETAPA C.....	144
5.3.1	Matriz de implicação	144
5.3.2	Análise crítica da matriz de implicação dos moradores do bairro Cidade Baixa	147
5.3.2.1	Atributo concreto.....	147
5.3.2.2	A atributo abstrato.....	147
5.3.2.3	Consequência funcional.....	148
5.3.2.4	Consequência psicossocial.....	148
5.3.2.5	Valor instrumental	148
5.3.2.6	Valor terminal.....	148
5.3.3	Análise crítica da matriz de implicação dos comerciantes do bairro Cidade Baixa	149
5.3.3.1	Atributo concreto.....	149
5.3.3.2	Atributo abstrato.....	149
5.3.3.3	Consequência funcional.....	150
5.3.3.4	Consequência psicossocial.....	150
5.3.3.5	Valor instrumental	150
5.3.3.6	Valor terminal.....	151
5.3.4	Mapa de Hierarquia de Valor (MHV)	153
5.3.4.1	Análise crítica do Mapa de Hierarquia de Valor dos moradores do bairro Cidade Baixa.....	154
5.3.4.2	Análise crítica do Mapa de Hierarquia de Valor dos comerciantes do bairro Cidade Baixa	156

5.4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	158
6	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	169
6.1	CONCLUSÕES.....	169
6.2	RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS.....	171
	REFERÊNCIAS	172
	APÊNDICE A ORGANIZAÇÃO DAS NOTÍCIAS EM JORNAIS E INTERNET REALIZADA NA ETAPA A.....	179
	APÊNDICE B TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ENTREVISTA E GRAVAÇÃO DE VOZ UTILIZADO NAS ETAPAS A E C	185
	APÊNDICE D CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA UTILIZADA NA ETAPA B.....	187
	APÊNDICE D QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA ETAPA B.....	188
	APÊNDICE E ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO NA ETAPA C.....	195
	APÊNDICE F: CONSTRUÇÃO DAS <i>LADDERINGS</i>.....	196
	APÊNDICE G PONTO DE CORTE/NÚMERO DE RELAÇÕES E CORRESPONDÊNCIA AO TOTAL (MORADORES).....	202
	APÊNDICE H PONTO DE CORTE/NÚMERO DE RELAÇÕES E CORRESPONDÊNCIA AO TOTAL (COMERCIANTES)	203
	ANEXO A DECRETO MUNICIPAL 17.766/12.....	204
	ÍNDICE ANALÍTICO.....	205
	ÍNDICE ANTROPONÍMICO E DE REFERÊNCIAS	209
	ÍNDICE TOPONÍMICO	211

ÍNDICE ANTROPONÍMICO E DE REFERÊNCIAS

Barcellos	21, 40	Jusan	90, 91
Barros	18, 60	Kaplan	52, 53, 92
Bonato	55	Kluckhohn	17, 60
Bonnemaison	19	Kohler	19, 43
Bosi	30	Kotler	56
Brito	55, 89	Lakatos	32, 67, 72, 75, 77, 78, 79, 81, 82
Carr	51, 52, 53, 92	Lang	47, 48, 50, 51, 52, 53, 87, 92
Castells	27, 28, 42	Largo da EPATUR	42
Certeau	15, 20, 91	Lay	47, 48, 52, 87, 92
Claro	33, 34, 35	Lupicínio Rodrigues ...	37, 38, 39, 105, 112, 113
Cogo	36	Lynch .	14, 17, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 60, 87, 92
Cooley	32	Marconi	72, 75, 77, 78, 79, 81, 82
Corrêa	19	Marques	40
De Paoli	55	Mattar	75, 77, 79, 81, 82
Eckert	15, 16, 36	Mayol	30, 31
Egon	108	Mello Sousa	29
Éguer Gonçalves	103	Menegotto	19, 33
Fernanda Malchionna	101	Millan	35
Figueiredo	36, 37	Miron	55
Fonseca	19, 21, 37, 39, 40, 42	Museu Joaquim José Felizardo	42
Franco	33, 35	Oliveira	82, 90
Fridberg	38, 40	Omar Ferri Jr	100, 102, 103, 181, 182
Friolin	97	Pesavento	21, 33, 34
Frydberg	37	Raffestim	27, 29
Gardial	18, 19, 55, 56, 57, 92	Raffestin	26
Germano	37, 38, 40	Rapoport	14, 17, 47, 48, 49, 50, 60
Gil	71, 72, 73, 75, 77	Reckziegel	19, 42
Granja	55	Reis	47, 48
Gravano	16, 20, 30, 31	Reynolds	83, 84, 85, 86, 144
Guaranha	36, 175	Rocha	15, 16
Gutman	15, 17, 19, 20, 57, 59, 83, 84, 85, 86, 144	Rochol	98
Haesbaert	13, 15, 16, 19, 25, 26, 28, 29, 30	Rokeach	18, 19, 20, 61, 62, 63, 64, 66, 69, 74, 78, 79, 93, 94
Halbwachs	20, 53	Roncayolo	26
Hall	27, 28	Ros	18, 19
Hasbaert	20	Rua da Margem	42
Holbrook	56, 57	Rua João Alfredo	42
Ikeda	17, 19, 56, 60, 84, 89, 153	Rua Joaquim Nabuco	42
Iniesta-Bonillo	20, 56, 57	Rua Lopo Gonçalves	42
Ivo Gonçalves	102	Sánchez-Fernández	20, 56, 57
Jacobs	14, 16, 17, 50, 54, 55, 87, 90, 91, 92	Sapiezinkas	33
Jardim	35, 39, 40	Sapiezinskas	36
José Fortunati	95, 96, 98, 99, 100, 179, 180, 181, 182, 183, 204	Schwartz	18, 19, 20, 61, 63, 64, 65, 66, 69, 74, 78, 79, 81, 82

Silva	21, 36, 42, 103, 181, 184, 185, 187	Veludo-de-Oliveira....	17, 19, 56, 60, 84, 89, 153
Souza.....	21, 25, 27, 35, 39	White	92
Tamayo	63	Woodruff... 15, 17, 18, 19, 20, 55, 56, 57, 58, 92	
Tarciso Kasper	103	Yin	67, 70, 71
Thomas	17, 60	Zamboni	34
Tiago Faccio.....	104	Zeithaml.....	56, 57
Valter Nagelstein	96, 103, 179	Zinas.....	17, 20, 58, 59, 62, 83, 90, 91
Vedana.....	36	Znaniecki	17, 60
Veludo de Oliveira.....	91	Zukin.....	91

ÍNDICE TOPONÍMICO

Outras autoridades

Areal da Baronesa	33, 35, 36, 37, 38, 39
Arraial da Baronesa	33, 113
Arroio Dilúvio	33, 34
Av. Aureliano de Figueiredo Pinto.....	40, 41, 101
Av. Borges de Medeiros.....	40
Av. João Pessoa	40, 41, 101
Av. Loureiro da Silva.....	41, 101
Av. Perimetral	40
Av. Praia de Belas	40, 41
Av. Venâncio Aires.....	40, 41, 101
Azenha.....	35, 40
Bares da João Alfredo	46
Boston.....	48
Centro Histórico	21, 40
Cidade Baixa 13, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 51, 53, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 85, 86, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 147, 149, 153, 154, 156, 159, 170, 172, 174, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 195, 204	
Cine Guion.....	39
FADERGS	46
Farroupilha.....	33, 40, 108, 126
Fundação Pão dos Pobres	33
Grande Porto Alegre	107
Guaíba	33, 38
Hospital Porto Alegre	46
Ilhota	33, 34, 35, 37, 38, 39, 113
Instituto Pão dos Pobres.....	42
Jersey	48
Largo da EPATUR	42
Largo Zumbi dos Palmares.....	36, 42, 46
Los Angeles	48
Menino Deus.....	36, 40
Núcleo Habitacional “Lupicínio Rodrigues”	42
Opinião	39, 46, 98, 110, 179
Parque Farroupilha	114, 124
Ponte de Pedra.....	33, 42, 46
Ponte dos Açores.....	42
Porto Alegre 13, 17, 19, 21, 22, 23, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 67, 71, 76, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 172, 173, 174, 175, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 204	
Praça Garibaldi	41, 42, 46, 113
Praia de Belas.....	40, 43, 114

PUCRS.....	106
Redenção.....	107, 114, 126
Riachinho.....	34, 38
Rio Grande do Sul.....	1, 99, 172, 173, 180
Rua General Lima e Silva.....	101
Rua João Alfredo.....	101
São Paulo.....	30, 172, 173, 174, 177
Shopping Praia de Belas.....	114
Studio Clio.....	46
UFRGS.....	46, 106